

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

INSTITUTO DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANÁLISE FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS AFRO-INDÍGENA DE JURUSSACA, PA

Dalva Del Vigna

Brasília, DF

2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANÁLISE FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS AFRO-INDÍGENA DE JURUSSACA, PA

Dalva Del Vigna

Orientadora: Professora Dra. Daniele Marcelle Grannier

Brasília, DF
2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANÁLISE FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS AFRO-INDÍGENA DE JURUSSACA, PA

Dalva Del Vigna

Tese apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Linguística.

Brasília, DF
2019

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

ANÁLISE FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS AFRO-INDÍGENA DE JURUSSACA, PA

Dalva Del Vigna

Orientadora: Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier

Banca examinadora:

Profa. Dra. Daniele Marcelle Grannier – UnB – Presidente

Profa. Dra. Edineide dos Santos Silva – UFAL – Membro Externo

Profa. Dra. Virginia Andrea GarridoMeirelles – UnB – LET – Membro Externo

Profa. Dra. Walkíria Neiva Praça – UnB – PPGL - Membro Interno

Profa. Dra. Denize Elena Garcia da Silva – UnB – PPGL – Suplente 1

DEDICATÓRIA

Ao povo de Jurussaca, herdeiro de uma história de
resistência que constitui a nossa formação e a
formação do Português do Brasil,

a Bepe e Tina que me colocaram nesse vasto
mundo,

(In memoriam)

a Namara, por me despertar o desejo de
retornar à vida acadêmica

e a Kyola pelo cuidado para que não me
desviasse desse caminho

e

a Márcia Duarte de Oliveira que me apresentou os
primeiros dados do Pafro-indJ e plantou a
semente do que agora colhemos

dedico este trabalho.

[Gracias, Violines]

Pablo Neruda

Gracias, violines, por este día
de cuatro cuerdas. Puro
es el sonido del cielo,
la voz azul del aire.

AGRADECIMENTOS

Minha gratidão:

Ao Senhor do Universo pelo dom da vida.

A minha orientadora, Professora Daniele Marcelle Grannier pela competente orientação em todas as etapas deste trabalho e pela amizade durante esses quatro anos e meio. Com a Professora Daniele aprofundei meus conhecimentos linguísticos e aprendi a superar os obstáculos com leveza e bom humor. Muito obrigada por tudo, Daniele!

Aos professores da banca de qualificação. Professora Márcia Duarte de Oliveira, Professor Thiago Chacon e Professora Poliana Maria Alves por terem participado desse momento importante e terem contribuído para a continuidade deste trabalho.

Às componentes da banca meu especial agradecimento. À professora Edineide dos Santos Silva, à professora Virginia Andrea Garrido Meirelles, à professora Walkíria Neiva Praça e à professora Denize Elena Garcia da Silva por terem aceitado fazer parte da banca e contribuir com a avaliação deste trabalho.

Aos professores do PPGL com os quais tive aula durante o período dos créditos, pois tiveram papel importante na minha formação atual, considerando-se que meu mestrado foi concluído há mais de 20 anos. Foram eles: Dionei Moreira Gomes, Marina Magalhães, Edna Cristina Muniz da Silva, Thiago Costa Chacon, Aveliny M. Lima-Gregio, Hildo Honório do Couto, Flavia de Castro Alves, Viviane de Melo Resende, Juliana de Freitas Dias e Daniele Marcelle Grannier.

Aos colegas com os quais tive contato mais próximo em trabalhos e apresentações: Marcos Mendonça, Wallace Barbosa, Kêth Simas, Alessandro Tatagiba e Nívia Assunção.

A todos os funcionários e estagiários da Secretaria do PPGL pelo atendimento sempre competente e cordial.

À CAPES pela bolsa que me proporcionou a possibilidade de dedicação exclusiva a esse projeto durante os 4 anos de estudo.

À família de seu Antônio e dona Cecília que me hospedaram em sua casa e foram meu ponto de apoio em Jurussaca. Muito obrigada, meus queridos amigos.

A todos os participantes da pesquisa em Jurussaca, assim como a todos os moradores que me receberam em suas casas para conversar e contar histórias só para eu poder ouvir a fala deles.

A Mariza Vieira da Silva, amiga de muitos anos. Professora doutora, também da área de linguística, que leu o meu projeto e me orientou antes da apresentação para a seleção no PPGL. Segui todas as suas recomendações; fui aprovada e aqui estou. Mariza, muito obrigada por seu apoio.

Ao Professor Doutor Jair Cecim da Silva, da UEPA em Bragança, e sua esposa Gisele que me apoiaram durante as duas visitas à comunidade de Jurussaca. Na primeira visita, Jair e Gisele me receberam por

algumas horas e depois me levaram até Jurussaca, onde já haviam combinado a minha hospedagem com uma família local. Na segunda visita também me receberam em sua casa e me indicaram o senhor do táxi que me levaria a Jurussaca. Jair e Gisele, muito obrigada pelo carinho, hospitalidade e apoio em Bragança e Jurussaca.

A Norval, Lau e Ana Carolina, amigos que me receberam em Belém nas duas viagens que fiz ao campo. Antes de chegar a Jurussaca, a casa deles foi meu ponto de apoio e descanso. Obrigada, amigos, pela hospitalidade e pelo carinho durante os dias que estive com vocês em Belém.

A Angela, que me auxiliou na revisão e formatação do exame de qualificação. Obrigada pelo apoio e amizade.

A minha família e ao grupo de amigos que me deram suporte nesse semestre. Sem esse apoio não teria conseguido completar o trabalho. Muito obrigada a todos.

RESUMO

Nesta tese apresentamos a descrição e análise fonológica do português afro-indígena de Jurussaca, PA. A análise é sincrônica e tem como foco, além dos segmentos, os diversos processos fonológicos que ocorrem nessa variedade do português. Dividimos a tese em quatro capítulos. No primeiro capítulo abordamos o referencial teórico; esse capítulo se divide em três subtópicos: o das teorias lineares, o das não lineares e o da teoria da otimidade. O segundo capítulo se encarrega dos procedimentos metodológicos. Nele são explicitados os métodos de coleta e transcrição dos dados, bem como todos os demais procedimentos que foram necessários e úteis para a organização dos dados e para a análise. No capítulo 3, apresentamos a descrição e análise fonêmica dos dados. A opção por apresentar um capítulo descritivo e com uma análise fonêmica dos dados tem como objetivo preparar para as abordagens não lineares e otimalistas que se seguirão. No capítulo 3 há também breves considerações sobre a fonologia de línguas e variedades em contato. No capítulo 4, que é o último, mostramos as propostas de tratamento dos dados. Duas são as propostas abordadas: a autossegmental e a da otimidade. Depois temos as considerações finais, o apêndice, a bibliografia e as referências e o anexo.

Palavras-Chave: Português afro-indígena. Pafro-indJ. Análise Fonológica. Teoria Autossegmental. Teoria da Otimidade.

ABSTRACT

In this dissertation we present the description and phonological analysis of the Afro-indigenous Portuguese of Jurussaca, PA. The analysis is synchronic and focuses, in addition to the segments, on the various phonological processes that occur in this variety of Portuguese. We divided the dissertation into four chapters. In the first chapter, we address the theoretical framework; this chapter is divided into three subtopics: that of linear theories, that of nonlinear and the optimality theory. The second chapter is about methodological procedures. It explains the methods of data collection and transcription, as well as all other procedures that were necessary and useful for data organization and analysis. In chapter 3 we present the description and phonemic analysis of the data. The option to present a descriptive chapter and a phonemic analysis of the data aims to prepare for the more theoretical chapters that will follow. In chapter 3, there are also brief considerations on the phonology of languages and varieties in contact. In chapter 4, which is the last one, we show the theoretical proposals of data analysis. Two are the proposals addressed: the autosegmentals and those of the optimality. Then we have the final considerations, appendix references, and annex.

Key-words: Afro-Indigenous Portuguese. Pafro-indJ. Phonological Analysis. Autosegmental Theory. Optimality Theory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Árvore de Traços de Clements e Hume	33
Figura 2	Árvore de Traços de Halle	34
Figura 3	Modelo Métrico Arbóreo	36
Figura 4	Modelo da Grade Métrica	36
Figura 5	Hierarquia Prosódica	42
Figura 6	Molde Silábico do PB	61
Figura 7	Representação do espalhamento	69
Figura 8	Geometria da assimilação Vocálica no Pafro-indJ	72
Figura 9	Escala dos Sons mais e Menos Nasalizáveis	81
Figura 10	Epêntese Vocálica (1)	96
Figura 11	Epêntese Vocálica (2)	97
Figura 12	Geometria do Apagamento de Vogais	102
Figura 13	A Sílaba.....	116
Figura 14	Condição Negativa da Sílaba no Pafro-indJ	117
Figura 15	Abertura de /ε / e de /o/.....	143
Figura 16:	Abertura de /u/ e de /ε /	143

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipologia da Estrutura da Sílabas	40
Quadro 2: Restrições Prosódicas de Marcação	43
Quadro 3: Ficha de Dados	48
Quadro 4: Teste de Leitura (Metátese, Elisão?)	49
Quadro 5: Lista de Verificação – Final de Verbos	50
Quadro 6: Processos Fonológicos - (1) Assimilação	51
Quadro 7: Processos Fonológicos - (2) Dissimilação	51
Quadro 8: Processos Fonológicos - (3) Dissimilação	51
Quadro 9: Processos Fonológicos - (4) Processos que Afetam a Sílabas	52
Quadro 10: Vogais – Camara Júnior	56
Quadro 11: Vogais – Leo Wetzels	57
Quadro 12: Vogais do PB e do Pafro-indJ	57
Quadro 13: Consoantes – Camara Júnior	59
Quadro 14: Consoantes – D’Angelis	60
Quadro 15: Traços na Dissimilação (1)	83
Quadro 16 Traços na Dissimilação (2)	85
Quadro 17: Vogais na Dissimilação	86
Quadro 18: Parâmetros da Dissimilação Vocálica no Pafro-indJ	86
Quadro 19: bermuda → dermuda	87
Quadro 20: Lula → Nula	88
Quadro 21: Neimar → Leimar; Neidenir → Leidenir	88
Quadro 22: Epêntese de Consoantes	100
Quadro 23: Consoantes Envolvidas no Apagamento no Pafro-indJ	103
Quadro 24: Derivação da Palavra universidade > niversidade	106
Quadro 25: Derivação da Palavra árvore > a:vi.....	106
Quadro 26: Derivação da Plavra cápsula > kápisla.....	106
Quadro 27: Derivação das Palavras mangá e formigá.....	107
Quadro 28: Derivação de caduforno e bandilá	108
Quadro 29: Derivação de e:s e de:s	109
Quadro 30: Derivação de quatubocas	110
Quadro 31: Derivação de Santereza	111
Quadro 32: Duas Restrições: quatro tipos silábicos.....	118
Quadro 33: Restrições para o Pafro-IndJ	158

LISTA DE ABREVIATURAS e SIGLAS

A	Ataque (de uma sílaba)
A, B	Variáveis para segmentos
Ab, Abert	Abertura, aberto
Arred	Arredondado, labial
C	Consoante
C ₁	Consoante 1 em um cluster C ₁ C
C ₂	Consoante em um cluster CC ₂
Cd	Coda
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
COD	Coda
CON	Constraint, restrição
Cons	Consonantal
Cont	Continuante/Contínuo
Cor	Coronal
CVN	Consoante+Vogal+Nasal
CVW	Consoante+Vogal+Glide /w/
DNG	Dado Não Gravado
Dor	Dorsal
EVAL	Evaluator, avaliador
F	Feature, traço
F	Fidelidade (restrição de)
FA	Fonologia Autossegmental
FG	Fonologia Gerativa
FL	Fonologia Lexical
FP	Fonologia Prosódica
Ft	Foot, feet (pé, pés)
GELIC	Grupo de Estudos de Línguas em Contato
GEN	Generator, gerador
GT	Geometria de Traços
GU	Gramática Universal
H	High, Alto (tom)
HD	Head, cabeça (do pé, da palavra)
I	Input
Inf2	Informante 2

IPA	International Phonetic Alphabet, Alfabeto Fonético Internacional
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
L	Left, esquerda
L	Low, baixo (tom)
Lab	Labial
Lat	Lateral
LEX	Léxico
M	Marcação (restrição)
MWd	Morphological Word, Palavra Morfológica
N	Nasal, arquifonema Nasal
Nas	Nasal
NC	Nasal+Consoante Oclusiva
Nu	Núcleo
NUC	Núcleo
O	Output
ONS	Onset, ataque
OCP	Obligatory Contour Principle, Princípio do Contorno Obrigatório
PA	Português Arcaico
PAFRO-INDJ	Português Afro-Indígena de Jurussaca
PB	Português do Brasil
PE	Português Europeu
POST	Posterior
PPGL	Programa de Pós-Graduação em Linguística
PrWd	Prosodic Word, Palavra Prosódica
PVB	Português Vernacular Brasileiro
PVPA	Pequeno Vocabulário do Português Arcaico
R	Right, Direita
R	Rima
S ₁	Dados do input
S ₂	Dados do output
SOAN	Soante
SPE	The Sound Pattern of English
TA	Teoria Autossegmental
TG	Teoria Gerativa
TM	Teoria Métrica
TO	Teoria da Otimidade

UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo
V	Vogal
VC	Vogais Cardeais
VT	Vogal Temática
Wd	Word, Palavra
μ	Mora
α	Variável (para traços)
σ	Sílaba
∅	Zero, pode representar um arquifonema nasal, p.e.

Sumário

INTRODUÇÃO	20
A Área Quilombola de Jurussaca: localização e histórico da demarcação	20
A comunidade quilombola de Jurussaca: a denominação afro-indígena	21
A Variedade de Jurussaca: língua parcialmente reestruturada	22
CAPÍTULO 1 – REFERENCIAL TEÓRICO	26
1.1. Teorias Lineares	27
1.2. Teorias Não Lineares	31
1.3. Teoria da Otimidade	37
1.3.1. As línguas e os conflitos de forças universais	37
1.3.2. Dominação e conflito: o ótimo na TO	38
1.3.3. A arquitetura da gramática na TO	38
1.3.4. As restrições e a interação entre elas na TO	39
1.3.5. A Sílabas na TO	39
1.3.6. Os Processo Fonológicos na TO	41
1.3.7. O Acento na TO	42
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	45
2.1. Coleta e transcrição dos dados	48
2.2. Teste de Leitura	48
2.3. Listas de Verificação	49
2.4. Organização dos dados e a análise	50
CAPÍTULO 3 – DESCRIÇÃO E ANÁLISE FONÊMICA	53
3.1. Considerações sobre a fonologia de línguas/variedades em contato	53
3.2. A fonologia do português afro-indígena de Jurussaca	56
3.2.1. Vogais	56
3.2.2. Consoantes	59
3.2.3. Sílabas	61
3.2.4. Aspectos Prosódicos	62
3.2.5. Restrições Fonotáticas	65
3.2.6. Processos Fonológicos	65
CAPÍTULO 4 – PROPOSTAS DE TRATAMENTO DOS DADOS	68
4.1. Proposta autossegmental	68
4.1.1. Processos Assimilatórios	68
4.2. Proposta da Fonologia Lexical	105
4.2.1. Componente Lexical	105

4.2.2. Componente Pós-lexical.....	107
4.2. Propostas da Otimidade	112
4.2.1. O acento, a sílaba e os processos que têm relação com a estrutura silábica	114
4.2.2. Análise da assimilação e dissimilação de vogais e de consoantes	141
CONSIDERAÇÕES FINAIS	161
BIBLIOGRAFIA E REFERÊNCIAS	178
APÊNDICE.....	171
Apêndice 1	171
Apêndice 2	172
Apêndice 3	173
Apêndice 4	173
Apêndice 5	175
ANEXO	186

INTRODUÇÃO

Meu interesse em pesquisar a variedade afro-indígena de Jurussaca teve início quando conheci o projeto desenvolvido pelos pesquisadores do GELIC¹ — Grupo de Estudos de Línguas em Contato, da Universidade de São Paulo — sobre aspectos da morfossintaxe dessa variedade em comparação com outras variedades de português na África. Esse interesse aumentou ao ver alguns dados e notar aspectos fonológicos diferenciados de outras variedades do português rural falado no Brasil. Como não havia ainda pesquisadores trabalhando com a fonologia dessa variedade, decidi iniciar o projeto de doutorado que agora está se finalizando na Universidade de Brasília — UnB. Durante o mestrado, minha pesquisa concentrou-se na fonologia de uma língua indígena brasileira — a língua Yuhup. Assim, pesquisar uma variedade classificada como afro-indígena foi instigante e fez todo o sentido porque se adequou ao campo de pesquisa ao qual me filio e ao qual se filia a minha orientadora, pois a pesquisa insere-se no projeto Fonologia do Português, da área de concentração Teoria e Análise Linguística, da linha de pesquisa Gramática: teoria e análise, coordenado pela Professora Daniele Marcelle Grannier.

A Área Quilombola de Jurussaca: localização e histórico da demarcação

Segundo Silva (2014, p. 9), a comunidade de Jurussaca está localizada na zona rural do município de Tracuateua, na microrregião Bragantina, mesorregião do nordeste do estado do Pará, no norte do Brasil. Essa comunidade primeiramente foi denominada de Rocinha que, segundo Silva (op.cit., p.27), possivelmente seria o nome de uma mercearia. Essa comunidade da Rocinha é lembrada por alguns dos participantes mais velhos com os quais mantive contato nessa pesquisa. A participante M.A, de 66 anos, relata que na Rocinha havia muito mato e bichos, segundo contavam os mais antigos. Ela disse que conheceu o local e que era muito bonito e que agora a área está tomada por um bacurizal².

O reconhecimento como comunidade quilombola se deu por uma pessoa de fora que informou aos moradores que eles eram remanescentes de quilombos, ainda de acordo com Silva (2014, p.35). A partir dessa informação, foram desenvolvidas ações para que fossem reconhecidos oficialmente e tivessem a área demarcada como patrimônio quilombola. Finalmente, em 2002 a comunidade foi reconhecida como remanescente de quilombo e afrodescendente. A área foi delimitada em 200,9875 *ha* e o Título de Reconhecimento de Domínio Coletivo da Terra foi entregue em 14 de setembro de 2002. (SILVA, 2014, p.36).

¹ O GELIC reúne pesquisadores docentes e discentes de várias universidades brasileiras com interesse na questão do contato linguístico.

² Área com muitos pés de bacuri, árvore nativa da região.

A comunidade quilombola de Jurussaca: a denominação afro-indígena

A língua da comunidade de Jurussaca poderia ser classificada como uma das variedades do português afro-brasileiro, da mesma forma que a comunidade de Helvécia, na Bahia estudada por Lucchesi e Baxter. No entanto, Silva (2014), Campos (2014), Oliveira et alii (2015) revisitam essa classificação e advogam que Jurussaca seja inserida no conjunto de variedades denominado de português afro-indígena. Oliveira et alii (2015, p.156) assim definem o Português Afro-Indígena

Uma variedade vernacular rural de português brasileiro L₁ falada por comunidades envoltas em miscigenação afro-indígena, mas que selecionam politicamente o termo “afro” ou “indígena”. Exemplificam-se as comunidades de Jurussaca/PA (autoidentificada como comunidade quilombola, logo “afro”) e Almofala-Tremembé/CE (autoidentificada como comunidade indígena, mas não “afro”). (...).

A variedade de português afro-indígena compartilha com as variedades de português afro-brasileiro e indígena a característica de localizarem-se ao extremo [+Marcado] do *continuum* dialetal de português; difere, no entanto, da variedade indígena, por ser esta L₂ por definição, e da afro-brasileira, por esta variedade não contemplar o traço de miscigenação indígena.

Os autores afirmam (op. cit) que a variedade de Jurussaca se alia ao português afro-brasileiro e ao português indígena. Afirmam ainda

que essas três variedades compartilham o traço de variedades [+ Marcadas] no *continuum* por apresentarem características etnolinguísticas específicas se comparadas, por exemplo, aos “falares regionais” e aos “falares urbanos não padrão”, situados ao centro do *continuum* e considerados, portanto, em relação àquelas variedades [- marcados]. (OLIVEIRA ET ALII, 2015, p. 157).

Oliveira e Praça (2013, apud Oliveira et alii (2015) compararam pela primeira vez a comunidade de Jurussaca com a comunidade de Almofala, no Ceará, cujos habitantes são autodeclarados indígenas — Tremembé. Da comparação, as autoras ressaltam um traço etnográfico comum às comunidades afro-indígenas: as festas de sincretismo religioso que são ligadas ao Brasil Colônia escravocrata. Em Almofala a festa religiosa sincrética se denomina Torém, enquanto que em Jurussaca é denominada Festa de Todos os Santos e é marcada pelas ladainhas. A conclusão do cotejo feito por Oliveira e Praça (op.cit.) é que a Ladainha, em Jurussaca, e o Torém, em Almofala, sejam sub-tipos de marcas cristãs-católicas do português-afro-indígena.

A Variedade de Jurussaca: língua parcialmente reestruturada

Do contato entre línguas podem resultar algumas situações de mudança linguística, sendo as principais os *pidgins* e os crioulos. Thomason (2001, p.158) afirma que “pidgins and creoles emerge in contexts in which people from different linguistic backgrounds need to talk to each other regularly, and they are therefore língua francas in origin; (...)”³. Segundo ainda essa autora, *pidgin* é uma língua que nasce do contato envolvendo dois ou mais grupos linguísticos. Tais grupos não possuem uma língua de contato comum, mas necessitam se comunicar frequentemente, como nos casos de comércio e negócios. Por diversas razões, eles não aprendem a língua uns dos outros, mas desenvolvem um *pidgin*, cujo vocabulário se apoia em uma das línguas em contato. O *pidgin* não se constitui em primeira língua de nenhuma comunidade, pois é usado apenas para propósitos definidos como já afirmado anteriormente.

Quanto aos crioulos, por outro lado, são as primeiras línguas de comunidades de fala. Eles se desenvolvem em situações de contato que também envolvem mais que duas línguas. As línguas crioulas, originariamente, podem ter sido *pidgins* que se tornaram a principal língua de uma comunidade e aprendida/adquirida como a primeira língua pelas crianças e usada amplamente pelo grupo social em suas atividades gerais, como o *pidgin* que nasce na segunda metade da década de 1870, descrito por Bickerton (2016) e que se estabelece como crioulo por volta de 1910, no Haváí.

As línguas crioulas podem ser de dois tipos: crioulização forte e crioulização leve. O primeiro tipo abarca as línguas completamente reestruturadas, enquanto o segundo, as parcialmente reestruturadas. As línguas completamente reestruturadas ou os verdadeiros crioulos, segundo Holm (2004) são o resultado (i) da influência do superstrato e do substrato; (ii) universais de aquisição de 2ª. língua, no caso de adultos; (iii) empréstimos das línguas de adstrato; (iv) inovações internas inerentes aos crioulos e (v) convergência de todos os fatores anteriores. Quanto às línguas parcialmente reestruturadas, pode-se afirmar que são línguas semi-crioulizadas, ou seja, com crioulização leve, geralmente originadas do que se denomina

³“ Pidgins e crioulos surgem em contextos nos quais pessoas de diferentes línguas necessitam conversar regularmente e, assim, essas são línguas francas em suas origens; ” (tradução nossa)

transmissão irregular. Sobre a situação de transmissão irregular assim afirmam Lucchesi e Baxter

Tal processo de nativização da língua dominante ocorre de maneira irregular no sentido de que os dados linguísticos primários de que as crianças que nascem nessas situações dispõem para desenvolver a sua língua materna provêm praticamente de versões de segunda língua desenvolvida entre os falantes adultos das outras línguas, que apresentam lacunas e reanálise em relação aos seus mecanismos gramaticais. (LUCCHESI e BAXTER, 2009, p.101)

Lucchesi e Baxter (op.cit.) concluem que dessa transmissão irregular pode se originar a língua crioula ou “uma nova variedade histórica da língua de superstrato, que não deixa de apresentar processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas”. Como se pode ver, esses autores não assumem o termo língua parcialmente reestruturada como faz Holm.

Holm (2004) faz uma distinção entre línguas completamente reestruturadas e línguas parcialmente reestruturadas. Para ele, as primeiras podem ser denominadas de crioulos enquanto as segundas de semi-crioulos. Holm (op. cit., p.1-6) aponta cinco línguas que podem ser consideradas parcialmente reestruturadas: (i) Inglês Afro-Americano (Black English, AAE, Ebonics) (ii) Português Vernacular Brasileiro, (iii) Espanhol Caribenho Não Padrão, (iv) Africaans e (v) Dialeto Franceses Vernaculares de Reunião. Segundo Oliveira (2014, p. 433, 434) Holm propõe que essas línguas sejam reestruturadas a partir do inglês, português, espanhol, holandês e francês, respectivamente, e não pertencem tipologicamente ao conjunto das línguas crioulas, que para Holm (apud Oliveira, p. 434), são línguas completamente reestruturadas.

Holm (op. cit.) afirma que o conceito de língua parcialmente reestruturada em oposição ao de pós-crioulo tem implicações ideológicas. As línguas parcialmente reestruturadas possuem um número de traços estruturais de línguas crioulas, mas não chegaram a passar pelo processo completo de criouliização. Segundo ele, o escopo de estudos dessas línguas é abrangente e deve incluir línguas que resultam não apenas da pidginização e criouliização, mas também do processo de koinenização⁴. Ele diz

The languages discussed here have a number of the structural features of creoles but appear, nonetheless, never to have undergone full creolization. Their reduced inflectional morphology – particularly in the verb phrase and noun phrase – seems to have been transmitted from one generation to another

⁴ Koinenização é um termo que provém da palavra koiné, do grego, e foi introduzido na literatura de línguas em contato por William J. Samarin em um trabalho denominado *Salient and substantive pidginization*, de 1971, p.20. O termo foi depois introduzido na Sociolinguística com o significado de “variedade linguística que nasce da mistura e da simplificação de dialetos”, de acordo com Nordquist, 2019.

largely like that of unrestructured overseas varieties, rather than having been more basilectal varieties during decreolization, which distinguishes them from post-creoles. (HOLM, 2004, p.3)⁵

O português afro-indígena, segundo Oliveira et alii (op. cit, p.158), “detém características de língua parcialmente reestruturada”. Essa classificação parece encontrar respaldo no que afirma Holm (2004, p. 136)

The partial restructuring of languages occurred in new societies where neither group – neither native nor non-native speakers, which in the beginning mean neither Europeans nor non-Europeans were numerous enough completely to overwhelm the other group culturally”⁶.

Como língua parcialmente reestruturada, essa variedade não se inclui na tipologia das línguas crioulas, mas também não se pode incluir no *espectro do continuum* das variedades do Português não marcado, conforme proposto por Bortoni-Ricardo (1997): um *continuum* que ia desde as variedades rurais geograficamente isoladas e conhecidas como dialetos caipiras até a variedade urbana culta.

Nesta tese apresento a análise fonológica dessa variedade afro-indígena do português brasileiro. A tese está dividida em quatro capítulos. O primeiro capítulo discorre sobre o referencial teórico. Esse capítulo se divide em três subtópicos: o das teorias lineares, o das não lineares e o da teoria da otimidade. O segundo capítulo se encarrega dos procedimentos metodológicos. Nele são explicitados os métodos de coleta e transcrição dos dados, bem como todos os demais procedimentos que foram necessários e úteis para a organização e a análise dos dados. No capítulo 3, apresentamos a descrição e análise fonêmica dos dados. A opção por apresentar um capítulo descritivo e com uma análise fonêmica dos dados tem como objetivo preparar para os capítulos mais teóricos que se seguirão. No capítulo 3, há também breves considerações sobre a fonologia de línguas e variedades em contato. O capítulo 4, que é o último, traz as propostas de tratamento dos dados. Três são as propostas: a autosegmental, a fonologia

⁵ As línguas que discutimos neste trabalho têm algumas das características estruturais dos crioulos, mas parecem, no entanto, nunca terem passado por uma crioulição completa. Suas morfologias flexionais reduzidas - particularmente no sintagma verbal e no nominal - parecem ter sido transmitidas de uma geração para outra, como a das variedades não reestruturadas no além mar, ao invés de serem variedades mais basiletais durante a descrioulição, o que as diferencia dos pós-crioulos.

⁶ “A reestruturação parcial de línguas ocorreu em novas sociedades onde nem o grupo de falantes nativos nem o de não-nativos, ou seja, nem os europeus nem os não-europeus foram suficientemente numerosos para influenciar culturalmente o outro grupo.” (Traduções nossas)

lexical e a otimidade. Depois temos as considerações finais, o apêndice, a bibliografia e as referências e anexo(s).

Além disso, esclareço que o projeto de pesquisa que resultou nesta tese foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa — CEP, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da UnB. O parecer consubstanciado emitido por esse Comitê encontra-se na seção Anexo.

Capítulo 1 – Referencial Teórico

A pesquisa aqui apresentada tem caráter descritivo e também explicativo e conta com o subsídio de teorias fonológicas lineares e não lineares. Dentre as lineares, a Fonêmica e dentre as não lineares, a Fonologia Autossegmental, a Fonologia Lexical e a Teoria da Otimidade. A Fonêmica dará o suporte para a descrição e a Autossegmental, a Fonologia Lexical e a Otimidade para a análise dos dados.

Ferdinand de Saussure no Curso de Linguística Geral (2006) distingue a Fonética da Fonologia, mas ainda não dá a esta o *status* de primazia que terá na análise sincrônica a partir da interpretação da Escola de Praga, especialmente com Trubetzkoy e Jakobson. Além da Escola de Praga, a fonologia se desenvolve nos Estados Unidos da América a partir dos estudos das línguas indígenas e recebe nesse país a denominação de fonêmica, que a diferenciara da fonologia europeia. No final da década de 1960, com a publicação do livro *The Sound Pattern of English*, de Chomsky e Halle, nasce também nos Estados Unidos a fonologia gerativa, que será uma herdeira, em parte, da fonologia de Trubetzkoy e Jakobson.

A Fonologia, segundo Kenstowicz (1994, p. 2) é o componente de nosso conhecimento linguístico que tem como foco a realização material da linguagem. Nesse sentido, a Fonologia abarca a Fonética e com ela interage. Para Roca e Johnson (1999, p.1, 2) há que se fazer duas distinções quando se fala sobre os sons de uma língua, “som como som” – na Fonética, e som como estrutura – na Fonologia. Por “som como som” entende-se o som produzido pelo aparelho fonador quando falamos, cada som com suas características físicas passíveis de descrição. Os sons de uma língua específica constituem a estrutura fônica dessa língua, ou o som como estrutura. Dessa forma, pode-se afirmar que cada língua possui um inventário de sons distintivos, denominados fonemas ou segmentos lexicais (dependendo do referencial teórico) que por sua vez podem ter diferentes realizações, ou seja, alofones ou sons de superfície, que podem depender de condições ambientais ou posicionais como enunciado por Pike (op.cit.) em suas premissas. Goldsmith (1995, p. 3-4) afirma que a mais básica tarefa da teoria fonológica é estabelecer o que é uma palavra bem formada em uma dada língua e que é questão central da fonotática estabelecer de que maneira os itens da fonologia podem ser agrupados para fazer uma palavra bem formada. A tarefa básica da Fonologia é, então, determinar o inventário dos sons distintivos e as regras que permitem que as palavras façam parte do léxico de uma língua. As teorias fonológicas, sejam lineares ou não lineares, têm, então, como objetivo principal entender como determinado sistema de sons funciona. Apresento, a seguir, resumidamente, algumas dessas teorias.

1.1. Teorias Lineares

Dentre as teorias lineares de fonologia, três se destacam. Uma europeia e duas norte-americanas — estadunidenses. A primeira é a Fonologia da Escola de Praga e as outras duas são a Fonêmica e a Teoria Gerativa Padrão.

É na Escola de Praga que os conceitos saussurianos de entidades opositivas, relativas e negativas e de valor serão bastante explorados e estendidos, fazendo resultar a teoria dos traços distintivos. As oposições bilaterais e oposições multilaterais que nortearão a teoria dos traços nascem com Trubetzkoy, que também cria as noções de oposição privativa, gradual e equipolente. A oposição privativa é binária, por exemplo, o traço [voz] em /p/ e /b/; o primeiro é [-voz] e o segundo [+voz]. O primeiro é não marcado e o segundo é marcado. A oposição gradual reconhece graus de diferença entre os sons, por exemplo, as vogais e seus graus de abertura. Quanto à oposição equipolente, a oposição entre os sons não é binária nem gradual, por exemplo, os sons /t/ e /k/; são do mesmo modo e da mesma sonoridade, mas se diferenciam pelo ponto, mas não podemos dizer que /t/ é um não-velar em oposição a /k/, pois /p/ também é, então, esses sons não podem ser analisados por um único contínuo fonético.⁷

Alguns anos mais tarde, Jakobson, num artigo de 1956, em parceria com Halle, já nos Estados Unidos, lança as doze oposições que serão a base de todas as teorias posteriores dos traços distintivos. Essas doze oposições são divididas em dois conjuntos de traços:

- (a) Traços de Sonoridade: esses traços vão do número 1 ao 9. São eles: vocálico/não-vocálico, consonantal/não-consonantal, compacto/difuso, tenso/frouxo, sonoro/surdo, nasal/oral, descontínuo/contínuo, estridente/doce, brusco/fluyente
- (b) Traços de tonalidade, que vão do 10 ao 12: grave/agudo, rebaixado/sustentado e incisivo/raso.

Durante o período da Escola de Praga, tem bastante força a noção de marcação nascida, principalmente, a partir da noção de oposição privativa, na qual a presença ou ausência de traço (s) é determinante para estabelecer a relação opositiva.

Ao tratar sobre a distintividade, Trubetzkoy (1971, p. 31) afirma que este conceito pressupõe o de oposição. As entidades opositivas que levam à distintividade dos sons em uma língua foram por ele denominadas de fonemas. Ao introduzir o conceito de fonema, Trubetzkoy faz algumas considerações e até enuncia definições. Numa dessas, associa o fonema à configuração da palavra, conforme ele, assim definido “The phonemes are then the distinctive marks of the configurations of words”⁸ (op.cit.p.36). Trubetzkoy trata a palavra como uma *Gestalt*, termo alemão que em português pode ser atribuído a forma ou configuração. Para Trubetzkoy,

⁷ Cf. Crystal (1980).

⁸ “Os fonemas são, então, as marcas distintivas das configurações das palavras.” (tradução nossa)

a palavra se configura a partir dessas marcas distintivas que se opõem a outras marcas distintivas em outras configurações e assim por diante, formando o léxico da língua.

Jakobson (1972, p.15-52) persiste também nessa compreensão de que a qualidade ou a marca distintiva é que deve ser encarada com maior relevância na análise fonemática. Ele afirma “Não são os fonemas, mas essas qualidades distintivas, que vêm a ser os elementos primários da fonologia léxica” (op.cit. p. 43). Para Jakobson, as oposições entre as propriedades distintivas são oposições binárias lógicas, em que o membro de uma pressupõe necessariamente o membro oposto, ou seja, aberto/fechado, anterior/posterior etc. Ele mostra ainda como esse sistema de oposições opera nas línguas. Nasce, dessa forma, com Trubetzkoy e Jakobson, o sistema de traços distintivos.

Esse sistema vai ser melhor elaborado posteriormente, com Jakobson, Fant e Halle (1951) no *Preliminaries to Speech Analysis* e com Jakobson e Halle (1956) em seu *Fundamentals of Languages*. Esses dois trabalhos são bastante parecidos e tratam dos sons sob o ponto de vista dos traços distintivos. No primeiro, o conceito de oposição ótima aparece e para cada classe de sons haveria um traço que seria considerado o ótimo, por exemplo, eles afirmam (p. 25) que “a constrictiva ótima é estridente enquanto a oclusiva ótima é a suave/doce”, ou seja, entre as fricativas [β θ ʃ ʒ] as ótimas seriam [ʃ ʒ] e entre as oclusivas [pʰ kʰ p k] as ótimas seriam [p k].

No segundo artigo, além das oposições distintivas, Jakobson e Halle (1971, p.108-113) tratam das interpretações externas para o fonema em relação com o som. Falam de cinco pontos de vista pelos quais os fonemas podem ser interpretados: (i) o mentalista – em que o fonema é visto como um “equivalente mental do som exteriorizado; (ii) o do código regulador – em que o fonema se restringe ao código, incluindo no código tanto a abstração quanto as variações reais de fala; (iii) o genérico – em que o fonema é entendido como um feixe de traços distintivos que se mantém constante nas variações contextuais; (iv) o ficcionista, que vê o fonema como unidade abstrata e fictícia e o (v) algébrico – que se afasta ao máximo da realidade do som, ou seja, se mantém longe da fonética e da parte físico/fisiológica do som. A teoria dos traços de Jakobson e Halle inclui também a sílaba e é assim colocado por eles

Os traços distintivos se reúnem em feixes simultâneos chamados fonemas; os fonemas se concatenam em sequências; o padrão elementar sotoposto a um dado grupo de fonemas é a sílaba. A estrutura fonêmica da sílaba se determina por um conjunto de regras, e cada sequência se baseia na recorrência regular desse modelo construtivo (JAKOBSON e HALLE, 1956,115).

Os dois autores mostram ainda que o princípio axial da estrutura silábica é o contraste de traços sucessivos dentro da sílaba, ou seja, o contraste entre a parte vocálica e a consonantal. Esse contraste dará proeminência a uma parte da sílaba. Eles dividem os traços em duas classes: (1) traços prosódicos e (2) traços inerentes. Os primeiros são os suprasegmentos e se

circunscvem ao núcleo da sílaba, enquanto os segundos se desenvolvem nos fonemas independentemente do papel deles no relevo da sílaba.⁹

Passemos agora para a escola americana de fonologia. A fonologia nos Estados Unidos da América tem alguns nomes proeminentes, mas considero aspectos que julgo centrais do trabalho de apenas dois deles: Bloomfield e Pike.

Bloomfield (1933) afirma que o estudo dos sons significativos está atrelado à fonologia ou à fonética prática. A fonologia envolve a consideração dos significados, segundo ele. Antes de fazer essa afirmação, Bloomfield mostrara dois pares mínimos em inglês *man/men, pan/pen* que se constituem em palavras diferentes com significados diferentes. Em sua argumentação ele cita outros pares mínimos do inglês, ao mesmo tempo em que dá os passos analíticos na descoberta dos traços distintivos significativos da língua. Bloomfield associa a esses traços o fonema, a unidade mínima distintiva de som, o qual não é uma entidade concreta, que tem sua natureza abstrata explicitada conforme se vê na seguinte afirmação

The phonemes of a language are not sounds, but merely features of sound which the speakers have been trained to produce and recognize in the current of actual speech-sound – just as as motorists are trained to stop before a red signal, be it an electric signal-light, a lamp, a flag, or what not, although there is no disembodied redness apart from these actual signals. (BLOOMFIELD, 1933, p. 80)¹⁰

A discussão de Bloomfield segue trazendo elementos relevantes especialmente para a compreensão das relações entre os sons de línguas diferentes. Ele mostra exemplos de diferentes situações linguísticas em que a distintividade *versus* a não distintividade pode interferir na compreensão e causar desentendimentos na comunicação.

As suas considerações sobre o fonema são uma mistura de observação empírica com construções teóricas e metodológicas. Ao tratar dos tipos de fonemas, Bloomfield faz uma exposição da fonética e do aparelho fonador. Ele divide os sons em dois grupos: os sons de ruído e os sons musicais. No primeiro grupo estão as oclusivas, as vibrantes e as espirantes (fricativas); no segundo estão as nasais, as laterais e as vogais. Em seguida, discorre sobre aspectos suprasegmentais – duração, acento, *pitch* – os quais trata como modificações; fala ainda das modificações articulatorias. Bloomfield (op.cit, p.138) afirma que é a forma fonética

⁹ Traços prosódicos: tom, força e quantidade (JAKOBSON e HALLE, 1971, p.117)

¹⁰ “Os fonemas de uma língua não são sons, mas simplesmente traços de sons que os falantes foram treinados para produzir e reconhecer na corrente da fala - fala - assim como os motoristas são treinados para parar antes de um sinal vermelho, seja ele um sinal elétrico, uma lâmpada, uma bandeira, ou o que quer que seja, ainda que não haja vermelhidão abstrata além desses sinais reais.” (tradução nossa).

aliada a um significado que se constitui numa forma linguística “A phonetic form which has a meaning, is a linguistic form.”¹¹

Quanto a Pike (1976, p. 57), ele nos afirma que “practical phonemics provides a technique for processing the rough phonetic data in order to discover the pertinent units of sound ...”¹² ou ainda, “Phonetics gathers raw material. Phonemics cooks it.”¹³ Para ele, a fonêmica trata e processa os dados fonéticos brutos.

Para Pike ainda (op. cit: p. 58-61), a análise fonêmica se fundamenta em quatro premissas que norteiam o trabalho de descrição e análise dos dados: (1) os sons tendem a ser modificados por seus ambientes; (2) os sistemas de sons tendem a ser simétricos; (3) os sons tendem a flutuar e (4) sequências características de sons exercem pressão estrutural na interpretação fonêmica de segmentos ou de sequências de segmentos ambíguos. As premissas de Pike norteiam décadas de análises fonológicas, direcionam grande parte da análise fonológica e provêm elementos, inclusive, para o entendimento dos movimentos envolvidos nas mudanças de sons.

Tanto a Escola de Praga quanto a Fonêmica Americana tiveram papel importante no desenvolvimento dos estudos de Fonologia e na descrição de línguas no século XX e continuaram a influenciar as novas propostas teóricas que surgiram no final do século XX e início do XXI.

No final da década de 1960, com o lançamento do SPE – *The Sound Pattern of English* (1968) de Chomsky e Halle, uma nova visão da análise fonológica se instaura. É o nascimento da Teoria Gerativa clássica na fonologia. Para Chomsky e Halle o objetivo do estudo descritivo da língua/linguagem é a construção de uma gramática. Eles afirmam que se pode pensar uma língua como um conjunto de sentenças, cada uma com uma forma fonética ideal associada com a interpretação semântica intrínseca. Assim, a gramática de uma língua é o sistema de regras que especifica essa correspondência entre som e significado. Os autores explicam o processo de produção de fala entre o falante e o ouvinte e afirmam que todo o conhecimento envolvido nele é inconsciente; esse conhecimento é por eles denominado de competência. Afirmam que não se deve confundir competência com performance, pois esta é o que o falante/ouvinte realmente faz e envolve não apenas o conhecimento da língua, mas também fatores externos a essa. A fonologia gerativa entende a representação fonética de forma bidimensional, conforme a citação a seguir

a phonetic representation has the form of a two-dimensional matrix in which the rows stand for a particular phonetic features;

¹¹ “Uma forma fonética com um significado é uma forma linguística”. (tradução nossa)

¹² “A fonêmica fornece a técnica para processar os dados fonéticos brutos, a fim de descobrir os sons pertinentes...” (tradução nossa)

¹³ “A fonética coleta a matéria bruta e a fonêmica a processa”. (tradução nossa)

the columns stand for the consecutive segment of the utterance generated; and the entries in the matrix determine the status of each segment with respect to the features. (CHOMSKY e HALLE:1968, p. 5)¹⁴

Chomsky e Halle entendem a fonologia como um componente da gramática, logo, também nesse nível duas estruturas operam: estrutura profunda e estrutura superficial. Entre uma e outra opera o ciclo transformacional com suas regras. O léxico passa, assim por essas operações. A representação lexical é abstrata, com uma forma subjacente que passa pela aplicação de regras no ciclo transformacional até chegar à representação fonética que é efetivamente falada pelos usuários da língua.

A fonologia gerativa teve um papel decisivo no surgimento das teorias não lineares e também na formação da teoria da otimidade.

1.2. Teorias Não Lineares

As teorias fonológicas não lineares entendem a fonologia como uma organização na qual os traços, dispostos hierarquicamente em diferentes camadas, podem estender-se aquém ou além de um segmento, unir-se a mais de uma unidade, como também funcionar isoladamente ou em conjunto. Nos modelos não lineares, as relações entre Fonologia, Morfologia e Sintaxe são explicitadas como parte da estrutura hierárquica que caracteriza as línguas humanas. Nesses modelos, então, o sistema de sons de uma língua não é visto dissociado dos demais sistemas. Pelo contrário, o sistema fonológico atua como parte integrante da gramática das línguas e pode interagir com os demais, afetando e sendo afetado.¹⁵

Os modelos não lineares têm como marco o surgimento da Teoria Autossegmental (TA), com a tese de doutorado de Goldsmith (1976) na qual ele propõe modificações na Fonologia Gerativa (FG). A análise de tom e de outros suprasegmentos leva Goldsmith a questionar a validade da FG para línguas que saem do âmbito Indo-Europeu. Ele reconhece sua filiação à FG e diz que sua tese se endereça a fonologistas dessa tradição teórica. Para ele, a TA é, antes que uma ruptura, um aperfeiçoamento da FG.

A FG, uma das representantes do modelo linear, via o sistema de sons de uma língua como um dos componentes da gramática e a tarefa de uma análise era, além de descrever, estabelecer as regras que permitiam obter as informações fonéticas a partir das representações

¹⁴ uma representação fonética tem a forma de uma matriz bidimensional, na qual as linhas representam características fonéticas particulares; as colunas representam o segmento seguinte do enunciado gerado; e as entradas na matriz determinam o *status* de cada segmento em relação aos traços. (tradução nossa)

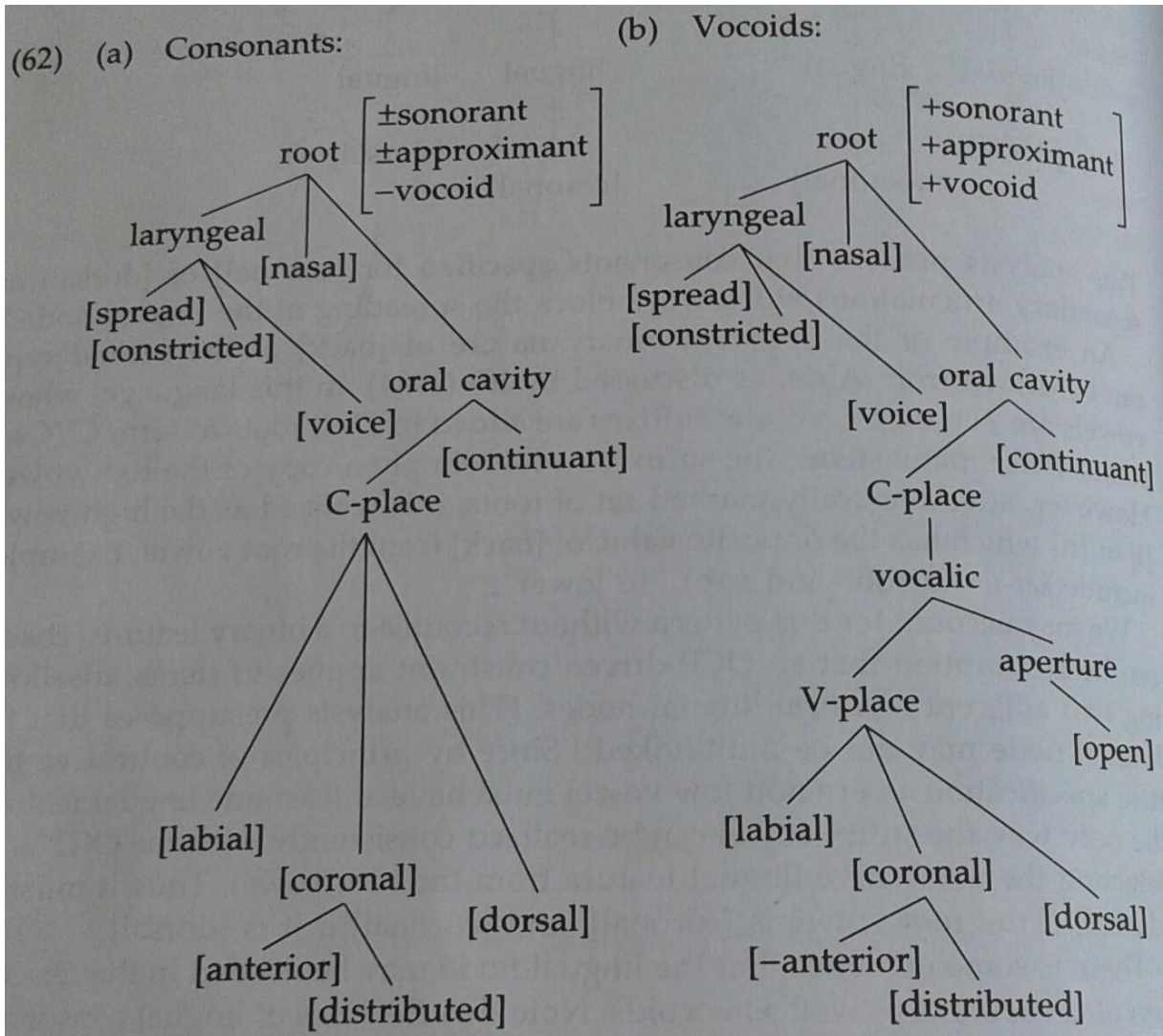
¹⁵ Nesse trabalho não nos aprofundaremos nessas interfaces, mas demonstraremos brevemente, na análise com a Fonologia Lexical, como esses componentes interagem.

subjacentes. A Fonologia Gerativa, assim como a Fonêmica, se inscrevia no âmbito de uma teoria bidimensional enquanto que a Autossegmental é uma teoria tridimensional. Na TA cada tipo de traço distintivo (com seus valores [+] e [-]) é representado em um plano distinto. Em cada plano acontecem as ligações com linhas de associação e também as regras de espalhamento de traço (s). Às vezes um traço aparece sozinho num segmento adjacente a uma fronteira ou de morfema ou de palavra. Isso pode significar que subjacentemente o traço é associado à fronteira e se espalha para o segmento adjacente por meio de regra. Após um espalhamento, o traço original do segmento alvo pode ser desassociado ou não, dependendo da regra.

Clements e Hume (1995, p. 245) reafirmam que os traços são as unidades básicas da representação fonológica, mas afirmam que é necessário perguntar “How are features organized in phonological representations?”¹⁶ Eles mostram a organização dos traços com base em dados de línguas. Esta organização de traços é denominada de Geometria de Traços (GT). A GT é tributária da Teoria Autossegmental e assume que os traços são autossegmentos, autônomos e livres para se associar com os segmentos individualmente. Os traços, além da liberdade de se espalhar individualmente, também podem se espalhar em grupo. Ou seja, muitas vezes quando um traço se espalha, outro traço se espalha ao mesmo tempo. Os traços são interdependentes e sua própria organização natural possibilita escrever regras mais naturais. Existem várias propostas na GT, contudo, todas as propostas começam com um nó chamado “raiz”. A raiz é associada ao segmento com uma linha de associação. Depois, todos os traços são organizados embaixo da raiz de acordo com os grupos de traços que têm a tendência de funcionar em grupo. Além do nó de raiz, outros nós intermediários também são necessários. A organização de sons apresentada por Clements e Hume (1995) assume que consoantes e vogais têm os mesmos traços, com a diferença que para as vogais eles incluem um nó vocálico que está subordinado ao nó C-place (ponto de consoante). Esse nó permite que processos entre vogais sejam possíveis sem violar a proibição de cruzamento de linhas. As figuras 1 e 2 mostram a hierarquia dos sons, no modelo de Clements e Hume (1995) e no de Halle (1992), respectivamente.

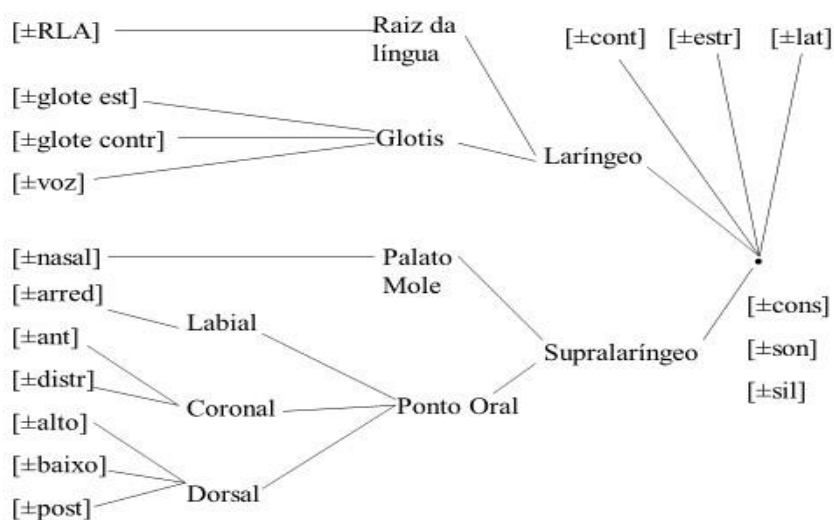
¹⁶ “Como os traços são organizados nas representações fonológicas?” (tradução nossa)

Figura 1 - Árvore de traços - Clements e Hume



Fonte: Clements e Hume (1995, p. 292)

Figura 2 - Árvore de traços - Halle



Fonte: Halle, 1992 (apud Kenstowicz 1994, p.146,452)

Essas árvores de traços resumam toda a organização dos sons da fala e dão conta de diversos tipos de processos fonológicos que ocorrem nas línguas, especialmente aqueles que envolvem o espriamento de traços, como no caso da assimilação. Os processos fonológicos que são apropriados para uma análise com o aporte da Geometria de Traços são aqueles processos de assimilação que envolvem um grupo de traços, tais como: (i) assimilação de mais de um ponto de articulação (p.ex. assimilação de ponto de consoantes nasais); (ii) assimilação de vários traços laríngeos; (iii) harmonia vocálica; (iv) assimilação total; (v) descrição de segmentos com articulações secundárias; (vi) alongamento de segmento.

A associação dos autossegmentos ao esqueleto "CV" é governada por dois princípios.

1. Condição de Boa Formação: (a) todos os autossegmentos precisam ser associados a pelo menos um segmento apropriado do esqueleto 'CV' (ou serão perdidos); (b) todos os segmentos apropriados do esqueleto 'CV' precisam ser associados a pelo menos um autossegmento (ou serão perdidos); (c) linhas de associação não podem se cruzar.

2. Princípio de Contorno Obrigatório: sequências adjacentes de traços idênticos com o mesmo valor são proibidas na forma fonética final.

Já a Fonologia Lexical (FL) é uma teoria que trata da relação entre a estrutura morfológica e as regras fonológicas que se aplicam a essa estrutura. A FL postula que as regras fonológicas se organizam em duas grandes classes: (1) regras sensíveis aos ambientes morfológico e lexical e (2) regras que não são sensíveis a esses ambientes (Kenstowicz, 1994, p. 213-243). Na FL as regras fonológicas se intercalam entre processos morfológicos e se dividem em estratos para organizar as regras e os processos morfológicos. Cada estrato está definido por um grupo diferente e específico de afixos e um grupo diferente de regras fonológicas e não há limite no número de estratos. As formas derivadas aumentam quando passam pelos

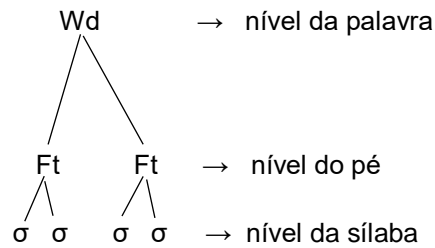
estratos e recebem afixação. As regras não podem ver as fronteiras criadas nos estratos anteriores, mas somente as fronteiras dos morfemas do estrato onde elas operam. Depois de sair de um estrato, todas as fronteiras são apagadas antes de entrar no estrato seguinte, o que se configura como o Princípio de Eliminação de Colchetes. As regras lexicais só podem ser aplicadas dentro da palavra quando se trata das fronteiras de morfemas que são afixados no mesmo estrato. Por outro lado, as regras pós-lexicais não podem ser aplicadas a nenhuma fronteira dentro da palavra. Podem somente ser aplicadas nas fronteiras entre palavras. Os estratos podem ser cíclicos e não cíclicos e é necessário que se identifiquem os estratos não-cíclicos. O estrato cíclico é aquele em que se repetem as regras fonológicas depois de cada processo morfológico do estrato. O estrato não cíclico é aquele em que as regras fonológicas só são aplicadas depois de todos os processos morfológicos do estrato.

Um dos princípios básicos da FL denominado de Preservação de Estrutura assume que todas as representações dentro do léxico podem ser compostas somente por elementos que fazem parte da representação subjacente, isto é, em termos da fonêmica clássica, elementos que fazem parte do inventário fonêmico da língua. Isso implica que a representação fonológica restringe os tipos de regras que podem ser aplicadas no léxico e mostra que se uma regra introduz um elemento não contrastivo, ela deverá ser aplicada somente no nível pós-lexical.

Para Mohanan (1986, p. 1-7), a diferença crucial entre a FL e as teorias prévias da fonologia concreta são dois traços: 1) a FL reconhece esses dois tipos de aplicação de regras, ao invés de dois tipos de regras; 2) a FL não exige que todas as aplicações de regras pós-lexicais sejam alofônicas, conforme exemplifica o que ocorre em Português entre /s/ e /z/: 'as casa[s] foram pintadas por três[z] homens'. Esses dois sons são distintivos em português, mas o /s/ pode passar pelo processo de vozeamento no nível pós-lexical e se apresentar como [z] na forma fonética.

A Teoria Métrica (TM), por sua vez, trata da estrutura prosódica das línguas. A TM considera o acento como um autossegmento. Considerar o acento como autossegmento implica que o acento, mesmo se manifestando nos segmentos, não faz parte dos traços dos segmentos. Ele tem autonomia, é independente. Assim, ele é ligado aos segmentos ou às sílabas por meio de linhas de associação. A TM possui dois modelos básicos de representação do acento: o modelo arbóreo e o modelo da grade métrica. O modelo arbóreo representa o acento como uma hierarquia de ramos, cada qual sendo rotulado como forte/fraco ou fraco/forte. O acento, então, como é representado na árvore métrica é uma propriedade relacional. Um nó é forte apenas porque tem um nó fraco como irmão e vice-versa.

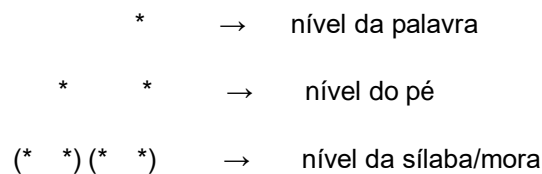
Figura 3. Modelo métrico arbóreo



Fonte: adaptada de Kager (1995)

O modelo da grade, por sua vez trabalha da seguinte forma: primeiro uma linha de asteriscos é colocada acima de cada sílaba ou mora (depende se a língua conta moras ou não). Essa primeira linha é chamada nível de base, nível da sílaba, ou nível da mora. Uma segunda linha de asteriscos é colocada acima da primeira fileira para mostrar a cabeça de cada pé que é acentuado. Os pés podem ser indicados usando parênteses na primeira fileira. O segundo nível é o nível do pé. Uma terceira e última linha de asteriscos é colocada acima da segunda fileira para mostrar o acento da palavra e esse é o nível da palavra. Este modelo usa a altura de cada coluna para mostrar claramente o nível de acento de cada sílaba (KAGER, 1995, p. 367-402).

Figura 4 – Modelo da grade métrica



Fonte: Adaptado de Kager (1995)

Existem outras propostas não lineares, como a Fonologia Prosódica (FP) e a Morfologia Prosódica (MP), das quais não falaremos aqui porque não as utilizaremos em nenhuma das análises propostas para os dados. Todas as teorias não lineares aqui apresentadas desempenham importante papel na análise fonológica e representam avanços em relação às lineares. A descoberta de que pares mínimos podem aparecer nas línguas por meio de regras como resultados de processos fonológicos que as teorias lineares não explicam, faz com que os linguistas fiquem atentos à possibilidade de rever inventários fonológicos cujos consensos se estabeleceram por análises puramente descritivas.

1.3. Teoria da Otimidade

A Teoria da Otimidade (TO) nasce em 1993 com Alan Prince e Paul Smolensky. É uma teoria que não trabalha com regras, mas com restrições universais. As restrições, diferentemente das regras, podem ser violadas. Na TO existem apenas dois níveis de representação: o *input* e o *output*.

1.3.1. As línguas e os conflitos de forças universais

Um dos conceitos centrais da Otimidade é o de que as gramáticas das línguas são sistemas em que forças universais estão em conflito. As descrições fonológicas das línguas demonstram esses conflitos. Uma mesma língua pode apresentar processos de apagamento e de inserção de sons, assimilação e dissimilação, dentre outros que podem estar em conflito. As restrições (CON) são universais, mas o ranqueamento é específico de cada língua. As restrições são de dois tipos: marcação (*Markedness*) e fidelidade (*Faithfulness*). As restrições de marcação se relacionam com a boa formação e a evitação de *clusters*, por exemplo; as restrições de fidelidade tendem a preservar a estrutura e requerem a similaridade entre *input* e *output*. Pode ocorrer tensão entre os dois tipos de restrições, denominada de conflito de restrições. Esse conflito se resolve na TO por meio da hierarquia das restrições. Pode haver também conflito entre duas restrições de marcação ou entre duas restrições de fidelidade. Kager (1999, p. 4) afirma

At the heart of Optimality Theory lies the idea that languages, and in fact every grammar, is a system of conflicting forces. These 'forces' are embodied by CONSTRAINTS, each of which makes a requirement about some aspect of grammatical output forms. Constraints are typically conflicting, in the sense that to satisfy one constraint implies the violation of another.¹⁷

Como na TO os fenômenos fonológicos são desvendados na estrutura do *output*, essa estrutura pode discordar (até certo ponto do *input*). As discordâncias se manifestam nas restrições que podem entrar em conflito na análise. Gilbers e Hoop (1998, p. 7) mostram que se uma língua, com duas restrições conflitantes potenciais da Gramática Universal (GU),

- Restrição GU i: acento nunca cai na última sílaba;
- Restrição GU j: acento cai na sílaba pesada

¹⁷ No centro da Teoria da Otimidade está a ideia de que as línguas, e toda gramática, são sistemas de forças conflitantes. Essas "forças" são representadas por RESTRIÇÕES que fazem exigências sobre algum aspecto das formas dos *output* gramaticais. As restrições são tipicamente conflitantes, no sentido de que a satisfação de uma restrição implica a violação de outra. (Tradução nossa).

tem a estrutura CVCVVC (papaap) em que a sílaba CVVC é mais pesada que CV, então de acordo com a restrição i, o *output* seria pápaap, mas na verdade o que ocorre é papáap, que se conforma com a restrição j. Como resolver o conflito? Pelo ranqueamento hierárquico das restrições na gramática da língua, afirmam os autores.

1.3.2. Dominação e conflito: o ótimo na TO

Na Teoria da Otimidade o conceito de ótimo também é nuclear. Segundo Kager (1999, p. 12) a ideia de ótimo envolve a avaliação pela gramática de um conjunto infinito de candidatos no output para um dado input. O output ótimo selecionado será aquele que melhor se identifica com o input apesar do conjunto de restrições que estão em conflito na sua avaliação. O candidato que está no nível mais alto do ranqueamento domina sobre o candidato que está ranqueado no nível mais baixo e dessa forma os conflitos são resolvidos e o candidato ótimo vence por estar no nível mais alto. A dominação é representada por (>>). Tomemos como exemplo o caso do conflito das restrições da GU em 1.3.1, que pode ser resolvido pelo ranqueamento das duas restrições: CONj >> CONi.

1.3.3. A arquitetura da gramática na TO

A gramática na Otimidade se constitui do léxico (LEX) que contém todas as informações lexicais ou representações subjacentes dos morfemas que formam o *input*. O *input* por sua vez fornece o material para o gerador (GEN) que gera os candidatos, ou outputs, que são avaliados pelo avaliador (EVAL). Para Prince e Smolensky (1993, p. 2) o elemento formal básico da TO é a restrição (CON). As restrições são de dois tipos: de marcação e de fidelidade.

1.3.3.1. O Gerador

A TO estabelece uma dicotomia entre o componente operacional e o componente das restrições da gramática. O componente operacional é denominado GEN (Gerador de *output*) e, segundo McCarthy (2007b, p. 1-9), ele é o equivalente ao componente transformacional. O GEN constrói um conjunto de candidatos na forma de *output* que difere da forma do *input* em diversas maneiras (fonéticas/fonológicas). Segundo Prince e Smolensky (op.cit. p. 5) o gerador contém informações sobre os primitivos representacionais e sobre suas relações universalmente irrevogáveis. McCarthy (op.cit.) afirma também que o GEN fonológico realiza diversas operações no *input*, deletando ou inserindo segmentos, e mudando os valores de seus traços. Essas operações se aplicam livremente, opcionalmente e repetidamente para derivar o conjunto de candidatos que participam da competição na gramática de uma língua (McCARTHY, 2007b, p. 1-9, 1-10).

1.3.3.2. O Avaliador

O EVAL (Avaliador de *output*) seleciona um desses candidato para ser o *output* da gramática. A avaliação é feita com base em uma hierarquia de restrições e o candidato selecionado será o mais harmônico ou o membro ótimo do *output* da gramática (McCarthy, 2007a, p. 5).

1.3.4. As restrições e a interação entre elas na TO

Há duas grandes classes de restrições:

- (i) as restrições de marcação (*markedness constraints*) que avaliam apenas o *output*. Essa classe de restrições penalizam o *output* pela presença de determinadas configurações. Por exemplo, a restrição *Coda não permite que o *output* de sílabas termine em consoante. Então, uma sílaba como [mar] violaria essa restrição.
- (ii) as restrições de fidelidade (*faithfulness constraints*) que avaliam a relação entre o *input* e o *output* e demandam a exata replicação do *input*. A restrição MAX proíbe todo e qualquer apagamento, pois o *input* deve ser maximamente representado no *output*. Por outro lado, a restrição DEP proíbe a inserção, pois o *output* deve depender totalmente do *input*

1.3.5. A Sílaba na TO

Prince & Smolensky (1993, p. 93) mostram a arquitetura básica da sílaba na TO. Primeiramente relembram a tipologia da sílaba de acordo com Jakobson, que pode ser resumida de forma simplificada no quadro a seguir

Quadro 1 – Tipologia da estrutura da sílaba

SÍLABA		ONSETS	
		Requerido	Não Requerido
CODAS	Proibida	CV	(C) V
	Permitida	CV(C)	(C) V (C)

Fonte: adaptado de Prince & Smolensky (1993, p. 93)

Como se pode ver nesse quadro, há duas dimensões independentes para as escolhas: ataques requeridos ou não e codas proibidas ou permitidas. Prince & Smolensky (op.cit.) dizem que as restrições básicas da estrutura da sílaba que geram essa tipologia são divididas nacionalmente em dois grupos:

- (i) o grupo das restrições estruturais ou restrições de marcação que abarcam
 - ONS:** uma sílaba tem que ter um *onset* (ataque)
 - *COD:** uma sílaba tem que não ter uma coda
- (ii) as restrições de fidelidade que declaram a boa formação entre a estrutura do *output* e *input*

PARSE: segmentos subjacentes devem ser separados em sílabas

FILL: posições silábicas devem ser preenchidas com segmentos na superfície

Essas quatro restrições não são suficientes para todas as possibilidades de sílabas existentes nas línguas do mundo. Existem línguas com *onsets* e codas complexos, conforme os seguintes exemplos do português

(1) [C₁C₂ **pra.to, claws.tro.fo.bi.a**

(2) C₁C₂] **pers.pec.ti.va, claws.tro.fo.bi.a**

e línguas que silabificam de forma diferenciada do que é esperado universalmente, como se vê em inglês nos seguintes exemplos

(3) **Atlanta** VCCVCCV VC.CVC.CV e não V.CCVC.CV

(4) *mackerel*¹⁸ [ma'kærəl] CV.CVC.VC e não CV.CV.CVC

As línguas também têm restrições quanto aos sons que podem ocorrer nas posições de *onset* e de coda e elas necessitam de estratégias para lidar com essas evitações e restaurar os padrões ótimos na fonotática da língua. Na palavra “perspectiva” temos a consoante obstruinte /k/ na coda, o que não é permitido no PB, então a estratégia usada na superfície é a epêntese de uma vogal e a ressilabificação, o que resulta em [pers.pe.ki'tʃi.va], com uma sílaba a mais. A epêntese e a elisão são as estratégias mais usadas nas línguas para lidar com as evitações conflituosas e fatais entre as restrições e para restaurar a ordem estrutural da boa formação das restrições que operam na sílaba.

1.3.6. Os Processo Fonológicos na TO

Na TO a maioria dos processos são motivados pelas restrições de marcação, pois a marcação é a única motivação para as mudanças e os processos ocorrem para implementar “melhorias” no *output* levando-o à boa formação, segundo Downing (2009, p. 2). McCarthy (1997, p. 233-235) demonstra que na TO não há como os processos serem entendidos e explicados como em outras teorias operacionais da fonologia. O que a TO faz é ranquear restrições, onde uma restrição estrutural de marcação (M) domina determinadas restrições de fidelidade (F): M >> F.

Há processos fonológicos, ou fenômenos fonológicos, que são vistos na TO em relação ao domínio em que eles estão subordinados, como a sílaba, o pé, etc. Esses seriam os processos de epêntese, metátese e apagamento. Há outros, no entanto, como os processos assimilatórios e dissimilatórios que ora podem ser atrelados às restrições que operam nesse âmbito, ora não. Kager (1999, p. 27-30) mostra como funciona a variação alofônica entre oralidade e nasalidade de vogais. Primeiramente ele mostra que a oralidade é universalmente preferida pelas línguas do mundo e que as vogais nasais são universalmente marcadas em comparação com as orais. A TO elabora, então, uma restrição, no âmbito da marcação, “which militates against nasal vowels”¹⁹ (Kager, 1999, p. 28)

*Vnasal (Vogais não devem ser nasais)

Além da possibilidade de línguas violarem a restrição acima, existe também línguas que podem ter a nasalidade alofônica, antes de uma nasal tautossilábica²⁰. A TO, prevê, então, outra

¹⁸ Qualquer dos peixes marinhos da família Scombridae, de acordo com The American Heritage Dictionary, 1991.

¹⁹ “A qual milita contra vogais nasais” (tradução nossa).

²⁰ A nasal tautossilábica se encontra na mesma sílaba da vogal, especialmente na posição de coda.

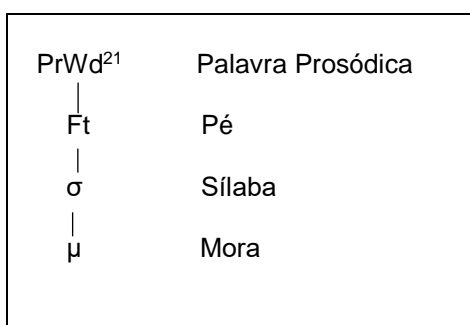
restrição que proíbe vogais orais antes (ou depois) dessa nasal tautossilábica. A restrição, ainda do âmbito da marcação, é assim expressa

*VoralN (Antes de uma nasal tautossilábica, vogais não devem ser orais)

1.3.7. O Acento na TO

Segundo Kager (1999, p. 146) existe uma hierarquia prosódica assim representada

Figura 5 – Hierarquia Prosódica



Fonte: Kager (1999, p.146)

Cada categoria prosódica da hierarquia tem como cabeça um elemento da categoria do nível imediato mais alto. Cada palavra prosódica contém um pé acentuado, todo pé tem uma sílaba acentuada e toda sílaba possui uma mora.

Kager (op.cit., p. 147-190) mostra o tratamento dado ao acento e seus correlativos prosódicos, como o ritmo e determinados tipos de processos que operam em relação à sílaba e ao acento. A OT não tem uma proposta teórica própria para o acento, ela se utiliza dos tratamentos dados em teorias não lineares e formula as restrições a partir dessas.

A principais restrições estão debaixo da família de restrições prosódicas de marcação que sintetizo no quadro abaixo. Divido essas restrições em (a) Gerais: aquelas que dizem respeito à palavra (Palavra Prosódica); (b) aquelas que dizem respeito ao pé e (c) aquelas que estão no domínio da sílaba ou da mora.

²¹ Usamos as siglas em inglês como costuma ser feito nos trabalhos em português.

Quadro 2 - Restrições prosódicas de marcação

GERAIS	PÉ	SÍLABA E MORA
NONFINALITY: nenhuma cabeça prosódica fica no final da Palavra Prosódica (PrWd). ²²	LEFTMOST: a cabeça do pé está à esquerda na Palavra Prosódica.	WSP: sílabas pesadas são acentuadas.
GRWD=PrWd: uma palavra gramatical deve ser uma Palavra Prosódica.	RIGHTMOST: a cabeça do pé está à direita na Palavra Prosódica.	DEP-μ-IO: moras do output têm input correspondentes.
ALIGN-WD-LEFT: toda Palavra Prosódica começa com um pé.	PARSE-SYL: pés são escandidos em pés.	*CLASH: nenhuma sílaba acentuada adjacente (lado a lado) é permitida.
ALIGN-WD-RIGHT: toda Palavra Prosódica termina com um pé.	FT-BIN: pés são binários tanto na abordagem moraic quanto na silábica.	
RHTYPE=I: pés têm proeminência final. O mesmo que ritmo iâmbico.	ALL-FT-LEFT: todo pé aponta para a margem esquerda da PrWd.	
RHTYPE=T: pés têm proeminência inicial. O mesmo que ritmo trocaico.	MAX-V.IO: fidelidade às vogais do input, nos caso de elisão.	
ROOTING: as palavras lexicais devem ser acentuadas.	FT-R: o lado direito do pé deve se alinhar com o lado direito da palavra fonológica.	
	FT-L: o lado esquerdo do pé deve se alinhar com o lado esquerdo da palavra fonológica.	
	TROQUEU: os pés têm proeminência inicial (o mesmo que RHTYPE=T).	
	IAMBO: os pés têm proeminência final (o mesmo que RHTYPE=I).	

Fonte: elaborada pela autora

Algumas das restrições do nível prosódico não têm necessariamente relação com o acento, mas podem ter, dependendo da língua, como as restrições *COMPLEX, ONSET, por exemplo, que podem permitir a epêntese ou a elisão e interferir no acento da palavra prosódica, por meio da ressilabificação.

A estrutura fonológica não pode prescindir de seus elementos distintivos, principalmente no nível segmental. No entanto, os sistemas fonológicos apresentam elementos não distintivos que podem ser explicados por meio de regras e/ou restrições. Esses elementos passam por processos fonológicos que podem ocorrer em vários níveis da estrutura fonológica. Há processos que envolvem segmentos adjacentes ou não; há outros que são relacionados com o domínio da estrutura silábica, enquanto outros podem ser condicionados pelo acento, ritmo, pausa, palavra fonológica. Há ainda processos que podem ser explicados apenas no nível do enunciado. Nessa tese, no entanto, não trataremos de todos esses níveis.

²² Segundo Kager (1999, 166), essa restrição é a contraparte da ‘extrametricalidade’ nas teorias baseadas em regras.

Fizemos uma apresentação resumida das teorias que sustentam a análise fonológica do Português Afro-Indígena de Jurussaca, PA, a partir de agora Pafro-indJ. No capítulo de análise, com os dados, essas teorias e os pontos em que cada uma contribui para a descrição e explicação dos fenômenos da estrutura de sons da língua, terão as discussões ampliadas.

Conforme vimos com os teóricos aqui abordados, o sistema fonológico de uma dada língua não está isolado dos outros componentes ou sistemas da gramática. Na análise fonológica as teorias aqui apresentadas podem ser utilizadas juntas porque cada uma tem potencial para dar conta de um nível de análise e elucidar fenômenos específicos. Elas se complementam e têm poder suficiente para explicar fenômenos do nível fonológico, bem como no nível de suas interfaces.

Capítulo 2 – Procedimentos Metodológicos

Segundo Samarin (1967, p.1) a linguística de campo é primariamente um meio de se obter os dados e de estudar os fenômenos linguísticos. Isso envolve dois participantes: o falante ou falantes da língua e o linguista pesquisador. O meio para conduzir a investigação, segundo ele, deve ser o mais direto possível, ou seja, pelo contato pessoal. O falante da língua se constitui na principal fonte de informação e também no avaliador dos dados postos pelo pesquisador. O trabalho de campo é indispensável para o desenvolvimento da ciência linguística e também o antídoto para a teorização excessiva, segundo Samarin (op.cit). O pesquisador é um estranho, um desconhecido e desconhecedor da língua objeto de sua pesquisa. Enquanto permanecer nessa condição, a língua não será nada para ele, apenas barulho. No caso de uma variedade da mesma língua, o pesquisador não passa por essa experiência em sua totalidade, mas, em certa medida, sim. É necessário que o pesquisador encontre participantes dispostos a contribuir para a formação do *corpus* que conduza a generalizações sobre a estrutura da língua. O participante também é importante para a checagem dos dados e para a comparação de análises.

Mesquita (2015, p.58) em sua tese de doutorado sobre a língua Akwê-Xerente afirma

Ao entrar em uma aldeia akwê, assim como em qualquer outra aldeia indígena, ou em qualquer outra aldeia dos homens, seja ela urbana, rural, natural, modificada, grande, pequena, com habitações sob a rocha, lona ou envolta por arranha-céus cujos cumes escapam aos olhos nus, é preciso certa dose de sensibilidade.

Samarin (op.cit.) fala da importância do participante para a pesquisa, Mesquita (op.cit.) também reconhece essa importância, mas, antes de tudo, reconhece que participante e pesquisador se constituem em pessoas e sugere que ambos portam saber e saberes, alguns iguais, outros de ordens diferentes e que o que se faz necessário nessa relação é respeito. Respeito que se deve demonstrar, no caso do pesquisador, nas atitudes despidas de preconceito. Essa orientação de Mesquita foi muito pertinente no meu caso ao trabalhar com essa variedade do Português que se apresenta como desviante do padrão. Meu olhar para o Português Afro-Indígena de Jurussaca teve que ser ao mesmo tempo bifurcado, ética e emicamente, nos termos de Pike (1967, p. 37-72), a fim de que pudesse desenvolver a pesquisa. No entanto, ao ler as recomendações de Mesquita, percebi que a minha presença entre os quilombolas de Jurussaca deveria ser apenas de uma pessoa que viveria, sem dúvida, uma experiência singular, de ouvir e ver um mundo e uma história que a ciência jamais poderia descrever e explicar em sua totalidade.

A pesquisa teve lugar na comunidade quilombola de Jurussaca, Pará. Essa comunidade se divide em duas áreas, a de Jurussaca e a de Cebola. Fiz duas visitas em épocas diferentes. A primeira foi em março de 2016 e a segunda em abril de 2018. A primeira foi apenas para

conhecer o grupo, pois ainda não havia apresentado o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa — CEP — e, portanto, não poderia coletar dados. Nessa primeira visita conheci várias famílias, conversei com diversas pessoas e pude perceber que se tratava de uma variedade diferenciada do português. Na segunda visita, dois anos depois, com o projeto já aprovado pelo CEP, iniciei a pesquisa e coletei os dados que resultam nessa tese. As pessoas das duas comunidades são muito receptivas, mas têm resistência em atender ou receber alguém estranho sem estar acompanhado de algum/a morador/a da própria comunidade. Essa resistência causou certa dificuldade para falar com algumas pessoas, pois nem sempre foi possível ter alguém para me acompanhar em todas as visitas.

Nos três primeiros dias em que estive na comunidade, instalada na residência da família do sr. N.A e dona M.A, duas pessoas com idade acima de 65 anos, quase não conversei, fiz o exercício de ouvir, observar e prestar bastante atenção em tudo que faziam e diziam. Quando ouvia alguma pronúncia ou palavra muito diferente, anotava foneticamente em cadernos de campo. Depois desses três primeiros dias, passei a participar das conversas, mas ainda ouvindo mais que falando. Às vezes perguntava algo para direcionar o assunto da conversa ou apenas deixava a conversa fluir para o assunto que eles tivessem direcionado. Como dormi no quarto ao lado do casal e do neto deles, à noite podia ainda conversar e ouvir as conversas antes de dormir. Outra observação participante importante para a pesquisa foram os momentos de ver televisão, quando o sr. N.A e dona M.A assistiam ao jornal ou à novela das 21:00h. Foram momentos que pude perceber pronúncias que não teria ouvido em outras ocasiões, como foi o caso do nome do presidente dos Estados Unidos pronunciado por seu N.A como [trã] após ouvir o apresentador do jornal dizer [trêmp]. Nesses momentos diante da TV também foi possível perceber que boa parte do que era falado no jornal ou na novela não era por eles compreendido plenamente.

Além da observação e coleta de dados com os moradores da família que me hospedava, necessitava ainda coletar dados com outros participantes. Para isso fui no domingo de manhã à reunião dos jovens na igreja católica. Nessa reunião vários jovens participaram da liturgia, lendo ou cantando e conduzindo as rezas. Após a reunião, conversei com dois jovens, um rapaz e uma moça, e marquei com eles uma entrevista de coleta de dados. Esses jovens eram escolarizados, com ensino médio completo, mas durante as leituras foi possível perceber que não liam todas as palavras da mesma forma que falantes de outras variedades do PB. O rapaz, ao ler uma palavra de 6 sílabas a transformou em palavra de 3 sílabas. A moça não tinha um padrão muito desviante. Escolhi esses dois por perceber que seriam, talvez, bons representantes escolarizados para a pesquisa.

Nos dias que se seguiram tentei contatar outras pessoas em suas casas, mas em algumas não fui recebida o que reflete a atitude geral mais fechada, compreensível pela situação histórica de seus antepassados. Numa delas fui recebida pelo senhor P. I, de 45 anos, que fez um relato de sua vida e de alguns acontecimentos que o marcaram, gerando uma gravação de mais de 13 minutos.

Outro participante que também se mostrou muito útil, foi um dos líderes da comunidade, sr. L. P, de 47 anos, que contou um pouco da história do grupo e de seus antepassados, gerando uma gravação de mais de 10 minutos. Pude contar com quatro participantes escolarizados que consentiram e assinaram os termos propostos pelo CEP e outros cinco participantes que não sabiam ler e escrever, mas que consentiram em ter suas conversas gravadas, apesar de não poderem assinar os documentos propostos pelo CEP. Não fiz entrevista nem gravação com menor de idade porque nenhum deles quis participar da pesquisa por motivo de vergonha.

Os nomes reais dos participantes não foram divulgados, sendo apenas colocados as iniciais dos nomes fictícios, seguindo as diretrizes expressas dos documentos do Comitê de Ética em Pesquisa. Os participantes não alfabetizados que não assinaram documentos e que tiveram suas falas gravadas e transcritas também tiveram a mesma forma de mascaramento de identidade aplicada aos alfabetizados que assinaram os documentos e cujos nomes não foram divulgados. São reais apenas o sexo²³ e a idade.

M.A. - F. 65; (participante M.A, sexo feminino, 65 anos)

P. I. - M. 45; (participante P.I., sexo masculino, 45 anos)

T. L. – F. 22; (participante T. L, sexo feminino, 22 anos)

L.I. - M, 22; (participante L.I., sexo masculino, 22 anos)

S.D. – F, 70; (participante S.D., sexo feminino, 70 anos)

I.S. – F, 71; (participante I.S, sexo feminino, 71 anos)

L.P. – M, 47; (participante L.P., sexo masculino, 47 anos)

N.I. - F, 52; (participante N.I., sexo feminino, 52 anos)

N.A.- M, 73; (participante N.A., sexo masculino, 73 anos)

M.M.C.- F, 47 (participante M.M.C, sexo feminino, 47 anos)

C.F.- F (participante N.F. sexo feminino, idade não identificada)

E.S. - F (participante E.S. sexo feminino, idade não identificada)

A seguir detalhamos os principais procedimentos que foram seguidos durante a pesquisa, na relação entre pesquisador e participante(s)/comunidade.

²³ Utilizamos aqui o termo sexo, mas sabemos que já existem discussões em torno do uso desse termo na literatura linguística; alguns têm usado o termo gênero.

2.1. Coleta e transcrição dos dados

O *corpus*, constituído por meio da coleta de dados na comunidade de *Jurussaca*, constou de narrativas pessoais, individuais e de grupos, em situações monitoradas e não monitoradas. Foram coletadas listas de palavras e de frases produzidas por um mesmo falante ou por vários. Os dados coletados foram gravados e também transcritos foneticamente, seguindo o IPA — *International Phonetics Alphabet*. No entanto, algumas transcrições que apresento nesta tese não são estritamente fonéticas. Cada dado está numerado e referenciado na transcrição de maneira que o seu contexto possa ser facilmente localizado.

Parte do *corpus* que serviu de base para o desenvolvimento da pesquisa foi constituído a partir de dados de fala coletados na comunidade de Jurussaca em 2010 pela equipe do projeto piloto denominado “IPHAN/USP: Inventário Nacional da Diversidade Linguística: Minas Gerais e Pará” – Petter & Oliveira (2011) - e parte foi constituído por dados coletados por mim na Comunidade de Jurussaca.

Assim, os dados foram registrados de acordo com o formato a seguir.

Quadro 3 – Ficha de dados

Part: P.I.-M.45
Dado 2.1,24 [di'fisú] 'difícil'
Dado 2, 1 minutos e 24 segundos da gravação

Fonte: elaborada pela autora

Os dados que foram ouvidos em conversas e não foram gravados, mas apenas registrados no caderno de dados, foram catalogados com a sigla DNG – dado não gravado - e sem a identificação do autor do dado. Alguns dados não gravados, no entanto, têm seus autores identificados, pois no momento em que a fala foi produzida poucas pessoas estavam no local e a pessoa que produziu o dado pode ser facilmente identificada sem ser necessário perguntar o nome diante dos demais. Estes dados serão assim colocados, por ex. (CB, M, DNG).

2.2. Teste de Leitura

Teste de leitura para falantes escolarizados foram elaborados para comprovar ou refutar hipóteses de processos lexicais ou pós lexicais. Como essa variedade apresenta possibilidades diversas de variações vocálicas e também de processos que afetam a estrutura silábica, elaborei um longo teste de leitura cujas amostras listo a seguir

Quadro 4 - Teste de leitura – (metátese, elisão?)

PB	PAFRO-INDJ
1. Perspicaz	Pespicais
2. Perspectiva	Pesperkitiva
3. Cadarço	Cardaço
4. Poderio	Podeiro, podero
5. feminicídio	Femicídio
6. Cárie	Não tenho cári nos meus dentes.

Fonte: elaborada pela autora

Nesse teste dois participantes escolarizados, L.I. e T.L., confirmam na leitura as possibilidades da metátese e da elisão para um conjunto de 103 palavras. Na palavra em 4. 'poderio', ambos tiveram dificuldades na leitura e leram dessas duas formas acima, com a metátese e com a elisão. Na palavra 'cárie', um deles leu 'cári', fazendo a elisão. O outro participante não leu essa palavra. Esses dados foram importantes para a decisão quanto a ditongos e hiatos. A variedade parece não admitir hiatos com vogais altas, principalmente se esses hiatos nascem a partir de ditongos crescentes. A estratégia de solução, então, é a metátese ou a elisão. Durante o teste também foram apresentadas palavras com mais de quatro sílabas. No caso da palavra 'feminicídio', um dos participantes teve dificuldade na leitura e apagou a sílaba 'ni'.

2.3. Listas de Verificação

Elaboramos listas de verificação de palavras, de frases e até de pequenos textos para conferir dados sobre os quais tínhamos dúvidas ou hipóteses a serem confirmadas ou refutadas.

P. ex.

(5) quiserum ²⁴

²⁴ Dado do Inf2 – Doc1. Transcrição Bruna Laila Ferreira Fávero - GELIC

Quadro 5 – Lista de verificação - Final de Verbos

GELIC	Meus dados	
	Nasaliza	Desnasaliza
1. Fizerum	não	fizeru
2. Mandarum	não	Mandaru
3. Pensarum	não	Pensaru
4. Cantavum	não	Cantavu
5. Mandarum	não	Mandaru
6. Iu (iam, foram)	não	Iu

Fonte: elaborada pela autora

Nos dados do GELIC foram encontradas transcrições com o final nasalizado [um]. A lista de verificação do quadro 4 traz um conjunto de palavras com dois grupos de variações, um com final oral e outro com final nasal. Em ambos o ditongo foi desfeito. Nos dados que já havia acessado do acervo do GELIC, ocorrem os dois tipos, p.e., ‘cantavu’, ‘falavum’. Quando os testes foram feitos em Jurussaca, comprovou-se que a forma mais usada na fala não monitorada é a sem nasalização [u]. Pedi também para olhar o caderno de um jovem adulto que está cursando o Ensino Médio e, nas redações que ele escreve, essa forma está presente, corroborando que o final desnasalizado do verbo faz parte da fala de todos, inclusive dos escolarizados e aqueles ainda em fase de escolarização.

2.4. Organização dos dados e a análise

A maneira como os dados são organizados pode direcionar e facilitar a análise. Ao colocar os dados em quadros com os processos fonológicos que podem ocorrer foi possível ter uma visão geral e detalhada da fonotática da língua e também prever processos que ainda não tinham sido encontrados. Os processos foram divididos em três tipos: (1) assimilatórios, (2) dissimilatórios e (3) processos que afetam a estrutura silábica, sendo esse último dividido em três: epêntese, elisão e metátese. Os seguintes quadros demonstram como os dados foram organizados para a análise²⁵. Nesses quadros identifiquei os participantes para demonstrar como foi feito o trabalho de análise.

²⁵ Foram colocados nos quadros apenas um ou dois exemplos de cada processo para demonstrar como foi feita a organização para a análise.

Quadro 6 - Processos Fonológicos - (1) Assimilação

Assimilação Vocálica								
e > i	a > e	o > u	a > i	e > o	o > a	o > i	u > o	i > e
Pissoas (LP,M, 47, 11. 10.06)	artesenato (DNG)	puder (LP,M, 47, 14. 11.46)	pêsime (DNG)	projudicá (DNG)	ensapado (MA, F, 65, 17.36.33)	dimingo (DNG)	sepotado (DNG)	egreja (DNG)
Assimilação de Nasalidade								
ĩzãĩ (DNG)	ãĩnda (TL,F,23, 3. 0.22)	ĩrespõnsavi (DNG)	cãmpãĩ- nha (NI, F, 52, 11. 3,45)	tõmu 'estamos' (LP, M, 47, 9. 5.45)	sãĩndu 'saindo' (TL,F,23, 5. 0.36)	ẽxiste (PI, M, 45, 7. 3.22)	ãrãme (DNG)	tãĩnha 'tainha' (DNG)

Fonte: elaborada pela autora

Quadro 7 - Processos Fonológicos - (2) Dissimilação

Dissimilação Vocálica						
e → i / - ε	e → i / - o	o → i / ε-	o → a / - o	i → ε / - i	a → i / - u	o → u / - e
dʒi'presa 'depressa' (DNG)	ismo'lava 'esmolava' (DNG)	'épica 'época' (DNG)	pavo'ado 'povoado' (DNG)	'vivi 'vive' (DNG)	imbu'lancia 'ambulância' (ES,F,28 DNG)	truve'jando 'trovejando' (CF, F, 27 DNG)

Fonte: elaborada pela autora

Quadro 8 – Processos Fonológicos – (3) Dissimilação

Dissimilação Consonantal					
b → d / - m	l → n / - l	n → l / - m	l → r / - l	n → l / - d, n	t → d / p-
Dermuda	Nula (NA, 73, DNG)	Leimar (NA, 73, DNG)	cerular (NA, 73, DNG)	Leidenir (DNG)	Podinho
'bermuda'	'Lula'	'Neimar'	'celular'	'Neidenir'	'potrinho'

Fonte: elaborada pela autora

Quadro 9 – Processos Fonológicos – (4) Processos que afetam a sílaba

Elisão de C	Elisão de V	Epêntese de V	Epêntese de C	Metátese
atrá (s) (DNG)	a'vea 'aveia' (DNG)	alembrei (lembrei)	disarreia 'diarreia' ²⁶ (DNG)	freveu - ferveu (MA, F, 65, DNG)
fragido 'foragido' (DNG)	negurá 'inaugurar' (MA, F, 65, DNG)	adoar 'doar' (MMC, F, 47, DNG)		cadraço - cadastro (DNG)

Fonte: elaborada pela autora

Com os dados organizados em quadros e com as transcrições, foi possível perceber de forma mais ampla o que o Pafro-indJ realmente faz na fala. Os processos ficaram claramente visíveis e mais facilmente perceptíveis os tipos de regras e restrições que operavam nos dados.

²⁶ O que ocorre nessa palavra pode ser também considerado um processo morfológico em que interpretam /dis-/ como um prefixo. Preferimos tratar como processo fonológico de epêntese.

Capítulo 3 – Descrição e Análise Fonêmica

A variedade afro-indígena de Jurussaca apresenta uma fonologia segmental similar à de outras variedades do português do Brasil. Nos dados ouvidos e analisados não se encontram sons diferentes daqueles do Português do Brasil (PB) nem do Português Vernacular Brasileiro (PVB)²⁷. No entanto, foi possível constatar manifestações fonéticas distintas, principalmente no final de palavras. O inventário de fonemas, tanto de vogais quanto de consoantes, é semelhante ao PB e a outras variedades do PVB. O Pafro-IndJ parece seguir esse mesmo inventário fonêmico, no entanto, apresenta algumas variações fonéticas diferentes dessas variedades citadas.

Como o Pafro-indJ nasceu do contato de línguas, vou apresentar primeiramente alguns pontos que julgo relevantes para a fonologia desse tipo de variedade.

3.1. Considerações sobre a fonologia de línguas/variedades em contato

O contato não influencia apenas a morfossintaxe ou o componente léxico-semântico das línguas. Influencia também a fonética e a fonologia. Nesta seção apresento o ponto de vista de pesquisadores que trabalham com fonética experimental e com fonologia sem se preocupar com as causas socioculturais das variações e mudanças ao lado daqueles que trabalham com as variações e as mudanças pela via do contato e da interferência linguística e sociocultural que ele possibilita.

Weinreich, Labov e Herzog (2006, p.77) discutem que a imposição de uma concepção puramente funcional do fonema à história da mudança sonora levou frequentemente a estranhos resultados. Até mesmo mudanças radicais não foram qualificadas como mudanças porque o repertório de fonemas não tinha sido afetado. Eles afirmam que essa interpretação puramente funcional²⁸ que sustentava que a realização fonética das unidades contrastivas era irrelevante para a estrutura, obscurecendo, assim, o caráter estrutural das mudanças sonoras de larga escala, mais sistemáticas. Segundo eles essa dificuldade poderia ser evitada se se entendesse o fonema não apenas em termos de sua função distintiva, mas também em termos de sua estrutura de traços distintivos, como se fazia na Escola de Praga. Relembrem o estudo de Jakobson de 1931²⁹ no qual este formula um terceiro tipo de mudança fonológica,

²⁷ Português Vernacular é definido como parte de um continuum dialetal que compõe as variedades do português faladas no Brasil: o português afro-brasileiro, o português popular rural, o português popular rural brasileiro ou o português rural. O PVB, seria, então, o português falado pela grande maioria das classes trabalhadoras, analfabetas ou semi-analfabetas das áreas urbanas ou rurais. (CAMPOS, E. e SANTOS, E. F, 2005, 133)

²⁸ Essa visão puramente funcional parece se relacionar com a *hipótese funcional* que privilegia a função comunicativa da linguagem. Labov (1994) em um capítulo denominado *The overestimation of functionalism* critica a supervalorização do funcionalismo e, com exemplos provenientes de estudos em várias línguas, tece uma argumentação coerente para comprovar que a hipótese funcional não tem a primazia nos casos de mudança linguística.

²⁹ JAKOBSON, R. Princípios de Fonologia Histórica. Trad. De Wilmar R. D'Angelis. Campinas: Curt Nimuendajú, 2008.

além da fusão e da cisão de fonemas, a refonologização, ou reinterpretção de fonemas. Eles mostram que a fonêmica puramente contrastiva não poderia dar conta desse tipo de mudança.

Trask e Millar (2015, p. 48 - 91) falam de dois tipos de mudanças fonológicas: as sintagmáticas ou regulares, sem exceção, e as paradigmáticas, quando há mudança no sistema fonológico. O primeiro poderia equivaler ao pós-léxico, enquanto o segundo ao léxico. As mudanças fonológicas paradigmáticas podem afetar não apenas o sistema de sons, mas também o sistema de regras da língua, segundo esses autores.

Esses dois autores falam ainda sobre as mudanças fonológicas condicionadas e as não condicionadas. As mudanças não condicionadas se aplicam a toda e qualquer ocorrência de um segmento da língua sem levar em conta os segmentos circundantes. Eles exemplificam com o /i:/ do Inglês Arcaico que passou para o ditongo /ai/ no Inglês Moderno. A mudança condicionada é aquela que se aplica a um segmento particular apenas a alguns ambientes na palavra, como é o caso das oclusivas latinas /p t k/ que se tornam vozeadas em Espanhol quando entre vogais, mas permanecem desvozeadas nas demais posições. Eles afirmam que mudanças condicionadas são mais frequentes que as não condicionadas e que estas últimas não afetam significativamente os sistemas fonológicos das línguas que passam pela mudança. O que ocorre nesses casos é a refonologização, ou seja, a reorganização do sistema fonológico da língua. Essa reorganização já fora pontuada por Weinreich, Labov e Herzog (2006), a partir da Escola de Praga e sua teoria de traços distintivos.

Ohala (1992, p.1 - 48), ao tratar da mudança de sons mostra que, além dos fatores cognitivos, há também os socioculturais – mesmo que a estes ele não dê espaço em suas considerações. Ele demonstra com dados acústicos que há um paralelo entre as mudanças diacrônicas e as variações sincrônicas e trata da mudança linguística no domínio da fonética e da fonologia. Seu foco de análise recai sobre os fatores cognitivos e, portanto, universais. Ainda que ele não se preocupe com as mudanças a partir do contato, é importante trazer seu ponto de vista à discussão. Na relação que se dá entre o falante e o ouvinte, assim nos diz ele sobre a percepção e sobre o sinal de fala

This has far-reaching consequences for speech perception both synchronically and diachronically, simply put: the speech signal is in many instances ambiguous as to the vocal tract configuration that generated it. Listeners, therefore, may select a different articulatory configuration from that used by the speakers from whom they learned a given spoken form. (OHALA, 1992, p. 9)³⁰

Ohala (op.cit., p.14) questiona se as variações geradas pelo ouvinte podem constituir mudanças de sons. Sua resposta é que esse tipo de variação equivale a uma mini mudança de som, ou seja, constitui-

³⁰ Isso tem consequências de longo alcance para a percepção de fala, tanto sincronicamente quanto diacronicamente. Colocado de uma forma simples: o sinal de fala é, em muitos casos, ambíguo quanto à configuração do trato vocal que o gerou. Os ouvintes, portanto, podem selecionar uma configuração articulatória diferente da usada pelos falantes de quem aprenderam uma dada forma. (tradução nossa)

se em mudança potencial de som (p.15). Para ele, o ouvinte cria uma maneira diferente de pronúncia, que resulta numa forma subjacente lexical diferente daquela emitida pelo falante. As “confusões” do ouvinte podem se espalhar para outros ouvintes numa mesma língua no processo de aquisição de primeira ou de segunda língua e podem também atingir outros itens lexicais similares. Esse espalhamento é mediado, segundo Ohala, primariamente por fatores psicológicos e sociais. Em um artigo denominado “*A probable case of clicks influencing the sound patterns of some European languages*” Ohala (1995, p.160-170) discute o caso do cluster mn que se torna mpn em várias línguas – Latin, Espanhol, Inglês, Sueco e vários dialetos do Francês, e mostra que fatores puramente articulatórios podem levar a mudanças de sons.

Kiparsky (1995), apesar de não ser um teórico que trata da mudança a partir do ponto de vista do contato de línguas, contribui para a discussão na medida em que demonstra as regularidades tipológicas e a naturalidade de determinados processos envolvidos na mudança de sons. Segundo Kiparsky as mudanças sonoras podem se originar da variação sincrônica na produção, percepção e aquisição de linguagem, sendo internalizada pelo falante/aprendiz como parte de seu sistema fonológico. Ele afirma que a mudança de sons não se constitui de processos fonéticos que operam às cegas como pensavam os neogramáticos, pois o falante/aprendiz intervém seletivamente nos dados e escolhe as variantes que melhor se amoldam ao sistema da língua “ On our view, the learner in addition selectively intervenes in the data, favoring those variants which best conform to the language’s system.”³¹ (Kiparsky 1995, p. 653).

Aqui se vê que não há cegueira, mas sim um falante/aprendiz que participa como sujeito, pois não selecionará o que for difícil para falar/aprender. Assim, até as variações “impossíveis” podem entrar na piscina da variação fonética, mas jamais podem entrar no sistema. As alterações entram no sistema como regras fonéticas língua-específicas que são inerentemente gradientes e podem originar novos segmentos ou combinações de segmentos. Essas alterações fonéticas podem ser reinterpretadas como regras fonológicas, sejam pós-lexicais ou lexicais. As mudanças que ocorrem pela reinterpretação devem ser gradientes, mas podem ocorrer em passos discretos e abruptos. Um ponto para o qual o autor chama a atenção é sobre a dissimilação. Kiparsky (op. cit., p. 658) mostra, com base em Schane, que ‘only features which are contrastive in the language are subject to dissimilation’³² e afirma que isso não é novidade. Para ele, a dissimilação não é um processo articulatório natural e pode surgir pela reanálise perceptual, ou seja, ainda que esse processo possa se originar pela hipercorreção e pela reestruturação que o ouvinte faz ao reproduzir a nova sequência, ela será bem formada e de acordo com o inventário fonológico da língua em questão.

Os autores aqui apresentados que tratam da mudança linguística, seja essa resultante ou não do contato de línguas mostram que os sistemas fonológicos não são estáticos e estão em constante variação. Se fatores puramente articulatórios podem causar mudanças de sons, é evidente que esses fatores aliados a fatores psicológicos, tipológicos e sociais, como é o caso das línguas em contato, podem resultar também em mudanças e na formação de novas variedades e até de novas línguas, como é o caso das línguas crioulas.

³¹ “Do nosso ponto de vista, o aprendiz, além disso, intervém seletivamente nos dados, favorecendo as variantes que melhor se adaptam ao sistema da língua”. (tradução nossa)

³² “Apenas os traços contrastivos de uma língua são objetos da dissimilação”. (tradução nossa)

A pesquisa linguística tem por objetivo investigar quais forças estão em jogo nas variações que se transformam em mudanças. No caso de uma variedade como a de Jurussaca, formada a partir do contato, os dados investigados na pesquisa apontam para um sistema fonológico similar ao de outras variedades do Português do Brasil e do Português Vernacular Brasileiro, mas com diferenças no nível das restrições de formação da sílaba e da palavra ótima.

3.2. A fonologia do português afro-indígena de Jurussaca

A seguir passamos a considerar a fonologia do Pafro-indJ. Tratamos dos segmentos vocálicos e consonantais, da sílaba, de aspectos prosódicos e da fonotática dessa variedade afro-indígena.

3.2.1. Vogais

As vogais do Português, segundo Camara Jr.³³ (1992, p. 41), constituem um sistema vocálico triangular. Camara Jr. representa esse sistema triangular tratando a altura das vogais em 4 graus: oposição entre altas e baixas nos extremos /u a i/ e dois graus para as médias que ele divide em 1º. e 2º. graus quanto ao nível de abertura.

Quadro 10 - Vogais - Camara Júnior

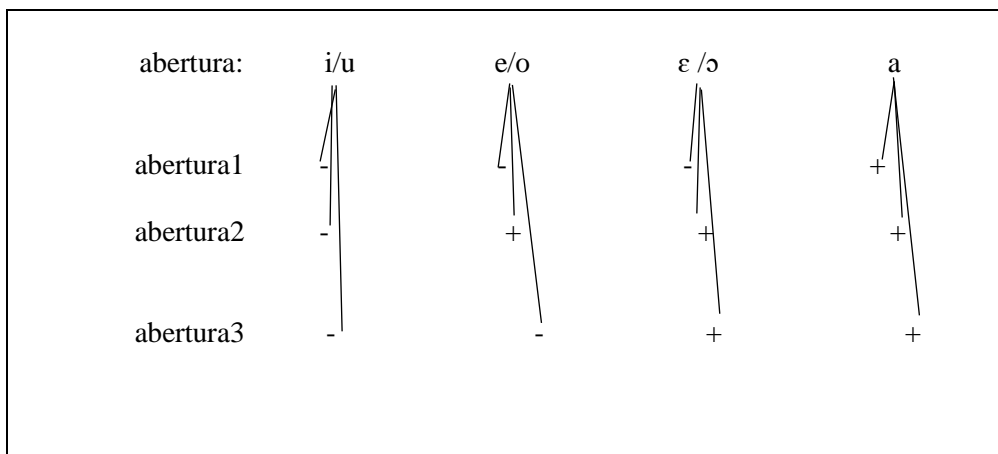
Altas	/u/		/i/
Médias	/ô/		/ê/ (2º. grau)
Médias	/ó/	/é/	(1º. grau)
Baixa	/a/		
	posteriores	central	anteriores

Fonte: quadro baseado em Camara Jr. (op cit.)

Essa divisão é revisitada por Wetzels (1992, apud Battisti e Vieira, p. 169)

³³ Existem diversas análises fonológicas do Português, mas preferimos nessa tese tomar como referência principal o trabalho pioneiro de Camara Jr.. No decorrer do trabalho outras propostas de análises aparecerão.

Quadro 11 - Vogais - Leo Wetzels



Fonte: elaborado pela autora com base em Wetzels (1992, apud Battisti e Vieira, p. 169)

A reinterpretção de Wetzels, demonstrada em suas análises, é uma interpretação coerente com os dados do PB. Wetzels formula duas análises sobre as vogais (i) o abaixamento datílico e (ii) o abaixamento espondeu, ambos condicionados prosodicamente e que se adequam ao sistema de traços por ele proposto para as vogais do PB.

Com base nas análises de Camara Jr e Wetzels, sintetizamos a nossa e elaboramos um quadro com os traços [+/- Posterior] e [+/- Arredondado] e os graus de abertura 1,2,3. Esse quadro não difere do quadro de vogais do PB e de outras variedades do PB já descritas na literatura fonológica. Optamos por usar a noção de abertura proposta por Wetzels, mas em alguns momentos da análise usaremos também os traços [alto], [baixo] e [-alto, -baixo] e até aquelas nomenclaturas amplamente conhecidas, como vogal anterior, posterior, alta, média e baixa.

Quadro 12 - Vogais do PB e do PAFRO-INDJ

	- Posterior	+ Posterior	
		Não Arredondada	Arredondada
-Aberta (1,2,3)	i	u	
-Aberta (1,2,3)	e	o	
-Aberta(1),+Aberta (2,3)	ε	ɔ	
+Aberta (1,2,3)		a	

Fonte: elaborada pela autora

O inventário fonêmico das vogais dessa variedade é igual ao do PB e de outras variedades vernaculares, mas foram encontradas manifestações fonéticas diferentes de algumas das variedades mais investigadas do PB. A vogal /a/ tem um alofone, [ə], que ocorre adjacente à vogal /i/, conforme exemplos

(6) [də'i] 'daí'

- (7) ['sə] 'sai'
 (8) [trədʒi'sã] 'tradição'
 (9) [vəsi'la] 'vacilar'

Callou et al (2013, p. 75-93) em um estudo acústico-variacionista sobre as vogais do PB reafirmam o que já é amplamente divulgado quanto ao número de vogais: tanto no Português do Brasil (PB) quanto no Português Europeu (PE) prevalece o sistema de sete vogais, ainda que alguns postulem um sistema de oito vogais. Mira Mateus (2001), entretanto, apresenta para o PE um sistema de 9 vogais: /i, i,u,e,o, ε,e,ɔ,a/, sendo que a vogal /i/ ocorre apenas em posição átona e contrasta com /u/, como se vê em

- (10) /pi'lar/ e /pu'lar/.

O estudo de Callou *et al* visa caracterizar o espaço acústico ocupado pelas vogais tônicas orais do PB por meio de dados de fala espontânea de locutores de cinco capitais brasileiras: Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife. O estudo foi efetuado por meio de medições acústicas, de uma análise multivariacional, com ênfase na distribuição dos valores dos dois primeiros formantes vocálicos (F1, F2) por faixa etária e comparando-se os sistemas vocálicos tônicos do PB e do PE e as vogais cardeais (VC). Em posição tônica, a diferença entre as variedades se dá pela anteriorização e abaixamento da vogal [i] e pela posteriorização e abaixamento da vogal [a], conforme os autores

Pode-se dizer que, em posição tônica, os dialetos diferem basicamente pela anteriorização e abaixamento da vogal alta anterior [i] e pela posteriorização e abaixamento da vogal central baixa [a], enquanto os sistemas átonos diferem doônico pela centralização das vogais altas [i] e [u] e também pela elevação da vogal central baixa. (CALLOU ET AL, 2013, p. 79).

Os resultados da comparação entre o português do Brasil, o português europeu e as vogais cardeais³⁴ mostram que na dimensão vertical os sistemas do PB e do PE são bastante similares. Nessa dimensão, a comparação com as vogais cardeais evidenciou que as vogais /a/ e /ɔ/ são mais altas tanto no PB quanto no PE e as vogais /i/ e /u/, ao contrário, são mais baixas, sobretudo no PB, quase igualando à altura das vogais cardeais /e/ e /o/, o que caracteriza um processo de compactação. Na dimensão horizontal, o PB e PE são bastante diferentes em seus pontos extremos e o PE se aproxima das VC, enquanto que o PB se mostra mais centralizado; essa tendência à centralização também se observa nas demais vogais. As realizações do PE são mais periféricas, intermediárias entre o PB e as VC. Quanto à vogal /a/, o português brasileiro se aproxima mais da cardeal anterior /a/, já no português de Portugal essa

³⁴ Segundo Crystal (1980, p. 52) as vogais cardeais são um conjunto de pontos padrões de referência formulado por Daniel Jones para prover um meio preciso de identificar os sons vocálicos. É um sistema que combina juízos articulatórios e auditivos e nele são reconhecidos quatro níveis de altura da língua. Na região anterior são produzidos quatro tipos primários [i, e, ε, a] e na posterior outros quatro [u, o, ɔ, a]. Elas são periféricas, auditivamente equidistantes e não ocorrem, necessariamente, nas línguas.

vogal ocupa posição intermediária entre as cardeais /a/ e /ɑ/. Ocorre simetria entre o PB e o PE com relação à altura das médio-abertas, o que não se encontra nas VC.

As vogais fonéticas do Pafro-indJ não foram analisadas acusticamente, mas foi possível perceber que algumas delas se diferenciam de outras variedades do PB. No final de palavras as vogais /i/, /a/ e /u/ não se manifestam como [ɪ], [e] e [ʊ] respectivamente como ocorre em outras variedades do PB³⁵. Elas se manifestam foneticamente, na maioria das vezes, como desvozeadas [i̥], [ḁ] e [u̥]. A vogal [a] pode se manifestar como a schwa [ə] quando se encontra próxima da vogal [i]. As vogais /ɛ/ e /ɔ/ também são pronunciadas um pouco diferentes, elas ficam no espaço intermediário entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/, um pouco mais elevadas que as descritas em outras áreas do país. Outra diferença relevante é a de que ocorre alofonia condicionada por outra vogal adjacente, principalmente se estiver à direita, como no caso dos ditongos decrescentes

(11) [ˈpɔu] ‘pau, madeira’

Registramos dados com pronúncia inusitada de vogais. Inusitado aqui entendido como aquilo que não foi temo conhecimento de ter sido encontrado ou registrado em outras variedades, como a palavra

(12) Torre [ˈtoxi, ˈtoxi, ˈtoxe] que, no Pafro-indJ, pode ser pronunciada [ˈtoxe]

Esse dado foi fornecido por uma participante de 23 anos. Ela explicou que há falantes que pronunciam dessa forma.

Acreditamos que as vogais do Pafro-indJ necessitam ser analisadas acusticamente e que a análise poderá revelar manifestações fonéticas diferenciadas de outras variedades do PB.

3.2.2. Consoantes

Camara Jr (1986, p. 48) propõe um sistema de 19 consoantes para o Português do Brasil, assim representado

Quadro 13 - Consoantes - Camara Jr.

Oclusiva	p b	t d	k g
Constritiva	f v	s z s' z'	
Nasal	m	n n,	
Lateral		l l,	
Vibrante		r r'	

Fonte: quadro elaborado pela autora com base em Camara Jr. (1986, p. 48)

³⁵ Neste trabalho não tratamos da neutralização de contraste entre as vogais /e/ e /ɛ/, /o/ e /ɔ/. Acreditamos que pode ser similar ao que ocorre no PB, mas ainda não temos as evidências para afirmar com certeza.

Esse sistema de Camara Jr. é bem aceito pelos linguistas, mas D'Angelis (2002) propõe revisitar o consenso em torno desse sistema que, segundo ele, é o preferido tanto por adeptos de teorias lineares quanto por aqueles de teorias não lineares e otimalistas. D'Angelis (2002, p. 2) justifica sua proposta

Problemas levantados pelo estudo e análise da fonologia de línguas indígenas do tronco Macro-Jê — como o Kaingang, o Maxacali e o Mebengokre — levaram-me a confirmar (em D'Angelis 1998) a justeza de algumas intuições de Piggot (1992) e Rice (1993) ao tratar de relações entre nasalidade e soanticidade. Verifiquei, então, a aplicabilidade daquela abordagem aos distintos processos de nasalidade e nasalização em língua portuguesa, com resultados surpreendentes, que ao mesmo tempo revalorizam a contribuição de Mattoso Câmara Jr. (sem estacionar nela) e igualmente recuperam intuições de Trubetzkoy.

Em sua proposta, o autor toma como referencial abordagens autosegmentais, com destaque para a geometria de traços. Seu inventário de fonemas consonantais chega, então, a um quadro que inclui também os arqifonemas especificados (S, L) e os subespecificados (N, R).

Quadro 14 - Consoantes - D'Angelis

	OBSTRUINTES	∅	SOANTES
Descontínuas	p t k b d g	N	m n ɲ r
∅		R	
Contínuas	f s ʃ x v z ʒ S		l λ L

Fonte: D'Angelis (2002)

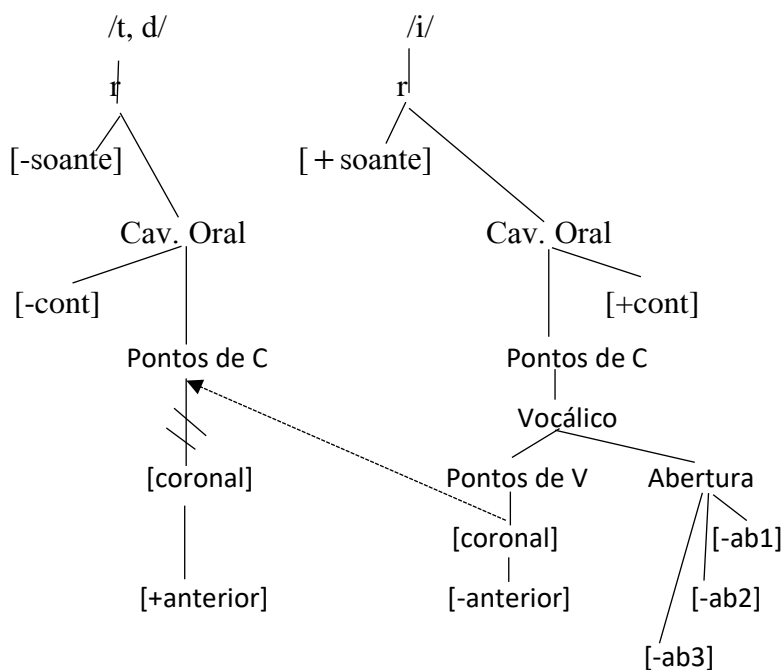
Nesse quadro o autor representa todos os 19 fonemas consonantais contrastivos do PB bem como os dois arqifonemas da série obstruinte/soante contínua /S/ e /L/, o arqifonema da série soante descontínua /N/ e arqifonema que pode ser tanto da série obstruinte contínua quanto da soante descontínua, o /R/.

A variedade de Jurussaca também possui esse número de fonema consonantais contrastivos, assim como os quatro arqifonemas representados por D'Angelis.

Os alofones de /t, d/, [tʃ, dʒ] também ocorrem em Jurussaca e seguem a mesma regra do PB e de outras variedades do PVB, ou seja, /t, d/ se manifestam como [tʃ, dʒ] antes da vogal /i/. Em (13) mostramos como as obstruintes das palavras /tia/ e /dia/ passam pela africacão. A regra de africacão é assim

representada, de acordo com a análise, adaptada, de Hora (1990, 1993 apud Monaretto, Quednau e Hora 1999, p. 224)

(13) /tia/, /dia/

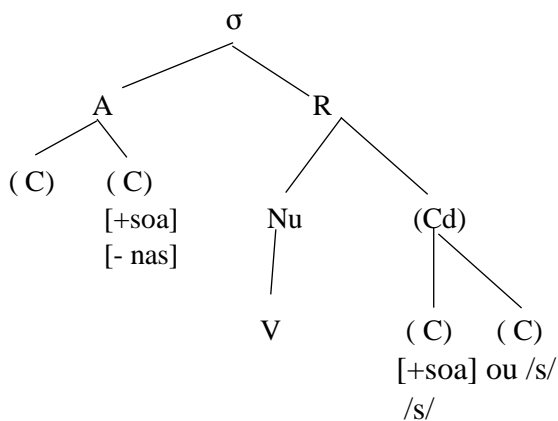


A vogal espraia seu traço coronal para a consoante que também é coronal, mas anterior. A vogal faz com que o traço [+anterior] se converta em [-anterior] que é um traço redundante de toda vogal. A consoante palatalizada que resulta dessa operação é complexa, pois tem duas articulações. Ocorre dois estágios nesse processo. O primeiro produz a palatalizada, enquanto o segundo pode produzir uma africada pela promoção da articulação secundária à primária, bifurcando-se a consoante em duas raízes.

3.2.3. Sílabas

O Português do Brasil (PB) possui o seguinte molde silábico, de acordo com Alves e Keller (2010, p. 62)

Figura 6 – Molde silábico do PB



Fonte: Alves e Keller (2010, p. 62)

O molde é assim interpretado:

- A primeira posição do ataque pode ser ocupada por qualquer consoante;
- A segunda posição do ataque só pode ser ocupada por /l/ ou /r/;
- O núcleo pode ser preenchido por somente uma vogal;
- A coda pode ter até duas consoantes. Se tiver apenas uma, pode ser ocupada por soantes e pelo /s/. Se tiver duas, a primeira tem que ser soante e a segunda o /s/
- Apenas o núcleo é obrigatório, os outros constituintes, que estão entre parênteses, são facultativos.

Dessa estrutura máxima CCVCC podemos derivar os seguintes padrões silábicos: V, CV, VC, CVC, CCV, CCVC, VCC, CVCC, CCVCC.

O Pafro-indJ tem um molde silábico máximo igual a esse, mas com algumas diferenças:

- A segunda posição do ataque será, predominantemente, ocupada por /r/ e /w/. Pode ocorrer também, raramente, o /j/³⁶ e o /l/ pode aparecer eventualmente na fala de alguns falantes.
- A coda pode ser ramificada, mas as consoantes licenciadas são apenas a nasal, /r/ e /s/ e os glides /j/ e /w/. A consoante lateral em coda só aparece enquanto arquifonema /L/, mas não é pronunciado nas palavras não-derivadas, apenas nas derivadas, como [saL-inas], onde é ressilabificado no ataque, 'Salinas'.

O núcleo poderia ser pesado, admitindo duas vogais, ou seja, ditongo ou não, dependendo da interpretação que se dá. Muitos ditongos do PB são reduzidos a monotongos, por isso preferimos interpretar o 'i' em palavras como 'depois', como parte da coda e não como ditongo, seguindo a mesma interpretação feita por Garcia (2013:61-76) para as variedades Kalunga de Goiás. O molde máximo de Jurussaca é, então, CCVCC, o mesmo do PB.

3.2.4. Aspectos Prosódicos

No Pafro-indJ, os aspectos prosódicos que observamos foram a entoação, o acento e a duração. Não descreverei todos, pois ainda necessito de mais dados. Descrevo apenas o acento e a duração.

Ferreira Netto (2007, p. 21) mostra que os estudos sobre o acento na língua portuguesa têm, ao longo dos anos, se referido a três hipóteses: (i) hipótese do acento livre; (ii) hipótese do molde trocaico e (iii) hipótese do acento morfológico. A primeira afirma que o acento é previamente definido no léxico; tem como representantes, segundo Ferreira Netto, Câmara Jr. (1970) e Barbosa (1994). A segunda afirma que o acento é definido pela característica rítmica padrão; tem como principais defensores Michaëlis de Vasconcelos s/d [1911]; Bisol (1992);

³⁶ Os glides /w/ e /j/ ocorrem no ataque. O glide labiovelar não deixa dúvidas quanto a sua ocorrência nessa posição, mas quanto ao /j/ tomamos a decisão de interpretá-lo como parte do ataque levando em conta os processos fonológicos de inserção e apagamento que demonstraram que essa análise é a mais coerente, revelada inclusive por meio de testes fonológicos aplicados com falantes escolarizados.

Wetzels (1992) e Massini-Cagliari (1999). Ainda conforme Ferreira Netto, a terceira hipótese trabalha com o acento definido pela qualidade do morfema portador e tem como representantes Bisol (1992); Andrade (1992); Lee (1995); Cagliari (1999) e Mateus & Andrade (2000).

Na hipótese do acento livre, o acento do português seria definido lexicalmente e sem a possibilidade de prever regras para sua atribuição. Essa hipótese abarcava a ideia do contraste e distintividade conforme Camara Jr. (1970, p. 64)

Além desse valor demarcativo, que cria uma juntura supra-segmental, o acento em português é também distintivo, pois serve pela sua posição a distinguir palavras, como em *jaca* “uma fruta brasileira” e *jacá* “uma espécie de cesto”, *caqui* “a fruta de origem japonesa” e *cáqui* “cor de poeira”, e assim por diante.

A hipótese do molde trocaico trabalha com a pressuposição de que o acento no português estaria vinculado à estrutura silábica da palavra. Michaëlis de Vasconcelos (1911, p. 254) assim se expressa quanto a essa hipótese “Desde já seja dito que o português é língua essencialmente trocaica, ou grave – de ritmo descendente.”

Nessa visão, o peso silábico seria o fator condicionante da atribuição do acento lexical, ou seja, a língua seria sensível à quantidade e as sílabas pesadas localizadas nas três últimas posições da palavra atraem o acento; se não houvesse sílaba pesada, o acento seria atribuído à penúltima sílaba da palavra. Bisol (1992, apud COLLISCHONN, 1999, p. 134), após levantamento no Dicionário Delta Larousse, onde 78% das palavras terminadas em consoante são oxítonas, enquanto que 22% são paroxítonas, conclui que o acento em palavras terminadas em consoantes só é marcado se for paroxítono e é não marcado se for oxítone, conforme os exemplos

(14) açúcar (17) sugar

(15) cadáver (18) colher

(16) fácil (19) civil

Em palavras terminadas em vogal, a posição paroxítona é também a preferida, sendo que nos casos em que a posição oxítone se mantém apenas um pequeno número é do léxico português (a), enquanto que as demais são empréstimos do francês (b), de línguas indígenas (c) e de africanas (d), conforme os dados

(20) a. avó, bocó, fuzuê

b. sofá, café, crochê

c. araçá, jacaré, urubu

d. xangô, banzé

A preferência do acento pela posição paroxítona em palavras terminadas em vogal é, dessa forma, amplamente comprovada pelos dados e se pode afirmar que essa é uma regularidade captada pela análise.

Na hipótese do acento morfológico, o pressuposto é que o acento se vincula à estrutura morfológica da palavra, ou seja, é definido pela qualidade do morfema portador, de acordo com Ferreira Netto (2001, p. 171), com a interação entre aspectos morfológicos e fonológicos.

De forma geral, o acento no Pafro-indJ é muito similar ao de outras variedades do PB. As palavras são constituídas, predominantemente, por acento na penúltima sílaba. Os outros dois tipos acentuais, o acento na última e na antepenúltima também ocorrem. Ocorre além do acento primário, o acento secundário e acento principal.

Mostramos no modelo da grade métrica como o acento funciona no Pafro-indJ e seguimos a análise proposta por Bisol para o PB (1992, op.cit.).

(21) (* .) grávi<da> (22) (*.) <pru>messa (23) (.*) (.*) araçari

Nos dados (21) e (22) as palavras proparoxítona e paroxítona têm uma sílaba extramétrica que, no caso das proparoxítonas, fica à direita e no caso das paroxítonas, fica à esquerda. É importante notar que no Pafro-indJ o processo de apagamento é bastante produtivo e que esse processo afeta palavras proparoxítonas, como nos casos de “árvore” que passa a [’avi], “pílulas” que passa a [’piwlas]. Ainda com relação às proparoxítonas, algumas passam a ser pronunciadas diferentes do PB; este é o caso de “cápsula” que em muitas variedades do PB recebe uma vogal epentética e fica [’kapʃsula]; no Pafro-indJ a palavra que resulta do processo de epêntese parece ter se lexicalizado e o que ocorre é outro processo na forma fonética, o de apagamento da vogal [u] resultando em [’kapʃsla].

Bisol propõe a sílaba extramétrica que no Pafro-indJ nem seria necessário para algumas palavras que terminam em hiato no PB, pois é aplicada a solução para hiato, com o processo de apagamento ou metátese que as transformam em paroxítonas, como “cárie” e “tábua” que, passam a [’kari] e [’tauba]. A sílaba extramétrica funciona em proparoxítonas, como épi<ca> ‘época, pêsi<me> ‘pêsames’ e também em paroxítonas com número ímpar de sílabas, como <p>irigo ‘perigo’, <is>mola ‘esmola’, <ar>tesenato ‘artesanato’ entre outras.

O acento tem importância nos processos assimilatórios e dissimilatórios de vogais, pois na maioria dos casos as vogais detonadoras são acentuadas. Há casos em que a vogal detonadora não é acentuada e a afetada sim. A vogal acentuada, detonadora ou afetada, pode portar tanto o acento primário como o secundário, como se observa nos exemplos

(24) artesanato → ar (,tесе) (’nato) (25) povoado → (,pavo) (’adu)

3.2.5. Restrições Fonotáticas

O molde silábico apresentado em 3.2.3. deriva os tipos V, VV, CV, VC, CCV, CVC, CVVC, CCVC, CCVVC. Alguns desses tipos nascem de processos fonológicos em função das restrições fonotáticas da língua. O padrão CVC é permitido, mas em um número significativo de palavras ele se transforma, por meio da metátese, em CCV

(26) porque > proque

(27) mostarda > mustrada

Outras restrições da fonotática parecem ter relação com os processos de assimilação e dissimilação vocálicas e consoantais. Existem palavras que não permitem que vogais diferentes ocorram no mesmo pé e outras que não permitem vogais com os mesmos traços ou traços semelhantes ocorram no mesmo pé. O mesmo ocorre com palavras que possuem mais de uma consoante lateral, nasal ou obstruente descontínua. Esses casos serão abordados no capítulo 4.

3.2.6. Processos Fonológicos

Os processos fonológicos que ocorrem no Pafro-indJ são similares aos do PB e aos de outras variedades do português vernacular brasileiro. Dividimos esses processos em dois grupos: (i) processos assimilatórios e dissimilatórios e (ii) processos que afetam a estrutura silábica.

Os dois grupos de processos fonológicos envolvem tanto vogais quanto consoantes. Os processos que afetam a estrutura silábica abrangem os de apagamento e inserção de sons e a metátese. A metátese é um processo bastante produtivo e funciona como um reparador da fonotática ótima nessa variedade.

3.2.6.1. Processos Assimilatórios e Dissimilatórios

Esse grupo de processos também é produtivo na variedade de Jurussaca. Tomamos como *input* para o processo a variedade culta do PB. Existe no Pafro-indJ um conjunto de palavras que se diferencia do PB por conta da assimilação ou da dissimilação.

3.2.6.1.1. Assimilação

Apresentamos aqui algumas palavras em que se pode ver o processo de assimilação ocorrendo. É mais comum nessa variedade, assim como no PB, a assimilação vocálica. São diversos tipos de assimilação vocálica: alçamento, abaixamento, anteriorização e posteriorização. Vejamos os exemplos a seguir:

- (28) perigoso > pirigoso
- (29) feitiço > fitiço
- (30) esquisito > isquisito
- (31) cemitério > cimitério
- (32) artesanato > artesenato
- (33) preconceito > proconceito
- (34) domingo > dumingo, dimingo
- (35) perguntava > proguntava
- (36) prejudicar > projudicar

3.2.6.1.2. Dissimilação

Ocorrem processos dissimilatórios, principalmente de vogais, mas também de consoantes. Apresentamos os dados com os processos nas vogais e nas consoantes.

- (37) época > épica
- (38) ambulância > imbulância
- (39) promessa > promessa
- (40) trovejando > trujejano
- (41) bermuda > dermuda
- (42) Lula > Nula
- (43) Neymar > Leimar
- (44) celular > cerular
- (45) Neidenir > Leidenir
- (46) potrinho > podinho

3.2.6.2. Processos que afetam a estrutura silábica

Os processos que afetam a estrutura silábica incluem aqueles que podem acrescentar ou retirar sons e também rearranjar os sons dentro da palavra. Os que ocorrem na variedade de Jurussaca são: perda de consoante e de vogal, epêntese de consoante e de vogal e metátese.

- (47) deles > des ['des]
- (48) atrás > atrá [a'tra]
- (49) pílula > piula ['piwle]
- (50) lembrei > alembrei [alê'brej]

(51) depois > adepois [ade'pojs]

(52) lavoura > lavrora [la'vrora]

(53) plantio > prantivo [prã'n'tjivu]

(54) torcer > trocê [tro'se]

(55) porque > proque [pro'ke]

(56) cadastro > cadrasto [ka'drastu]

No próximo capítulo todos os processos aqui apresentados serão abordados com a teoria autosegmental, a fonologia lexical e com a teoria da otimidade.

Capítulo 4 – Propostas de tratamento dos dados

4.1. Proposta autossegmental

Neste capítulo mostramos as propostas de tratamentos dos dados seguindo a teoria autossegmental, em seu modelo da geometria de traços.

4.1.1. Processos Assimilatórios

Dentre os processos fonológicos listados na descrição do Pafro-indJ, mostramos os assimilatórios e os dissimilatórios e os que afetam a estrutura silábica, como a metátese, a epêntese e o apagamento. Aqui vamos dar aos dados o tratamento que essa teoria possibilita.

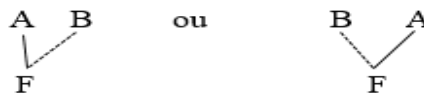
A premissa de Pike (op.cit.), que afirma que os sons tendem a ser afetados pelo ambiente que os circundam é a mais simples definição para os processos assimilatórios. Na cadeia da fala os sons podem afetar e ser afetados uns pelos outros. Fatores como acento, posição na sílaba e na palavra também podem ser relevantes para esse tipo de afetação. Nas teorias lineares, os processos fonológicos assimilatórios tinham que lidar com essa afetação dos sons entre si e demonstrar por meio de regras lineares como essa se dava. Com o surgimento da teoria autossegmental, a tarefa não era mais de mostrar linearmente o que ocorria, mas mostrar que as regras podiam operar em camadas ou tiers e que uma regra fonológica podia se dar em uma operação única. Dessa forma, os processos assimilatórios são entendidos como aqueles que tradicionalmente aproximam traços que são diferentes. São processos naturais, de natureza articulatória. Sua arquitetura é muito simples: um som detonador (trigger) e um alvo (target) em um ambiente determinado que se relaciona com o que detona/provoca (*trigger*) o processo. O som detonador leva o alvo a assumir traço(s) seu(s). Segundo Kenstowicz (1994, p.150 – 155) são três os tipos de assimilação:

- (i) Assimilação de um único traço - que corresponde à extensão de um traço terminal na árvore de traços. Exemplo, o traço [voz] numa palavra como “mesmo” [mesmo], onde o [s] assume o traço [+voz] antes do [m] que também é [+voz].
- (ii) Assimilação parcial – em que a informação de um nível intermediário se espalha para uma posição adjacente. Por exemplo, oclusivas sonoras que se esperantizam em espanhol: [b d g] → [β ð γ]. Nesse caso além do traço [contínuo] muda também o traço de consonanticidade, ou seja, a menor força consonantal cuja informação está contida no traço [contínuo] se espalha para as oclusivas no ambiente intervocálico ou no ambiente de continuantes e esse traço é adquirido pela não continuante em questão, que não deixa de ser obstruinte, mas passa a ser obstruinte contínua.
- (iii) Assimilação Completa – em que os segmentos são unidos na raiz e o alvo se torna totalmente idêntico ao que provoca o processo. Como exemplo, cito a harmonia vocálica do sufixo {-Vt} do yuhup. Nessa língua, o sufixo que indica ‘local,

instrumento etc' tem a forma de uma vogal não especificada e a consoante t {-Vt}. Essa vogal não especificada assume todos os traços da vogal da raiz, como em [mõj] 'casa' [mõjõt] 'na casa', [mõm] 'machado' [mõmõt] 'com o machado', [hõh] 'canoa' [hõhõt] 'na canoa'. O processo se estende a todas as vogais da língua.

Segundo Clements e Hume (1995, p. 257) talvez o mais recorrente tipo de processo fonológico seja a assimilação. Ainda segundo eles a teoria gerativa padrão caracterizava a assimilação em termos de cópia de traços, ou seja, um segmento com traços específicos copiados de um segmento adjacente. No modelo da geometria de traços, por outro lado, a assimilação se caracteriza pela associação ou espalhamento de um traço ou nó F de um segmento A para um segmento adjacente B.

Figura 7 – Representação do espalhamento



Fonte: Clements e Hume (1996, p. 258)

A assimilação, de vogais e de consoantes, ocorre, então, quando há o espalhamento de traços F, (adjacentes) à direita ou à esquerda, de A para B.

No Pafro-indJ, a partir do PB que tomamos como *input*, encontramos palavras que passam por processos assimilatórios vocálicos, conforme os dados apresentados em 3.2.6.1.1. Algumas dessas palavras passam pela assimilação completa, outras pela parcial e outras pela de traço único, como também ocorre no PB. A maioria das palavras que resultam da aplicação dos processos são lexicalizadas no Pafro-indJ.³⁷

Os dados (28) a (36) mostram que podemos dividir em onze grupos assimilatórios o que ocorre no Pafro-indJ:

- (i) /e/ → /i/ - Neste primeiro caso, o /e/ que está em posição pretônica, à esquerda de /i/, seja este tônico ou não, assimila o traço de altura. Em todas as palavras onde a assimilação ocorre, a vogal detonadora tem o traço [+alto] ou [- aberto] (/i/,/u/). Na palavra “feitiço” que passa a “fitiço”, temos a possibilidade de outra interpretação, tendo em vista outros dados: a de apagamento do [e] com a a permanência do [i] que antes estava como vogal menos proeminente e passa a vogal nuclear. Não

³⁷ Como nosso objetivo é descrever e analisar a Pafro-indJ, não nos atermos a análises já existentes sobre esse processo em outras variedades do PB. Oliveira, K. (2009, p. 216–226) trata desse processo em textos brasileiros oitocentistas; nas considerações finais falaremos um pouco sobre esse estudo de Oliveira e suas relações com a Pafro-indJ.

penso que seja essa a melhor interpretação, creio que há a assimilação do [e] e a consequente fusão ou apagamento de [i] na forma fonética, o que parece ser muito produtivo nessa variedade e o que levanta também a necessidade de, em estudos posteriores, se investigar a possibilidade de haver na sílaba [fi]³⁸ o alongamento compensatório do elemento resultante da fusão, caso seja esse o processo.

(57) perigoso > p̄irigoso (58) feitiço > f̄itiço (59) esquisito > isquisito

(60) estudo > **istudo** (61) cemitério > cimitério

- (ii) /a/ → /e/ – O que ocorre neste segundo caso de assimilação é que uma vogal [+posterior, +baixa] passa a anterior média, ou seja, assume os traços [-posterior, -alta/-baixa] por influência do /e/ detonador que se encontra a sua esquerda, também em posição pretônica. A assimilação dos traços é, dessa forma, total, ou seja todo o nó é espalhado progressivamente e /a/ é assimilado por /e/. A forma ‘artesenato’, falada em Jurussaca, foi por mim ouvida também no relato de uma indígena do estado da Bahia, no filme “Índio Velho”³⁹.

(62) artesanato > artesenato

- (iii) /a/ → /i/ - Na palavra (63) p̄esames>p̄esime a vogal /a/ que se encontra na sílaba postônica é a que recebe traços da vogal da sílaba tônica. Esse caso tem algumas particularidades a serem expostas: (a) a vogal detonadora /e/ é uma vogal média e bastante distante de /a/, pois dois traços as afastam, /a/ é [+posterior, + baixa], enquanto que /e/ é [-posterior, -alta, - baixa]; a vogal média pede então que a vogal alvo assuma os seus traços; (b) a vogal alvo tem a possibilidade de se tornar /e/, pois no conjunto de traços dessa vogal não se encontra o traço [+alta], o que levaria a palavra a ter sua forma de superfície ‘p̄eseme’, o que não ocorre; (c) uma possibilidade para explicar o resultado ‘p̄esime’ seria propor dois momentos, o primeiro da assimilação do traço [-posterior] do /e/, e logo depois a vogal detonadora dissimilaria e ocorreria o alçamento da vogal alvo, resultando em /i/. Esse caso, com duas regras em ação, pode se dar porque não é permitido que a vogal das duas sílabas adjacentes, tônica e postônica, fiquem com a mesma vogal.⁴⁰

- (iv) /e/ → /o/ – Neste quarto caso, a vogal /e/ [-posterior, -alta, - baixa], também na posição pretônica, assume dois traços da vogal /u/ detonadora, [+posterior, +labial]; ela não perde seu grau médio de abertura.

(64) prejudicar > projudicar

(65) perguntou > proguntô

- (v) /o/ → /a/ - Este quinto caso mostra que a vogal pretônica /o/ assume todos os traços da vogal detonadora que se encontra na sílaba tônica e se constitui, então, em um caso de assimilação regressiva total, com a perda do traço [labial]. O ex. (67) poderia

³⁸ Pode ocorrer a fusão ou o apagamento (ver seção 4.3.2.3)

³⁹ Filme lançado em 2019 pelo Comitê Intertribal e que tem como foco a velhice indígena.

⁴⁰ Outra possibilidade é postular o apagamento da postônica [pesme] e depois a epêntese de [i] para restaurar a sílaba. Cf. Lee (2007)

ser também interpretado como dissimilação, onde o OCP interviria nas duas pretônicas que são idênticas, fazendo uma cadência entre /a/ /o/ /a/ /o/ que são as vogais da palavra.

(66) ensopado > ensapado

(67) povoado > pavoado⁴¹

- (vi) /o/ → /u/ - Neste caso temos a vogal média [-alta, -baixa] se elevando, assumindo assim o traço [+alto] da vogal detonadora /i/ sem, contudo, perder seus outros dois traços [+ posterior, +labial]. Aqui a direção do processo é da direita para a esquerda, ou seja, assimilação regressiva pretônica, como no caso (i).

(68) entropicar > intrupicá

(69) domingo > dumingo

- (vii) /o/ → /i / - Este caso se parece bastante com o anterior, mas aqui a assimilação também é total, como em (v). A vogal detonadora /i/ espalha todos os seus traços para a vogal /o/, que, além de perder a posteriorização e sua altura média, perde também a labialidade.

(70) domingo > dimingo

- (viii) /u/ → /o/ - Aqui a vogal [+posterior, +alta] é deslocada para a altura mediana [-alta, -baixa] e assim se aproxima mais da vogal detonadora /e/ cujo traço de altura é [-alta, -baixa]. O espalhamento nesse caso poderia também ser atribuído à vogal /a/ que está na posição tônica, mas o atribuímos à pretônica porque é rara a ocorrência do espalhamento de traços entre pés. A tendência maior da variedade é a de o gatilho estar em posição tônica e afetar a pretônica, o que faz com que a maior parte dos casos de assimilação seja regressiva. Neste caso, no entanto, a direção é da esquerda para a direita, o que se caracteriza como assimilação progressiva.

(71) sepultado > sepotado

- (ix) /i/ → /e/ - Apesar de ter encontrado apenas um caso em que /i/ → /e/ na palavra (72) [tʃi'ʒolo] ~ [te'ʒolo] 'tijolo', creio que é possível que existam outras, como encontrado em dialetos rurais do Sudeste (fala de Piracicaba), como na palavra **igreja** que pode ser pronunciada **egreja**⁴² (. Nesse caso a vogal alta da pretônica vai para a posição média por influência da vogal média da sílaba tônica.

- (x) /e/ → /e/ - encontrei apenas uma falante que produziu esse tipo de assimilação no dado (73) enxergo > enxergo (IS.F.71.18,19. 23.04)

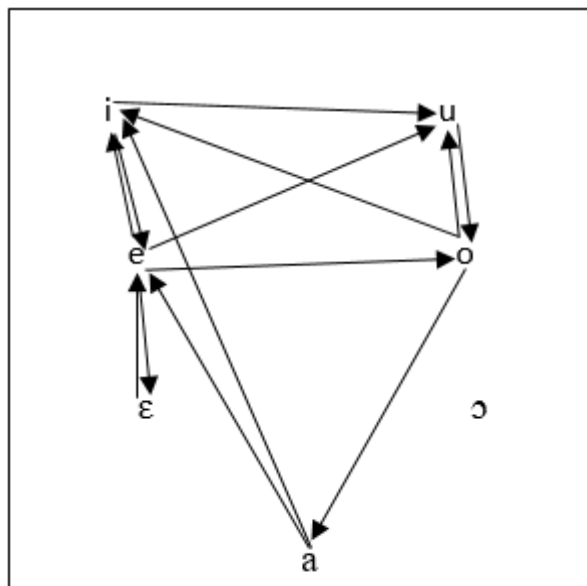
⁴¹ Esse caso será melhor interpretado com dissimilação, pois o Pafro-indJ pode restringir a ocorrência de vogais iguais no mesmo pé.

⁴² Dado encontrado do livro A fala caipira de Piracicaba, de Ada Natal Rodrigues (1974, anexo VII). No português arcaico havia também a forma 'eigreja'~'egreja de acordo com Machado Filho (2014, p. 179)

- (xi) /e/ → /ɛ/ a mesma falante do dado anterior produziu o inverso
(74) verdadeiro > verdadeiro (IS.F.71.18,19. 28.41)

Na figura 8 podemos ver como a geometria da assimilação vocálica é representada nesses onze tipos tratados acima:

Figura 8 - Geometria da assimilação vocálica no Pafro-indJ



Fonte: elaborada pela autora

Esta figura mostra como ocorrem os processos assimilatórios no Pafro-indJ e evidencia que dentre as sete vogais, os processos só não se aplicam à vogal /ɔ/, o que nos dá um sistema de assimilação vocálica que se restringe a seis vogais: /i e ɛ a u o/. A não ocorrência de /ɔ/ levanta uma questão sobre qual é o papel dessa vogal no sistema do Pafro-indJ. A vogal /ɛ/ participa dos processos, mas com pouquíssimos dados. A vogal /ɔ/ parece ser refratária aos processos, pois não conseguimos nenhum dado em que ela participe dos processos analisados. Talvez com um volume maior de dados seja possível encontrar algum caso de processo assimilatório com essa vogal. As demais vogais podem ser tanto ponto de partida quanto ponto de chegada.

Na abordagem da GT (Geometria de Traços) podemos agrupar os processos anteriormente descritos e elaborar generalizações para demonstrar o que ocorre com as vogais nessa variedade. Em quase todos os casos vimos que foi possível estabelecer uma relação entre a posição tônica e a átona, mais precisamente entre sílaba tônica e pretônica, sendo que a sílaba acentuada do pé, seja acento secundário ou principal, é a que comanda o processo, seja como detonadora ou como afetada. Vamos ver cada caso separadamente. Na palavra [axtese'nato] 'artesanato', o processo se dá da esquerda para a direita, ou seja, o elemento detonador está na segunda posição pretônica e afeta a vogal /a/ que se encontra na sílaba átona imediata, à esquerda. Essa pretônica2, no entanto, não é átona, ela porta o acento secundário e é a sílaba acentuada do pé ar (,tese)('nato). A vogal tônica do pé onde se encontra o acento primário tem

os mesmos traços, ou seja, também é /a/, mas não é ela que influencia o processo. Caso fosse a detonadora, o processo seria de dissimilação e não de assimilação. Esse caso se assemelha a um caso de dissimilação. Creio que não se pode descartar essa interpretação, por isso deixo sua outra possibilidade de análise para a seção 4.2.2. que tratará dos processos dissimilatórios.

Na palavra [sepo'tada] 'sepultada' a vogal /u/ da sílaba pretônica¹ abaixa e se torna média como a vogal da sílaba que a antecede na posição pretônica². Se fosse a vogal da sílaba tônica a detonar o processo, provavelmente teríamos a forma fonética [sepɔ'tada]. Assim, parece mais plausível assumir que o processo aqui é progressivo, com a influência de /e/ sobre /u/ baixando apenas um grau. No último exemplo, a palavra ['pezimi] que não tem pretônica, mas duas postônicas, mostra que há nessa variedade a possibilidade de em sílaba postônica se aplicar a assimilação. Esses são os três casos de assimilação progressiva que encontrei nos dados, dois tendo como centro detonador a sílaba pretônica² e um a sílaba tônica. Todos os demais casos são de assimilação regressiva. Quatro são os casos de assimilação completa, /e/ → /i/ 'pirigu', /o/ → /a/ 'ensapado', /o/ → /i/ 'dmingu', /ɛ/ → /e/ 'enxergo'. Três são os casos de assimilação de traço único /i/ → /e/ 'tejolo', /u/ → /o/ 'sepotado', /o/ → /u/ 'dumingo' e 'entrupicar'. A assimilação parcial se dá em /a/ → /i/, conforme o caso de ['pezime] (cf item (iii) acima).

As representações no modelo da Geometria de Traços são mostradas a seguir, a partir das generalizações que estabelecemos.

1. Progressiva total

$$\begin{array}{c} \text{V} \quad \text{C} \quad \text{V} \\ \diagdown \quad \diagup \\ \text{---} \end{array} \quad /a/ \rightarrow /e/ / e_ \quad \text{'artesanato'} \rightarrow \text{ar,tese' nato}$$
 [-posterior, +abert2]

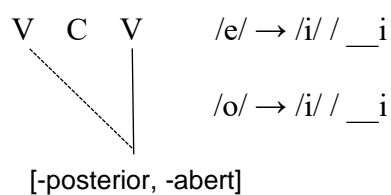
2. Progressiva parcial

$$\begin{array}{c} \text{V} \quad \text{C} \quad \text{V} \\ \diagdown \quad \diagup \\ \text{---} \end{array} \quad /a/ \rightarrow /i/ / e_ \quad \text{'pêsames'} \rightarrow \text{'pezime}$$
 [-posterior, +aber2]

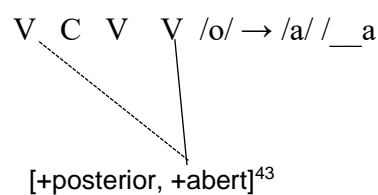
3. Progressiva de traço único

$$\begin{array}{c} \text{V} \quad \text{C} \quad \text{V} \\ \diagdown \quad \diagup \\ \text{---} \end{array} \quad /u/ \rightarrow /o/ / e_ \quad \text{'sepultado'} \rightarrow \text{,sepo'tado}$$
 [-posterior, +abert2]

4. Regressiva total

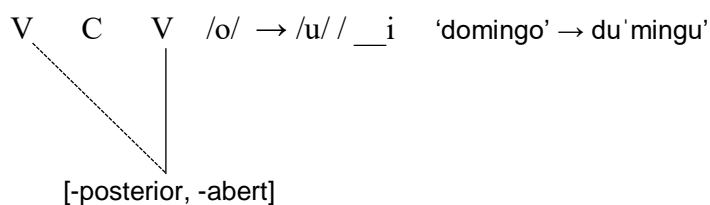


'perigo, domingo' → pi' rigu, dʒi' mingú



'povoado' → ,pavo'adu

5. Regressiva de traço único



O processo de assimilação das vogais é bastante produtivo em Jurussaca, mas há palavras em que ele não se aplicou nos dados que ouvi em conversas espontâneas.

(75) escaldar > escadá

(76) benefício > benefiço

(77) medicamento > medicamentu

(78) registro > rezistu

(79) ferveu > freveu

(80) lajotado > alajotado

(81) dezoito

(82) responsável > responsávi

Quase todas essas palavras demonstram pela análise que possuem o ambiente propício para que a assimilação se aplique. Esse ambiente, como vimos nos seis casos de assimilação vocálica anteriormente analisados, deve ser de uma palavra com as seguintes características:

(a) no mínimo três sílabas, ou três moras;

b) acento na penúltima, preferencialmente, mas pode ser também na última ou antepenúltima. A questão do acento está restrita ao pé fonológico.

⁴³ Para vogais com grau mínimo e grau máximo de abertura, usamos, respectivamente, [-abert] e [+abert]. Nas demais, especificamos o número ou números que indicam o grau de abertura.

(c) que possua duas ou mais pretônicas, com um formato $\sigma(\cdot\sigma\sigma)(\cdot\sigma\sigma)$ 'artesenatu', $\sigma(\sigma'\sigma)$ 'proguntô' ou $(\sigma,\sigma)(\sigma'\sigma)$ 'projudicá'. Em todos os casos, a assimilação tem como domínio o pé, e a vogal detonadora em apenas um caso não é a cabeça do pé, ou seja, não se encontra na sílaba mais proeminente do pé, (\cdot ,semi)(\cdot 'teriu) > (\cdot ,simi)(\cdot 'teriu) ; temos um caso que a vogal detonadora deve ter primeiro passado pelo processo de dissimilação e depois a assimilação é aplicada na sílaba menos proeminente do pé: (\cdot ,entro)(pi'ka) > (\cdot ,intro)(pi'ka) > (\cdot ,intru)(pi'ka); no caso da assimilação em verbos, temos um caso em que vogal da primeira pretônica detona o processo para a segunda pretônica, pre(gũ'to) > pro(gũ'to) e outro em que a vogal detonadora é a cabeça do pé, (pre,ʒu)(dʒi'ka) > (pro,ʒu)(dʒi'ka);

(d) em alguns casos, há também uma relação da assimilação da vogal com os traços da consoante, como em pre(gũ'to) > pro(gũ'to), (pre,ʒu)(dʒi'ka) > (pro,ʒu)(dʒi'ka), mas não pre(tu'bo) > *pro(tu'bo). Em 'preguntô' e 'prejudicá', as consoantes que estão à direita do alvo são [-anterior], enquanto que em 'pretubô' a consoante, que se encontra à direita da vogal potencialmente alvo, é [+anterior];

(e) vogais subjacentes de áreas e grau de abertura mais distanciados no quadro de vogais da variedade, conforme os exemplos 'perigo', 'prejudicar' e 'pêsames' entre outros.

A palavra 'escaldar' possui todas as condições para que a assimilação se aplique, mas a não aplicação parece se dar para evitar uma palavra na superfície que poderia soar muito diferente do que a variedade parece assumir como fonotática ótima, com maior distanciamento entre as vogais que compõem a palavra. Vejamos as possibilidades:

(83) escaldar → *ɔscadar, → *ɛscadar, → *ascadar

No caso da vogal /e/ → /ɔ/ ela estaria assumindo três traços [+posterior,+baixo, labial], mas um deles, o traço labial não está presente na vogal detonadora /a/, o que faz com que essa opção seja descartada *ɔscadar. Se /e/ → /ɛ/ assumiria apenas o traço [+baixo] e não haveria a posteriorização, essa parece uma alternativa viável na superfície, apesar de não ter sido atestada. Quanto à assimilação total em ascadar, não parece que haveria problema, mas tudo leva a crer que essa variedade prefere, assim como parece ser o mais natural ou ótimo na fonotática das línguas, que haja na palavra pelo menos uma vogal que se distinga das demais. Da análise dessa palavra parece que a análise das demais se pode derivar.

No caso de 'benefício', as duas pretônicas do pé à esquerda já se diferenciam em altura da vogal /i/ cabeça da palavra e já estão na mesma área articulatória, daí a assimilação total se mostraria possível somente se o domínio da assimilação ocorresse entre os diferentes pés, ou seja, se as vogais pretônicas assimilassem os traços da vogal cabeça do pé onde está o acento primário da palavra; se isso fosse possível, teríamos [binifício] ou [benifício]. Na palavra 'registro', nossa hipótese para a não aplicação da assimilação é que a consoante /ʒ/ que é uma consoante [+alta] bloqueia a assimilação, por meio da intervenção do OCP, que não permite a ocorrência de segmentos semelhantes adjacentes, *[riʒistu].

Na palavra *ferveu*, a única possibilidade seria a dissimilação. No caso de *'lajotado'*, palavra com quatro sílabas e com duas pretônicas, duas possibilidades se apresentam: a assimilação total *'lajatado'* ou a de traço único *'lajotado'*, mas o outro processo que ocorre na palavra, a prótese vocálica que nesse caso copia a vogal da sílaba tônica, não permite que a palavra fique com todas as pretônicas idênticas à vogal detonadora, **alajatado*. Nos casos de *'medicamento'* e *'dezoito'* que são palavras derivadas, o que se pode supor é que não assimilam porque no processo de formação já passaram por assimilação, como *m[ɛ]dicamento* e *d[ɛ]zoito* que passam a *m[e]dicamento* e *d[e]zoito*.

O processo de assimilação vocálica no *Pafro-indJ* inclui também o processo de assimilação do traço nasal. Em parte, a nasalização vocálica segue o PB. Em parte, não. Vejamos, primeiramente, como se dá a nasalização vocálica no PB.

Segundo Bisol (2013, p. 113) a nasalidade vocálica é um dos aspectos polêmicos da fonologia do português. É polêmico porque envolve a questão da distintividade ou não entre as vogais orais e as nasais. Essa questão foi bastante discutida e teve em Câmara Jr o defensor de que não temos oposição entre um sistema de vogal oral e vogal nasal, mas um sistema de vogal oral com alofones nasais. Câmara Jr. (1986, p. 25) afirma que a vogal nasal, nos casos de palavras como *'cinto'*, *'senda'*, é na verdade um grupo formado de vogal oral seguido de consoante nasal subespecificada, que por ele é interpretada como arquifonema, conforme a Escola de Praga. Assim, temos no PB esse tipo de nasalidade vocálica e o outro tipo que nasce da assimilação da consoante nasal especificada que está na sílaba seguinte, como em *'cama'* [*kẽme*], [*pa'mõje*]. Este tipo de assimilação de nasalidade vocálica em muitas variedades do PB ocorre somente na sílaba tônica, mas em outras pode ocorrer também na sílaba pretônica, [*pẽ'mõje*]. Não se tem conhecimento na literatura descritiva das variedades do PB, de que seja possível que a nasalidade vocálica a partir de uma consoante nasal se aplique bidirecionalmente. Além desses dois tipos de nasalidade, o português tem ainda os ditongos nasais.

Para Bisol (2013, p. 114) o português possui dois processos de nasalização, que saem da mesma base e se originam em níveis distintos, o lexical e o pós-lexical, o ditongo nasal e a vogal nasal. Para ela, o ditongo nasal pertence ao léxico, enquanto a vogal nasal ou nasalizada ao pós-léxico. Não entraremos aqui nos detalhes da análise, mas apenas mostraremos alguns dos exemplos da análise da autora:

(84) *senda/seda*

(85) *mão/mau*

(86) *lança/laça*

(87) *põe/boi*

Abaurre e Pagotto (2013, p. 141), em um estudo sobre a aplicação da regra variável de nasalização fonética nos *corpora* de cinco capitais brasileiras, referem-se a esse tipo de oposição, chamando-a de contraste potencial entre palavras da língua, em que o traço nasal se opõe ao oral. Esses dois autores afirmam ainda a existência de um outro contexto no PB no qual “não há contraste possível, ocorrendo uma nasalização puramente fonética.” (op.cit., p. 142).

Também D'Angelis (2002, p. 12) corrobora a análise do não contraste entre vogais orais e nasais. Ele afirma

Dado que, em Português, pela própria análise de Câmara Jr, não consideramos a existência de uma oposição entre vogais nasais e orais (uma vez que as vogais com nasalidade são entendidas como parte de uma sílaba fechada por consoante nasal), de acordo com os pressupostos assumidos, nessa língua as vogais não são marcadas, subjacentemente, com o nó SP (porque nasalidade não é correlação ativa entre vogais).

O amplo reconhecimento de que não temos vogais nasais em oposição com vogais orais no PB também se aplica ao Pafro-indJ e a nasalização vocálica nessa variedade segue próxima ao PB. Vejamos em que se parecem.

V+N não especificado

Assim como no PB, em Jurussaca também encontramos palavras com a configuração fonológica VN, apesar de nem sempre essa configuração se apresentar na forma fonética. A nasalidade permanece, mas a consoante nasal desaparece na maior parte dos falantes, como já fora dito por Callou e Leite, (1999, p. 88) “ Além disso, pode não ocorrer qualquer segmento. E mesmo quando ocorrem não são detectáveis pelo ouvido, uma vez que a duração desta consoante de travamento é de 20-50 milissegundos”.

(88) [duku'mêtu] 'documento' (89) [amõ'ta:] 'montar (animal)'

Callou e Leite, (1999, p. 88) citando um estudo de Cagliari mostram exemplos de que pode haver a realização não nasalizada da vogal seguida de travamento consonântico (nasal), como em:

(90) 'fiNka [ˈfĩŋka] [ˈfiŋka] 'finca'

(91) 'koNja [ˈkõŋja] [ˈkoŋja] 'concha'

Algo similar ocorre no Pafro-indJ, como se vê em (98), com a diferença de que a nasal da coda não se realiza na sílaba 'fon'

(92) [fosio'nariu] 'funcionário'

Em posição final de sílaba a desnasalização já está estabelecida para boa parte do léxico dessa variedade e o dado (92) aponta para a possibilidade de expansão do fenômeno para outras sílabas. No estudo supracitado de Abaurre e Pagotto (2013, p. 146), são relatados casos de não nasalização, como em (92). É importante dizer que os casos encontrados pelos autores se aplicam apenas às vogais altas /i/e /u/. A palavra [fosio'nariu] vem de 'funcionário', na qual se encontra a vogal alta /u/. Vemos nesse ponto a necessidade de mais investigação em trabalhos posteriores.

A nasalidade difere da de outras variedades já descritas do PB quanto ao alcance e à direcionalidade. Encontramos casos em que todas as vogais da palavra se nasalizam à esquerda. Como em

(93) [ẽ'jĩda] 'ainda' (94) [tẽ'jĩɲa] 'tainha' (95) [kẽpẽ'jĩɲa] 'cainha'

(96) [sẽ'ĩdu] 'saindo' (97) [kẽ'ĩdu] 'caindo' (98) [ẽ'rẽmi] 'arame'

(99) [ẽrẽkũ'ẽ]~[erẽku'ẽ] ~[araku'ẽ] 'aracuã, arancuã (tipo de pássaro)'

Mas há casos em que a nasalidade se aplica também à direita

(100) [ẽj'sĩmẽ] 'em cima' (101) [mẽs'trus] 'mastruz, mastruço'⁴⁴

Quanto aos ditongos, alguns se comportam como os do PB e de outras variedades vernaculares brasileiras, outros não.

(102) [nẽũ] 'não' (103) [xa'sẽũ] 'ração' (104) [mẽĩ] 'mãe'

Temos os exemplos abaixo também atestados em algumas variedades do PB e também do PE

(105) [vẽ] 'vem' (106) [bõ] 'bom'

Mas, quanto aos seguintes exemplos, nas flexões verbais com ditongo final, não temos conhecimento de que se produzam no PB as formas como as do Pafro-indJ a seguir

(107) [iũ] 'eles iam' (108) [fa'ziũ] 'eles faziam' (109) [fori] 'eles forem (subj.)'

(110) [achu] 'eles acham' (111) [kõje'siũ] 'eles conheciam'

(112) [es'kaũdu] 'eles escaldam' (113) [r'voũvu] '(não se) envolvam!'

exceto no caso da terceira pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo que estão presentes em outras áreas do Brasil, conforme os exemplos a seguir

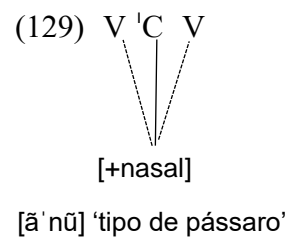
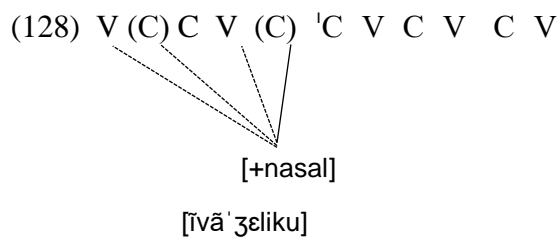
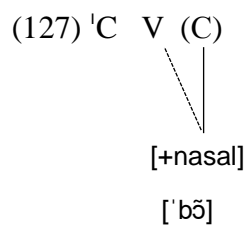
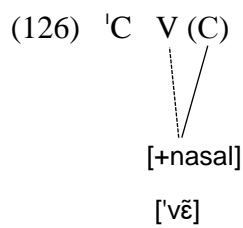
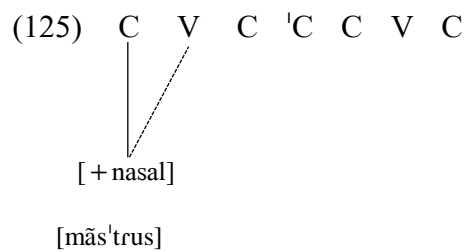
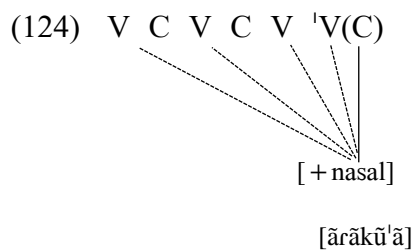
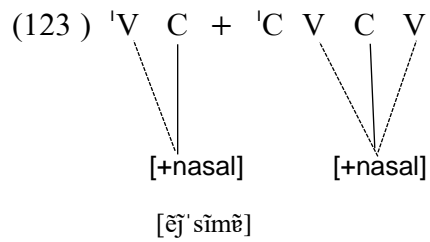
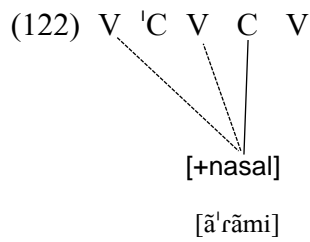
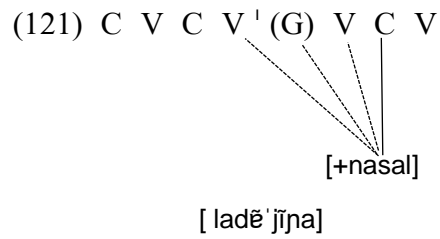
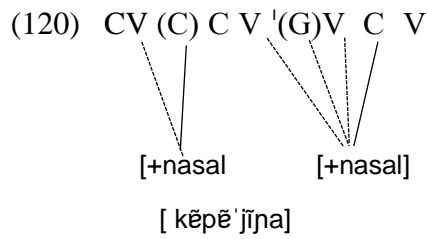
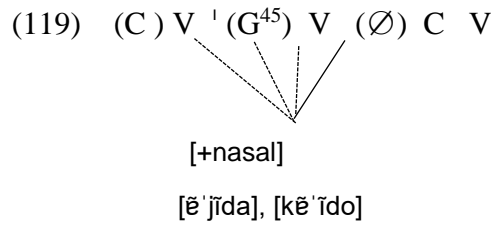
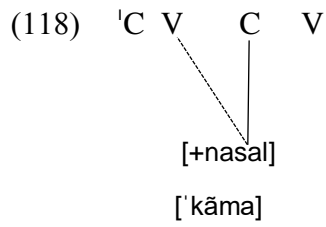
(114) [kẽ'taru] 'cantaram' (115) [per'deru] 'perderam'

(116) [pe'dziru] 'pediram' (117) [pu'zɛru] 'puseram'

Essas formas em que ocorrem a monotongação e a desnasalização serão tratadas mais à frente. Voltemos à nasalização das vogais.

Tanto no caso da nasalização com o travamento nasal na coda quanto no caso do espraçamento detonado pela consoante do ataque da sílaba postônica para a acentuada ou até a pretônica, temos o espraçamento regressivo e também o progressivo do traço nasal, que são assim representados

⁴⁴ Há a forma mentruz que, segundo Houaiss, é por Figueiredo, com dúvida, relacionado a mastruço.



⁴⁵ O glide /j/ inserido para desfazer o hiato. Esse processo será explicado adiante.

(130) C V C V 'C V

[+nasal]

[kāme'ta]

(131) C V C V C V 'C V

[+nasal]

[marakā'nā]

(132) C V C V C V 'C V V

[+nasal]

[pināmō'nia]

(133) V (C) C V C V C 'C V C V

[+nasal]

[ĩpemex'kadu]

(134) C C V + C V C

[+nasal]

[tṵā'mā] 'tua mǎe'

(135) V (C) C V C C V (C) 'C V C (C)

[+nasal]

[ĩpextē'sāw]

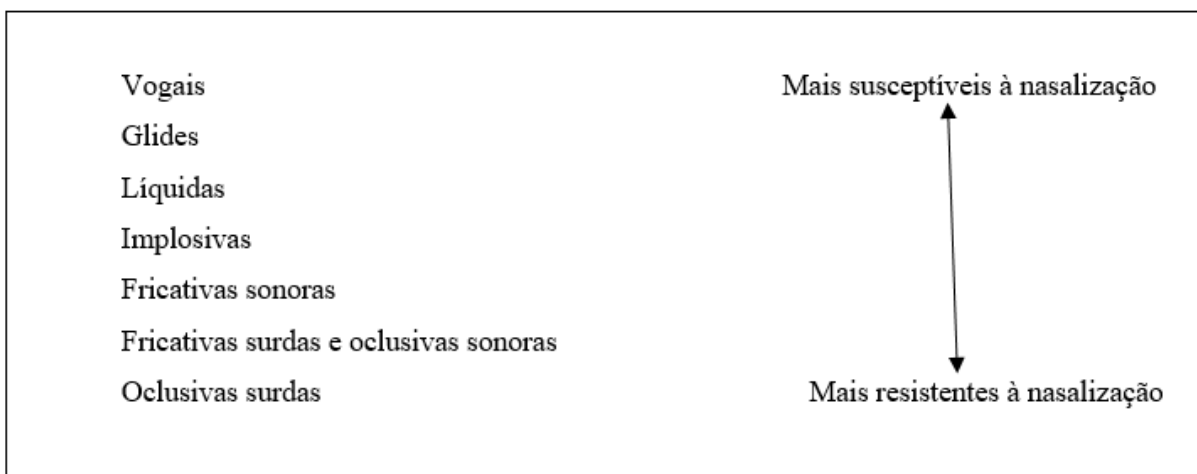
Nos exemplos (118) a (135) vemos que o espalhamento nasal pode ocorrer a partir de uma consoante nasal no ataque, como nos exemplos (118) ['kāma], (120) [kāpā'jĩna], (121) [ladā'jĩna], (122) [ārāmi], (123) [ěj'sĩmā], (125) [mās'trus], (129) [ā'nū], (130) [kāme'ta], (131) [marakā'nā], (132) [pināmō'nia], (134) [tṵā'mā], ou na coda, como nos exemplos (119) [ē'jĩda], [kē'ĩdo], (126) ['vē], (127) ['bō], (128) [ĩvā'ʒeliku], (135) [ĩpextē'sāw]. Nos exemplos (128), (133) e (135) ocorre a nasalização da vogal inicial que, no PB, a consoante nasal na coda não existe. No Pafro-indJ o que parece ocorrer é que, talvez a nasalidade da vogal se dá por hipercorreção, por analogia com palavras que recebem o prefixo {iN-}. Outra possibilidade é que não seja por hipercorreção, mas simplesmente a aplicação da regra de espalhamento a partir da consoante nasal que está na palavra. Essa hipótese é plausível, mas não explica porque a nasalidade não se espalha para a vogal que antecede a nasal, como em *[ĩpértē'sāw]⁴⁶, *[ĩpēmeḫ'kadu], que diferem de [ĩvā'ʒeliku], pois nessa palavra a nasalidade na sílaba [vā] está ali por conta da coda com o arquifonema nasal [vaN] que espalha o traço nasal para a vogal [a]. No exemplo (141) a vogal e a consoante da sílaba final da palavra recebem a nasalidade do arquifonema nasal, ou seja, um suprassegmento nasal flutuante, que participa da formação dos ditongos (cf. D'Angelis, 2002; Bisol, 2013).

⁴⁶ Conforme dito no capítulo sobre os procedimentos metodológicos, a transcrição fonética nesta tese pode variar dependendo do fenômeno que queremos salientar. Aqui a palavra *[ĩpértē'sāw] teve a vogal final do ditongo transcrita com [w] e não com [u], recebendo um tratamento mais fonêmico que fonético.

No exemplo (130) o espalhamento nasal poderia ser interpretado a partir da vogal nasal final da sílaba tônica. No entanto, assumimos que nessa palavra a nasalidade advém do arquifonema /N/ que, mesmo não realizado na superfície, se encontra subjacentemente na coda.

Segundo Clements e Osu (2003, p.70), muitas línguas do mundo têm sistemas de harmonia nasal, em que a nasalidade pode se estender ao domínio do morfema ou a certos tipos de consoantes. Eles apresentam uma hierarquia dos sons “mais resistentes” aos “mais susceptíveis” à nasalização, conforme escala na figura 9:

Figura 9 – Escala dos sons mais e menos nasalizáveis



Fonte: Clements e Osu (2003)

De acordo com os autores, em algumas línguas, apenas as vogais se nasalizam, em outras vogais e glides, enquanto que em outras, ainda, todas as soantes podem se nasalizar.

Segundo Clements e Osu (op.cit. p. 71), Cohn (1993, apud Clements, 2002) reconhece quatro tipos de sistemas nasais. Esses quatro tipos dependem da distintividade da nasalidade nas consoantes, nas vogais, em ambas ou em nenhuma delas.

Os sistemas do tipo 1 e 2, nos quais a nasalidade não é distintiva nas consoantes, é bastante raro e pouco documentado. Os sistemas do tipo 2, em que a nasalidade não é distintiva nas consoantes, mas é nas vogais, são encontrados nas línguas da África Ocidental – Ewe, Kpelle e Bwamu - e da América do Sul – Barasana, Tucano e Warao.

Os sistemas do tipo 3, onde a nasalidade é distintiva na superfície apenas nas consoantes, como o Inglês e no Árabe, são os mais comuns, enquanto que os do tipo 4, que são os sistemas em que a nasalidade é distintiva na superfície em consoantes e vogais, como no Português e no Francês, são menos frequentes.

Clements e Osu (op.cit. 72) afirmam que muitas línguas com nasalidade distintiva na superfície têm também harmonia nasal ou assimilação. Em algumas dessas línguas, a nasalidade se espalha apenas a outros sons na mesma sílaba, enquanto em outras, a nasalidade

se espalha pelas sílabas, dentro de um domínio bem amplo como a raiz, radical ou a palavra, dizem os autores (op.cit, 72). O espalhamento de longa distância é amplamente reportado em línguas do México, América do Sul, Indonésia e África Ocidental e, ainda segundo Clements e Osu (op.cit.,72), isto parece estar associado com os sistemas do tipo 2 e 3, nos quais a nasalidade é distintiva nas consoantes ou nas vogais, mas não em ambas.

O Português é visto como uma língua que distingue a nasalidade nas consoantes e nas vogais por alguns linguistas, principalmente por aqueles da corrente estruturalista. No entanto parece haver um consenso de que a nasalidade é contrastiva apenas nas consoantes para a grande maioria dos linguistas, incluindo Camara Jr. e seus seguidores. D'Angelis (2005), por outro lado, revisita o consenso em torno da análise de Camara Jr. e mesmo seguindo algumas de suas formulações e “intuições”, prefere ir por um outro caminho de análise e demonstrar que no Português do Brasil não temos nasalidade contrastiva nem mesmo nas consoantes, o que temos é o contraste entre soantes e obstruintes e entre contínuas e descontínuas.

Como já relatado por diversos autores, em algumas línguas, apenas as obstruintes podem bloquear o espalhamento da nasalização (cf. Clements e Osu sobre Ikwere, Lopes e Parker (1999), sobre Yuhup). Por outro lado, há línguas em que as obstruintes são transparentes ao espalhamento da nasalidade, ou seja, não bloqueiam, mas também não são afetadas por ela. Esse é, em parte, o caso do Guarani Antigo, onde as obstruintes são afetadas apenas no nível morfofonêmico, conforme os exemplos /mo + potá/ ‘CAUS + querer’ > [mombotá], /potá + -bo/ ‘Querer + GER: querendo’ > potá-bo, mas em /manõ + -bo/ ‘Morrendo’, temos [manõ-mõ] (cf. Grannier- Rodrigues (1990, p. 35 – 42; 51,52), e do Guarani (c.f Costa e Malta (2015, p. 138 – 140), Piggott (1992, p. 49, apud Costa e Malta, 2015, p. 144).

Os dados (118) a (135) demonstram que no Pafro-indJ as obstruintes descontínuas podem ser tanto opacas, (cf. [ladě jīŋa]), quanto transparentes, (cf. [ārākū ā]) à nasalização e que o espraiamento pode ser tanto à direita quanto à esquerda, sendo no, entanto, essa a direção preferida.

A análise que fizemos nessa seção não esgota a questão da nasalidade no Pafro-indJ. Serão necessárias mais investigações sobre esse fenômeno, com coleta de mais dados, principalmente dados morfofonológicos.

4.1.1.2. Processos Dissimilatórios

Tradicionalmente, a dissimilação é definida como o processo de evitar que sons semelhantes, similares ocorram próximos ou adjacentes. Pode ocorrer na estrutura do léxico, como no Árabe, que não permite na mesma raiz duas consoantes homorgânicas. Também pode se dar em processos fonológicos em que o detonador e o alvo do processo devem se tornar menos semelhantes. A dissimilação impulsionou diversos estudos teóricos no campo da fonologia, como o Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) e também nas restrições da teoria da otimidade, além de estudos na área das mudanças fonéticas desenvolvidos por Ohala (1981) os

quais envolvem a produção e a percepção e ainda a questão da hipercorreção na mudança dos sons.

A dissimilação obedece a alguns parâmetros e condições. Alderete e Frisch (2007, p. 380) afirmam que apesar de não haver estudos translinguísticos controlados sobre a dissimilação é possível por meio dos exemplos existentes conduzir hipóteses sobre o fenômeno. Um dos modos de manifestação da dissimilação é no léxico. A língua Berber Tashlhiyt, por exemplo, tem uma restrição fonotática que não permite mais que uma consoante labial do conjunto [b f m] na formação de um radical derivado. Para que essa restrição seja obedecida, a dissimilação ocorre.

- (136) a) m- xazar ‘máscara, carranca’ b) n- fara ‘desembaraçar’
 m- saggal ‘procurar’ n- ñaǰǰam ‘ser tímido’
 mm- ǰla ‘perder’ n- kaddab ‘considere um mentiroso’

Os exemplos em (136-b) mostram que o prefixo {m-} passa a [n-] quando se liga a raízes que contêm as labiais [b f m]. Outras línguas, como o Árabe e o Japonês, também têm restrições quanto à ocorrência de elementos semelhantes no léxico.

Alderete e Frisch (op.cit. p. 382) afirmam que apesar de não haver evidências tipológicas específicas de que alguns traços não estejam ativos na dissimilação, há evidências de que certos traços são mais frequentes que outros; os autores mostram, então um quadro, baseado em cinquenta e três exemplos de Suzuki (1998), com sete classes de traços que desencadeiam a dissimilação. A conclusão dada ao quadro é de que os casos que se encontram nas letras de (a) até (c) têm mais possibilidade de ocorrer nas línguas do mundo.

Quadro 15 - Traços na dissimilação (1)

Traços	Número de casos
a. Ponto: igual/homorgânico – 5 casos labial – 7 casos coronal – 2 casos faringal – 1 caso	15
b. Traço laríngeo: [+/- voz] – 3 casos [+/- glote espalhada] – 1 caso [+/- glote espalhada] – 1 caso Tom Alto/Baixo – 3 casos	8
c. Líquidas: [r,l] – 1 caso [+/- lateral] – 4 casos [rótica/retroflexa] – 5 casos	10
d. Traços de classe maior: [+/- consonantal] – 0 [+/- soante] – 0 [+/- aproximante] – 0	0
e. Traços de vogais: [+/- alto] – 2 casos [+/- baixo] – 4 casos [+/- posterior] – 2 casos	8
f. Traços de modo: [+/- continuante] – 2 casos [+/- nasal] v 1 caso	3
g. Outros traços: Cluster (Nasal + Oclusiva) – 3 casos Alongamento – 6 casos	9

Fonte: elaborado pela autora, com base em Suzuki (1998, Apud Alderete e Frisch, 2007, p.382)

Há algumas condições para a dissimilação ainda conforme Alderete e Fisch (op.cit., p. 383). São elas:

- (a) Adjacência à Raiz: alvo e detonador devem estar adjacentes
- (b) Adjacência à Sílabas: alvo e detonador devem estar em sílabas adjacentes
- (c) Domínios: o alvo e o detonador devem estar em um determinado domínio; se morfológico (radical, raiz, palavra, morfema), se prosódico (sílabas, pé, rima)
- (d) Nenhum interventor: para o alvo *x* e para o detonador *y*, não deve haver nenhum segmento *z*, de nenhum tipo específico que intervenha entre *x* e *y*

O fenômeno denominado OCP (Obligatory Principle Contour – Princípio do contorno Obrigatório) foi notado primeiramente nas línguas tonais. As descobertas no estudo dessas línguas evidenciavam que tons idênticos adjacentes ou lado a lado eram evitados. Os trabalhos sobre o OCP, também denominado inicialmente de Princípio de Leben, têm lugar na fonologia autosegmental, inicialmente na tese de Goldsmith, (1976, p. 63) e é assim descrito “At the melodic level of the grammar, any two adjacent tonemes must be distinct. Thus HHL is not a possible melodic pattern; it automatically simplified to HL”⁴⁷. O OCP passa a ser aplicado posteriormente a outros níveis, como sílabas e segmentos, afetando traços e com a possibilidade de gradação na aplicação do princípio. No entanto, vale lembrar que o OCP e a dissimilação não são exatamente a mesma coisa. Na dissimilação o que ocorre é que o OCP se aplica quando segmentos iguais ou similares estão adjacentes, o que resulta na mudança de traços e os sons envolvidos ficam menos semelhantes.

Para Ohala, em um estudo, de 1981, denominado *The listener as a source of sound change*, a dissimilação se origina, muitas vezes, na hipercorreção. Nesse estudo ele demonstra como as afetações dos sons pelos ambientes fonéticos influenciam a recepção do sinal acústico pelo ouvinte e depois a forma como este reproduzirá o sinal em sua articulação ao se tornar falante. Segundo Ohala, (op. cit. 179) a escolha da pronúncia correta nem sempre está sob controle do ouvinte, mas sim sob restrições físicas da anatomia ou até da neuro-anatomia humana. Esse estudo de Ohala é muito complexo, mas dá uma ideia de como pode funcionar o processo de dissimilação em línguas que estão em contato e como sons podem ser afetados a partir das interpretações da recepção acústica dos ouvintes. Ohala lista, a partir de sua familiaridade com mais de 30 casos de dissimilação, os traços consonânticos e vocálicos que geralmente estão envolvidos nesse processo.

⁴⁷ “No nível melódico da gramática, quaisquer dois tonemas adjacentes devem ser distintos. Assim, tons AltoAltoBaixo não é um padrão melódico possível e deve ser automaticamente simplificado para AltoBaixo”. (tradução nossa)

Quadro 16 – Traços na dissimilação (2)

Mais propensos a dissimilar	Menos propensos a dissimilar	???
Labialização	Fricativa	Nasal (ização)
Uvularização	Africada	Lateral
Faringalização	Oclusiva	
Palatalização	Voz	
Retroflexão		
Ponto de articulação		
Glotalização		
Aspiração		

Fonte: adaptado de Ohala (1981, p.193)

Esse estudo de Ohala (op. cit, p. 178-198) evidencia que muitos casos de dissimilação vocálica envolvem as distorções do ouvinte em relação aos traços das consoantes adjacentes, pois o ouvinte, ao se tornar falante, tenta corrigir o que pensa ser erro, gerando a hipercorreção e acarretando, então, a dissimilação.

Os casos de dissimilação encontrados no Pafro-indJ envolvem os seguintes sons:

- (137) o → i / ε- época > épica
- (138) e → i/ -ε depressa > dipressa
- (139) i → ε/ -i vive > vévi
- (140) e → i/ -o esmolava > ismolava
- (141) o → a/ -o povoado > pavoado
- (142) a → i / - u ambulância > imbulância/imbulança
- (143) o → u / - e trovejando > trujejano
- (144) b → d / - m bermuda > dermuda / baby doll > daby doll
- (145) l → n / - l Lula > Nula
- (146) n → l / - m, n Neimar > Leimar / Neidenir > Leidenir
- (147) l → r / - l celular > cerular
- (148) t → d / p - potrinho > podinho

No caso das vogais, demonstramos no quadro 17 as vogais que detonam o processo, as que são o alvo e o resultado desse processo. Não colocamos nesse quadro os ambientes do processo, pois os parametrizamos em um outro quadro.

Quadro 17 – Vogais na dissimilação

Detonadoras		Alvos		Resultados	
i	u	i		i	u
e	o	e	o		
ɛ				ɛ	
			a		a

Fonte: elaborado pela autora

O resultado da dissimilação vocálica nos dados mostra que apenas quatro vogais estão envolvidas, as três que fazem parte dos extremos articulatórios /i a u/ e a vogal /ɛ/. Os traços envolvidos na dissimilação são os de altura (alto, médio, baixo) e de posição (anterior, posterior), mas nos resultados temos também a ocorrência da deslabialização, como nos exemplos “época” → [ˈɛpɪka]⁴⁸ e “povoado” → [pavoˈadu]. Nesses dois exemplos a vogal /o/ cujos traços são [+posterior, -abert1,+abert2,-abert3,+labial] passa, na palavra ‘época’ a [-posterior, -abert]⁴⁹, que é uma vogal [-labial], na palavra ‘povoado’ passa a [+posterior, +abert,- labial]. De todas as palavras analisadas, em apenas uma o processo ocorre na sílaba postônica. Nas demais, ou ocorre na tônica ou na pretônica, o que nos leva a concluir que o processo tem relação com o pé métrico e com o acento. Sintetizamos os parâmetros⁵⁰ da dissimilação no quadro abaixo

Quadro 18 – Parâmetros da dissimilação vocálica no Pafro-indJ

1. Acento primário	'vivi > 'vɛvi
2. Acento secundário	,esmo'lava > ,ismo'lava
3. Não acentuada	de'pressa > dʒi'presa 'época > 'ɛpɪka ce'bola > ci'bola
4. (C)VCV	'vɛvi, 'ɛpɪka
5. (C)VCCV	ismo'lava, dʒi'presa
6. São proibidas duas vogais com as mesmas especificações de abertura, posição e labialidade no mesmo pé.	(*.) (*.) (*.) (*.) (*.) (*.) (*.) (*.) () () () vivi povo ado

Fonte: elaborada pela autora

A dissimilação vocálica não é um processo pervasivo no Pafro-indJ. Os casos apresentados foram ouvidos nas conversas entre as pessoas e também na coleta dos dados e

⁴⁸ O caso da palavra época poderia ser interpretado também como decorrente da síncope de [o] na sílaba [po], semelhante ao que relata LEE (2007, p. 124) quanto à palavra lâmpada > lâmpida, em que ocorre a síncope na sílaba [pa] e depois a epêntese de [i] para restaurar a sílaba do PB. Prefiro, no entanto, tratar como um caso de dissimilação.

⁴⁹ Para as vogais com valores negativos para os 3 graus de abertura, usamos apenas [-abert] e para aquela que tem todos os valores positivos, usamos [+abert].

⁵⁰ A ideia de construir os parâmetros da dissimilação veio da leitura do artigo Cross-Dialect/Language Parametrization and the Phonological Reality of a ‘Non-Existent’ Process of Gaberell Drachman (S/D).

nas gravações, principalmente entre os falantes mais velhos e menos escolarizados. O que mostramos nessa análise ainda não é conclusivo, pois resta investigar se as consoantes que se encontram próximas aos vogais alvos têm algum tipo de influência no resultado como proposto por Ohala (op. cit.) em seu estudo.

Quanto às consoantes, os traços que dissimilam são: [labial], [lateral], [nasal] e [-voz].

Nos dados em (144), vemos que duas consoantes labiais no ataque da sílaba não permanecem e o resultado é que a sílaba inicial passa para um som coronal bermuda > dermuda / baby doll > daby doll.

Em (145) a consoante lateral da sílaba inicial se torna nasal, pois já existe outra lateral na palavra, Lula > Nula.

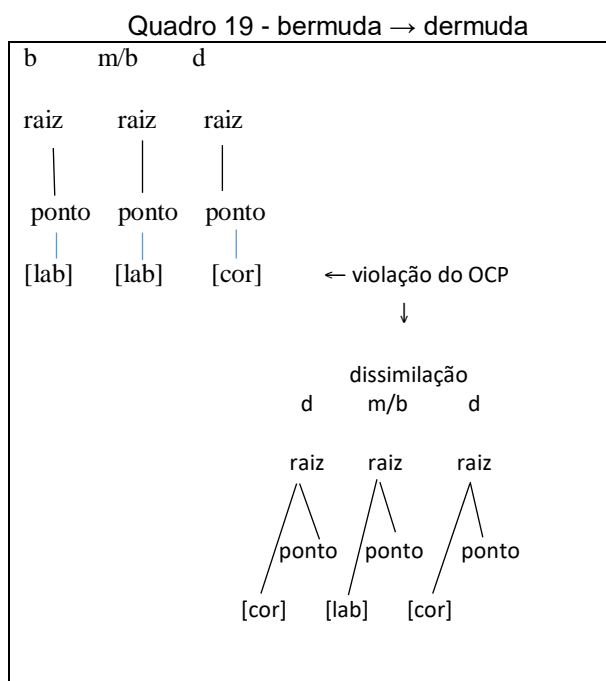
No exemplo (146) ocorre o contrário. A consoante nasal inicial se torna lateral porque já existe consoante nasal na palavra, Neimar > Leimar, Neidenir > Leidenir.

Já em (147) o traço [+lateral] passa a [-lateral] na palavra celular > cerular.

No único caso de dissimilação progressiva encontrado, (148), o traço [-voz] da consoante inicial da sílaba tônica dissimila com o traço [-voz] da consoante inicial da sílaba pretônica potrinho > podinho.

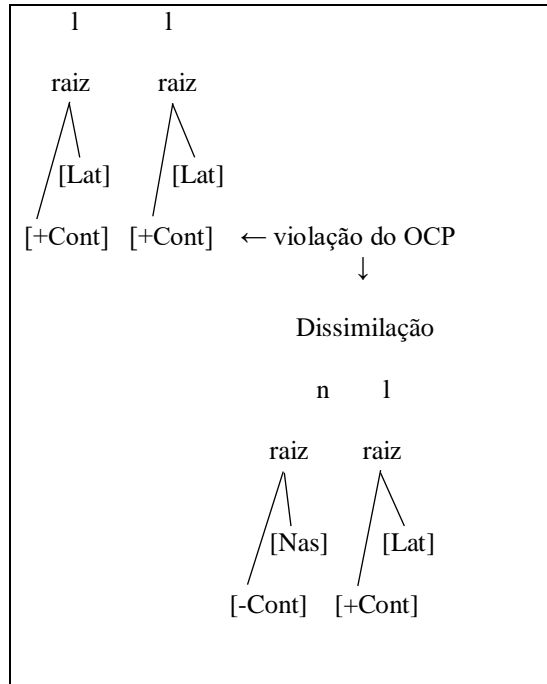
A dissimilação no Pafro-indJ envolve, dessa forma, no caso das vogais, os traços de altura, anterioridade/posterioridade e labialidade e no caso das consoantes as classes das obstruintes e soantes descontínuas vozeadas [b d m n], a classe das soantes [m n l] e a classe de obstruintes descontínuas desvozeadas [p t].

O processo de dissimilação consonantal tem como domínio a raiz e as consoantes que passam por ele encontram-se em diferentes pés. O processo dissimilatório das consoantes é apresentado abaixo



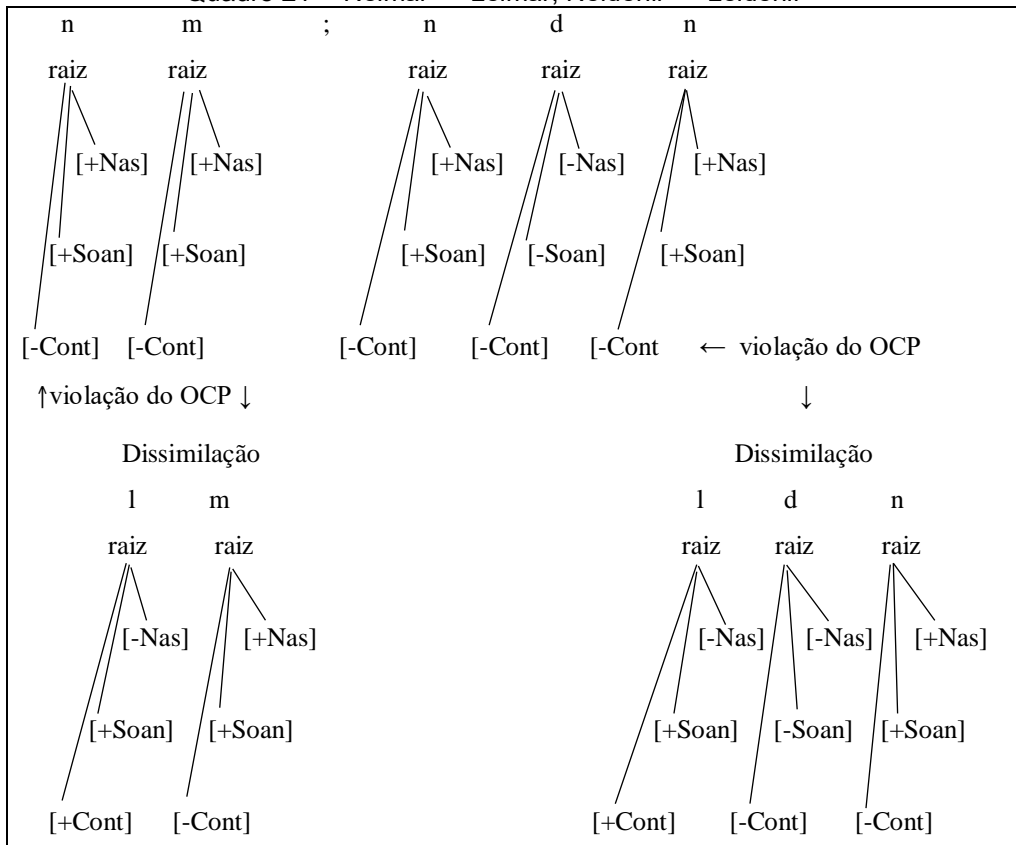
Fonte: elaborada pela autora

Quadro 20 - Lula → Nula



Fonte: elaborada pela autora

Quadro 21 - Neimar → Leimar; Neidenir → Leidenir



Fonte: elaborada pela autora

4.1.1.3. Processos que afetam a estrutura silábica

Blevins (1996, p. 206 - 220) nos apresenta um panorama sobre como a sílaba é vista na teoria fonológica e, conseqüentemente, nas línguas do mundo. Segundo ela, a sílaba é um constituinte fonológico porque há um vasto número de processos fonológicos e de restrições que tomam a sílaba como seu domínio de aplicação, mas também há propriedades fonológicas que tomam a sílaba como seu domínio, como é o caso do acento e do tom.

4.1.1.3.1. Processo de Metátese

A metátese é descrita como um processo irregular esporádico, mas existem línguas que mostram que esse processo pode ser completamente regular, como é o caso da língua Faroese, conforme Buckley (2011, p. 1).

Buckley (op.cit.) afirma que alguns tipos de metátese necessitam se referir ao contexto morfológico, ainda que a mudança específica seja expressa em termos de categorias (aspectos) fonológicas. Esse autor mostra os tipos de metátese que existem nas línguas. São eles:

1. Metátese Local: pode ocorrer nos ambientes CC, CV, VV e diz respeito a dois segmentos adjacentes que são intercambiados sem nenhuma mudança necessária em seus traços, apesar de que outros processos fonológicos possam ocorrer em seguida. Quando ocorre no ambiente CC, temos a metátese CC. Esse tipo envolve principalmente as sibilantes em *clusters* como /sk/ que passam a /ks/, como se vê nos dados de Faroese

(149) Masculino	Neutro	
fresk-ur	frɛks-t	'fresco'
rask-ur	raks-t	'energético'

A metátese CC envolve também ponto ou local de articulação, com algumas ordens de pontos sendo favoritas sobre outras, o que mostra que há fonotáticas ótimas e os processos envolvidos trabalham para a manutenção dessas.

Hume (2001, p.11) mostra que há três padrões de clusters permitidos: dorsal + coronal; dorsal + labial e coronal + labial; e três padrões não permitidos: *coronal + dorsal; *labial + coronal e *labial + dorsal. Quando em uma língua ocorre um desses padrões não permitidos, a metátese pode intervir para que o padrão permitido se instaure. A metátese CC atua ainda sobre o modo de articulação, sendo que os modos que participam mais frequentemente são as líquidas, as obstruintes não contínuas e também as sibilantes, como já citado anteriormente (Buckley, 2011 p. 5,6).

Há também a metátese local do tipo CV. Esse tipo é, sincronicamente, associado a contextos morfológicos específicos. A metátese CV pode levar ao reordenamento fonológico entre uma consoante e uma vogal. Esse tipo de metátese frequentemente está relacionado ao

contexto morfológico, ainda que possa ser explicado fonologicamente, segundo Buckley (op.cit. p. 6,7). Ainda na metátese CV há também o tipo de metátese de modelos (methatesis in template) que se aplica a línguas com morfologia descontínua, como é o caso das línguas semíticas (Buckley, op.cit., p. 8).

O tipo de metátese local VV com a troca de posição entre vogais é muito raro e os poucos exemplos que se tem poderiam ser reanalisados e explicados, possivelmente, por meio de outros processos, segundo Buckley (op.cit, p. 10, 11).

2. Metátese não local ou os efeitos não locais da metátese: mudança de segmentos não adjacentes, também chamada de metátese não contígua ou de longa distância, segundo Buckley (2011, p. 11). Esse tipo de metátese pode ser diacrônico ou sincrônico. Um exemplo de metátese não local diacrônica dado por Buckley vem do latim para o espanhol, na troca de posição entre [r] e [l]: *parabola* > palavra 'palavra'. Quanto à metátese não contígua sincrônica, Buckley (op.cit. p. 12) afirma "Typological surveys have claimed that permutation of non-adjacent segments does not occur as a regular synchronic process."⁵¹ Muitos casos de permutação sincrônica de sons são classificados como *spoonerismo*, mas para o autor até os erros de fala envolvem cadeias de segmentos, como ataques e rimas complexos. Buckley (op.cit., p.13) trata de um tipo de metátese, o deslocamento, que, segundo ele, se for classificado entre os tipos de metátese não contígua, o esperado é que não ocorra nas gramáticas sincrônicas das línguas. Para exemplificar, o autor cita o caso das líquidas do dialeto Occitano de Bagnères-de-Luchon, França, com dados de Grammont (1905): *kabra* > *krabo* 'cabrito'; *espingla* > *esplinga* 'alfinete'. O autor ressalta, no entanto, que são atestados casos de deslocamentos sincrônicos que afetam os traços laríngeos e faríngeos. O deslocamento não é considerado como metátese "pura" porque não ocorre a troca de local entre dois segmentos, mas apenas o deslocamento de um segmento para mais além de um segmento que se encontra na cadeia linear.
3. Buckley (op.cit. p. 14,15) mostra que há também processos relacionados à metátese, como o caso da palatalização na língua Zoque que nasce a partir do prefixo de 3ª. pessoa do singular {j-} que em {j-pata} passa a {p'ata} 'his mat'. O autor mostra que esse não é um verdadeiro caso de metátese e pode ser explicado de outra forma. Ele mostra também que esses processos relacionados podem envolver a infixação e também a imbricação, um fenômeno que ocorre nas línguas Bantu, como o Cibemba.

Após essas considerações sobre o processo de metátese, passamos à análise do fenômeno no Pafro-indJ, onde a metátese é assim descrita. Ocorre na grande maioria dos casos da direita para a esquerda. Não está relacionada a nenhum dos tipos mostrados no ponto 1 acima, em que sons trocam entre si. O que ocorre é apenas o deslocamento de um determinado som na cadeia linear, conforme visto no ponto 2 acima. Os sons envolvidos nessa mudança são, pela ordem de ocorrência: líquidas /r,l/ e a vogal /u/. O ponto de maior incidência

⁵¹ "Pesquisas tipológicas afirmam que a permutação de segmentos não adjacentes não ocorrem como um processo sincrônico regular." (Tradução nossa)

da metátese é o domínio da sílaba tônica, em segundo lugar é o da pretônica1, em terceiro a pretônica2 e em quarto lugar a pretônica3. Encontrou-se apenas uma ocorrência para a posição postônica1.

Os dados já analisados mostram que o processo é predominantemente aplicado em palavras que têm as condições necessárias para a aplicação:

- (a) No mínimo duas sílabas: *perto* > *preto*, *torcer* > *troce*, *amargo* > *armagu*
- (b) O som que vai mudar de posição pode estar tanto na sílaba tônica quanto na átona: *amargo* > *armagu*, *pergunta* > *pregunta*, *mostarda* > *mustrada*, *perturbado* > *pretubado* *açúcar* > *açucra* ⁵²
- (c) Os sons que mudam de posição são r, l, u: *porque* > *proque*, *pólvora* > *próvora*, *torcido* > *trocido*, *tábua* > *tauba*
- (d) Os sons consonantais que estão nas sílabas onde se encontram o som que vai se mover sempre pertence à classe das obstruintes ou à classe das soantes descontínuas desvozeadas: *perturbado*, *amargo*, *torcido*, *fervido*. A análise sobre o comportamento das obstruintes vozeadas ainda não está concluído, mas podemos afirmar que elas dificilmente recebem a líquida deslocada. Os poucos casos são com as obstruintes /d/ e /v/: *cadastro* > *cadrasto*, *pedestre* > *pedreste*, *fervido* > *fevrido*. Não ouvimos casos com /b/ e /g/, como em *bermuda* > **bremuda*, *pergunta* > *pegrunta*⁵³
- (e) As vogais das sílabas de onde os sons vão sair e as de onde eles irão se alojar parecem não importar.
- (f) Os pontos de articulação das sílabas que recebem as líquidas deslocadas são três: labial, coronal e dorsal /p,f,v/, /t, d/, /k/. No caso da vogal /u/ que muda na palavra *tábua* > *tauba*, o resultado da mudança vai para a coda, aumentando o peso silábico na tônica e desfazendo o ditongo decrescente um tanto quanto atípico nessa variedade.
- (g) Dentre as obstruintes, as descontínuas são as que mais recebem a líquida deslocada /p,t,d,k/, como se vê em *porque* > *proque*, *torcido* > *trocido*, *cadastro* > *cadrasto*, *açúcar* > *açucra*.
- (h) Como a tendência maior é o deslocamento da direita para a esquerda, o resultado na palavra 'pergunta' que é 'pregunta' e não *pegrunta* ou *peguntra* poderia ser explicado sem muita dificuldade. No entanto, um dado como *fervido* > *frevido* > *fevrido* demonstra que a tendência para o deslocamento à esquerda não é absoluta, o que leva, então, a postular que o deslocamento não se aplica nesse caso por outra razão. Em Hora, Telles

⁵² Na palavra *açúcar* a metátese é aplicada na sílaba postônica, pois a sílaba tônica não oferece a condição de onset ótimo para o deslocamento. Se o deslocamento fosse feito para a coda, teríamos o resultado *açúrca* [a'surka] que não parece ser tolerado pelo Pafo-indJ, pois viola a ótima CV que é a preferida da variedade. Maximizar, então o ataque da postônica parece ser a opção mais viável, pois também está gravitando em torno da tônica e a direção do deslocamento continua sendo da direita para a esquerda. Outra possibilidade é deslocar a vibrante para a pretônica [ar'suka] ou então fazer a elisão de [r] > [a'suka] que é uma forma também encontrada na Pafo-indJ.

⁵³ O caso de *pergunta* > **pegrunta* é explicado em (h) mais adiante.

e Monareto (2007, p. 192) vemos três exemplos que podem dar uma motivação mais plausível para o não deslocamento em *pegrunta. Os exemplos são: tigre > trige, gangrena > grangena e vinagre > vrinage. Com esses dados, pensamos ser possível postular que, no Pafro-indJ, a consoante com os traços [dorsal] e [+voz], /g/, não seja considerada “apta” para receber o som deslocado para a tônica à direita e, por isso ocorre fevrido, mas não ocorre *pegrunta.

- (i) A metátese de [r] em coda pode não ocorrer se estiver antes da sibilante /s/; o que ocorre é, preferencialmente, o apagamento. Quando a sílaba seguinte não é ditongada, além do apagamento, ocorre o alongamento da vogal, como podemos ver nos dados

(150) pa:'sɛla 'parcela' (151) pe:segi'sãw 'perseguição'

(152) pa'seiru 'parceiro' (153) 'te:su 'terço'

(154) te'seiru ~ te'seru 'terceiro'

Há alguns dados registrados em que o deslocamento de [r] ocorre antes de /s/, mas essas palavras podem também ser pronunciadas com o apagamento e alongamento da vogal

(155) tro'sidu ~ to:'sidu 'torcido' (156) tro'se: ~ to:'se: 'torcer'

- (j) O deslocamento à direita não é o preferido, mas pode ocorrer apenas até o limite da sílaba tônica. Os dados demonstraram que a posição postônica final parece não aceitar sílabas com ataque complexo e também parece não aceitar codas que não sejam fricativas. Se uma palavra tem um [r] em posição de coda no final da palavra duas são as estratégias: (a) o apagamento ou (b) a mudança de [r] para [x]⁵⁴. Os dados que confirmam são

(157) kũ'madzɪ 'comadre' (158) kũ'padzɪ 'compadre' (159) kox'tʃix 'curtir'

O dado (165) pode levantar uma questão sobre a mudança de [r] para [x]. Como saber se nessa posição a subjacência não é a obstruinte /x/? A resposta pode vir por meio da palavra 'carne'. Nessa palavra, pode ocorrer a metátese ou o apagamento, 'karne > 'krane; 'karne > 'kane.

Na palavra /a'sukra/, no entanto, o processo ocorreu na sílaba postônica final e não foi aplicado nem na tônica, /a'surkra/ nem na pretônica, */ar'suka/. A razão do segmento deslocado se alojar na sílaba postônica parece ser porque essa é a única sílaba que tem um ataque apto a receber o /r/, pois a tônica tem uma fricativa que não forma cluster com o tepe. Se o tepe fosse deslocado para a coda da sílaba pretônica ou tônica, emergiriam as sílabas [ar] e [sur], criando-se uma coda. Uma das motivações para a metátese no Pafro-indJ é a de não ter coda, por isso o segmento que está nessa posição é deslocado, sobrando como última alternativa para o deslocamento o ataque da postônica.

⁵⁴ Não tratamos dos especificamente de casos de neutralização entre /r/ e /x/ nesta tese, pois assumimos, de acordo com D'Angelis (2002), que o Pafro-indJ faz contraste entre as consoantes especificadas /r/ e /x/ e tem um arquifonema não especificado /R/ que na posição de coda pode se manifestar tanto como [r] quanto como [x].

- (k) Fizemos um teste de leitura com uma participante escolarizada (nível superior) com uma lista de palavras conhecidas do léxico português, com uma palavra não conhecida entre elas

(160) ala'bastro > ala'brasto

A palavra 'alabastro', assim como 'cadastro' e 'pedestre' tem o /r/ deslocado para a sílaba contígua à esquerda, resultando em alabrado. Esse resultado pode evidenciar a intervenção do OCP — Princípio de Contorno Obrigatório que é ativado quando segmentos adjacentes compartilham traço(s). A consoante 2 do cluster C₁C₂ se desloca, em palavras com a estrutura CV.CVs.C₁C₂ que se manifesta como [s.tr]. Nesse caso temos duas consoantes obstruintes com o traço [coronal] e uma [soante] também com o traço [coronal], adjacentes. Uma dessas /s/ é heterossilábica e duas são tautossilábicas /tr/ e formam um cluster consonantal em sílaba postônica final, possivelmente não aceito pela gramática da variedade. Essa possibilidade de intervenção do OCP, no entanto, não se aplica à palavra mus'trada que nasce de mos'tarda. A explicação para a não intervenção do OCP é que mus'trada entra para o Pafro-indJ pelo processo de metátese com a motivação de desfazer a coda [-Cont] em 'mos'tarda'. A palavra 'mostarda' é diferente de 'cadastro' e 'pedestre'. A estrutura de 'mostarda' é CVs'CVr.CV e o encontro consonantal [s.t] é heterossilábico e não está em sílaba postônica. O resultado 'mustrada' passou pelo processo de metátese, assim, a intervenção do OCP a ela não se aplica. Palavras como 'ministro' [ministo], 'registro' [registo] que têm o /r/ apagado e [abóbora] e não *[abobra], corroboram esse postulado de que o impedimento de cluster [s.tr] em limite e início de sílaba átona final pode ser mesmo intervenção do OCP. A palavra *[ka'dastro] do PB não é falada com o ataque complexo na última sílaba nem mesmo no entorno de Jurussaca. Quando comparamos as palavras 'cadastro', 'registro', 'pedestre', 'ministro' com 'padrão' e 'patrão' vemos que a proibição não funciona para estas duas, o que pode atestar que a posição de tônica final tem influência.

Van Goch (2010, p. 36) afirma que as restrições do OCP são universais e a forma como são aplicadas depende de cada língua, ou seja, são línguas específicas. Na seção de análise com o aporte da Otimidade retornaremos a esse ponto.

4.1.1.3. 2. Processos de epêntese ou inserção de sons

No Pafro-indJ encontramos processos de epêntese ou inserção de sons tanto de vogais quanto de consoantes. O termo epêntese será aqui usado para se referir aos três processos de acréscimo de sons: prótese (no início da palavra) epêntese (no meio da palavra) e paragoge (no final da palavra). Esses processos, normalmente, se relacionam com a estrutura silábica da língua. Atuam para manter ou restabelecer padrões silábicos aceitáveis ou para evitar aqueles que a língua não aceita.

4.1.1.3.2.1. Epêntese de vogais

A epêntese vocálica é vista tradicionalmente como um processo que visa quebrar, desfazer encontros consonantais indesejados nas línguas, mas há também processos de epênteses que quebram encontros consonantais de determinado perfil de sonoridade ou determinados encontros consonantais de determinadas classes (Flemming, 2008, p. 1-3).

O termo epêntese vocálica, segundo Hall (s/d, p.1), pode se referir a qualquer processo em que uma vogal é acrescentada a uma palavra. Ainda segundo essa autora (p.1), a epêntese vocálica varia muito em suas características e muitos aspectos de sua tipologia ainda não são entendidos, pois esse é um processo heterogêneo. Quanto à função da epêntese vocálica, Hall (p.1) afirma que na maioria dos casos, trata-se de reparar um input que não está em conformidade com o que é requerido estruturalmente pela língua. Uma outra razão para a epêntese vocálica seria trazer a palavra para o tamanho mínimo requerido pela fonotática da língua, pois algumas línguas requerem que cada item lexical tenha no mínimo duas moras ou duas sílabas (Hall, op.cit., p.2). A estrutura métrica da palavra pode também afetar a epêntese vocálica, como é o caso do Galego, no qual o acento interfere na inserção.

Uma outra questão relativa à epêntese vocálica é sobre a qualidade da vogal inserida. Hall (op.cit., p.6) afirma que a vogal mais frequente na epêntese é a vogal [i], mas também pode ocorrer [ə], [a], [i] e [e]. Pode ocorrer também que a vogal inserida seja a cópia de uma vogal adjacente, resultando na harmonia vocálica; a vogal adjacente pode ser copiada da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita, dependendo da língua. Hall (op.cit., 7) afirma que, em raros casos, a vogal epentética copiada depende tanto da vogal como da consoante adjacente. Ela também mostra que Kawahara (2007, apud Hall, op.cit., p. 7) aponta duas diferenças básicas entre os tipos de cópia. Primeiro, a vogal copiada sempre está numa sílaba adjacente. Segundo, a cópia da vogal epentética, principalmente em empréstimos, é bloqueada quando determinados tipos de clusters intervêm. A vogal epentética pode também diferir das vogais lexicais, apesar de estar subjacentemente ligadas a essas, de acordo ainda com Hall (p. 6,7).

No Pafo-indJ temos as seguintes palavras nas quais ocorre a epêntese vocálica:

(161) lembrei > alembrei	[alēm'brej]
(162) louvar > alouvar	[alow'va]
(163) mostrar > amostrar	[amos'ta]
(164) voar > avoar	[avo'a]
(165) respeitar > arrespeitar	[axespej'ta]
(166) depois > adepois	[ade'pojs]
(167) doar > adoar	[ado'a]
(168) talvez > talvez	[taw'vejs]
(169) pneumonia > pināmonia	[pināmū'nja]

(170) proibida > improibida	[ĩproi' bida]
(171) xerox > xéroka/i	['ʃɛroka, 'ʃɛroki]
(172) lajotado > alajotado	[alaʒo'tadu]
(173) croqui > coroqui	[koro'ki]
(174) trovão > turuvão	[turu'vãw]

A análise desses dados mostra que a epêntese vocálica no Pafro-indJ tem as seguintes características:

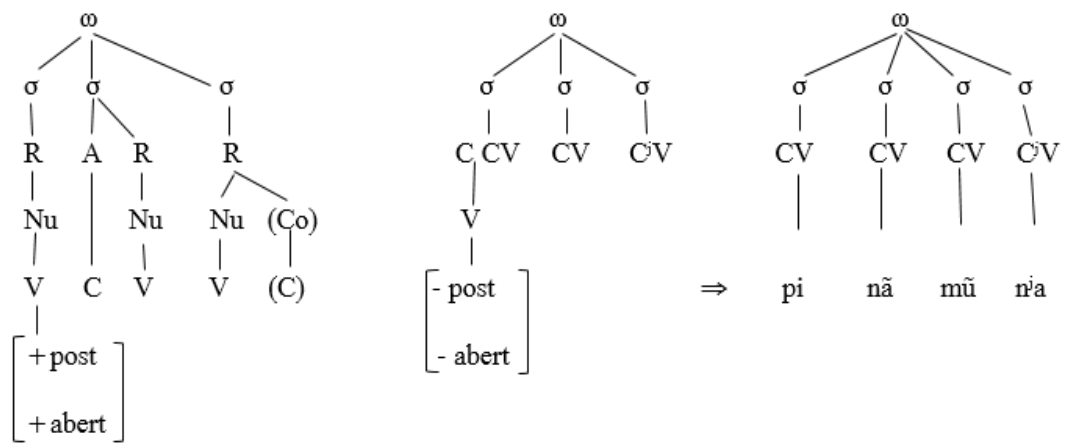
1. Pode ocorrer na posição inicial, medial ou final da palavra quando não é para desfazer clusters. Vemos nos dados 'alembrei', 'alouvar', 'avovar', 'amostrar', 'arrespear' 'adoar', 'adepois', 'improibida', 'talvez', 'xeroka~xeroki' que as vogais epentéticas são /i/ e /a/.
2. Se a epêntese ocorre para quebrar clusters, a vogal insere-se em clusters que ocorrem no início de palavra. Temos os exemplos pneumonia > pinãmonia, croqui > coroqui, trovão > turuvão. Nesses dois casos, temos três vogais diferentes inseridas, /i/, /o/ e /u/. No caso de croqui > coroqui e trovão > turuvão a vogal epentética é subespecificada e se harmoniza com a vogal da sílaba tônica da qual o ataque complexo foi desfeito, sendo a direção da harmonia da direita para a esquerda, o mesmo que ocorre na maioria dos casos de assimilação vocálica discutidos em 4.1.1.1. A vogal default do PB é /i/ e também no Pafro-indJ, pois quando ocorre o processo de apagamento, essa é a vogal que pode ser inserida para restaurar a estrutura silábica, conforme se vê no exemplo ['kwatʃi 'boka] que vem de 'Quatro Bocas' (um povoado próximo de Jurussaca). Esse processo envolvendo o apagamento de sons até chegar à epêntese de /i/ é demonstrado no quadro (31) na seção 4.2. Ocorre também o inverso, a epêntese de /i/, como no PB, em encontros consonantais evitados e depois o apagamento de som adjacente, resultando em uma palavra que se lexicaliza e mantém a vogal inserida, como no caso de cápisula > cápsula "cápsula", possivelmente, para não criar uma esdrúxula com o acento na quarta sílaba. Esse processo envolvendo epêntese e apagamento de sons também é demonstrado na seção 4.3.
3. Na maior parte dos dados em que a vogal /a/ é inserida no início da palavra, o ponto de articulação da consoante inicial é o coronal e o traço laríngeo é o [+voz], (l, d) seguido do labial e com traço laríngeo [+voz], em (m, v). No único caso com consoante labial desvozeada, a vogal inserida foi o /i/, no caso de 'improibida' que pode ser uma analogia ao prefixo {iN-} e que ocorre, possivelmente, por hipercorreção. Quanto ao dado 'arrespear', a inserção de /a/ se faz antes da obstruinte contínua dorsal [-voz], /x/. Nos dois casos em que houve a cópia da vogal da sílaba tônica, a C₁ do cluster pertence à classe das obstruintes descontínuas e ambas são [-voz] e C₂ é /r/, o que diferencia esse caso de 'pneumonia' em que C₂ é [n] e o que ocorre é a inserção de /i/. Esses dois casos indicam que a C₂ /r/ permite que os traços da vogal da raiz sejam

espalhados para a esquerda, enquanto /n/ não permite, por estar em um tipo de cluster /pn/ que não existe na fonotática do Português, conforme o que afirma Kawahara (2007, apud Hall, S/D, p. 7) sobre o bloqueio da cópia de vogal em palavras emprestadas.

4. A epêntese vocálica inicial e final no Pafro-indJ pode também ser explicada como uma estratégia para tornar palavras de duas sílabas em três sílabas, que pode ser o tamanho mínimo preferido nessa variedade. Essa hipótese é plausível e parece se adequar à análise do apagamento que fazemos na seção seguinte. Não temos ainda evidências empíricas conclusivas, mas podemos supor, com base nos processos de epêntese e apagamento, que o Pafro-indJ tem preferência por palavras nem muito longas nem muito curtas. Quando visitei a igreja para ver a reunião de jovens no domingo, durante a leitura que os jovens escolhidos para a liturgia faziam, percebi que eles cortavam sílabas das palavras do PB diminuindo seu tamanho. Um exemplo que me chamou a atenção foi a palavra 'descontentamento' que passou a 'destamento' com a elisão de duas sílabas. Escolhi dois desses jovens para participar de um teste de leitura e a tendência de diminuir a extensão da palavra se comprovou.

Apresentamos, a seguir, as figuras 10 e 11 com a representação autosegmental (simplificada) da epêntese vocálica no Pafro-indJ que sintetizam o que já foi explicitado em 1 a 4.

Figura 10 - Epêntese Vocálica (1)



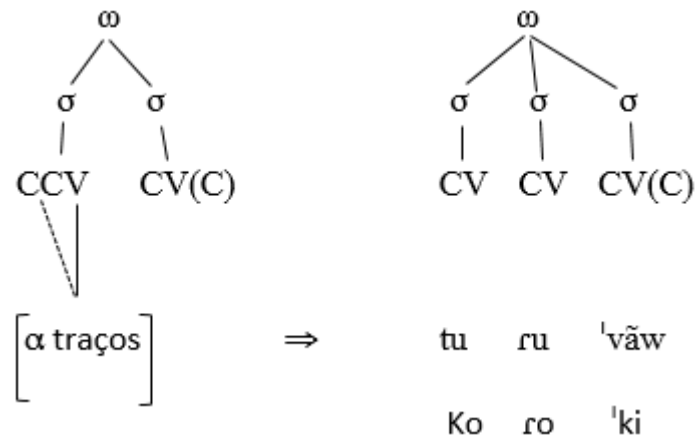
doar, voar ⇒ adoar, avoar

pneumonia ⇒

pinamonia

Fonte: elaborada pela autora

Figura 11 - Epêntese vocálica (2)



Fonte: elaborada pela autora

Estas figuras abrangem os três ambientes da epêntese vocálica no Pafro-indJ. A representação em (10) para 'pneumonia' pode ser aplicada também a 'xéroca' e 'xéroqui', com a vogal epentética /i/ sendo inserida na sílaba final terminada em consoante não licenciada na variedade.

4.1.1.3.2.2. Epêntese de consoantes e/ou sílaba

A epêntese de consoante nas línguas do mundo é um fenômeno que comporta grande diversidade na escolha da consoante a ser inserida. VAUX (2001, p. 1) afirma que as consoantes tipicamente consideradas como epentéticas são [ʔ] e [t], mas há a possibilidade de outras consoantes serem escolhidas para a inserção. VAUX (2001, p. 1) afirma também que a partir de evidências empíricas de uma grande variedade de línguas, por meio de regras, uma língua pode escolher qualquer consoante para inserir. Esse mesmo autor (op.cit., p.1) pergunta que consoantes são escolhidas e por que são escolhidas. Segundo ele duas respostas têm sido propostas na literatura recente: (i) a consoante epentética default é uma coronal, de preferência [t]; (ii) a consoante escolhida na inserção regular é [ʔ], [h] ou um glide homorgânico. Outras consoantes são permitidas apenas pela atuação de restrições condicionadas morfológicamente. Outro ponto levantado por VAUX (op.cit. p.3) é que pode haver correlação entre inserção e elisão nas línguas e que essa correlação deve ser levada em conta na análise da epêntese consonantal.⁵⁵

Os poucos dados que coletamos com a epêntese consonantal (e de sílaba) são os seguintes:

(175) exagero > dizagero [dʒiza'ʒeru]

(176) diarreia > dizarreia [dʒiza'xeja]

⁵⁵ No inglês e no coreano essa correlação existe (c.f. Vaux, 2001)

(177) plantio > prantivo	[prã' tʃivu]
(178) gestão > digestão	[dʒizɛs' tãw]
(179) campainha > campajinha;	[kãpã' jĩna]
(180) Nair > Najir	[na' jix]
(181) açai > açají	[asa' ji]

Esses dados mostram a inserção das consoantes [d], [z], [v], [j] e [r] e da sílaba [di]. Não parece haver uma regularidade na inserção dessas consoantes e dessa sílaba e o processo não afeta um número significativo de palavras da variedade. Há três casos que podem se relacionar com a estrutura silábica e com a fonotática preferida do Pafro-indJ, nos casos da palavra 'dizarreia', 'campajinha' e 'prantivo'.

Nas palavras diarreia e campainha, a inserção de [z] e [j], respectivamente, cria o ataque da segunda sílaba que passa de V a CV.

Quanto a campainha > campajinha e açai > açají, o encontro vocálico com a configuração [V.i] não é muito tolerado e então a epêntese do glide funciona como estratégia para desfazer o hiato. No hiato com a configuração [V.u] a epêntese não ocorre. Neste caso, a estratégia para desfazer o hiato pode ser transformar [u] em glide, como na palavra 'saúva' e 'samaumeira' pronunciadas, respectivamente, como ['sawva] e [sãmãw'mera]⁵⁶. No caso de prantio, a epêntese ocorre na última sílaba onde o ditongo é desfeito e a palavra passa de prantio a prantivo, com CCVC.CVV a CCVC.CV.CV. Esse caso pode ser também um caso que surge da analogia de uma palavra como 'cultivo', por exemplo.

Com base nos dados acima, podemos afirmar que o Pafro-indJ não tolera ditongos crescentes e usa algumas estratégias para solucionar essas ocorrências, sendo a epêntese uma delas. Encontramos casos de flexão verbal com o hiato, como em [sã'ĩdu] 'saindo' e [kã'ĩdu] 'caindo' que não ocorrem a inserção do glide [j]. A hipótese para a não inserção é que talvez seja um processo que só se aplica a itens não verbais ou em contexto morfofonêmico. Esse é um ponto que necessita ser melhor investigado.

Os demais dados apresentados acima, como 'dizagero' e 'digestão' parecem ser casos de hipercorreção e foram encontrados em falas individuais de pessoas mais idosas. Tais casos de inserção podem se dar também pela analogia com o prefixo {des- ~ dzis-}, de 'des-arrumar', 'des-fazer', etc.

Nos três casos mais parecidos com a epêntese, 'dizarreia', 'prantivo' e 'campajinha', o modo de articulação de duas das consoantes é o mesmo, ambas são [obstruintes] e [+contínuas]

⁵⁶ A palavra 'saúva' foi coletada em um teste de leitura feito com um participante escolarizado, com nível Médio. A palavra 'samaumeira' (pé de samaúma) foi coletada em um relato com um participante não escolarizado.

(z, v) e no outro caso o modo é [aproximante] e o ponto é [coronal, +anterior] e em todos o vozeamento é o mesmo, ou seja, [+voz].

No PB temos o sufixo {-al} que pode dar a ideia de coletivo ou ajuntamento; esse sufixo ao ser afixado a uma raiz que termina em vogal, como 'mangue', 'café', recebe uma consoante epentética [obstruinte], [+contínua], [coronal] e [+voz], a consoante [z], como em manguezal e cafezal. No Pafro-indJ esse sufixo ao ser acrescentado não provoca a epêntese, mas a elisão da vogal da raiz, tornando-se 'mangal'. Na palavra 'formiga', em que o PB, para dar a ideia de ajuntamento, acrescenta o sufixo {-eiro}, resultando em 'formigueiro', também com a queda da vogal final da raiz, no Pafro-indJ o sufixo acrescentado é também {-al}, resultando em 'formigal', com a queda também da vogal final.

O PB elege uma consoante coronal como a consoante default para a epêntese. Vimos acima que o Pafro-indJ também insere consoantes [coronal], ou [z] ou [j], mas não podemos afirmar que essas sejam suas consoantes epentéticas *default*. A ocorrência da [labial] em prantivo poderia se dar por meio da assimilação do traço [labial] da vogal à direita, no ditongo desfeito, mas ainda não temos dados suficientes para provar que isso realmente ocorre.

O quadro abaixo mostra como a epêntese de consoante pode ser representada, de forma simplificada, com a TA. Ele demonstra que uma consoante é inserida entre uma sílaba CV e V [CV.V] resultando em [CV.CV]. Há a possibilidade de ser a consoante /z/ na subjacência e que pode se tornar /v/ ao assimilar o traço[labial] da vogal que a segue, como em plantivo⁵⁷, ou assimilar o traço de altura da vogal /i/ e se tornar /j/, como na palavra campajinha. Não podemos afirmar isso com certeza e preferimos não assumir que /z/ seja a consoante epentética subjacente. A ocorrência do glide homorgânico [j] está dentro do que é previsto translinguisticamente, conforme Vaux (op.cit.). Há, contudo, nesse caso da epêntese consonantal a necessidade de mais investigação, com outros contextos, lexicais e morfofonêmicos.

⁵⁷ Se **plantivo** surge por analogia a **cultivo**, essa possibilidade não se sustenta.

Quadro 22 - Epêntese de Consoantes

Epêntese de /z/	Epêntese de /v/	Epêntese de /j/
/z/ → ∅ / V-V	/v/ → ∅ / V-V	/j/ → ∅ / V-V
<p>dizarreia</p>	<p>prantivo</p>	<p>campajinha, açají, Najir</p>

Fonte: elaborada pela autora

4.1.1.3.2.3. Processos de apagamento ou perda de sons

Os processos de apagamento de sons geralmente estão relacionados aos tipos de sílabas permitidos em determinada língua ou variedade linguística. Segundo Blevins (1996, p. 220) há uma gama de processos fonológicos, como epêntese e elisão, que transformam tipos silábicos marcados em tipos não marcados, mas existem poucas regras, se é que existem, que consistentemente resultam em codas obrigatórias, onsets complexos obrigatórios ou codas complexas obrigatórias. Processos de inserção e de apagamento de sons tendem, então, a simplificar a estrutura silábica, direcionando-se a padrões não marcados que refletem as sílabas ótimas nas línguas do mundo.

Segundo Burquest (2006, p. 146) na maioria dos casos de apagamento o que motiva o processo é a preservação ou a restauração de sílabas ou padrões de palavras aceitáveis na fonotática de uma língua.

No Pafro-indJ, encontramos uma longa lista de dados com perda de sons. Essas perdas ou apagamentos ocorrem no início, no meio e no final da palavra. Dessa perda podemos ter como resultado:

(a) Monotongação:

(182) noite > notʃi (183) tranquilo > trankilo (184) tilápia > tilapa

(b) Mudança na estrutura silábica:

(185) quatro > quato (186) foragido > fragido (187) porque > pu:que

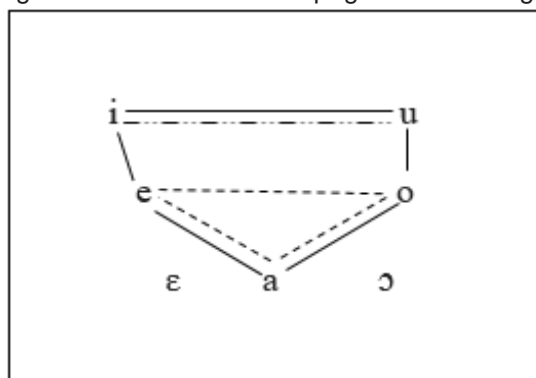
(c) Diminuição do número de sílabas:

(188) universidade > niversidade (189) aniversário > niversário

(190) pílula > piula (191) deles > des (192) árvore > a:vi

Os sons envolvidos no apagamento não são todos os sons possíveis da variedade, são apenas alguns: vogais /u/, /i/, /a/, /e/ e /o/, consoantes líquidas /l/ e /r/, obstruinte coronal vozeada /d/, soante descontínua /m/ e a obstruinte contínua desvozeada /s/. No quadro a seguir, vemos a geometria das vogais envolvidas no apagamento no Pafro-indJ.

Figura 12 - Geometria do apagamento de vogais



Fonte: elaborada pela autora

A geometria das vogais envolvidas no apagamento pode ser assim explicada: (i) todas as 5 vogais podem ser apagadas (linha contínua) em contextos que não ocorram ditongos; (ii) apenas as vogais altas /i/ e /u/ fazem parte de ditongos como a vogal menos proeminente, sejam crescentes ou decrescentes e também podem ser apagadas (linha com travessão e ponto); (iii) três vogais são as mais proeminentes nos ditongos e não podem ser apagadas /e, a, o/ (linhas pontilhadas), mas a vogal /u/ poderia ser incluída nesse grupo também por causa de apenas um dado, 'quando' > kundo onde mesmo não sendo a parte mais proeminente do ditongo, fica livre do apagamento que se aplica à vogal /a/⁵⁸; a vogal /i/ poderia ser também incluída nessa lista a partir do dado 'feitiço' que passa a **fitiço**, mas nesse caso a interpretação que se apresenta como mais condizente com o todo da análise é que nessa palavra ocorreria primeiramente a assimilação de /e/ tornando-se /i/ e logo em seguida o apagamento do [i] menos proeminente fiitiço > fitiço; (iv) ficaram de fora dessa representação as vogais baixas /ε, o/ com as quais não foram encontrados exemplos de apagamento.

Os dados demonstram que o ponto de articulação eleito para o apagamento é o coronal. Há também no Pafro-indJ, a forte tendência em se apagar soantes descontínuas em posição final de palavra. Observamos isso nas conjugações verbais, onde o morfema portmanteau de 3ª. pessoa do plural e pretérito imperfeito que no PB se manifesta com o ditongo nasal, com a consoante nasal subespecificada subjacente, no Pafro-indJ se oraliza, pois a nasal é totalmente apagada assim como a vogal mais proeminente, resultando apenas a vogal menos proeminente alçada ao status de vogal nuclear.⁵⁹

(193) ficam > fiku

(194) estavam > estavu

⁵⁸ Para resolver essa questão do apagamento de /a/ em quando > kundo, outra possibilidade de interpretação é que a vogal [u] assilábica na verdade está subordinada à consoante [k^w] e que ao ocorrer a queda da vogal [a] ocorreria a ressilabificação e o glide passaria, então, à posição nuclear como uma vogal posterior alta.

⁵⁹ Este caso é bastante parecido com o de [k^wando], onde a vogal que permanece é a assilábica. Nesses paradigmas verbais, a subjacência é /CVN/ que se manifesta como [C^Vw] na superfície. Interpretar a assilábica como glide e pertencente à coda e não ao núcleo parece também ser uma interpretação condizente com os dados. Ao se dar o apagamento de [a], o glide é elevado à condição de núcleo e se desnasaliza por não ter mais a vogal portadora da nasalidade de onde recebia o seu traço nasal.

(195) iam > iu

(196) faziam > faziu

Essa tendência também se nota nas palavras estrangeiras que vão sendo introduzidas na variedade. Durante o período que lá estive, assistia um determinado jornal de notícias junto com os moradores. Uma das pessoas, um senhor de mais de 70 anos, ao falar o nome do presidente americano que ouvira na notícia, dizia

(197) [trã:] 'Trump'

O quadro a seguir sintetiza o que afirmamos acima:

Quadro 23 - Consoantes envolvidas no apagamento no Pafro-indJ

		Obstruinte	Soante
Descontínua	Desvozeada		r N
	Vozeada		
Contínua	Desvozeada	s	l L
	Vozeada		

Fonte: elaborada pela autora

Consideramos agora os três resultados do apagamento anteriormente citados.

(a) Monotongação

O Pafro-indJ mantém inúmeras palavras com ditongos, essa regra de monotongação não é pervasiva na língua, ou seja, não apaga todos os ditongos existentes e até cria alguns pelo processo de epêntese. Como se explica, então esse tipo de perda de som? Pelos dados, a maior parte dos ditongos que se transformaram em monotongos são do tipo crescente: ua, ui, ia, mas também existem casos de ditongos decrescentes au, ai, oi ei, em que são apagadas apenas as vogais menos proeminentes:

(198) **Guarujá** > Gurujá

(199) tran**qui**lo > trankilo

(200) tilá**pi**a > tilapa

- (201) quando > kundu ~kandu⁶⁰
 (202) inaugurar > negurá
 (203) noite > notʃi
 (204) parapeito > parapeto
 (205) mais > mas

Quando se analisa os ambientes desses apagamentos, não é possível estabelecer uma regularidade a não ser a que foi descrita acima, que os ditongos crescentes são os preferidos para o apagamento. No entanto, mesmo a regra não sendo pervasiva, nota-se na variedade a tendência maior em direção ao processo de monotongação do que ao de ditongação. Uma hipótese para isso é que possivelmente duas tendências convivam sincronicamente em Jurussaca e mantêm a pressão tanto para uma quanto para a outra. Os falantes mais idosos tendem a falar menos ditongos que os mais jovens. A pressão parece se equilibrar entre o que vemos no restante do país, com algumas diferenças marcantes, no entanto, como no caso de **mais** > mas; **noite** > notʃi; **parapeito** > parapeto; **Guarujá** > Gurujá; **quando** > kundo~kando.

(b) Mudança de estrutura silábica

Os processos de apagamento do Pafro-indJ também levam à mudança na estrutura silábica. Sabemos que a sílaba ótima nessa variedade é a CV, mas outros padrões também estão presentes. Muitas palavras que têm sílabas CVC podem passar pelo processo de apagamento da coda, conforme se pode ver nos exemplos a seguir

- (206) sepultar > sepotar CV.CVC' CVC > CV.CV' CVC
 (207) perseguição > peseguição CVC. CV. CV' CVC > CV. CV. CV' CVC
 (208) atrás > atrá⁶¹ V' CCVC > V' CCV

Além do apagamento da coda, pode-se também apagar a consoante na segunda posição em onset complexo, C₁C₂, que tanto no PB, quanto no Pafro-indJ é uma líquida, /l/ ou /r/ ou o glide /w/ ou /j/.

- (209) quatro > quato 'CCV.CCV > 'CCV.CCV
 (210) vidro > vidu 'CV.CCV > 'CV.CCV
 (211) malandra > malanda CV' CVC.CCV > CV' CVC.CCV

O caso da palavra 'tilápia' que foi descrita na monotongação parece também aqui se enquadrar, pois pode ser silabificada de duas formas: (i) [tʃi'la.pi.a] ou (ii) [tʃi'la.pja]. A segunda forma tem evidências mais fortes para ser a silabificação ótima no Pafro-indJ, pois comporta um ditongo crescente que é apagado na superfície, [tʃi'la.pa]. Essa palavra se assemelha a 'comissário' que também passa pelo mesmo processo e resulta em [komi'saru].

⁶⁰ Essa pronúncia alternativa para quando/kundo pode ocorrer entre os falantes mais idosos. No caso de kundo, a vogal mais proeminente foi apagada, enquanto em [kando] foi a menos proeminente.

⁶¹ Esse foi o único exemplo encontrado com o apagamento de /s/ em posição de coda final.

Há ainda outras palavras que passam por mudança na estrutura silábica e também têm o número de sílabas reduzido.

(c) Diminuição do número de sílabas da palavra

Outro resultado do apagamento é a redução do número de sílabas de algumas palavras onde o processo ocorre. A extensão dessas palavras vai de duas até seis sílabas. Com o processo, podem passar de uma a cinco sílabas no máximo.

(212) universidade > niversidade V.CV.CVC.CV'CV.CV > CV.CVC.CV'CV.CV

(213) aniversário > niversário V.CV.CVC'CV.CV.V > CV.CVC'CV.CV.V

(214) energia > nergia V.CVC'CV.V > CVC'CV.V

(215) pílula > piula 'CV.CV.CV > 'CV.V.CV > 'CVC.CV

(216) deles > des 'CV.CVC > 'CV.CC > 'CVCC > CVC

(217) cápsula > cápisula > cápisla 'CVC.CV.CV > 'CV.CV.CV.CV > 'CV.CVC.CV

(218) mangue + -al > mangal 'CVN.CV. -VC > CVN.CV'VC > CVN' CVC

Há um outro efeito do apagamento que é o alongamento da vogal que se encontra à esquerda do (s) som (ns) apagado (s), como em 'árvore' ['a:vi]. Este caso e outros que encontramos não serão discutidos neste trabalho, pois necessitamos de mais dados para iniciar a análise desse fenômeno.

4.2. Proposta da Fonologia Lexical

Algumas das derivações resultantes do processo de apagamento apresentado na seção anterior são demonstradas nos quadros abaixo com o aporte da Fonologia Lexical. Fizemos esse recorte e não analisamos todos os tipos de processos vistos na seção da abordagem autosegmental.

Neste modelo de análise, são dois os componentes: o lexical e o pós-lexical (BISOL, 2017, p. 81-92; MOHANAN, 1986). O componente lexical tem como domínio a palavra e possui um conjunto de regras de aplicação categórica, com a interação entre fonologia e morfologia. O componente pós-lexical tem como domínio a frase e suas regras são fonológicas. O conjunto de regras lexicais e pós-lexicais pode trazer as mesmas regras, o que faz a diferença é como elas são aplicadas durante a derivação.

4.2.1. Componente Lexical

A análise segue os modelos de Mohanan (1986, p. 10, 49) e Bisol (2017, p. 89-90). As análises demonstradas nos quadros foram simplificadas. Assumimos que as palavras que passam pelos processos de apagamento são lexicalizadas na variedade, mas não entraremos nessa discussão neste trabalho.

Quadro 24 – derivação da palavra universidade > niversidadʒi

Léxico	/universi'dade/
Apagamento de /u/	∅
	/niversi'dade/
Pós -léxico	
Elevação de /e/	i
Palatalização de /d/	dʒ
	[niversi'da dʒi]

Fonte: elaborada pela autora

Quadro 25 – derivação da palavra árvore > a:vi

Léxico (Estrato Subjacente)	/'arvore/
Apagamento de /o/	'arv∅re
	'arvre
Apagamento de /r/ em onset	'arv∅e
	'arve
Apagamento de /r/ em coda	'ave
	/'ave/
Pós-léxico (Estrato de superfície)	
Alongamento compensatório	a:
Elevação de /e/	i
	['a:vi]

Fonte: elaborada pela autora

Quadro 26 – derivação da palavra cápsula > kápisla

Léxico (Estrato Subjacente)	/'kapsula/
Epêntese de /i/	'kapisula
Apagamento de /u/	'kapis∅la
	/'kapisla/
Pós-léxico(Estrato de Superfície)	['kapisla]

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 27 – derivação das palavras mangá e formigá

Léxico (Estrato Subjacente)	/mange-al/	/formiga-al/
Adjunção	Mangeal	formigaaal
Silabificação	man.ge.al	for.mi.ga.al
Apagamento VT	man.g∅.al	for.mi.g∅.al
Ressilabificação	man.gal	for.mi.gal
Acento	man'gal	for.mi'gal
Vocalização da lateral	man'gau	for.mi'gau
	/mangau/	/for.mi'gau/
Pós-léxico (Estrato de superfície)		
Apagamento de vogal final	man'ga∅	for.mi'ga∅
	[man'ga]	[for.mi'ga]

Fonte: elaborado pela autora

Os quadros apresentados demonstram o conjunto de regras que foram usadas no componente lexical do Pafro-indJ. Essas regras são:

- Apagamento de vogal
- Apagamento de /r/ em onset e em coda
- Epêntese de /i/
- Adjunção morfológica
- Silabificação
- Apagamento de VT
- Ressilabificação
- Atribuição de acento
- Vocalização de lateral
- Elisão de lateral

4.2.2. Componente Pós-lexical

Segundo Goldsmith (1996, p. 9) as regras pós-lexicais se localizam em um componente próprio, separado das regras lexicais. Os processos pós-lexicais ocorrem, geralmente nas fronteiras das palavras e estão fora do escopo das derivações lexicais, pois já passaram pelo léxico e não estão dentro do componente lexical da gramática da língua e seu *output* não deriva regras com identidade lexical. Bisol (2017, p. 81) afirma que no componente lexical fonologia e morfologia interagem, enquanto que no componente pós-lexical a interação não ocorre. As regras pós-lexicais também não têm valor na distintividade. Muitos dos processos pós-lexicais que ocorrem no Pafro-indJ também ocorrem em outras áreas linguísticas do Brasil e são comuns até mesmo nas variedades menos marcadas. Alguns desses são facilmente identificados como pertencentes ao nível do pós-léxico, enquanto outros não.

(219) Acho quinda tem cavão aí [.aʃu'kĩnda,tẽjka'vãw a'i] 'Acho que **ainda** tem carvão aí'

Nesse caso não parece haver dúvida de que o que está ocorrendo nas fronteiras de palavras é o fenômeno de sândi externo. Temos a palavra ['kĩnda] que surge por meio da elisão

de /e/ e /a/. A elisão apaga a primeira vogal à esquerda e a primeira à direita. No PB a vogal que mais é afetada pela elisão é a vogal /a/, segundo Collischonn (2007: 212), mas outras vogais também podem ser afetadas.

(220) É esse qui vivi cãmãe [ˈɛ esi, ki vi, vi kã ˈmã] ‘É esse que vive **com** a mãe’

(221) Tave eísta noiti [ta, ve əi, ista ˈnojtʃi] ‘(Es)tava **aí esta** noite’

Nesses dois exemplos acima temos novamente a elisão. Em (220) ela ocorre na fronteira entre a preposição ‘com’ e o artigo ‘a’ resultando em [kã], que possivelmente tem a nasalidade espreada pela soante descontínua /m/ que a segue; no exemplo (221) temos a elisão no início da sentença e a assimilação vocálica [əˈi ista] ‘aí esta’ que nunca ouvi relatada em outras áreas do país.

As demais formas que, aparentemente, podem ser facilmente identificadas como resultados de processos pós-lexicais, podem causar alguns questionamentos. A palavra para casa de farinha ou casa do forno e banda de lá são, respectivamente

(222) caduforno [ˌkadu ˈfoxnu] ‘casa do forno, casa de farinha’

(223) bandilá [ˌbãndʒi ˈla] ‘banda de lá’

que nascem a partir do processo de elisão da sílaba átona da palavra que carrega o acento secundário. Em nenhum momento ouvi alguém dizer ‘casa do forno’ ou ‘banda de lá’ e quando eu repetia a forma do PB eles pareciam não entender perfeitamente, parecia soar estranho.

Quadro 28 - derivação de caduforno e bandilá

		/ ˈkaza do ˈfoRno/	/ ˈbaNda de ˈla/
Léxico	Elisão de /a/ átono	∅	∅
		/ ˈkaz do ˈfoRno/	/ ˈbaNd de ˈla/
	Elisão de coda obstruinte coronal	∅	∅
	Ressilabificação	ˈka.do. ˈfoR.no	ˈbaN. de ˈla
	Reorganização de acento	/,ka. do. ˈfoR.no/	/,baN. de ˈla/
Pós-léxico	Nasalização da vogal	—	ã
	Elisão de Nasal		∅
	Especificação do arquifonema /R/	x	
	Elevação de vogal média átona	u u	i
	Palatalização de /d/	—	dʒ
	Saída	[ˌka. du. ˈfox.nu]	[ˌbã. dʒi ˈla]

Fonte: elaborado pela autora

Como são poucos os casos observados, não se pode concluir se a regra de alongamento compensatório que surge após o apagamento de vogal e da lateral e também da rótica, ocorre no nível lexical ou no pós-lexical. Vejamos os dados a seguir

(224) ˈde:s ˈdeles’

(225) 'e:s 'eles'

(226) 'a:vi 'árvore'

Quadro 29 - derivação de e:s e de:s

		'ele + -s	de # 'ele +-s
Léxico		/ 'eles/	/de 'eles/
	Elisão de /e/ átono	∅	∅ ∅
		/ 'els/	/d 'els/
	Reorganização de acento	-	'd
		/ 'els/	/ 'dels/
	Elisão da lateral	∅	∅
Pós-Léxico		/ 'es/	/ 'des/
	Alongamento Compensatório	:	:
	Saída	['e:s]	['de:s]

Fonte; elaborado pela autora

Outras palavras nas quais também ocorrem processos pós-lexicais, mas que não levantam muitas dúvidas quanto a se pertencem ou não a esse componente, são quatuboca ~ quatiboca e Santereza. Nessas palavras não se nota um item lexical novo, mas apenas uma forma que recebe processos pós-lexicais, pois elas são faladas em suas formas não elididas como “Quato Bocas” e “Santa Tereza”⁶². A derivação, então, seria diferente das anteriores.

(227) quatuboca ~quatiboca [,kwatu' boka] [,kwatʃi' boka] 'Quatro Bocas'

(228) Santereza [,sãnte' reza] 'Santa Tereza'

⁶² Afirmar que o processo é pós-lexical não invalida a possibilidade de essas palavras se lexicalizarem no Pafro-indJ.

Quadro 30 - derivação de quatuboca ~quatiboca

Léxico		Quatro Bocas
		/ˈkwatro ˈbocas/
	Elisão de C ₂ no cluster átono	∅
Pós-léxico		ˈkwato ˈbocas
	Apagamento Coda	∅
		ˈkwato ˈboka
	Elevação de vogal média	U
	Saída	ˈkwatu ˈboka
	Elisão de /u/	∅
	Epêntese de /i/	ɪ
	Apagamento do acento na margem esquerda	∅
	Palatalização de /t/	tʃ
	Saída	[kwatʃi ˈboka]

Fonte: elaborado pela autora

Quadro 31 - derivação de Santereza

Léxico		Santa Tereza
		/'saNta te'reza/
	Elisão de vogal átona na palavra à esquerda	∅
Posléxico		'saNt te'reza
	Elisão de C ₂ no cluster átono	∅
		'saN te'reza
	Nasalização da vogal	ã
	Apagamento Coda	∅
		'sãte'reza
	Saída	'sãte'reza
	Apagamento do acento na margem esquerda	∅
	Saída	[sãte'reza]

Fonte: elaborado pela autora

As regras depreendidas no componente pós-lexical são:

- Harmonia vocálica nasal
- Apagamento de coda nasal
- Especificação do arquifonema /R/
- Elevação de vogal átona
- Palatalização de oclusiva [coronal]
- Alongamento compensatório de vogal.

4.2. Propostas da Otimidade

Nesta seção o objetivo é fazer uma análise de alguns fenômenos que foram tratados na seção anterior. O tratamento será feito com o aporte da Teoria da Otimidade.

A variedade de Jurussaca apresenta processos fonológicos de inserção e apagamento de sons e também a metátese, além dos processos assimilatórios e dissimilatórios que na Otimidade vão ser interpretados como restrições, alguns deles como restrições de fidelidade, outros de marcação. Segundo Matzenauer e Miranda (2010, p. 26,27) são dois os tipos básicos de restrições na TO: as restrições de fidelidade, que têm como função a preservação do *input* e as restrições de marcação, que descrevem como se configura o *output*. Sobre as duas famílias de restrições e suas relações com os traços, as autoras afirmam que estes, quanto às restrições de fidelidade, integram aquelas que têm como foco a relação entre *input* e *output*. Quanto ao status dos traços nas restrições de marcação, as autoras dizem

O status dos traços nas restrições de marcação seguirá os status a eles atribuído nas restrições de fidelidade: se, nas restrições de fidelidade, o tratamento dado aos traços for de atributo dos segmentos, por exemplo, a mesma abordagem deve ser estendida ao tratamento dos traços nas restrições de marcação. (MATZENAUER e MIRANDA, 2010, p. 31,32).

A TO segue, então, para seus fins a teoria autosegmental. Não vai focar em regras, mas em restrições e, para tal, lança mão do suporte que a Teoria Autossegmental tem a oferecer na elaboração das restrições que operam em determinada gramática.

A TO, segundo Cagliari (2002, p. 132), trabalha com os dados de superfície que são fornecidos pelo uso comum da língua. Na TO, esses dados de fala são, na teoria, o *output* que também é denominado de S_2 . Por outro lado, aquilo que outras teorias de base gerativa denominam de *input*, na TO diz respeito apenas a um tipo de “forma base” de acordo ainda com Cagliari (2002, p. 133). Esse autor diz

O input representa a estrutura da língua na sua forma mais básica e o output representa os usos dessas estruturas. A TO é uma teoria que opera essencialmente sobre o fenômeno de variação linguística, levando em conta apenas dados linguísticos. O input pode ser também um modelo descritivo (um padrão prosódico) como um tipo de pé métrico, com relação ao qual os enunciados deverão ser avaliados. (CAGLIARI, 2002, p. 133)

Prince & Smolensky (1993, p. 6) afirmam que todas as variantes possíveis são produzidas pelo Gerador (GEN) e são avaliadas paralelamente; eles afirmam também (op.cit) que as restrições fornecidas pela Gramática Universal são simples e gerais e que as diferenças

interlinguísticas nascem da permutação das restrições no ranqueamento. Nessa perspectiva, a tipologia linguística é o estudo do escopo dos sistemas que o re-ranqueamento permite.

A variedade afro-indígena de Jurussaca é uma variante do Português do Brasil, não é considerada uma língua crioula, mas uma variedade com características de língua parcialmente reestruturada. Não retornaremos a essa discussão nesta seção, no entanto. Como variedade do PB, assumimos que terá com este similaridades, mas, enquanto uma variedade afro-indígena, terá também diferenças. A análise de fenômenos fonológicos que apresentamos nesta seção deve refletir, então, a fala dessa variedade. Como a TO, em sua arquitetura, necessita definir seu *input*, vamos optar por palavras que ouvimos dentro da comunidade e com os participantes da pesquisa que forneceram os dados. Assim, o *input* e o *output* serão aqueles ouvidos e falados na variedade. Na análise autosegmental da seção 4.1., os processos foram apresentados em sua relação com o PB que tomamos como *input* na maior parte da análise. Nesta seção, na maior parte da análise, o *input* tomado será aquele do Pafro-indJ. Nessa perspectiva, alguns dos processos vistos naquela seção já não serão tratados, necessariamente, com os mesmos dados e nem refletirão os mesmos resultados. Na TO não existem níveis intermediários nem um sistema de regras para intermediar a relação entre *input* e *output*; o que existe é um conjunto de restrições violáveis e que têm sua importância na hierarquia do ranqueamento.

Battisti (1998, p. 60) afirma que a TO procura responder questões que dizem respeito à relação entre o *input* e o *output*. Ela afirma ainda (op.cit., p. 62) que “restrição não é uma verdade fonotática válida apenas em um dado nível descritivo de uma língua.” A restrição é um componente da Gramática Universal (GU).

As restrições na TO têm que ser violadas. McCarthy (2007b, p. 1-4) diz que as fonologias baseadas em regras supunham que as restrições do *output* nunca eram violadas. McCarthy (op.cit.b, p. 1-7) diz ainda que a função de uma restrição é atribuir as marcas de violação aos candidatos. As marcas de violação são escritas com os asteriscos (*). A cada violação é atribuída uma marca, assim, um candidato pode ter várias marcas de violação de restrições e o vencedor é aquele que cometeu menos violações no *ranking* estabelecido para o Avaliador (EVA) avaliar. As marcações no *tableau* incluem os asteriscos e também a combinação destes com um ponto de exclamação (!) para indicar que a violação cometida é fatal e eliminatória. Toda a análise da TO é desenvolvida em *tableaux* que fazem parte da arquitetura da teoria, assim como as árvores fazem parte da Teoria Gerativa. O *tableau*⁶³ possui quatro partes: (i) a parte do *input*, (ii) a parte das restrições; (iii) a parte do *output* (candidatos) e (iv) a parte onde são indicadas as violações das restrições por parte dos candidadtos.

Iniciaremos esta seção com a análise da sílaba e dos processos que têm relação com a estrutura silábica. Em seguida veremos os processos de assimilação e dissimilação.

⁶³ Como serão muitos os *tableaux*, na análise não marcaremos mais as palavras *tableau/ tableaux* com itálico.

4.2.1. O acento, a sílaba e os processos que têm relação com a estrutura silábica

O acento no Pafro-indJ é muito similar ao do PB, por isso seguiremos a proposta de Lee (op.cit., p. 143), conforme o resumo dado por ele quanto ao acento do Português do Brasil. Lee afirma que

- (i) A abordagem da TO dispensa os vários níveis de extrametricalidade estipulados em outras abordagens.
- (ii) O acento do verbo em português não é sensível ao peso silábico, enquanto o acento do não-verbo é sensível ao peso silábico.
- (iii) Os acentos irregulares são marcados subjacentemente e uma restrição de fidelidade, IDSTRESS, garante o acento das proparoxítonas e das paroxítonas.
- (iv) O acento do verbo se sujeita ao ranqueamento estabelecido no não-verbo, mas o acento proparoxítono do verbo só pode ser obtido pela introdução de uma restrição de marcação PU que ajusta o acento para a vogal temática do verbo.
- (v) O deslocamento se explica pela restrição *CLASH.
- (vi) O acento do português é determinado pelo ranking: ROOTING, IDSTRESS, *CLASH >> PU⁶⁴, ALIGN >> FTBIN, TROQUEU, FT-R >> WSP⁶⁵, IAMBO, PARSE.

Apresentamos a seguir algumas evidências desse resumo de Lee nos tableaux a seguir somente para itens lexicais não verbais.⁶⁶ Fazemos um *tableau* para cada posição acentual: paroxítona, proparoxítona e oxítona, com *inputs* do Pafro-indJ, mas alguns coincidem com o PB.

Tableau 01 - Paroxítona - /fraʒidu/ 'foragido'

l: /fraʒidu/	FT-R	PARSE
a. fra (ʒidu)		*
a. (ʒidu)	*!	*
b. (fraʒ)du	*!	*
c. fra(ʒ)du	*!	*

Este tableau demonstra que todos os candidatos violam a restrição PARSE por deixar uma sílaba sem ser escandida. Outros três candidatos (b), (c) e (d) violam fatalmente a restrição mais alta que diz que o pé da palavra deve ser à direita. O candidato vencedor (a) viola apenas a mais baixa do ranking por não escandir a sílaba 'fra'.

⁶⁴ Segundo Lee (op.cit., p. 139) a restrição PU – Paradigm Uniformity diz “acentue a vogal temática nas formas verbais do tempo passado.”

⁶⁵ A restrição WSP diz “sílabas pesadas são acentuadas”.

⁶⁶ A análise do acento nos verbos deverá ser feita em trabalhos posteriores, com mais dados, pois o que temos não é suficiente para afirmar nada conclusivo.

Tableau 02 - Proparoxítona - /'kapisla/ 'cápsula'

I: /'kapisla/	IDSTRESS	ALIGN	TROQUEU	FT-R	WSP
a. ka('písla)	*!				
b. (ka'pí)síla	*!		*	*	
c. ('ka)písla		*		*!*	
d. ☞('kápis)íla		*		*	*

O candidato vencedor (d) viola três restrições não fatais, sendo que duas delas TROQUEU e FT-R não estão em dominância uma em relação a outra. Os candidatos (a) e (b) violam a restrição mais alta, IDSTRESS e são fatalmente punidos, enquanto o candidato (c) viola uma vez ALIGN, duas vezes FT-R e viola também WSP, somando mais violações que o candidato ótimo (d). O *ranking* foi:

IDSTRESS >> ALIGN >> TROQUEU; FT-R >> WSP

Tableau 03 - Oxítona /taka'ka/ 'tacacá'

I: /taka'ka/	ALIGN	TROQUEU	FT-BIN	FT-R	PARSE	IAMBO
a. taka('ká)}			*		**	
b. ☞ta(ká'ká)}		*			*	
c. (ta'ká)ká}	*!	*		*	*	
d. ta('káka)} ⁶⁷	*!				*	*

No tableau (03) vemos que dois candidatos, (c) e (d) cometem violações fatais ao violar ALIGN que é a mais alta do *ranking*. O candidato (a) comete duas restrições, sendo que uma delas é violada duas vezes, somando, assim, três violações. O candidato (b) viola apenas duas restrições e ganha a competição.

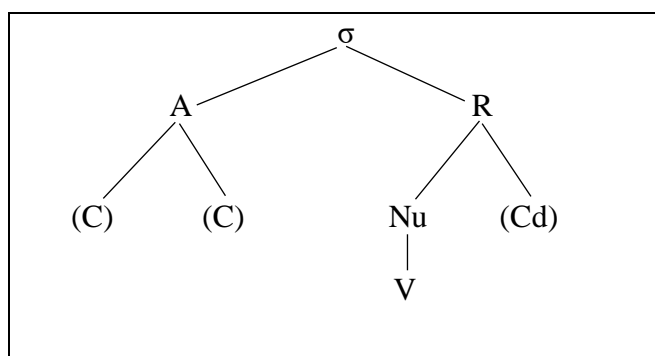
Os tableaux apresentados acima, quanto ao acento nos itens não verbais, deram uma visão geral de como podemos abordar o acento no Pafro-indJ de forma similar ao que Lee fez com o PB. Essa análise não é conclusiva e foi apenas para mostrar os casos em que o Pafro-indJ e o PB se assemelham. Há na variedade de Jurussaca palavras que, provavelmente, não seguirão as mesmas restrições do PB. Esses casos deixaremos para trabalhos posteriores.

Passaremos agora às considerações sobre a sílaba no Pafro-indJ. Há várias teorias da sílaba, mas a que usamos aqui é aquela apresentada por Selkirk (1982, p. 338), Blevins (1995,

⁶⁷ A chave direita representa o local do alinhamento nos candidatos, ou seja, o alinhamento é à direita da palavra fonológica, pois o acento oxítono ocorre à direita.

p. 206 - 244) para o inglês e Alves e Keller (2010, p. 62) para o português, que tem a seguinte representação:

Figura 13 - A Sílab



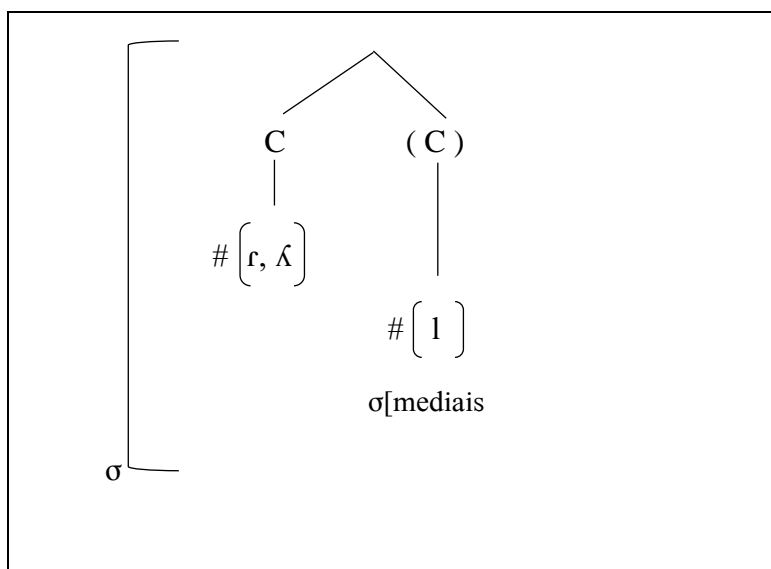
Fonte: Blevins (1995, p. 216); Alves e Keller (2010, p. 62)

Com essa estrutura e com o molde silábico que já apresentamos na seção 3.2.3., discutimos a sílaba do Pafro-indJ na visão da TO.

Alves e Keller (2010, p. 62, 63) afirmam que o molde silábico conforme apresentado acima pode captar grande parte das generalizações sobre a sílaba em português, mas deixa fora algumas especificidades, incluindo entre estas a questão do ataque absoluto e das restrições de ocorrência da nasal e da lateral palatal /ɲ, ʎ/ e também da não ocorrência do tepe /r/. Outra restrição apontada por esses autores é a combinação de consoantes no ataque, como é o caso de consoante+líquida. Não encontramos palavras genuinamente portuguesas com a sequência d+l e v+l; v+r e t+l não ocorrem jamais em início de palavras, mas apenas na posição interna da palavra. Os autores mostram que há a necessidade de se colocar restrições “colocacionais como filtros ou condições negativas de estrutura da sílaba” (p.63) e para isso recorrem à condição negativa de estrutura da sílaba conforme formulada por Clements e Keyser (1983) para a sílaba do inglês e que pode ser aplicada ao português, segundo eles.

Clements e Keyser (1985, p. 31) apresentam dois diagramas do inglês com o que é admitido nas posições de ataque e de coda em caso de clusters (PSSCs – *Positive Syllable Structure Conditions*) e o que não é permitido (NSSCs - *Negative Syllable Structure Conditions*). Seguindo também esse modelo, apresento aqui a condição negativa de estrutura da sílaba do Pafro-indJ, visto que a condição positiva já foi apresentada em seção anterior.

Figura 14 - Condição negativa da sílaba no Pafro-indJ



Fonte: adaptado de Clements e Keyser (1985, p. 31)

O quadro acima da condição negativa de estrutura da sílaba no Pafro-indJ é interpretado dessa forma: as consoantes /r/ e /ʎ/ não podem ocorrer em sílabas em início de palavras e a consoante /ɲ/ não pode ocorrer como segunda consoante em sílabas com ataque CC, nem no início de palavras nem em sílabas mediais. Notemos que a nasal palatal /ɲ/ que não ocorre no ataque de sílabas em início de palavra no PB, no Pafro-indJ não segue essa condição negativa.

Segundo Kager (1999, p. 91) a sílaba é o maior componente das generalizações fonológicas. É nela que se definem os padrões fonotáticos, as sequências bem formadas de consoantes e de vogais. É a sílaba que governa também os padrões de processos como epêntese e apagamento, assim como governa níveis mais altos da hierarquia fonológica como o prosódico, que engloba o pé e a palavra fonológica. Ainda segundo Kager, a sílaba tem como funções a demarcação das fronteiras entre morfemas e também a definição da posição e forma dos afixos, particularmente dos infixos. Não entraremos aqui na discussão acerca da estrutura da sílaba, como já o fizemos no capítulo 3, mas apresentaremos as restrições concernentes a ela na TO. O modelo que apresentamos é o de Prince & Smolensky (1993) e de outros modelos posteriores da teoria. São muitas as restrições da TO, não apresentamos todas de uma vez, mas, à medida que a análise demandar, outras serão agregadas.

ONSET * [σ V ('Sílabas devem ter onsets (ataques))

Esta restrição requer que uma sílaba não seja iniciada com uma vogal; a restrição é satisfeita somente pela sílaba que se inicia por consoante, ou seja, que possui *onset*.

NO CODA *C]σ ('Sílabas são abertas.)

Esta restrição requer que a sílaba seja aberta, ou seja, não termine em consoante, não tenha coda.

NUC *[σ C] (sílabas devem ter núcleo.)

Esta restrição mostra que as sílabas devem ter núcleo preenchido por vogal e não por consoante.

Essas restrições não dão conta de todas as possibilidades de sílabas das línguas, mas podem avaliar os quatro possíveis tipos silábicos delas resultantes:

Quadro 32 - Duas Restrições: quatro tipos silábicos

Tipo Silábico	ONSET	NO-CODA
a. CV	✓	✓
b. CVC	✓	*
c. V	*	✓
d. VC	*	*

Fonte: Adaptado de Kager (1999, p. 95)

As línguas do mundo não operam com somente essas quatro possibilidades de sílabas, havendo línguas que podem operar com ataques e codas complexos. A TO prevê, então, duas outras restrições

*COMPLEX^{ONS}

*[σCC ('Onsets são simples')

*COMPLEX^{COD}

* CC]σ ('Codas são simples')

As duas restrições estão dizendo que tanto os ataques quanto as codas devem ser simples. A preferência para a coda é que esta não exista, mas, caso exista, que seja simples e não complexa, enquanto que para o ataque é que exista, mas que também seja simples.

Além dessas restrições, duas outras fazem parte da teoria e são restrições que atuam na relação entre a estrutura do *output* e do *input*. São elas;

PARSE

Segmentos subjacentes devem ser escandidos na estrutura silábica.

FILL

As posições silábicas devem ser preenchidas com segmentos subjacentes.

PARSE e FILL fazem parte do conjunto das restrições de fidelidade e são elas que avaliam as boa formação das estruturas silábicas, nas quais os segmentos do input devem corresponder um a um com as posições silábicas. Essas duas restrições militam com processos de inserção (FILL) e elisão de sons (PARSE).

A TO prevê também uma restrição contra hiato, *Hiato, que, segundo Féry e Van de Vijver (2003, p. 5), é parte da Gramática Universal e também de qualquer língua do mundo. Segundo esses autores, muitas línguas têm estratégias para evitar a ocorrência de hiato. As principais

dessas estratégias são a epêntese de uma consoante entre as duas vogais, a formação de glide, a elisão — com ou sem o alongamento compensatório e outras estratégias mais. A restrição *Hiato pertence ao conjunto das restrições de marcação.

Com essas restrições, passamos a considerar a sílaba no Pafro-indJ.

Conforme já mostrado na seção 3.2.3, o molde silábico do Pafro-indJ é CCVCC, o mesmo do PB. Esse molde viola restrições da TO. Parte das palavras que resultam no molde CCVCC e seus derivados complexos, CCV, CCVC, CVCC, CCV são palavras vindas do léxico português sem passar por mudanças e parte não, são derivadas a partir de processos fonológicos particulares do Pafro-J, como epêntese, apagamento e metátese, conforme discutido na seção da análise autosegmental.

Prince & Smolensky (1993, p. 140) afirmam que há assimetria no licenciamento silábico entre ataques e codas. As codas licenciam apenas um subconjunto dos segmentos que são licenciados para o ataque.

A sílaba no Pafro-indJ tem algumas diferenças em relação ao PB quanto ao licenciamento, as quais relembremos nesta seção para iniciar a análise em termos da TO (cf. figura 6). A sílaba da variedade de Jurussaca tem o mesmo molde silábico do PB, CCVCC, porém com algumas particularidades que não se encontram no PB padrão:

- (a) A consoante nasal palatal pode ocorrer no início absoluto da palavra, por meio do processo de apagamento. A palavra ‘senhora’ se torna [ˈɲɔra]. Possivelmente a forma ‘nhá’ [ˈɲa] venha de ‘sinhá’ e é mais uma palavra onde a nasal palatal rompe com a restrição do PB e a condição negativa para essa consoante deixa de existir.
- (b) As sequências obstruinte+líquida [+lateral] dificilmente ocorre, pois a lateral nesse tipo de cluster é roticizada.
- (c) A sequência obstruinte+líquida [-lateral] ocorre, mas há casos em que ela é apagada, como em “Pedro” [ˈpedu], “outro” [ˈotu], “problema” [poˈbrẽma].
- (d) Nas codas simples o /s/ se mantém e não sofre apagamento.
- (e) As codas complexas ocorrem, mas o licenciamento para essa posição inclui apenas os glides /j, w/ e a sibilante coronal /s/. Se a sílaba termina em uma líquida [-lateral], duas possibilidades se apresentam:
 - a. Apagamento. A coda é eliminada, com alongamento da vogal.
 - b. Alofonia. O /r/ passa a ser pronunciado como uma fricativa dorsal ou glotal desvozeada [x], [h].
- (f) As sílabas VC no interior da palavra são permitidas apenas se forem vogais não ditongáveis (ea, aa, oa), ou ditongos/hiatos com a [-posterior, -abert] à esquerda (iu). O Pafro-indJ tem três estratégias de resolução de hiato:
 - a. Epêntes: se o hiato for [V.i] ocorre a epêntese de [j], como em “campanha” [kãpãˈjɲa];

- b. Apagamento: se for [i.V] pode ocorrer o apagamento da vogal [i], como em “tilápia” [tʃi'lapa], ‘comissário’ [komi'saru].
- c. Metátese: a metátese também pode ocorrer no hiato [i.V] e [u.a], como em ‘poderio’ [po'deiru] e ‘tábua’ [tauba].

Conforme já afirmamos acima, o Pafro-indJ possui um léxico formado majoritariamente por palavras que provêm do português. Muitas palavras desse léxico foram modificadas por processos fonológicos, outras não. Nos tableaux a seguir vamos ver o funcionamento da análise da sílaba. Veremos como algumas das restrições podem ser aplicadas na análise.

Tableau 04 - Análise do tipo silábico CV: casa ['kaza]

Input: /ka.za/	Onset	*Coda	FILL
a. kaz.a	*!	*!	
b. k□. az. A	**!	*!	*!
c. ☞ ka.za			

O tableau do tipo CV tem três restrições: Onset, NoCoda e Fill. O candidato a) comete uma violação fatal para Onset, pois a sílaba [.a] não o tem. Viola fatalmente também NoCoda, pois a sílaba [kaz.] tem coda. O candidato b) viola todas as restrições, são duas violações para Onset, [.az.a], uma para NoCoda [.az] e uma para Fill, pois a sílaba [k□.] não teve seu núcleo preenchido. O candidato c) foi o vencedor porque não violou nenhuma restrição.

Tableau 05 - Análise do tipo silábico CVC: nós [nɔs]

Input: /nɔs/	Onset	FILL	PARSE	*Coda
a. ☞ .nɔs.		*		*
b. nɔ<s>			*!	
c. nɔ. s□		*!		

Na análise do tipo CVC o vencedor é o candidato a) ainda que tenha violado a restrição NoCoda. Essa violação não o inviabiliza por não estar entre as mais altas do ranking. Os candidatos b) e c) violam Parse (escanda) e Fill (preencha), respectivamente.

Tableau 06 – Análise do tipo silábico CCV – prato ['prato]

Input: /pra.to/	*Coda	FILL	Onset	*COMPLEX ^{ONS}
a. □p. ra.to	*!	*!		
b. pr□. a.to		*!	*!	*
c. ☞ pra.to				*

Neste tableau dois candidatos cometem violações fatais, a) e b); o primeiro viola NoCoda e Fill, enquanto o segundo viola Fill e Onset. O candidato vencedor, c), viola apenas NoComplex Onset que é a restrição mais baixa e, assim, vence como o candidato ótimo.

Tableau 07 – Análise do tipo silábico V: é [‘ε]

Input: /‘ε/	Fill	Parse	ONS
a. \varnothing .‘ε.			*
b. <‘ε>		*!	
c. .‘□ε.	*!		

No tableau do tipo V cada candidato comete uma violação; o candidato b) viola fatalmente a restrição Parse e c) a restrição Fill, enquanto que a) viola Onset que não é fatal e vence a competição.

Tableau 08 - Análise do tipo silábico VC: es [‘es] ‘eles’

Input: /es/	Fill	Parse	Nos	*Coda
a. \varnothing .‘es.			*	*
b. <‘es>		*!	*	*
c. .‘□es.	*!			

No tipo silábico VC, o candidato vencedor a) viola duas restrições que estão no nível mais baixo do *ranking*, enquanto b) e c) violam, cada um, uma restrição fatal.

Tableau 09 - Análise do tipo silábico CVCC: ‘dojs [dojs]

Input: /‘dojs/	Fill	Parse	*Coda
a. \varnothing .‘dojs.			**
b. .do<js>.		*!	
c. .do.j□s.	*!		*

Na análise do tipo CVCC os candidatos b) e c) cometem uma violação fatal cada um. O c) comete também uma violação mais leve que já não tem mais peso algum na avaliação. O candidato ótimo é o a). O candidato a) viola duas vezes NoCoda, mas não é eliminado por ser esta uma restrição ranqueada no nível mais baixo da hierarquia.

Tableau 10 - Análise do tipo silábico CCVCC: 'trejs [trejs]

l: /'trejs/	Fill	Parse	*ComplexOns	*Coda
a. \emptyset . 'trejs.			**	**
b. . tre<js>.		*!		
c. .<tr>ejs.		*!		
d. .tre.j \emptyset s.	*!			*
e. .t \emptyset .rejs.	*!			

O tipo silábico CCVCC é avaliado com quatro restrições. O candidato ótimo a) viola duas vezes NoComplexOnset e duas vezes NoCoda, mas vence porque estas restrições são as mais baixas no ranqueamento. Os outros cometem violações fatais e perdem a competição.

Estes são os tipos de sílabas possíveis no Pafro-indJ. Essas estruturas podem ser afetadas por processos fonológicos como a metátese, a epêntese e a elisão.

4.2.1.1. Metátese

Vejamos como a metátese no Pafro-indJ pode ser explicada numa análise da Otimidade. Hume (2001, p. 18) afirma que os casos regulares de metátese envolvem estritamente os sons adjacentes. Na TO, a restrição que se encarrega da não ocorrência da metátese é denominada de Linearidade. Hume (op.cit) afirma também que as violações da restrição de Linearidade são gradativamente avaliadas, ou seja, cada reordenamento do *ranking* incorre em violação de Linearidade. Como visto na seção 4.1.1.3.1., a metátese que ocorre no Pafro-indJ a partir do léxico do PB tomado como *input* não é do tipo que troca de lugar entre dois sons, seja vogal ou consoante; a metátese no Pafro-indJ envolve apenas o deslocamento de um som para uma posição que é definida pela variedade. Vimos anteriormente que a motivação da metátese na variedade de Jurussaca foram três: desfazer coda com consoante não contínua /r/⁶⁸, desfazer encontro de três consoantes do mesmo ponto de articulação, o [coronal], e também, em menor número de ocorrências, desfazer ditongos decrescentes e certos tipos de hiatos. Na análise que aqui faremos, nosso input será aquele do Pafro-indJ que já passou pela metátese, a partir do PB. Nosso objetivo é ver se as mesmas regras e motivações da passagem do PB para esta variedade podem ser aplicadas aos dados lexicalizados no Pafro-indJ.

As restrições para iniciar a análise são:

- (i) LIN (linearidade), que diz “é proibida a troca de posição entre elementos de S₁ e S₂”, ou seja, a metátese não é permitida.

⁶⁸ Lembramos aqui a nossa opção em considerar o /r/ como descontínua, seguindo a proposta de D'Angelis (2002)

- (ii) CodaCondition (Condição de Coda), que se refere às condições de ocorrência dos traços que são o não permitidos nessa posição. Conforme visto na seção de análise autosssegmental, a sílaba do Pafro-indJ prefere que não haja coda, mas permite a ocorrência de elementos da classe das Continuantes (w, j, s). Essa restrição é importante na variedade, pois, caso a palavra tenha a coda [-continuante], processos fonológicos entram em ação e pode ocorrer o apagamento e até a metátese para uma outra posição, no caso, geralmente, a segunda posição do ataque.
- (iii) *ComplexOnset, que diz “ataques complexos são proibidos”.

Não vemos a necessidade de formular uma restrição relacionada ao OCP, pois essas três são suficientes para os dados. Vejamos, então, como a análise pode ser desenvolvida. O ranqueamento inicial será LIN >> CodaCond[+Cont] >> *ComplexOns.

Tableau 11 - Metátese: /pro'ke/

Input: /pro.'ke/	LIN	CODACOND[+CONT]	*COMPLEXONS
a. ☞ pro.'ke			*
b. po.'kre	*!		*
c. por.'ke	*!	*	

O candidato vencedor (a) comete apenas uma violação, a de *ComplexOns. Os outros dois cometem duas violações cada um. O candidato (b) viola Linearidade e *ComplexOns, enquanto que (c) viola Linearidade e CodaCond[+Cont]. O Pafro-indJ tem também a forma [po'ke] que não foi agregada ao tableau; preferimos deixá-la fora para não ter que colocar uma restrição a mais, no caso MAX-IO. Essa forma será analisada na seção de apagamento. Nesse tableau o ranqueamento poderia ser: CODACOND[+CONT] >> LIN >> *COMPLEXONS, mas preferimos deixar na posição mais alta a restrição LIN, pois, em outros casos, essa posição mais alta deverá ser ocupada por LIN.

Tomaremos outros candidatos para ver se esse conjunto de restrições funciona.

Tableau 12 - Metátese – ka'drasto → *ka'dastro

Input:/ka'drasto /	LIN	CODACOND[+CONT]	COMPLEXONS
a. ☞ ka'drasto			*
b. kra'dastro	*!		*
c. ka'dastro	*!		*

Nesse tableau vemos que a análise funciona para todos os candidatos. Os candidatos (b) e (c) violam uma restrição fatal e uma tolerável, enquanto o candidato ótimo (a) viola apenas

uma não fatal. O candidato (c) ‘cadastro’ que é a forma do PB e tem três consoantes com o traço [coronal] no limite da tônica com a postônica final sofre penalidade fatal ao fazer a metátese para a direita e criar o ambiente que motivou a variedade de Jurussaca a aplicar o deslocamento, ou seja o OCP[coronal]. O candidato (b) revela a possibilidade do deslocamento ocorrer na pretônica; esse candidato não foi encontrado entre os falantes de Jurussaca, mas poderia vir a ocorrer, pois outra palavra evidencia essa possibilidade, tã'kredo → trã'kedo. Cra'dasto é um candidato potencial, assim como trã'kedo que já ocorre. Dados como pro'ke > po'ke; tro'sido > to'sido, mas raramente por'ke e tor'sido mostram que das três restrições do tableau (12) a maior penalização é para LIN, que proíbe a metátese. O fato de, ainda que raramente, encontrarmos por'ke e tor'sido se explica pela escolarização dos mais jovens e as influências do entorno.

Continuaremos a análise com outros candidatos e mudaremos o *ranking*.

Tableau 13 – /mus'trada/

Input: /mus'trada/	CODACOND[+CONT]	LIN	*COMPLEXONS
a. mus'tarda	*!	*	*
b. mus'tadra		*!	*
c. ☞ mus'trada			*

O tableau mostra que as restrições aplicadas também dão conta desses dados. A mudança no ranqueamento não parece interferir na análise. O candidato (c) é o ótimo, pois viola apenas uma restrição, a mais baixa no ranking, que é *COMPLEXONS, enquanto que o candidato (b) viola duas, sendo uma fatal e o candidato (a) viola todas, sendo uma fatal e duas toleráveis. O candidato (a) é a forma do PB de onde /mus'trada/ se origina. Vejamos como ficaria a análise se esse candidato fosse uma forma falada em Jurussaca⁶⁹ competindo com ‘mustrada’. O ranqueamento deve ser mudado para que o candidato não seja penalizado com uma restrição fatal. O *ranking* será

*COMPLEXONS >> LIN CODACOND[+CONT]

Tableau 14 - /mus'tarda/ e /mus'trada/

Input: /mus'tarda/	*ComplexOns	LIN	CodaCond[+Cont]
a. ☞ mus'tarda			*
b. mus'trada	*!	*	

Esse tableau mostra que o candidato (a), /mus'tarda/, é o vencedor com apenas uma violação não fatal, enquanto que o (b) comete duas violações. Esse tableau, comparado com o

⁶⁹ Não ouvi nenhuma vez a palavra ‘mustarda’; o que ouvi várias vezes foi mustrada.

tableau (13), mostra que as duas formas não podem conviver; ou ocorre mustarda ou ocorre mustrada.

Apresentamos a seguir os tableaux de (15) a (18) que mostram outras palavras às quais o Pafro-indJ aplicou o processo de metátese. São formas que já se estabeleceram na variedade e que militam para se manter sem o deslocamento. Seguiremos com as quatro restrições que dão conta dos dados são: LIN, CODACOND[+CONT] e *COMPLEXONS, pois elas dão conta desses cinco dados sem a necessidade de mais restrições nos tableaux. Alguns dos candidatos violam restrições fatais, mas podem ser encontrados no Pafro-indJ, pois são os outputs subótimos. Mostraremos a análise e depois elaboraremos os tableaux para ilustrar como a análise pode dar conta desses potenciais vencedores. O ranqueamento para os tableaux será

CODACOND[+CONT] >> LIN >> *COMPLEXONS

Tableau 15 - /pe'dɛstri/

l: /pe'dɛstri/	CodaCond[+Cont]	LIN	*Complex ^{Ons}
a. pre'dɛstri		*!	*
b. pe'dɛstri		*!	*
c. per'dɛstri	*!	*	
d. \varnothing pe'dɛstri			*

Tableau 16 - /fre'vido/

l: /fre'vido/	CodaCond[+Cont]	LIN	*Complex ^{Ons}
a. fer'vido	*!	*	
b. fe'vrido		*	*
c. fe'vidro		*	*
d. \varnothing fre'vido			*

Tableau 17 - /tã'kredo/

l: /tã'kredo/	LIN	*COMPLEX ^{ONS}
a. tã'kredo		*
b. trã'kredo	*!	*
a. tã'kedro	*!	*

Tableau 18 - /a'maxgo/

Input: /a'maxgo/	*COMPLEX ^{ONS}	LIN	CODACOND[+Cont]
a. a'maxgo			
b. ax'magu		*	
c. a'magxo	*!	*	

Os tableaux mostram que o conjunto de restrições para a análise funciona. Os tableaux 15 e 16 têm o mesmo *ranking*, CODACOND[+Cont] >> LIN >> *COMPLEX^{ONS}, enquanto o tableau 17 tem o *ranking* mudado para LIN >> *COMPLEX^{ONS}, pois CODACOND[+Cont] não é necessária para os candidatos da competição. No tableau 18 o *ranking* muda para *COMPLEX^{ONS} >> LIN >> CODACOND[+Cont]. A violação fatal é cometida pelo candidato (c), enquanto que o (b) comete apenas uma não fatal e o vencedor, o candidato (a) não comete nenhuma violação.

No tableau 19 temos o candidato vencedor /a'sukra/ que confirma o que foi discutido no ponto (j) da seção 4.3.3.2.1 onde fizemos as generalizações sobre o processo de metátese. Lá mostramos que o deslocamento à direita para além da sílaba tônica não era possível. A palavra /a'sukra/ veio do PB, /a'sukar/ à qual o processo de metátese foi aplicado da direita para a esquerda, não contrariando o que foi exposto. O ranking também foi mudado nesse tableau: LIN >> CODACOND[+CONT] >> *COMPLEX^{ONS}

Tableau 19 - /a'sukra/

l: /a'sukra/	LIN	CODACOND[+CONT]	*COMPLEX ^{ONS}
a. a'surka	*!	*	
b. ar'suka	*!	*	
c. a'sukar	*!	*	
d. a 'sukra			*

Afirmamos acima que do tableau (15) ao (17) haveria candidatos penalizados que perderiam a competição mesmo sendo formas potencialmente encontradas na variedade. Esses candidatos são:

(229) pre'desti (230) fe'vrido (231) trã'kedo (232) ax'mago

Na análise dos já citados tableaux, esses candidatos não passaram pelas restrições. Foram eliminados e isso demonstra que novas restrições devem ser agregadas para que eles possam emergir como formas possíveis no Pafro-indJ. Hume (2001, p. 18) afirma que a análise da metátese é gradativa, pois o processo é multifacetado, havendo a possibilidade de diversas regras nas abordagens não otimalistas. Como a TO não trabalha nem com regras nem com estágios derivacionais, a análise da metátese nem sempre se resolve com um único conjunto de restrições. Os quatro candidatos fazem a metátese a partir de seus *inputs*:

pe'dresti > pre'desti; fe'vrido > fe'vrido; tã'kredo > trã'kedo; a'maxgo > ax'mago

Para dar conta desses candidatos devemos colocar no nível mais alto da hierarquia uma restrição que puna fatalmente apenas os candidatos não possíveis. Colocaremos também no tableau um candidato a mais para cada um desses acima apresentados.

O *ranking* será;

CODACON[+Cont] >> LIN >> COMPLEXONS

Tableau 20 – Candidatos potenciais no Pafro-indJ - Metátese

l: /pe'dɾɛsti/	CODACON[+Cont]	LIN	* COMPLEXONS
a. [pre'dɛsti]		*	*
b. ☞ [pe'dɾɛsti]			*
c. [per'dɛsti]	*!		
<hr/>			
l: /fre'vido/			
d. [fe'vrido]		*	*
e. ☞ [fre'vido]			*
f. [fer'vido]	*!		
<hr/>			
l: /tã'kredo/			
g. [trã'kedo]		*	*
h. ☞ [tã'kredo]			*
i. [tãr'kedo]	*!		
<hr/>			
l: /a'maxgo/			
j. [ax'mago]		*	
k. ☞ [a'maxgo]			
l. [a'magxo]		*	*

O tableau (20) mostra as violações não fatais dos candidatos potenciais e as fatais dos que são totalmente improváveis. O candidato potencial (a) [pre'dɛsti] viola duas restrições não fatais, LIN e COMPLEXONS. O candidato [fe'vrido] é uma forma sub-ótima e também viola LIN e COMPLEXONS assim como o candidato [trã'kedo]. Outro candidato potencial é [ax'mago] que viola apenas LIN. Os demais candidatos sofrem penalidades fatais ao violar a mais alta restrição do ranking e são eliminados, o que reflete a gramática da variedade. Os candidatos (c), (f) e (i) fazem a metátese e criam uma coda que viola a condição ótima para essa posição silábica que só aceita consoantes [+Continuante]. O candidato [l] faz a metátese e cria um tipo de ataque inexistente na variedade, [gx].

Uma outra possibilidade se apresenta nos dados, a emergência das formas do PB que originaram as formas do Pafro-indJ. Vejamos como seria resolvida essa competição. Vamos tomar os candidatos /ka'dastru/, /pe'dɛstri/, /'vidru/, /ku'madri/ e /tor'sido/. Acrescentaremos duas restrições: *COMPLEXONS]MWd e MAX-IO. A restrição COMPLEXONS]MWd é uma restrição de marcação que proíbe output com ataque complexo no final da palavra morfológica. Ramírez e Gonçalves (2013, p. 160) utilizaram essa restrição para

a análise que fazem da metátese na jeringa⁷⁰ do Argot Peruano para que uma forma como 'chovépro' a partir do *input* 'provecho' não apareça no Argot⁷¹. Colocaremos também nesse tableau a restrição MAX-IO que milita contra o apagamento porque dois dos candidatos emergem como *output* com elisão de segmento. Este tableau demonstra que o Pafro-indJ aciona restrições de marcação que militam contra o mais marcado nem que para isso tenha que violar alguma restrição de fidelidade. Os candidatos (f) ['vidu] e (i) [ku'madi] vencem sem fazer o deslocamento, mas cometendo violação da restrição de fidelidade MAX-IO que milita contra o apagamento. Essa restrição de fidelidade foi a mais baixa do *ranking* e não os penalizou fatalmente. Os candidatos ótimos (b), (d) e (l) violam apenas a restrição LIN que exige que a metátese não ocorra. Esses três candidatos violam LIN, mas não são penalizados fatalmente porque essa restrição também está ranqueada no nível mais baixo. Os candidatos (a, c, m) cometem violação da restrição mais alta no *ranking* e são eliminados, enquanto que (j) e (k) violam a segunda restrição mais alta do *ranking*, CODACOND[+Cont], sendo que o candidato (k) [kur'madi] viola também LIN, pois ao fazer a metátese para "fugir" do COMPLEXONS]MWd, acaba violando a restrição mais alta do *ranking* e é eliminado.

O tableau (21) antecipa, com os candidatos (f) e (i), o próximo processo a ser analisado a seguir. Veremos com a análise que há uma estreita relação entre a metátese e a elisão.

⁷⁰ Jeringa vem da palavra jerga que pode ser traduzida por gíria.

⁷¹ Calvet (1994, apud Ramirez e Gonçalves, 2013, 152) define o *argot* como um tipo especial de linguagem que é empregado por grupos específicos com um objetivo comum de comunicação.

Tableau 21 – Candidatos do PB – Metátese

I: /ka'dastru/	*COMPLEXOns]MWd	CODACOND[+Cont]	LIN	MAX-IO
a. ka'dastru	*!			
b. φ ka'drastu			*	
I: /pe'destri/				
c. pe'destri	*!			
d. φ pe'drestri			*	
I: /'vidru/				
e. 'vidru	*!			
f. φ 'vidu				*
g. 'vridu			*	
I: /ku'madri/				
h. ku'madri	*!			
i. φ ku'madi				*
j. kur'madi		*!	*	
I: /tor'sido/.				
k. /tor'sido/.		*!		
l. φ /tro'sido/.			*	
m. [to'sidro]	*!		*	

4.2.1.2. Elisão ou apagamento de sons

Outro processo que ocorre no Pafro-indJ é o de elisão, ou apagamento de sons. São encontradas palavras na variedade com CC, ou seja, Onsets complexos. Muitos falantes produzem o *cluster*, mas outros não e há ainda aqueles que variam livremente entre o *cluster* e a elisão. Os processos de apagamento de segmentos estão debaixo da restrição de fidelidade na Teoria da Correspondência. Essa teoria, uma subsidiária da TO, milita a favor da correspondência entre *input* e *output*. A restrição que a teoria convoca para cuidar dessa correspondência é MAX-IO que diz “segmentos/traços do *input* devem ser idênticos aos do *output*”. Isso significa que essa restrição milita contra o apagamento de traços e segmentos no *output*, proibindo a elisão. No entanto, sabemos que as línguas violam essa restrição, pois a elisão é um processo recorrente nas línguas do mundo.

Tomamos como dado para iniciar a análise as palavras [alegre] ~ [alegi] e [otro] ~ [oto]. Como já visto na análise da metátese, o Pafro-indJ não permite o deslocamento à direita e proíbe que a metátese ocorra na sílaba átona final, a não ser que o segmento a ser deslocado esteja na coda de sílabas nessa posição da palavra morfológica. Essa restrição é importante para também entendermos o apagamento quando ocorre no final em uma sílaba átona. A variedade também tem um processo de desfazer ditongos, assim como o PB. Usaremos as restrições já vistas na análise da metátese e acrescentaremos MAX-IO. Tomamos a palavra ‘alegre’ como *input*, pois é também falada na comunidade, o que reflete o conflito entre as duas tendências sincrônicas já referidas nessa tese para o caso dos ditongos e que pode se estender para outros casos.

Tableau 22 - Elisão - /a'ɛgri/ → [a'ɛgi]

l: /a'ɛgri/	*COMPLEXONS]MWd	CODACOND[+Cont]	LIN	DEP-IO	MAX-IO
a. [a'ɛgi]		*!	*		
b. [a'ɛrgi]		*!	*		
c. [a'ɛgri]	*!				
e. [a'ɛgiri]				*	
f. ☞ [a'ɛgi]					*

Vemos nesse tableau que o conjunto de restrições funciona na análise. Três candidatos, (a), (b) e (c) cometem violações fatais e são eliminados pelas duas restrições mais altas do ranking, *COMPLEXONS]MWd e CODACOND[+Cont]. Os outros dois (e) e (f) cometem uma violação tolerável cada um e o candidato que violou a restrição mais baixa do *ranking* vence, ou seja, o candidato (f) [a'ɛgi].

Tableau 23 - Elisão - /'otro/ →['oto]

l: /'otro/	CODACOND[+Cont	LIN	*COMPLEXONS]MWd	DEP-IO	MAX-IO
a. ['roto]		*!			
b. ro ['oto]					*
c. ['owtro]			*!	*	
d. ['orto]	*!	*!			
e. ['otro]			*!		

Neste tableau o vencedor, candidato (b), viola apenas MAX-IO ao ter um segmento apagado. O candidato (e) também viola apenas uma restrição, a de *COMPLEXONS]MWd, que é ranqueada acima de MAX-IO e por isso perde para o candidato (b). O candidato (c) viola duas restrições, a que proíbe o ataque complexo no final de palavras e DEP-IO que penaliza a epêntese. Os candidatos (a) e (d) violam restrições fatais; o (a) viola LIN ao fazer a metátese do /r/ para o ataque da sílaba inicial; o candidato (d) viola duas restrições ao também fazer a metátese e deslocar /r/ para a coda, violando, assim, CODACOND[+Cont]. O ranqueamento é: CODACOND[+Cont] >> LIN >> *COMPLEXONS]MWd >> DEP-IO >> MAX-IO

Vejamos a seguir a análise de /kavras'tar/. Vamos mudar o *ranking*, pois o ranqueamento anterior faria emergir o candidato (d) e outros candidatos como formas possíveis na variedade. Deixamos fora a restrição *COMPLEXONS, pois ela não tem muita importância nesse tableau. O *ranking* será, então:

*COMPLEXONS]MWd >> CODACOND[+Cont] >> LIN >> MAX-IO >> DEP-IO

O *ranking* acima funciona para o apagamento de /r/ na coda final da palavra como se pode ver no tableau (24). Com *COMPLEXONS]MWd no nível mais alto, a metátese que criou o onset complexo na última sílaba para o candidato (d) é por aquela restrição penalizado fatalmente, deixando a competição. A segunda restrição mais alta no ranking que proíbe codas que não sejam continuantes, CODACOND[+Cont] derruba o candidato (c) que teve o /r/ deslocado para a coda. A restrição LIN, que está na terceira posição do ranqueamento foi violada pelos candidatos (a) (b) (c) e (d). O candidato ótimo é o (e), pois viola apenas a restrição MAX-IO por ter apagado o /r/ da coda final.

Tableau 24 – Elisão - /kadras'tar/ → [kadras'tá]

I: /kadras'tar/	*COMLPEXONS]MWd	CODACOND[+Cont]	LIN	MAX-IO	DEP-IO
a. kradas'ta			*	*	
b. karadas'ta			*		*
c. kardas'ta		*!	*		
c. kada'ta				***	
d. kadas'tra	*!		*		
e. [☞] kadras'tá				*	

Vamos considerar um outro tipo de apagamento na variedade que afeta a estrutura da sílaba e licencia /ɲ/ para o ataque de sílaba no início de palavras. A palavra 'sinhora' varia com 'nhora' no discurso. Não é uma variação livre, mas controlada discursivamente. Se estão contando algo e se referem a uma 'senhora', dizem: -Aquele sinhora que vinha sempre. Se estão conversando, podem dizer: - A sinhora viu a novela ontem? Mas quando uma mãe chama o filho ou quando alguém está respondendo a uma senhora, não usam 'sinhora', usam nhora: -Ei, fulano, onde você tá? O fulano dirá : nhora! Tô aqui! Ou: - Dona Maria, sabe o que devo fazer? – Nhora. A sinhora tem que levar isso ali. O apagamento nesse caso afeta uma sílaba toda, a sílaba pretônica. Tomamos como *input* a palavra /sĩ'ɲora/ 'sinhora'. Para o tableau (22) foi necessário escolher as restrições que poderiam dar conta do apagamento apenas para essa palavra quando tiver função de vocativo. A restrição *Hiato proíbe a formação de hiato no *output*, enquanto a restrição Onset exige que sílabas tenham ataque. A restrição PARSE-σ foi a maneira que encontramos para penalizar o candidato (c) que não ocorre no vocativo. MAX-IO penaliza duas vezes o candidato (d) que vence a competição. PARSE-σ é a restrição que proíbe a não escansão de sílabas em pés; essa restrição ficou na segunda posição mais alta do *ranking* e sua violação não se constituiu em penalidade fatal. Acreditamos que a forma ['ɲora] tenha seu equivalente no masculino, ['ɲor] ou ['ɲo], mas não a ouvimos, devido ao fato de a maior parte das interações que presenciamos em Jurussaca terem sido feitas entre mães e filhos, ou entre mulheres.⁷²

⁷² No coreano ocorre um processo de truncamento do vocativo. Cf. Kawahara, S. em http://roa.rutgers.edu/content/article/files/1680_kawahara_shigeto_1.pdf (acesso em 04/05/2019)

Tableau 25 - /sĩ'ɲɔra/ → ['ɲɔra]

l: /sĩ'ɲɔra/	*HIATO	PARSE – σ	ONSET	MAX-IO
a. (sĩ)('ɔra)	*!		*	
b. (ĩ)('ɲɔra)			*	
c. sĩ('ɲɔra)		*!		
☞ d. ('ɲɔra)				**

Outro tipo de apagamento na fonologia do Pafro-indJ é o que ocorre na fronteira entre morfemas. Assim como no PB e em outras variedades vernaculares brasileiras, o apagamento se dá quando uma palavra que termina em vogal recebe um morfema sufixo. Os dois exemplos que apresentamos já foram analisados na seção 4.2. no modelo da teoria lexical. São as palavras 'formiga' e 'mangue' quando recebem o morfema sufixo {-al} que tem o campo semântico de 'coletivo, grupo ou reunião de coisas'. As restrições para o avaliador (EVA) são: *HIATO, que proíbe a formação do hiato no *output* (S_2); essa restrição que proíbe o hiato aplica-se aqui ao contexto de juntura de morfemas; *CODA, que proíbe a sílaba fechada; LIN, que não permite a metátese; MAX-IO, que não permite o apagamento de segmentos do *input* no *output* e *FINALITY, que proíbe sílaba final acentuada no *output*. O ranqueamento é, dessa forma, *HIATO >> DEP >> *CODA >> LIN >> MAX-IO >> *FINALITY. As restrições MAX-IO e *FINALITY que foram as mais violadas estão no nível mais baixo do *ranking* e dessa forma não prejudicam o desempenho do candidato ótimo.

Tableau 26 – /formi'gaw/ > [formi'ga]

l:/for'miga/ +/-al/	*HIATO	DEP-IO	*CODA	LIN	MAX-IO	*FINALITY
a. fromi'gaw			*	*	**	*
b. fomiga'zal		*!			*	*
c. fo'migaal	*!				*	
d. formiga'al	*!		**			*
e. formi'gaw			**		**	*
f. ☞ formi'ga			*		**	*

O tableau mostra que três candidatos (b,c,d) cometem violações fatais, *HIATO e DEP-IO. Dois cometem cinco violações toleráveis (a,e); o candidato (a) violou *CODA, *LIN e *FINALITY uma vez; duas vezes MAX-IO, enquanto o candidato (e) violou duas vezes e MAX-IO. O candidato (f), que é o vencedor, cometeu quatro violações, uma vez *CODA, duas vezes MAX-IO e uma vez *FINALITY. No candidato (f), a consoante /r/da coda, se não é apagada, passa a fricativa [x,h]. Preferimos nesse tableau simplificar a análise para não ter que introduzir mais uma restrição.

Com o exemplo /'mãge/+/-al/ vamos deixar fora a restrição LIN e conservar as demais do tableau anterior.

Tableau 27 - /mã'gaw/ → [mã'ga]

l: /'mãge/ +/-al/	*HIATO	DEP	*CODA	MAX-IO	*FINALITY
a. 'mãgeal	*!		*		
b. mã'gal			*	*	*
c.mã'gaw			*	*	*
d.mãge'zau		*!		*	*
e. ☞ mã'ga				**	*

Após avaliados os candidatos, vemos que dois deles (a,d) cometeram violações fatais, enquanto que dois outros (b,c) cometeram três violações não fatais. O candidato (e) também comete três violações, como (b,c), mas como estas restrições são baixas na hierarquia, ele é o vencedor. É bom notar que a forma [mã'gaw] também é encontrada no Pafro-indJ, comprovando que as restrições e o *ranking* funcionaram na análise. A única diferença entre o tableau de 'formigá' e 'mangá' é que nesta última a restrição LIN não é necessária para a avaliação, pois não há no input nenhum segmento que pertença ao conjunto dos que podem se deslocar. O ranqueamento é: *HIATO >> DEP >> *CODA >> MAX-IO >> *FINALITY.

4.2.1.3. Epêntese

Prince & Smolensky (1993, p. 100) apresentam o tableau que dá conta da epêntese consonantal em uma língua o qual reproduzo a seguir:

Tableau 28 - epêntese de consoante

/V/	ONS	PARSE	FILL
.V.	*!		
< V)		*!	
☞ .□V.			*

A interpretação desse tableau é: se a língua exige ataque na sílaba, a restrição ONS será a mais alta no ranqueamento. A língua que exige ONS tem, então, como candidato vencedor aquele que satisfaz essa condição. O candidato < V) não escandido viola a restrição PARSE, enquanto que .□V. viola apenas FILL que é a mais baixa no ranqueamento, sendo assim o vencedor, ou seja, vence o candidato que tem a epêntese de uma consoante, satisfazendo a restrição mais alta do ranqueamento que é ONS.

O Pafro-indJ tem como sílaba preferida a CV, mas V e VC também podem ocorrer. A sílaba V ocorre em início absoluto de palavras e também no meio. Na posição medial este tipo de sílaba ocorre somente se estiver em encontro vocálico (hiato) com a estrutura [V. *i], no qual a vogal à direita não pode ser [-posterior] e [-abert]; as evidências para essa restrição estão em palavras como

(233) a'sukra 'açúcar'

(234) sa'úde 'saúde'

(235) pavo'ado 'povoado'

(236) vi'ɛru 'vieram' (237) piki'a 'pequiá' (238) bu'a 'piolho de cobra'

Em palavras com o hiato do tipo [V.i], ocorre a epêntese do *glide* palatal entre as duas vogais.

(239) ã'ĩda → ã'ĩda 'ainda' (240) asa'i → asa'ji 'açai' (241) na'i: → na'ji: 'Nair'

(242) mo'idu → mo'jidu 'moído' (243) kãpã'ĩɲa → kãpã'ĩɲa 'campainha'

O tableau (28) formulado por Prince e Smolensky foi modificado mais tarde com o advento da Teoria da Correspondência de McCarthy e Prince (1995, apud Alves e Keller 2010, p. 69). PARSE e FIL foram substituídas por MAX e DEP. Max-IO proíbe todo tipo de elisão, enquanto que DEP-IO proíbe a epêntese. Alves e Keller (op.cit, p. 69) afirmam

Ainda que PARSE/MAX e DEP/FIL tenham efeitos próximos, há consequências no uso de uma ou de outra proposta de fidelidade. Primeiramente, conforme explicam McCarthy e Prince (1995), a Teoria da Correspondência dá conta não somente da relação *input/output*, mas também de qualquer outro tipo de relação de fidelidade a ser estabelecida entre duas entidades fonológicas, tal como a existente entre base e reduplicante.

Seguiremos, então, nesta análise a Teoria da Correspondência. Cremos que a Teoria da Correspondência é mais adequada para a análise por ter um caráter menos abstrato e considerar a materialidade fonética do *output* (cf. Alves e Keller (op.cit, p. 70).

No tableau (29) demonstramos a epêntese do glide palatal. São três restrições:

- (i) *CODA: a mais alta no *ranking* e proíbe que sílabas tenham coda.
- (ii) *HIATO: a segunda no *ranking* e que proíbe o hiato.
- (iii) DEP-IO a mais baixa no *ranking* e que proíbe a epêntese.

Essas três restrições dão conta dos dados. A primeira que penaliza a ocorrência de codas nas palavras. A segunda penaliza a ocorrência de hiato. Sabemos que tanto o PB quanto o PAfro-indJ possui palavras com hiatos. No PAfro-indJ encontramos palavras como 'saúde', 'povoado' e 'vieru' que mostram hiatos na variedade. Essa restrição, deve então ser ranqueada no nível mais baixo para que as palavras que contenham hiatos não sejam penalizadas fatalmente ao cometer a violação da restrição. A terceira restrição proíbe a epêntese e penaliza os candidatos que inserem consoantes e ou vogais na forma de superfície. Como a TO não possui níveis intermediários em sua arquitetura, todos os dados devem ser contemplados a partir do ranqueamento das restrições escolhidas para determinado processo. A epêntese do *glide* palatal só ocorre na posição medial antes da vogal /i/, como nas palavras a seguir

(244) i'a . *jia 'ia' (245) i a'i > *ji a'i > i a'ji 'e aí'

Nesses dois exemplos vemos que o *glide* é inserido quando há a ocorrência do hiato, em que a vogal à esquerda pode ser qualquer uma do sistema e a vogal à direita é /i/. A epêntese do *glide* palatal pode ocorrer também na fronteira de palavras, conforme se pode notar no exemplo seguinte em que 'ia', que não recebe a epêntese se ocorrer depois de silêncio, a recebe quando é pronunciada no posléxico:

(246) a ,ʒɛtʃi 'ia > a ,ʒɛtʃi 'jia 'a gente ia'

As restrições para a análise são *CODA, IDENT-IO, *HIATO e DEP-IO; terão o seguinte *ranking*: *CODA >> *HIATO >> IDENT-IO, DEP-IO. Entre IDENT-IO e DEP-IO não há relação de dominância, o que é representado pela linha vertical pontilhada.

Tableau (29) - Epêntese de [j]

I: /ã'ɪda/	*CODA	*HIATO	IDENT-IO	DEP-IO
a. 'ãjda	*!		*	*
c. \leftarrow ã'jɪda			*	*
d. ã'ɪda		*		

O tableau mostra que o *ranking* funciona. O *input* é /ã'ɪda/, com o hiato. Os três candidatos do *output* são ['ãjda], com a formação de *gliding* seja pela elisão de /i/ ou pela fusão de /i/, [ã'jɪda], com a epêntese e [ã'ɪda], com o hiato. A primeira restrição pune fatalmente o candidato (a), pois este viola a restrição que reflete a sílaba ótima (CV) na variedade e que também bloqueia a possibilidade de ocorrer o processo de *gliding* e a consequente criação de uma coda no *output* ['ãjda]; esse candidato viola também a restrição, IDENT-IO que exige que haja correspondência entre *input* e *output*. A segunda restrição pune o candidato (d), mas a punição não é fatal, pois essa restrição está ranqueada abaixo de *CODA que a domina. Por fim, a terceira e quarta restrições que estão no nível mais baixo do *ranking* punem o candidato (d) que viola a proibição de inserir um segmento e não ser fiel à relação de dependência entre S₂ e S₁. O candidato vencedor é ã'jɪda, pois viola somente IDENT-IO e DEP-IO que estão no nível mais baixo do *ranking* e sem relação de dominância entre elas.

A forma [ã'ɪda] é possível no Pafro-indJ e até varia na fala dos mais jovens. O tableau também evidencia a potencialidade dessa forma na variedade ao não penalizar fatalmente a ocorrência do hiato.

Seguiremos a análise comparando as palavras que têm hiato e que não fazem a epêntese. A retirada de restrições e a mudança de *ranking* dará o resultado ótimo. Vejamos, primeiramente, a palavra 'povoador' e depois a palavra 'vieru'. O ranqueamento será: DEP-IO >> *HIATO

Tableau 30 /pavo'adu/ - hiato

l: /pavo'adu/	DEP-IO	*HIATO
a. pavo'wado	*!	
b. \rightarrow pavo'adu		*
c. pavo'jadu	*!	

Tableau (31) - /vi'ɛru/ - hiato

l: /vi'ɛru/	DEP-IO	*HIATO
a. vi'jɛru	*!	
b. \rightarrow vi'ɛru		*

Os dois tableaux mostram que o ranqueamento mais baixo para *HIATO permite que palavras com hiato possam existir na variedade. Os candidatos vencedores (b), que são aqueles onde o hiato ocorre, não violam a restrição mais alta do ranking, que proíbe a epêntese.

Outro caso de epêntese que ocorre no PAfro-indJ é a inserção de uma vogal em *clusters* no início da palavra, como em

(247) croqui > coroqui (248) truvão > turuvão

A vogal a ser inserida deve ter os mesmos traços da vogal da sílaba onde a epêntese ocorre. A motivação da epêntese nessas palavras é para desfazer o encontro consonantal, o que nos leva a escolher a primeira restrição que proíbe *clusters*, ou seja, *COMPLEXONS. Vamos continuar contando com a restrição DEP-IO e acrescentaremos uma outra que trata da qualidade da vogal a ser inserida.

A vogal epentética *default* no PAfro-indJ é /i/ ou /a/. O /i/ é inserido para desfazer *cluster* não licenciado para a posição de ataque, como [pn]. Essa vogal pode também ser inserida em palavras emprestadas e que terminem em consoante não licenciada para a posição de coda. Nesse último caso, a vogal /a/ pode ser escolhida para a inserção, resultando em duas palavras com apenas a sílaba final diferenciada. Vejamos os exemplos a seguir

(249) pinãmonia 'pneumonia' (250) ['xɛroki] 'xerox' (251) ['xɛroka] 'xerox'

O caso que vamos tratar é diferente desses acima. A vogal inserida não é nem /i/ nem /a/, mas uma vogal que se harmoniza com a vogal da sílaba onde o ataque desfeito se encontra, resultando na ressilabificação. A estrutura desfeita pode assim ser representada CCV'CV(C). A nova estrutura fica CV.CV'CV(C). A vogal inserida à esquerda deve concordar com todos os

traços da vogal à direita. A restrição que resume essa exigência é AGREER(V-PL)⁷³, que diz “a vogal inserida não pode ser diferente da vogal à direita”. Vejamos como fica a análise no tableau

Tableau 32 - epêntese de vogal - harmonia

l: /kro'ki/	*COMLPEXONS	AGREER(V-PL)	DEP-IO
a. kro'ki	*!		
b. kero'ki		*!	*
c. karo'ki		*!	*
d. \rightarrow koro'ki			*

Tableau 33 - /tru'vãw/ → [turu'vãw]

l: /tru'vãw/	*COMLPEXONS	AGREER(V-PL)	DEP-IO
a. tru'vãw	*!		
b. taru'vãw		*!	*
c. teru'vãw		*!	*
d. \rightarrow turu'vãw			*

O tableau mostra que três candidatos (a,b,c cometem violações fatais em cada tableau. As restrições violadas por esses seis candidatos foram: *COMLPEXONS, candidatos (a) e AGREER(VPL), candidatos (b,c). Os candidatos (b,c,d) violaram DEP-IO, pois aplicaram a epêntese. Essa não é uma restrição fatal, por isso, ainda que a tenha violado, o candidato (d) dos tableaux vence.

Os três processos que afetam a estrutura silábica se relacionam. No Pafro-indJ, metátese, elisão e epêntese são processos fonológicos aplicados para otimizar a fonotática da variedade. A metátese interfere nos ataques em posição final não acentuada da palavra morfológica e também nas codas cujos traços não são licenciados para a posição. A elisão também pode ocorrer nas mesmas posições em que a metátese ocorre. A epêntese ocorre para desfazer *clusters* e também para evitar codas não licenciadas. A variedade equilibra-se entre esses três processos de otimização da estrutura.

⁷³ A base dessa restrição foi introduzida na TO após o trabalho de LOMBARDI, L (1999, p. 267-302) para a análise da neutralização e assimilação do traço [voz] em alemão e em outras línguas. Tomamos a base da restrição, assim como fizeram ROSE, Y e DEMUTH, K (2006, p. 1112-1139) para a análise da epêntese vocálica em empréstimos do Inglês e do Africâner. Usamos as notações em inglês. Se fosse em português seria ConcorD(P-V) que significa: a vogal epentética deve concordar com o nó ponto de V da vogal à direita.

4.2.2. Análise da assimilação e dissimilação de vogais e de consoantes

Na seção 4.1.1.1 vimos os processos assimilatórios e na seção 4.1.1.2. vimos os dissimilatórios. Tratamos os dois processos separadamente. No caso da assimilação, vimos apenas a vocálica porque não encontramos casos de assimilação consonantal diferenciados daqueles amplamente tratados no PB, como é o caso da palatalização de /t/ e /d/.

Nesta seção não retornaremos às questões teóricas da assimilação e da dissimilação. Trataremos paralelamente os dois fenômenos como casos de harmonia e desarmonia, como propõe Krämer (1998). Veremos que alguns dos casos de assimilação vocálica tratados na seção 4.1.1.1 podem ser também verificáveis na dissimilação.

Krämer (1998, p. 1) afirma que os casos de assimilação e dissimilação vocálicas são, geralmente, tratados isoladamente. Ele, no entanto, prefere tratá-los paralelamente, pois os dois fenômenos demonstram, por meio dos dados de línguas, que estão relacionados. Existem línguas com sistemas vocálicos harmônicos e que também possuem casos de desarmonia. Krämer argumenta que esses dois fenômenos podem ser melhor tratados com a Teoria da Correspondência, que é um dos desdobramentos da TO. Ao analisar os casos de assimilação e dissimilação no Pafro-indJ pudemos comprovar que o tratamento paralelo é o que melhor dá conta dos casos vistos na análise autossegmental.

4.2.2.1. Harmonia e desarmonia vocálicas

Na seção anterior da análise autossegmental da assimilação e dissimilação de vogais, vimos casos de alçamento, casos de abaixamento, com deslabialização, e um caso de posteriorização, com labialização. Também vimos lá que os padrões harmônico e desarmônico no Pafro-indJ estão restritos ao pé e têm relação com a sílaba acentuada, ou seja, a cabeça do pé tanto para o gatilho, na maioria dos casos, como para o alvo, em alguns casos. Dividiremos, então, a análise em três seções de acordo com esses resultados.

4.2.2.1.1 O alçamento vocálico

O alçamento vocálico é um processo em que vogais com o traço [-alto] passam a portar o valor positivo desse traço [+alto]. O alçamento pode ser tanto para a harmonia quanto para a desarmonia e vai do grau mais baixo [-baixo] até o mediano [-alto, -baixo] ou até o mais alto [+alto], (/a/ → /e/, /i/; /ɛ/ → /e/, /e/, /o/ → /i/, /u/).

Os dados já analisados na Teoria Autossegmental mostram que o Pafro-indJ pode harmonizar e desarmonizar vogais em palavras vindas do PB. Usaremos apenas as restrições da Teoria da Correspondência cujo objeto central é a correspondência que, segundo Kager (1999, p. 100) pode ser assim descrita “Correspondence, (...) is a relation between pairs of segments in the input and output. It is subject to constraints requiring various kinds of congruence

between segments in input and output (such as identity, linearity, etc.).”⁷⁴ As restrições escolhidas para análise da harmonia e desarmonia por alçamento são:

- (a) IDENT-IO[-Post] que diz “atribua uma violação ao candidato que não é fiel ao traço anterior da vogal que se encontra na sílaba cabeça do pé”. Essa restrição é necessária para que, se GEN (Gerador) gerar algum candidato com vogal [+post], pois a língua tem vogal alta [+/-post], essa palavra possa ser avaliada pelo EVAL (avaliador) e ser ou não penalizado.
- (b) IDENT-IO[HEIGHT] afirma “atribua uma marca ao candidato que não se harmonizar com a altura da vogal do input”. Uma restrição geral como essa controla o Gerador (GEN) para que este não gere candidatos com vogais que não existem na língua, ainda que a possibilidade de gerar exista.
- (c) *[+LOW] diz “atribua uma marca ao candidato que possuir vogal baixa na sílaba pretônica”.
- (d) *MID afirma “atribua uma marca ao candidato que tiver uma vogal média na sílaba pretônica”.

Vejamos no tableau como um *input* do PB se manifesta no Pafro-indJ, harmonizando vogais. Faremos a transcrição com os pés escandidos para que fique bem claro que a harmonia e a desarmonia têm como domínio o pé e mantêm uma relação estreita com a sílaba cabeça do pé, tanto no pé cabeça da palavra quanto no pé menos proeminente. O *ranking* é IDENT-IO [-Post] >> *LOW >> *MID >> IDENT-IO[HEIGHT]

Tableau 34 - Alçamento de vogal

l: /pe('rígu)/	IDENT-IO [-Post]	*[+LOW]	*MID	IDENT-IO[HEIGHT]
a. pɛ('rígu)		*!		
b. pu('rígu)	*!			
c. pe('rígu)			*	
d. ɸpi('rígu)				*

O candidato vencedor é o (d) [pi'rígu] e o candidato (c) seria um potencial vencedor também, mas não ocorre no Pafro-indJ. O candidato (b) poderia ser uma opção viável, mas aí o processo não seria apenas de alçamento, mas também de posteriorização, com a consequente labialização. O candidato (a) viola a restrição que proíbe vogal baixa e o candidato (b) viola a restrição mais alta no *ranking*, IDENT-IO [-Post], assim, ambos são punidos fatalmente.

Nesse tableau vimos a harmonia entre as vogais da sílaba pretônica e tônica. Vejamos como o alçamento é aplicado no caso da desarmonia. Tomaremos a palavra 'moleque' → [mu' lɛki]

⁷⁴ “Correspondência, (...) é uma relação entre pares de segmentos no input e no output. Está sujeita a restrições que exigem vários tipos de concordância entre segmentos do input e do output (como identidade, linearidade, etc.).” (tradução nossa).

para demonstrar o fenômeno. Em diversas análises da harmonia por alçamento vocálico no PB, o caso dessa palavra fica como uma exceção ou se atribui o alçamento a outros fatores que nem sempre são explicitados, pois o ambiente fonológico não teria influência sobre o alçamento de /o/ para /u/.

Assumimos nessa análise que esse é um caso de alçamento por dissimilação, ou desarmonia. A vogal /ɛ/ da sílaba tônica difere em dois graus de abertura da vogal /o/ da sílaba pretônica. Retornaremos à proposta de Wetzels (1992) sobre as vogais do PB, na qual o autor trata as vogais dessa língua não em termos de altura, mas em termos de abertura. A vogal /ɛ/ tem valores positivos para os graus de abertura 2 e 3 e valor negativo para o grau 1, enquanto a vogal /o/ tem valor positivo apenas para o grau de abertura 2, conforme se pode notar na figura a seguir

Figura 15 - abertura de /ɛ/ e de /o/

	/o/	/ɛ/
Abertura 1	-	-
Abertura 2	+	+
Abertura 3	-	+

Fonte: elaborada pela autora, com base em Wetzels (1992)

Vemos que não são vogais muito semelhantes, mas também não são totalmente dessemelhantes. Quando o processo de desarmonia ocorre, com o alçamento de /o/, a figura acima muda, como podemos ver na figura 16.

A vogal /u/ não possui valor positivo para nenhum dos graus de abertura, desarmonizando com a vogal detonadora (ou gatilho) que se encontra no domínio da sílaba mais proeminente do pé. Assim, a mudança de moleque > muleque pode ser explicada pelas diferenças no grau de abertura entre /o/ e /ɛ/.

Figura 16 - abertura de /u/ e de /ɛ/

	/u/	/ɛ/
Abertura 1	-	-
Abertura 2	-	+
Abertura 3	-	+

Fonte: elaborada pela autora, com base em Wetzels (1992)⁷⁵

⁷⁵ Mostramos a proposta de Wetzels (1992) com a qual concordamos, mas continuaremos a usar os termos mais usados [+/-alto], [+/-post], [+/-arred], apenas por comodidade para a apresentação nos tableaux.

O tableau para representar o fenômeno conta com as mesmas restrições da harmonia, porém com alguns dos valores alterados nas restrições. O *ranking* é

*IDENT-IO [-Post] >> *[+LOW] >> *MID >> IDENT-IO[HEIGHT]

Tableau 35 Desarmonia /mo'leki/ → [mu'leki]

l: /mo('leki)/	*IDENT-IO [-Post]	*[+LOW]	*MID	IDENT-IO[HEIGHT]
a. mo('leki)		*!		*
b. mo mu('leki)				*
c. mo('leki)			*	
d. mi('leki)	*!			

A análise em (35) mostra que o candidato vencedor (b), que viola apenas a restrição ranqueada no nível mais baixo da hierarquia, tem a vogal da sílaba pretônica elevada, mas não ocorre a harmonia e sim a desarmonia. O candidato (a) viola a segunda restrição mais alta do *ranking* que proíbe vogal baixa na sílaba pretônica e recebe punição fatal. O candidato (d) viola a restrição mais alta do *ranking* e é eliminado da competição. O candidato (c) viola uma restrição não fatal, colocando-se como provável candidato vencedor, ou seja, é o candidato subótimo.

Alves (2011, p. 3), ao tratar do alçamento vocálico no dialeto mineiro das cidades de Belo Horizonte e Uberlândia, afirma que há casos que não podem ser explicados pela harmonia da pretônica com a vogal da sílaba tônica. A autora (op.cit., p. 3) diz que outros fatores devem ser considerados, pois “Palavras como m[u]leque, s[i]mestre, c[u]stela, c[u]meço e várias outras apresentam o alçamento de vogais médias em posição pretônica influenciado por outros fatores”. Propomos nessa análise que esses outros fatores dizem respeito ao fato de que o fenômeno do alçamento nessas palavras ocorre pela desarmonia e não pela harmonia entre as vogais, conforme demonstrado no tableau (35). Outros exemplos que a autora apresenta como alçamento ou redução vocálica, são as palavras ‘sotaque’ → [su'taki] e ‘tomate’ → [tu'matʃi]. Nessas palavras o que parece ocorrer é a desarmonia ou dissimilação e as palavras ficam com as três vogais mais distanciadas do trato vocal: /i/, /a/, /u/. Esse distanciamento, de fato, é definido como dispersão acústica, conforme Sandalo e Abaurre (2014) em um estudo sobre assimetria na harmonia vocálica do PB. Não ouvimos as palavras ‘sotaque’ → [su'taki] e ‘tomate’ → [tu'matʃi] em Jurussaca, mas elas se assemelham às já analisadas anteriormente.

Há no Pafro-indJ uma forma herdada do PB que não passa pela harmonia, /xe'zistu/ ~ /xe'zistu/⁷⁶ ‘registro’. Vejamos a possível razão do não alçamento nessa palavra. Para iniciar a explicação, apresentamos um dado em que a harmonia ocorre, mas não resulta em alçamento e sim em abaixamento. Esse dado pode auxiliar na elucidação do fenômeno no Pafro-indJ. Na palavra ‘tijolo’ → [te'zolu], a vogal alta passa a média, em um tipo de assimilação que não é muito atestado no PB, mas que foi encontrado no Pafro-indJ. Propomos na análise que o não

⁷⁶ As duas formas são faladas em Jurussaca.

alçamento em ‘registro’ e o abaixamento em ‘tijolo’ são fenômenos paralelos condicionados pela consoante sibilante que se encontra na sílaba tônica. As consoantes /ʒ/ e /z/ são coronais, sendo que a primeira é [-anterior] e a segunda [+anterior]. A [-anterior] é também uma consoante [+alta]. Clements e Hume (1995, p. 278) relatam que a classe natural [coronal] abrange tanto consoantes como vogais e que a interação entre consoantes coronais e vogais anteriores é amplamente reconhecida na literatura fonológica. Essa classe natural pode atuar conjuntamente em processos que envolvem consoantes e vogais e os processos podem ser tanto de harmonia quanto de desarmonia. Nos casos que estamos a considerar, o fenômeno parece ser o de desarmonia na palavra ‘registro’ e de harmonia em ‘tejolo’. Em ‘registro’, a consoante coronal alta bloqueia a assimilação que resultaria em ‘rigisto’, com a intervenção do OCP –Princípio do Contorno Obrigatório. No caso de ‘tijolo’ que passa a ‘tejolo’ a consoante coronal alta parece bloquear a ocorrência da vogal alta, com a intervenção também do OCP e a consequente harmonia de altura entre a vogal da pretônica e a da tônica. Assim, para evitar que segmentos com traços semelhantes ocorram próximos, o OCP intervém e causa a harmonia em um caso, [te'ʒolu], *[tʃi'ʒolu], e a não harmonia em outro, [xe'ʒistu] e não *[xi'ʒistu]. Nos tableaux a seguir demonstramos a não aplicação e a aplicação da harmonia. As restrições e o ranking para a não aplicação são: IDENT-IO[HEIGHT] >> *[+LOW] >> *MID

Tableau 36 - Não aplicação da harmonia

l: /xe'ʒistu/ ~ /xe'zistu/	IDENT-IO[HEIGHT]	*[+LOW]	*MID
a. xi'ʒistu ~ xi'zistu	*!		
b. xe'ʒistu ~ xe'zistu		*!	
☞ c. xe'ʒistu ~ xe'zistu			*

Tabela 37 – Aplicação da Harmonia

l: /ti('ʒolu)/	*[+LOW]	*[+HIGH]	*MID	IDENT-IO[HEIGHT]
a. te('ʒolu)	*!			
☞ b. te('ʒolu)			*	*
c. ti('ʒolu)		*!		

Vemos que os dois casos podem ser tratados com três restrições iguais, mas no caso de tijolo, tivemos que introduzir no tableau uma restrição que proibisse a ocorrência de vogal [+alta] na sílaba pretônica, *[+HIGH]. O ranqueamento no caso da aplicação da harmonia é *[+LOW] >> *[+HIGH] >> *MID >> IDENT-IO[HEIGHT]. O candidato (b) que vence a competição, harmonizando a altura da vogal pretônica com a vogal da sílaba tônica, comete duas violações ranqueadas nos níveis mais baixos do *ranking*. Os outros dois, (a) e (c), violam as restrições mais altas e são fatalmente punidos.

Existem outros casos de alçamento por desarmonia, conforme se pode ver a seguir

(252) de'pɾesa → dʒi'pɾesa e → i/–ε (253) trove'zãdu → truve'zãdu o → u/–e

(254) 'ɛpoka → 'ɛpika o → i/ ε– (255) ābu'lāsja → ību'lāsja a → i/ –u

(256) esmo'lava → ismo'lava e → i/–o (257) se'bola → si'bola e → i/–o

Em todos esses casos, vogais mais próximas no grau de abertura dissimilam e se elevam, ou para a anterior ou para a posterior (i/u) aumentando, assim, a distância da abertura para as vogais no domínio do pé que é onde a desarmonia ocorre, assim como a harmonia. As duas vogais altas têm valores negativos para os três graus de abertura, o que não ocorre para as demais do sistema do Pafro-indJ.

Vejamos o tableau com essas palavras para comprovar que as restrições anteriormente usadas funcionam nesses casos.

Tableau 38 - Desarmonia por Alçamento

l: /de('pɾesa)/	*IDENT-IO[αF]	IDENT-IO[HEIGHT]
a. de('pɾesa)	*!	
☞ b. di('pɾesa)		*
l: /(.trove)('zãdu)/		
a. (.trove)('zãdu)	*!	
☞ b. (.truve)('zãdu)		*
l: /('ɛpo)ka/		
a. ('ɛpo)ka	*!	
☞ b. ('ɛpi)ka		*
l: /(.ābu)('lāsja)/		
a. (.ābu)('lāsja)	*!	
☞ b. (.ību)('lāsja)		*
l: /(.esmo)('lava)/		
a. (.esmo)('lava)	*!	
☞ b. (.ismo)('lava)		*
l: /se('bola)/		
a. se('bola)	*!	
☞ b. si('bola)		*

Aqui usamos um tableau com apenas duas restrições, de acordo com o que é discutido por Prince e Smolensky (1993, p. 86-90) e que se parece com o proposto no teorema de Panini, o qual diz que a restrição mais específica deve dominar a mais geral. Colocamos a restrição *IDENT-ID[αF] que diz “não concorde com o(s) traço(s) da vogal da sílaba cabeça do pé”. Utilizamos a não especificação de traços, [αF], porque, dessa forma, a restrição pode se aplicar a todas as vogais dos candidatos do tableau, cujos traços são variáveis.

Os candidatos vencedores (b) violam apenas a restrição IDENT-IO[HEIGHT] por desarmonizarem com a vogal da sílaba cabeça do pé. Os candidatos (a) violam a restrição *IDENT-IO[αF] que diz “atribua uma marca ao candidato que concorde com traço (s) da vogal da sílaba cabeça do pé”.

4.2.2.1.2. O abaixamento vocálico

Vimos também na análise em 4.1.1. que o Pafro-indJ aplicou o processo de assimilação de abaixamento vocálico a partir de *input* do PB, (u→o; i→e; e→ε). São três as restrições para a análise do abaixamento: IDENT-IO[-alto,-baixo] que diz “a vogal alta não acentuada do pé deve concordar com a vogal média cabeça (HD) do pé, que a antecede”; na análise do primeiro dado precisamos introduzir a restrição MAX-IO que diz “nenhum elemento do *input* pode ser apagado” e IDENT-IO[HEIGHT] que exige “S₂ e S₁ precisam ter vogais com altura correspondentes”. Ranqueamos na seguinte ordem:

IDENT-IO[-alto,-baixo] >> MAX-IO >> IDENT-IO[HEIGHT]

Tableau 39 - /sepuw'tadu/

l: /(.sepuw) ('tadu)/	IDENT-IO[-alto,-baixo]	MAX-IO	IDENT-IO[HEIGHT]
a. (.sepuw) ('tadu)	*!		
b. (.sepo) ('tadu)	*!	*	*
c. (.sepuw) ('tadu)	*!		
d. ε (.sepo) ('tadu)		*	*
e. (.sepa) ('tadu)	*!	*	*

O tableau mostra que as três restrições funcionam na análise. Com a restrição IDENT-IO [-alto,-baixo] no nível mais alto do *ranking*, todos os candidatos cujas vogais do pé (.sepuw) não se harmonizam em altura com a vogal cabeça do pé, [se], são penalizados fatalmente. O único candidato que não viola IDENT-IO [-alto,-baixo] é o candidato (d), 'sepotadu' que vence a competição, apesar de violar MAX-IO e IDENT-IO(HEIGHT) ao apagar o [w] e não respeitar a identidade entre as vogais do *output* e do *input*; essas restrições estão ranqueadas no nível mais baixo da hierarquia e não interferem na vitória do candidato.

A análise comprova a harmonia por abaixamento. Será que o abaixamento ainda pode ser aplicado à palavra 'sepotado'? Se for aplicado, não ocorrerá a harmonia e sim a desarmonia. Para que a desarmonia ocorra, precisamos mudar o valor positivo da restrição IDENT-IO [-alto,-baixo] para o valor negativo * IDENT-IO [-alto,-baixo] e retirar a restrição MAX-IO do tableau.

Tableau 40 - /sepo'tadu/

I: /(.sepo) ('tadu)/	* IDENT-IO [-alto,-baixo]	IDENT-IO(HEIGHT)
a. ?(.sepo) ('tadu)		*
b. (.sepo) ('tadu)	*!	
c. ? (.sepa) ('tadu)		*

O tableau demonstra que o candidato (b) é punido fatalmente por manter a concordância com a vogal cabeça do pé, apesar de manter a identidade de altura entre S₂ e S₁. Os candidatos (a) e (c) cometem apenas uma violação leve cada um, ficando empatados. Há a necessidade de desempatar para que o candidato ótimo possa emergir.

Tableau 41 - /(.sepo) ('tadu) / → *[(.sepo) ('tadu)]

I: /(.sepo) ('tadu)/	* IDENT-IO [-alto,-baixo]	*[-arred]	IDENT-IO(HEIGHT)
a. ? (.sepo) ('tadu)			*
b. (.sepa) ('tadu)		*!	*
c. (.sepo) ('tadu)	*!		

A mudança no *ranking* não é suficiente para o desempate, por isso houve a necessidade de se colocar uma restrição mais para que a vogal [+abert] fosse barrada. Vemos que a única diferença entre (.sepo)('tadu) e (.sepa)('tadu) está entre as vogais /ɔ/ e /a/. A diferença entre essas duas vogais está no grau de abertura e no arredondamento dos lábios. Assim, a nova restrição deveria levar em conta ou o grau de abertura ou o arredondamento dos lábios. Optamos por uma restrição que considere o arredondamento dos lábios, *[-arred]. Essa restrição proíbe a ocorrência de vogal não arredondada na sílaba menos proeminente do pé.

Com a nova restrição *[-arred] o candidato (b) é eliminado, recebendo uma penalidade fatal e uma leve. O candidato (a) que viola apenas IDENT-IO(HEIGHT) é o vencedor, apesar de ainda não ser uma forma falada no Pafro-indJ.

O objetivo dos tableaux (40) e (41) é demonstrar que o abaixamento pode ocorrer em um *input* do Pafro-indJ que surge a partir do abaixamento do *input* do PB e que novas restrições devem ser agregadas para dar conta do processo na gramática sincrônica da variedade.

A forma [(.sepo)('tadu)] ainda não é encontrada no Pafro-indJ, mas há um exemplo de abaixamento por desarmonia que já ocorre e se parece com esse exemplo, diferindo apenas quanto à sílaba onde o abaixamento é aplicado. A palavra é [(.pavo)('adu)] que nasce a partir de [(.povo)('adu)].

Em [(,pavo)('adu)], a vogal /o/ cabeça do pé dissimila com a vogal à direita que tem os mesmos traços. Nesse caso, além do abaixamento, ocorre também a deslabialização.

O dado [(,pavo)('adu)] será analisado a seguir. Mudaremos o valor do traço de arredondamento para [+arred], pois não queremos que uma vogal [-arred] emerja na sílaba mais proeminente do pé. A restrição que capta essa proibição é, então, *[+arred]. Nesse dado, uma outra particularidade se apresenta: a vogal detonadora do abaixamento não é a mais proeminente do pé, mas a menos proeminente. A razão para essa mudança de direção parece se dar pela intervenção do OCP, ou seja, se o processo for detonado pela vogal acentuada do pé à esquerda, (,povo)('adu), o resultado poderia ser que duas vogais, /a/, com os mesmos traços ficariam adjacentes, num tipo de hiato que poderia resultar em apagamento de uma delas ou a fusão de ambas.

(258) (,povo)('adu) > (,pova)('adu) > (,pov∅)('adu) > (,pov)('adu) > *po('vadu)

Elaboramos, então, uma restrição de marcação, OCP[+baixo][+baixo], que reflete a proibição e que deve ser violada fatalmente e ranqueada no nível mais alto do ranking, que é o seguinte:

OCP [+baixo] [+baixo] >> *[+arred] >> IDENT-IO(HEIGHT)

Tableau 42 - [(,povo)('adu)] → [(,pavo)('adu)]

I: /[(,povo)('adu)]/	OCP [+baixo] [+baixo]	*[+arred]	IDENT-IO(HEIGHT)
a. (,povo)('adu)		*	*
b. (,pava)('adu)	*!		
c. (,povo) (,pavo)('adu)			*

O candidato vencedor (c) viola apenas IDENT-IO(HEIGHT) , enquanto que o candidato (b) viola OCP [+baixo] [+baixo] que é a mais alta restrição do ranking e o candidato (a) viola duas restrições menos altas do ranking, colocando-se como um candidato potencial para a variedade. No Pafro-ndJ encontramos outra palavra que tem semelhanças com 'povoadu > 'povoadu', a palavra 'ensopadu' > ensopadu. Em (,ēsɔ)('padu) → (,ēsɔ)('padu), ocorre a assimilação entre a vogal /o/ do pé menos proeminente e a vogal /a/ cabeça do pé mais proeminente, comprovando o que dissemos acima sobre a intervenção do OCP. Na palavra 'povoadu > povoadu' a forma 'pavaadu' não é permitida pois a sílaba cabeça do pé mais proeminente não tem ataque, o que criaria a possibilidade do hiato e, logo, o apagamento ou a fusão de uma das vogais. Em 'ensopado > ensopadu' o OCP não necessita intervir, pois o ataque da sílaba cabeça do pé não permite que o hiato seja criado. Veremos no tableau como ficaria esse dado. Retiramos a restrição OCP [+baixo] [+baixo] que já não é necessária para esse dado e colocamos IDENT-IO[HD-R] que diz "a vogal à esquerda deve corresponder com a vogal cabeça do pé à direita". Podemos retirar também a restrição *[+arred], pois a restrição anterior já resolve, com a sua violação.

Tableau 43 - (,ěso)('padu) → (,ěsa)('padu)

I: / (,ěso) ('padu) /	IDENT-IO[HD-R]	IDENT-IO(HEIGHT)
a. ☞ (,ěsa)('padu)		*
b. (,ěso)('padu)	*!	

O candidato ótimo (a) viola apenas a restrição mais geral, enquanto que o candidato (b) é penalizado fatalmente por violar a restrição mais específica.

4.2.2.1.3. A posteriorização vocálica

Vimos anteriormente que além do alçamento e do abaixamento de vogais, no Pafro-indJ também ocorre o processo de posteriorização, (e →o). A posteriorização só se aplica regressivamente e a vogal [+posterior] tem que estar em sílaba tônica ou pretônica.

Tomamos o *input* /pro(gũ'ta)/ 'proguntar' que é a forma estabelecida no léxico do Pafro-indJ. Esse processo de posteriorização tem relação com a consoante que se encontra à direita da vogal alvo. Essa consoante deve ter o mesmo traço de posterioridade da vogal detonadora. Se a vogal alvo for seguida por uma consoante [dorsal], o processo é aplicado, como em pre'gunta > pro'gunta, mas se esta consoante for [coronal], o processo não se aplica, como em pre'tuba > *pro'tuba. A geometria de traços dos sons adjacentes onde o processo poderia ser aplicado é diferente da de pre'gunta/pregun'ta. Nesse caso parece haver uma conjunção entre o traço dorsal da consoante e da vogal. Usaremos apenas duas restrições, sendo uma delas conjugada para refletir o que foi exposto. Essa restrição conjugada diz "atribua uma marca ao candidato que não mantiver identidade com o traço dorsal da vogal e da consoante do ataque da sílaba cabeça do pé". O *ranking* é o seguinte:

IDENT-IO [+post]&IDENT[+cons, +dor] >> IDENT-IO[HEIGHT].

Tableau 44 - Posteriorização (e →o)

I: /pro(gũ'ta)/	IDENT-IO [+post]&[+cons, +dor]	IDENT-IO[HEIGHT]
a. ☞ pro(gũ'ta)		
b. pru(gũ'ta)		*
c. pre(gũ'ta)	*!	*

O candidato (c) viola as restrições IDENT-IO[+post]&[+cons, +dor] e IDENT-IO[HEIGHT] e o (b) viola apenas IDENT-IO[HEIGHT] e se coloca como um candidato subótimo, enquanto que o candidato vencedor (a) não viola nenhuma restrição.

A palavra preguntar e pretubar aparentam ter as mesmas condições necessárias para que a assimilação da pretônica2 ocorra. No entanto, em pretubar a posteriorização não acontece. A geometria de traços dos sons dessa palavra é diferente da de preguntar. Em preguntar a vogal

da sílaba onde o processo se aplica está contígua a uma sílaba com dois sons dorsais, ou seja, posteriores, /g/ e /u/, enquanto que em pretubar isso não ocorre, apenas um som dorsal se encontra na sílaba, antecedido por coronal (cf. a árvore de traços de Clements e Hume, cap.1). Usaremos a restrição IDENT-IO[+post], mas mudaremos o valor positivo para negativo; também continuaremos usando a restrição IDENT-IO[HEIGHT]. O ranking é

*IDENT-IO[+post] >> IDENT-IO[HEIGHT]

Tableau 45 - Não posteriorização (e →o)

l: /pre(tu'ba)/	*IDENT-IO[+post]	IDENT-IO[HEIGHT]
a. pro(tu'ba)	*!	*
b. pru(tu'ba)	*!	*
c. \varnothing pre(tu'ba)		

O candidato vencedor (c) não viola nenhuma restrição, enquanto os candidatos (a) e (b) violam as duas restrições e são eliminados.

4.2.2.2. Harmonia e desarmonia de consoantes

No Pafro-indJ não foram encontrados fenômenos de harmonia consonantal muito diferentes do PB. No entanto, encontramos dois casos diferentes:

(a) apenas um dado em que uma obstruinte descontínua [+voz] assimila o traço [-voz] da obstruinte contínua que a antecede.

(259) [es'gia] → [es'kia] 'esguia'

(b) algumas ocorrências no nível poslexical de /s/ → /ʃ/ no ambiente de vogal alta.

(260) [eʃʃi a'ki] 'Esse aqui'

(261) [eʃʃi ,otu 'ãnu] 'Esse outro ano'

(c) alguns falantes espirantizam a oclusiva /b/ entre vogais ou depois de uma sibilante

(262) [dona Fulana quer ir no [β]ãneiru] 'Dona Fulana quer ir no banheiro'

(263) [forimbora os [v]aru/êtus] 'Foram embora os barulhentos'

Esses fenômenos de harmonia consonantal seguirão também a teoria da correspondência e algumas das restrições já usadas na análise da harmonia vocálica. Começamos com o caso exposto em (259) que é um caso de desvozeamento progressivo, não muito atestado no PB. Usamos duas restrições de fidelidade: IDENT-IO [-voz] que diz "atribua uma marca ao candidato que não corresponder com o traço [-voz] da consoante à esquerda" e IDENT-IO que afirma "deve haver identidade (fidelidade) entre o *output* e o *input*"

Tableua 46 - desvozeamento progressivo

l: /es'gia/	IDENT-IO [- voz]	IDENT-IO
a. $\text{es}'\text{kia}$		*
b. $\text{es}'\text{gia}$	*!	

Os dois candidatos cometem uma violação cada um; o candidato (a) vence ainda que viole IDENT-IO que está ranqueada mais baixo no *ranking* e o candidato (b) viola a restrição mais alta que exige a concordância com o traço [-voz] da consoante que antecede a obstruinte [dorsal].

Vejamos agora os casos (260) e (261). O que ocorre nesses exemplos é a elevação do /s/ quando se encontra antes de /i/ que é uma vogal alta. Observemos o tableau

Tableua 47 - Alçamento regressivo de consoante

l: /esi /	IDENT-IO [+alto]	IDENT-IO
a. $\text{e}\text{ʃ}\text{i}$		*
b. esi	*!	

O outro caso é o enfraquecimento da obstruinte descontínua, também denominado de processo de espirantização. Na espirantização, um som obstruinte descontínuo se torna [+contínuo] em ambiente [+contínuo]. Vamos usar a mesma restrição de fidelidade, com a mudança do traço IDENT-IO [+contínuo].

Tableau 48 - Espirantização de /b/

l: /VbV/, /sbV/	IDENT-IO [+cont...+cont]	IDENT-IO
a. $\text{V}[\beta]\text{V}, \text{s}[\text{v}]\text{V}$		*
b. $\text{V}[\text{b}]\text{V}, \text{s}[\text{b}]\text{V}$	*!	

O tableau demonstra que o candidato vencedor (a) que torna [+cont] uma obstruinte [-cont] vence a competição mesmo tendo violado a restrição de fidelidade entre S_2 e S_1 , enquanto o candidato (b), que viola a restrição de fidelidade ao traço [+contínuo], é fatalmente punido.

A dissimilação no Pafro-indJ ocorre também com consoantes. Na seção 4.1.1.2. mostramos que falantes mais idosos podem produzir *output* dissimilado a partir de *input* do PB e da própria variedade. Os casos são: $b \rightarrow d/ -m$; $l \rightarrow n/ -l$; $n \rightarrow l/ -m, n$; $l \rightarrow r/ -l$; $t \rightarrow d/ p -$. Vimos que os segmentos que mudam de traços pertencem a duas classes: (i) classe [-Cont] (b, t, n) e (ii) classe [+Cont] (l). Os resultados da desarmonia também ficam nessas duas classes: [-Cont] (d, n, r) e [+Con] (l). Há ainda a desarmonia de ponto de articulação. Quando dois segmentos [-Cont]

[+labial] adjacentes violam o OCP, temos como resultado o traço [+coronal]. Temos um caso de mudança de traço laríngeo, quando dois segmentos em sílabas adjacentes e com o mesmo traço de vozeamento violam o OCP, [-voz], o segmento à direita muda para [+voz]. No caso do segmento [+Cont, +Lateral]/[+Cont, +Lateral] a violação do OCP exige um segmento [-Lateral] e consequentemente [-Cont], pois no nó de ponto de articulação, as possibilidades do inventário de sons do Pafro-indJ, são entre as [+/-soante descontínua] (d, n, r) e nenhuma outra. Desse conjunto de descontínuas, as eleitas para a mudança de traços são as [+soante], (n, r). Separamos o processo em três grupos: (a) desarmonia de ponto, (b) desarmonia de continuidade e (d) desarmonia de vozeamento. Na dissimilação de continuidade, o /l/ poderia ser trocado pelo /r/, mas como este está inserido na Condição Negativa de Onset inicial, não fica disponível e, então, o outro segmento /n/, disponível para essa posição, assume, ocorrendo o mesmo com a operação inversa, da [-Cont] para [+Cont] (/n/ →/l/)⁷⁷. Na dissimilação de ponto, o OCP atua sobre os dois traços de labialidade adjacentes [+labial] V(C) [+labial] e o ponto coronal é o escolhido.⁷⁸ Na desarmonia de vozeamento, apenas o valor [-voz] é mudado. A desarmonia ocorre no domínio da raiz e entre pés, quando a palavra tem mais que três sílabas. Vejamos a análise nos tableaux.

Tableau 49 - Desarmonia de Continuidade/[+/-lateral]

I: /Lula/	*IDENT-IO [lat...lat]	IDENT-IO
a. Lula	*!	
b. ☞ Nula		*
I: /Neimar/	*IDENT-IO[-cont...-cont]	IDENT-IO
c. Neimar	*!	
d. ☞ Leimar		*
I: /Neidenir/	*IDENT-IO[-cont...-cont]	IDENT-IO
e. ☞ Leidenir		*
f. Neidenir	*!	

Tableau 50 - Desarmonia de ponto

I: /bermuda/	*IDENT-IO [labial...labial]	IDENT-IO
a. ☞ dermuda		*
b. bermuda	*!	
I: /baby doll/	*IDENT-IO [labial...labial]	IDENT-IO
c. baby doll	*!	
d. ☞ daby doll		*

⁷⁷ No português arcaico encontramos a forma *nemrar-se* > *lembrar-se*, que mostra o /n/ que depois será substituído por /l/, (PVPA, p. 332).

⁷⁸ Também encontramos a forma *nembros* > *membros* no português arcaico, (PVPV, p. 333).

Nos tableaux (49) e (50) usamos a mesma a restrição IDENT-IO com o valor negativo (*IDENT-IO) e identificamos entre colchetes os traços que não podem ficar adjacentes, sofrendo a intervenção do OCP e a consequente mudança de traços.

Em (49) temos dois conjuntos de traços de continuidade: o [+lateral], onde dois // estão adjacentes, um deles deve mudar para [-lateral]; e no outro conjunto [-lateral], em que ocorre dois traços adjacentes [-cont] e um deles deve mudar para [+lateral], logo, [+cont].

No tableau (50) temos a desarmonia de ponto, em que dois segmentos com o traço [labial] não podem ficar adjacentes, ocorrendo a intervenção do OCP e a mudança de um dos segmentos para o traço [coronal].

Tableau 51 - Desarmonia de vozeamento

l:/potinho/ 'potrinho'	*IDENT-IO [-voz...-voz]	IDENT-IO
a. \varnothing podinho		*
b. potinho	*!	

No tableau (51) ocorre a desarmonia entre dois segmentos próximos com a mesma especificação para o traço laríngeo de vozeamento. O OCP intervém e um dos segmentos muda o valor para [+voz].

A análise da desarmonia no Pafro-indJ poderia também se estender para outros domínios, pois os dados revelam uma tendência dessa variedade em evitar elementos adjacentes com os mesmos traços ou com estruturas similares. Um caso, que é relatado na análise que Garcia (2013, p. 87) faz de quatro variedades da região de Campos Belos, área habitada por afro-descentes do grupo Kalunga, parece ser tendência também no Pafro-indJ que é a evitação de palavras com duas sílabas com ataque complexo, como em próprio →próprio. Essa tendência na fonotática do Pafro-indJ de evitar elementos muito semelhantes necessita ser investigada com mais dados e em contextos diversos.

4.2.2.3. A harmonia nasal no Pafro-indJ

Em seu trabalho de 1993, Prince & Smolensky dão praticamente nenhum tratamento específico para a nasalidade, mas a partir da teoria, vários outros desdobramentos puderam ser feitos, incluindo a questão do espalhamento ou harmonia nasal. McCarthy e Prince (2004, p. 246) afirmam que as vogais nasais são mais marcadas que as orais e que todo sistema que permite vogais nasais deve permitir também vogais orais. Assim, vemos que as vogais orais são menos marcadas que as nasais. Em sistemas onde ocorrem vogais nasais, as restrições para a nasalidade devem estar no nível mais alto do *ranking*. O autor mostra as restrições relativas para o caso de alofonia nasal:

- (a) *VNas 'Não às vogais nasais'
- (b) *VOral 'Não às vogais orais'
- (c) *VNas >> *VOral 'Vogais nasais são mais marcadas que vogais orais'

Ainda segundo McCarthy e Prince (op.cit) uma gramática que admite vogais nasais também tem que permitir vogais orais, mas o contrário não é verdadeiro, pois a dominância de *VOral não implica a dominância de *VNas. Isso implica que um sistema com vogais orais não tem que necessariamente ter vogais nasais. Se uma língua tem um *ranking* *VNas >> *VOral significa que as vogais nasais são barradas no sistema. Apenas essas restrições não dão conta da nasalidade, pois há línguas com alofonia nasal, onde vogais nasais aparecem/ocorrem em contextos pós-nasais. Uma outra restrição tem que ser agregada, a restrição

(d) *NVOral

que significa 'não às vogais orais em contexto pós-nasal'. Dessa forma pode-se chegar a um *ranking* em que vogal oral não deve ocorrer em ambiente nasal:

(e) *NVOral >> *VNas

Essa restrição em (e) que proíbe a vogal oral em contexto nasal força o espalhamento nasal e qualquer outro tipo de alternância nesse contexto. Caso o espalhamento nasal não ocorra, outras restrições devem dominar *VNas, como desnasalização de consoantes, elisão da consoante nasal ou da vogal que a segue ou ainda qualquer outro tipo de reparo para a violação de *NVOral. McCarthy (op.cit, 430) diz que o ranqueamento *NVOral >> *VNas força o espalhamento nasal canônico. Se a restrição *NVOral é irrelevante, o nível mais baixo no ranqueamento de *VNas demanda a ocorrência das vogais menos marcadas, ou seja, as orais. Na questão da nasalidade as restrições de fidelidade não exercem papel relevante na alternância. Há uma restrição, dominada, que regula a nasalidade

(f) IDENT-IO[nas] 'Pares correspondentes no *input-output* concordam em nasalidade'.

Com essas restrições, passamos à análise da nasalidade no Pafro-indJ. Conforme visto na seção 4.1.1., a nasalidade no Pafro-indJ não é contrastiva, mas alofônica. Pode ser bidirecional, a partir de um contexto nasal, ou seja, a partir de uma consoante nasal adjacente. A análise anterior mostrou que ainda que os falantes do Pafro-indJ não pronunciem as codas nasais subjacentes do PB, a nasalidade se espalha para a vogal à esquerda, como em [ã'jĩ(N)da] a partir dessa coda que não se realiza na superfície. Diferentemente de outras variedades do PB, não é apenas a vogal imediatamente à esquerda que se nasaliza, mas as não contíguas também. Em outros contextos, como no caso do ataque [nasal], a nasalidade se espalha para a esquerda, em um número reduzido de palavras, ou apenas em contexto poslexical.

O que diferencia o Pafro-indJ do PB quanto ao espalhamento nasal é que este pode ser bidirecional no mesmo domínio.

Usaremos aqui as mesmas restrições acima postas por McCarthy (2004). Optamos por *inputs* que já apresentem a nasalização alofônica. Kager (1999, p. 31,32) argumenta que o *input* para os padrões de nasalidade alofônica é irrelevante na forma como a notação da nasalidade é feita. Segundo Kager (op.cit.) a oralidade/nasalidade subjacente é completamente irrelevante para a distribuição superficial das vogais orais e nasais. As restrições de marcação que ficam

nos níveis mais altos do *ranking* são as responsáveis para a irrelevância da notação do *input*, pois elas têm dominância sobre a restrição de fidelidade IDENT-IO[nas].

Durante a análise veremos se as restrições são suficientes ou se outras deverão ser acrescentadas.

Tableau 52 - /ã'jĩ(N)da/

l: /ã'jĩ(N)da/	*VOralN	*VNas	IDENT-IO[nas]
a. a'ji(N)da	*!		
b. ã'jĩ(N)dã		*!	*
c. ☞ã'jĩ(N)da			

O candidato vencedor (c) não viola nenhuma restrição, enquanto o candidato (b) viola *VNas por possuir a sílaba [dã] com vogal nasal sem estar adjacente a uma consoante nasal e tem punição fatal. O candidato (a) viola a mais alta restrição do *ranking* *VOralN por manter o traço oral de uma vogal adjacente a uma consoante com traço nasal.

Tableau 53 - /mã'trus/

l: /mã'trus/	*NVOraL	*VNas	IDENT-IO[nas]
a. ☞mã'trus			
b. mã'trūs		*!	*
c. ma'trus	*!		

Os candidatos (b) e (c) cometem violações fatais e perdem a competição, enquanto o candidato (a) não viola nenhuma restrição e é o vencedor.

Tableau 54 - /kã(N)pã'jĩna/

l: /kã(N)pã'jĩna/	*NVOraL	*VNas	IDENT-IO[nas]
a. kã(N)pã'jĩnã		*	*
b. kã(N)pa'jĩna	*!		*
c. ☞kã(N)pã'jĩna			

O candidato vencedor (c) não comete nenhuma violação. O candidato (b) comete uma violação fatal ao não aplicar a nasalização à sílaba [pa] que está em contexto nasal; comete também a violação da restrição mais baixa no *ranking*, a qual não influencia em nada para o candidato. O candidato (a) viola a segunda restrição de marcação mais alta do *ranking* ao nasalizar a vogal da sílaba final [na] e viola também a restrição de fidelidade mais baixa do *ranking* ao não manter a identidade com o *input*.

Tableau 55 - /pã ,mĩɲã 'mãj/ 'para minha mãe'

l: /pã ,mĩɲã 'mãj/	*NVOraI	*VNas	IDENT-IO[nas]
a. /pã ,mĩɲã 'mãj/	*!		*
b. /pa ,mĩɲã 'mãj/	*!		*
c. /pa ,mĩɲã 'mãj/	*!		*
d. ☞ /pã ,mĩɲã 'mãj/			

O tableau (55) mostra a nasalidade em contexto poslexical. Todas as vogais se nasalizam no sintagma. Os candidatos (a), (b) e (c) violam tanto a restrição mais alta do *ranking* quanto a mais baixa. São todos eliminados da competição e, assim, o candidato (d) vence, sem nenhuma penalidade.

No tableau (53) apresentamos a análise do dado 'mãtrus', com a nasalidade à direita da consoante nasal. Sabemos que isso não ocorre no PB e, também no Pafro-indJ a nasalidade progressiva não ocorre na maioria das palavras. Veremos a seguir como podemos dar conta dessa harmonia progressiva que não é pervasiva na variedade. Tomaremos os *input* /'meza/ e /mã'trus/. O ranking para a primeira será *VNas >> IDENT-IO[nas], *NVOraI, e para a segunda *NVOraI >> IDENT-IO[nas], *VNas. Não há dominância entre IDENT-IO[nas] e *NVOraI.

Tableau 56 - /'meza/ e /mã'trus/

l: /'meza/	*VNas	IDENT-IO[nas]	*NVOraI
a. 'mẽza	*!	*	
b. 'meza			*
l: /mã'trus/	*NVOraI	IDENT-IO[nas]	*VNas
a. mã'trus	*!	*	
b. mã'trus			*

Vemos no tableau (56) que a mudança no *ranking* faz emergir os candidatos ótimos em (b), um sem aplicar a harmonia nasal, /'meza/, e o outro a aplicando, /mã'trus/.

A harmonia nasal no Pafro-indJ parece ser mais complexa do que a análise aqui apresentada e necessita ser mais investigada, com mais dados e contextos de ocorrência. No entanto, nosso objetivo nessa tese foi cumprido, pois descrevemos o fenômeno com os dados aos quais tivemos acesso.

Nesta seção de análise dos dados com o aporte da TO foi possível perceber que a teoria permite uma visão integrada entre os vários níveis da fonologia. Além disso, pudemos notar que o Pafro-indJ ainda mantém padrões marcados, como é o caso da nasalidade e também de sílabas com ataque e coda complexos, mas a nossa conclusão é que a variedade se encaminha para o menos marcado.

A seguir vamos ver em um quadro todas as restrições usadas na análise. Dividiremos estas em restrições de marcação e restrições de fidelidade.

Quadro 33 - Restrições para o Pafro-indJ

RESTRICÇÕES	
DE MARCAÇÃO	DE FIDELIDADE
*COMPLEXONS	LINEARIDADE
*COMPLEXONS]MWd	MAX-IO
*CODA	DEP-IO
CODACOND[+cont]	AGREER(V-PL)
*HIATO	IDENT-IO
*FINALITY	IDENT-IO[-post]
PARSE- σ	IDENT-IO[HEIGHT]
FILL	IDENT-IO[-alto, -baixo]
ONSET	IDENT-IO[α F]/ *IDENT-IO[α F]
*[-LOW]	IDENT-IO[HD-L]
*MID	IDENT-IO[-voz]
*[HIGH]	IDENT-IO[+alto]
*[-arred]	IDENT-IO[+cont]
*[+arred]	IDENT-IO[+lab]
OCP[+baixo]...[+baixo]	IDENT-IO[lat...lat]
*VoralN	IDENT-IO[-cont...-cont]
*Vnas	IDENT-IO[+post]&[+cons, +dor]
*NVoral	IDENT-IO[nas]
	MAX-IO
	*IDENT-IO [-voz]

O quadro acima mostra as restrições do Pafro-indJ depreendidas na análise. Segundo o tipo de fenômeno que elas refletem, essas restrições podem ser divididas também em

- (i) **Restrições de Estrutura da Sílab e Acento:** ONSET, *CODA, PARSE- σ , FILL, CODACOND[+cont], *COMPLEXONS, *COMPLEXONS]MWd, *HIATO, LIN, MAX-IO, DEP-IO, *FINALITY

RANKING:

*COMPLEXONS]MWD >> CODACOND[+cont] >> *Coda >>

*COMPLEXONS >> LIN, MAX, DEP

- (ii) **Restrições de harmonia e desarmonia vocálica e consonantal:**

IDENT-IO[-post], IDENT-IO[-alto, -baixo], IDENT-IO[αF], *IDENT-IO[αF], IDENT-IO[HEIGHT], IDENT-IO[HD-L], IDENT-IO[+alto], IDENT-IO[+cont], IDENT-IO[-voz], IDENT-IO[+lab], *IDENT-IO[lat...lat], *IDENT-IO[-cont...-cont], IDENT-IO[+post]&[+cons, +dor], IDENT-IO[nas], *[-LOW], *MID, *[HIGH], *[-arred], * [+arred], OCP[+baixo]...[+baixo], AGREER(V-PL)

RANKING

HARMONIA: IDENT-IO[αF] >> IDENT-IO

DESARMONIA: * IDENT-IO[αF] >> IDENT-IO

(iii) **Restrições de harmonia nasal:** *VoralN, *Vnas, *NVoral, IDENT-IO[nas].

RANKING: *VorN >>*Vnas, *NVoral

O tratamento dado com as abordagens da Teoria Autossegmental (TA) permitiu a preparação do caminho para as restrições da TO. Hernandorena (1999, p. 45-74) mostra dois aspectos básicos da TA:

- (1) a TA entende não haver uma relação bijectiva entre o segmento e o conjunto de traços que o caracteriza. Esse entendimento permite dois importantes desdobramentos: (a) os traços estendem-se além ou aquém de um segmento e (b) o apagamento de um segmento não implica que todos os traços que compõem o segmento desapareçam.
- (2) A TA defende que o segmento apresenta uma estrutura interna e que há hierarquia entre os traços que compõem os segmentos. Essa estrutura de traços, com sua hierarquia, permite que os traços funcionem ou isoladamente ou como um conjunto solidário.

A análise em *tiers* ou camadas trata de forma mais adequada casos de espraiamento de traços, como na assimilação, por exemplo. Quando uma determinada regra não se aplica, é necessário explicar a razão da não aplicação, pois nas teorias que consideram regras, estas devem olhar para o *input* e determinadas regras são vistas como específicas de determinada(s) língua(s).

Na TO, que não trabalha com regras como as demais teorias de origem gerativa, o que realmente importa é o ranqueamento (*ranking*) das restrições que são universais e violáveis. As restrições da TO se originam a partir das análises que teorias lineares e não lineares realizam. Por exemplo, o PB tem o vozeamento de /s/ em ambiente de consoante [+voz], como em mesmo > me~~z~~mo, vesgo > ve~~z~~go. Dessa regra pode nascer uma restrição como *[-voz] que afirma “obstruintes contínuas desvozeadas são proibidas antes de consoantes vozeadas”. Em uma língua que não aconteça o vozeamento, como na maioria dos dialetos do espanhol, essa restrição fica inativa, não é acionada.

Na TA e outras teorias, lineares ou não, que têm o foco em regras, o *input* tem mais relevância e o *output* necessita satisfazer suas exigências. Na TO o *output* também é avaliado

em sua relação com o *input*, mas não necessita satisfazer suas exigências, ou seja, não necessita com ele concordar. O *output* pode (e deve) violar restrições e diferir do *input*.

A TO mostra como realmente funciona uma língua, com seus conflitos e suas aparentes exceções e idiossincrasias. A TO demonstra, pelo *ranking*, que o *output* vencedor não é uma exceção ou idiossincrasia, mas uma forma possível que compete com outras formas possíveis e vence, conforme as características da língua.

A análise dos dados do Pafro-indJ com a TO demonstrou que a gramática dessa variedade tem nos níveis mais altos do ranking, para a sílaba, as restrições que militam contra padrões mais marcados. A tendência nessa variedade é de simplificar a estrutura da sílaba ao ponto de codas e ataques complexos poderem existir, mas debaixo de determinadas condições. A fonotática do Pafro-indJ rejeita palavras que terminam em sílabas átonas que contenham ataques complexos. Rejeita também palavras que contenham codas que não possuam o traço [+cont]. Apesar da notável preferência por padrões menos marcados, o Pafro-indJ pode se constituir numa variedade que faz a oposição entre vogais orais e vogais nasais. Essa tendência, no entanto, milita contra a desnasalização de vogais em alguns contextos que, com os dados que possuímos, não conseguimos ainda chegar a uma conclusão definitiva, como no caso em que a coda nasal é apagada e a vogal nasalizada se torna oral.

Parece também haver um jogo equilibrado entre a harmonia e a desarmonia de vogais, enquanto para as consoantes a desarmonia pode ser resultado de vestígios de fases mais antigas da língua e também causada por hipercorreção.

A análise com o aporte da Otimidade possibilitou uma visão mais integrada da fonologia e também das tendências e forças que estão em jogo para fases futuras da variedade.

Considerações Finais

Nesta seção dedicada às considerações finais sobre o trabalho de pesquisa que resultou nesta tese, o que temos a dizer pode ser dividido em três perguntas: (i) o trabalho cumpriu seus objetivos? (ii) o que a pesquisa revelou de interesse para a linguística, em qualquer de suas áreas? (iii) que outros estudos fonológicos a pesquisa e a tese apontam? Vou dividir, então, a seção com essas três perguntas.

(I) O trabalho cumpriu seus objetivos?

Finalizada a tese, a questão acima inquieta. Inquieta porque cremos que podemos sim afirmar, por um lado, que o trabalho cumpriu seus objetivos e, por outro, que algumas lacunas ainda ficaram. O projeto de doutorado apresentado ao PPGL da Universidade de Brasília – UnB no final de 2014 tinha como objetivos gerais a documentação fonética e a descrição e análise da fonologia segmental e suprasegmental da fala da comunidade Afro-Indígena de Jurussaca. Os objetivos específicos eram:

- Estabelecer os segmentos consonantais e vocálicos distintivos dessa variedade de fala.
- Descrever e explicar os processos fonológicos encontrados nos dados.
- Distinguir os processos lexicais dos pós-lexicais.
- Descrever e analisar a estrutura da sílaba e suas relações com os processos fonológicos.
- Descrever e analisar a estrutura prosódica dessa variedade e suas relações com a estruturação morfológica.
- Descrever e analisar a interface Fonologia/Sintaxe nessa variedade.

Os objetivos gerais que tinham como foco a documentação fonética e a descrição e análise da fonologia segmental e suprasegmental foram mudados depois do ingresso no curso. Com as orientações, fomos percebendo que o objetivo de descrever e analisar tanto os segmentos quanto os suprasegmentos era uma tarefa demasiadamente árdua para o tempo de que dispúnhamos para tal empreendimento. Assim, a partir do exame de qualificação ficou definido que esse objetivo geral seria o de apenas analisar a fonologia do português afro-indígena de Jurussaca, PA. Não especificamos nada quanto aos níveis em que a análise se concentraria. Conforme explicitado no capítulo sobre os procedimentos metodológicos, coletamos os dados e os registramos foneticamente. Assim, o objetivo da documentação fonética colocado no primeiro projeto foi mantido e alcançado, pois a análise fonológica pressupõe a documentação fonética detalhada para que os resultados esperados sejam minimamente confiáveis. Coletamos muitos dados, os quais gravamos e transcrevemos, mas também tivemos momentos documentados apenas em caderno de campo, que foram igualmente importantes para a pesquisa e para a tese. Vejamos, então, se os objetivos específicos propostos para a análise foram alcançados

- Estabelecer os segmentos consonantais e vocálicos distintivos dessa variedade de fala.

Esse objetivo foi alcançado. Ficou comprovado que o inventário fonológico do Pafro-indJ não possui nenhum fonema diferente do PB. O que ocorre quanto ao sistema de sons é que nessa variedade foram encontradas realizações diferenciadas dos segmentos distintivos também encontrados no PB e em outras variedades vernaculares do português brasileiro, conforme apresentamos na descrição fonêmica no capítulo 3.

- Descrever e explicar os processos fonológicos encontrados nos dados.

O Pafro-indJ, quando visto a partir do PB – enquanto uma variedade e não uma língua – tem vários processos fonológicos que levam a variedade a destoar de algumas variedades assim como a se conformar com outras. Todos os processos que identificamos nos dados foram descritos e explicados teoricamente. Usamos para tal duas teorias de base gerativa, três teorias não lineares, a autossegmental, a fonologia lexical e a otimidade. Reconhecemos que alguns pontos da análise ainda necessitam ser melhor explicados, mas o objetivo de descrever e explicar o que era possível para o escopo da tese foi cumprido.

- Distinguir os processos lexicais dos pós-lexicais

Esse objetivo era um dos mais difíceis a serem cumpridos e não acreditamos o ter cumprido integralmente. Como o Pafro-indJ tem em sua formação, além do português, outras línguas que possivelmente lhe doaram traços, reconhecer com precisão o que pertence e o que não pertence ao léxico próprio da variedade demandaria mais tempo de convivência com os falantes e também o instrumental de outras áreas da linguística, como a Sociolinguística (Qualitativa ou Quantitativa), por exemplo. O que ocorre em Jurussaca é que sincronicamente convivem pessoas que ainda falam uma variedade mais “antiga”, que eles denominam de a linguagem dos velhos e pessoas abaixo de 40 anos e as crianças que falam uma variedade já afetada pelo entorno e pela escolarização. Algumas palavras do léxico mais antigo ainda são faladas, assim como ainda são mantidas pronúncias e aplicação de processos lexicais que poderiam seguir as regras de formação de palavras da variedade, mas que entram em variação com as formas dos mais novos. Esse objetivo foi também muito ousado, pois no decorrer da pesquisa e da análise fomos percebendo que para cumprir tal tarefa necessitaríamos mais tempo e maior volume de dados em todas as faixas etárias.

- Descrever e analisar a estrutura da sílaba e suas relações com os processos fonológicos. Esse objetivo tratava de um dos mais necessários passos na análise fonológica, a estrutura da sílaba e suas relações com os processos fonológicos que ocorrem na variedade estudada. A nossa avaliação é de que o cumprimos, mas ainda restam pontos a serem esclarecidos. A análise concluiu que a sílaba ótima no Pafro-indJ é a CV, mas outros tipos também são licenciados. A relação da sílaba com os processos fonológicos foi evidenciada nos dados e demonstrada na análise. No entanto, pensamos que essa área deve ainda ser mais investigada, pois esses processos, como os de epêntese,

elisão e metátese se mostraram produtivos e relativamente atuantes sincronicamente, o que diferencia grandemente a fonotática dessa variedade da do PB.

- Descrever e analisar a estrutura prosódica dessa variedade e suas relações com a estruturação morfológica.

Esse objetivo, conforme o próprio título da tese evidencia, foi reformulado durante o curso e no exame de qualificação ele já não constava mais. Então esse objetivo aguarda para ser cumprido em outra ocasião e em outro projeto de pesquisa. Os dados, as conversas e tudo que foi possível perceber da fala de Jurussaca, demonstram que esse nível da fonologia da variedade necessita ser investigado e comparado com outras variedades afro-brasileiras e afro-indígenas.

- Descrever e analisar a interface Fonologia/Sintaxe nessa variedade.

Esse objetivo também foi retirado das pretensões pelos motivos impostos quanto ao tamanho e extensão de um trabalho final de doutorado. Essa é, então, uma interface que fica para estudos posteriores.

Depois de expor os objetivos e comentar cada um deles, temos a consciência de que o trabalho cumpriu sim os seus objetivos ainda que algumas lacunas tenham ficado abertas e aguardando um novo projeto de investigação.

- (ii) O que a pesquisa revelou de interesse para a linguística, em qualquer área?

A primeira revelação que a pesquisa fez foi que o Pafro-indJ, muito acertadamente foi classificado como variedade afro-indígena. Silva (2014, p. 31) afirma que em Jurussaca se fala um português em terra de preto e de índio. Essa afirmação de Silva remete ao trabalho de Oliveira, Campos, Cecim, Lopes, Santos e Silva de 2014. Silva (2014, p. 34 - 41) e discorre sobre Jurussaca e as ligações com grupos Jê. O autor fala sobre as semelhanças existentes entre as aldeias Jê e a morfologia das duas subáreas que compõem a Comunidade. Conheci aldeias Jê, no Tocantins, dos Xerente e dos Krahô e pude constatar que as semelhanças entre a configuração das aldeias e a das duas subáreas de Jurussaca são muitas. Silva (op.cit., p. 41) levantou a hipótese de que “a etnia ou grupos indígenas que contribuiu (contribuíram) para a formação do povo de Jurussaca pertence ao grupo Jê.” O autor, contudo, não descarta a presença de grupos tupi na formação dessa comunidade afro-indígena. A nossa pesquisa e análise deram evidências de que fenômenos como o da nasalidade, da relação entre ditongos e hiatos, assimilação vocálica e dissimilação de consoantes podem ter suas motivações nas línguas africanas e indígenas que participaram da formação dessa variedade ao lado do português. Essas motivações que resultaram nos traços fonológicos verificados nesse trabalho foram importantes para mostrar que o *status* de língua parcialmente reestruturada permite a essa variedade ter em sua fonologia características de suas ancestrais e também da sua filiação portuguesa. Afinal, o Pafro-indJ já não é mais uma língua do grupo bantu ou do grupo tupi, tampouco do português arcaico que ainda mantém certos traços entre os falantes, ela é uma variedade afro-indígena do português brasileiro falada no noroeste do estado do Pará e sujeita a mudanças e novas reestruturações. A nasalidade observada em Jurussaca tem algumas

diferenças daquelas já amplamente descritas para o português por linguistas como Camara Jr. (1986), Bisol (2013), Moraes e Wetzels (1992). A nasalidade descrita por esses pesquisadores tem em comum a questão da direcionalidade. É consenso a afirmação de que esse processo fonológico é da direita para a esquerda. E se há algumas restrições, elas têm a ver com a questão do acento. Em Jurussaca o que ouvimos e registramos foi um tanto diverso de outras variedades vernaculares brasileiras. A direção do espalhamento do traço nasal no Pafro-indJ pode ser tanto da direita para a esquerda quanto da esquerda para a direita e pode se espalhar por e além de todas as consoantes, inclusive aquelas que podem bloquear a nasalização e o acento não parece ter muita influência no processo. Esse aspecto chamou nossa atenção durante os encontros de orientação pela semelhança com o mesmo fenômeno nas línguas tupi, em especial o Guarani antigo que foi objeto de estudo de GRANNIER-RODRIGUES (1990, p. 52) e que quanto à extensão da nasalização afirma

Observa-se contudo que a extensão da nasalização ultrapassa os limites da sílaba tônica, afetando as sílabas átonas precedentes, e embora muitas vezes seja possível descrever esta nasalidade em termos de sílabas vizinhas (como em [pĩ' rã] ~[pi' rã] acima), há alguns casos que evidenciam a relevância da nasalização no nível do grupo de acento: quando a sílaba tônica não apresenta consoante nasal, pode ocorrer, geralmente em flutuação com uma realização nasalizada, uma desnasalização completa desta sílaba.

Alguns dados encontrados em RODRIGUES (1990, p. 40, 41) aproximam-se de dados do Pafro-indJ.

(264) [ãpẽ' kũ] ~[apẽ' kũ] ~[ape' kũ] 'língua'

(265) [tũ' kã] 'tucano'

(266) [ĩã' rõ] 'risonho'

No Pafro-indJ, temos exemplos como

(267)[ẽĩ' sĩmã] 'em cima'

(268)[ãrãkũ' ã] ~[arãku' ã] 'aracuã (tipo de pássaro)'

(269) [ã' ĩĩda] 'ainda' (270) [sã' ĩdo] 'saindo'

Esses dados e outros demonstram que a nasalidade em Jurussaca, assim como em outras comunidades da região, possivelmente, deve ser mais investigada porque traz novas possibilidades para as descrições do PB, mas acreditamos que esses traços diferenciados podem advir da herança indígena que essa variedade recebeu das línguas que fizeram parte de sua composição. Durante a viagem de volta de Bragança para Belém, sentei-me ao lado de um senhor de aproximadamente 60 anos, natural da região de Ourém, PA. Ele recebeu uma

chamada no celular e, suponho, lhe foi perguntado onde estava, ele respondeu “Estou em Cãpãnêma”, o ônibus estava saindo da rodoviária da cidade de Capanema. Deixei passar alguns minutos e perguntei-lhe: “- onde estamos?” Ele me olhou e respondeu: “- em Capanêma.” Essa pequena experiência me deu a ideia de que ao me responder, ele se monitorou e não produziu a mesma pronúncia do momento em que respondeu a pergunta a quem lhe ligou. Perguntei de onde ele era, ele respondeu: de [õ'rê] ‘Ourém’. Em um artigo denominado Nasalização no português falado em Vitória da Conquista, BA (Sudeste) e também em grande parte do Sul da Bahia, Costa e Malta (2015) tratam da nasalidade nessa variedade e mostram dados que são parecidos com os que coletamos em Jurussaca e com os atestados no caso acima citado.

(271) conzinha (272) pinpino ‘pepino’ (273) punpunha ‘pupunha’

As autoras afirmam que as obstruintes são transparentes, não se nasalizam nem impedem o espalhamento da nasalidade.

Pensamos que essa região do Pará traz novas possibilidades para o fenômeno da nasalidade do PB e sobre o contato entre o português e as línguas indígenas, principalmente as de base Tupi.

Outra questão que a pesquisa revelou é que o Pafro-indJ, como comunidade de fala afro-indígena, traz em sua gramática possíveis traços de línguas africanas, especialmente, as línguas do grupo bantu. A análise da sílaba e dos processos a ela relacionados demonstrou diversas semelhanças com outras variedades do PB e do PVB, mas também mostrou que há fenômenos que a distinguem dessas variedades. Dentre os fenômenos desse domínio, a não aceitação do ditongo crescente que, segundo Bisol (1989, apud Collischonn, 1999, p. 111) não existe. Segundo essa autora (op.cit) a sequência VV é o resultado de ressilabificação pós-lexical, eles não fazem parte do inventário fonológico do português e surgem da fusão de rimas de duas sílabas diferentes. Collischonn (1999, p. 111) dá alguns exemplos

(274) quiabo [ki'abu ~'kjabu] (275) iate [i'atʃɪ ~'jatʃɪ]

Em Jurussaca as formas acima podem ser pronunciadas igualmente de mais de uma forma

(276) quiabo ['kabu ~ 'kjabu ~ki'jabu] (277) iate ['atʃɪ ~ i'jatʃɪ]

Collischonn (1999, p. 111) mostra que há, no entanto, um tipo de ditongo crescente que não alterna com hiato, que é o caso de kw/gw seguidos de a/o.

(278) qual ['kwaw] *[ku'aw] (279) quando ['kwãndu] *[ku'ãndo]

No Pafro-indJ ocorre diferente do descrito por Collischonn. Notem-se os dados

(280) quando ['kwãdu ~'kũdu ~'kãdu]

Esses exemplos demonstram que a variedade não se comporta da mesma forma que o PB e as variedades descritas por Bisol e Collischonn (op.cit.). Uma possível explicação para essa

diferença foi atestada na fala cotidiana e também nos testes fonológicos que foram feitos com dois falantes escolarizados. Os dois falantes escolarizados são jovens e ambos têm o ensino médio completo. Apresentei uma lista de palavras, algumas talvez nem existentes na variedade e solicitei que fizessem a leitura. O resultado quanto aos ditongos crescentes foi o apagamento na leitura de um deles e a metátese na do outro.

(281) poderio [po'deru] [po'deiru]

A língua bantu Kikerewe da Tanzânia tem uma particularidade quanto ao hiato subjacente que nos faz relacionar com o que ocorre no Pafro-indJ conforme visto acima. Nessa língua há uma restrição que é fortemente obedecida, segundo Odden (1995, p. 89)

Kikerewe stands out among languages which strongly obey the Onset constraint in providing multiple lines of evidence which bear on the constraint. Particularly important is the fact that onsetless vowels exhibit anomalous prosodic properties which are related only in that they occur in conjunction with an onsetless vowel.

Em Kikerewe não é permitida a ocorrência de sílabas sem ataque (*onset*) a não ser que seja no início absoluto da palavra. Mas a língua tem ocorrências de hiato em posição não inicial. A restrição não pode ser violada e para isso a língua tem as suas estratégias de resolução de hiato. Uma das estratégias é a fusão silábica que providencia um ataque para a sílaba que não o tem. O ataque da sílaba mais à esquerda se funde com a vogal alta nuclear do prefixo /ebi-/ e /omu/ formando um ataque complexo e com o alongamento compensatório da segunda vogal, como se pode ver nos exemplos fornecidos por Odden.

(282) /ebi-ala/ → eby-áála 'dedos'

(283) /omu-aga/ → omw-áága 'compulsão'

Na variedade afro-indígena de Jurussaca, como visto em (276) e (277), o hiato subjacente no caso de palavras como *quiabo* e *iate* também é desfeito, assim como no PB, mas de uma forma mais parecida com a solução dada em *kirewe*. Uma outra língua bantu, a língua *Xitsonga* (Tsonga) também tem restrições quanto a hiato. Para solucionar o problema, ela tem 4 estratégias (i) a formação de glide, que é a preferida; (ii) articulação secundária; (iii) coalescência vocálica e (iv) a elisão de vogal.

Não afirmo aqui que haja parentesco entre o Pafro-indJ e essas línguas bantu, mas abro a possibilidade de investigação mais acurada para pesquisadores de línguas bantu e que trabalham com o contato entre essas línguas e o português, seja no Brasil ou na África para que estudos posteriores possam se seguir. Como não sou pesquisadora de línguas em contato, acredito que são traços “finos” de semelhanças como esses que podem apontar como as línguas africanas deixaram suas marcas no português do Brasil.

A análise apontou também que existem no Pafro-indJ palavras com pronúncias semelhantes ao português arcaico (PA)

(284) preto 'perto' (285) preteencer 'pertencer' (286) pesseverar 'perseverar'⁷⁹

Além de itens lexicais com pronúncia semelhante ao PA, o Pafro-indJ também mantém sincronicamente uma regra de apagamento de consoante nasal final similar a uma regra também existente no Latim e no PA. Na seção 2, falamos sobre a experiência de assistir TV e ouvir a forma como um dos participantes fala o nome do presidente dos Estados Unidos após ouvir o âncora do Jornal dizer [trãmp]. Ele pronuncia [trã:] eliminado as consoantes da coda. No pequeno vocabulário do português arcaico, a palavra 'pão' é escrita como [pã ~ pam ~ paaes] (MACHADO FILHO, 2014, p. 353).

Quanto aos processos assimilatórios, muitos são similares ao PB e PVB. No caso da assimilação vocálica, comprovou-se o que é amplamente estudado e divulgado sobre o alteamento de vogais pretônicas. Oliveira (2009, p. 216 – 226), em um artigo denominado **A escrita que mascara e desmascara: alteamentos de vogais átonas em textos brasileiros oitocentistas** mostra uma análise do alteamento das pretônicas em 290 textos escritos por africanos e afro-descendentes ao longo do século XIX na cidade de Salvador. Oliveira (op.cit., p. 218) afirma que

Os estudos mostram, portanto, que a presença de vogal alta na sílaba seguinte ou na sílaba tônica, que o efeito de consoantes adjacentes e que certos padrões silábicos são contextos favoráveis ao alteamento de vogais médias pretônicas. Mas não é da sincronia presente o privilégio da variação entre [e] e [i] e entre [o] e [u], em posição pretônica na língua portuguesa, e trabalhos descritivos sobre textos do período arcaico já registraram os fatores acima mencionados, em termos de ambientes favorecedores, como condicionantes da elevação (...).

O processo de alteamento de /e/ e /o/ no Pafro-indJ segue também os fatores condicionantes acima citados, mas alguns dados mostram que o processo ocorre ainda que os fatores condicionantes não estejam presentes. A análise dos processos, tanto de assimilação quanto de dissimilação das vogais, na variedade afro-indígena de Jurussaca pode dialogar com trabalhos como este de Oliveira (op.cit) e trazer novas revelações sobre as variedades vernaculares do PB.

⁷⁹ Estas formas foram encontradas no Pequeno vocabulário do português arcaico, de Américo Venâncio Lopes Machado Filho.

Na morfossintaxe também percebi ocorrências de formas que não tinha ouvido ou visto em outras descrições ou em outras áreas do Brasil. Esses dados diferenciados foram ouvidos em falantes acima de 30 anos. Incluem palavras como

- | | | | |
|----------------------|------------------------|---------------------|-----------------------|
| (287) [foxmi'ga(w)] | 'formigueiro' | (288) [mã'ga(w)] | 'manguezal' |
| (289) [pex'nax] | 'andar a pé, de perna' | (290) [ēferi'da(x)] | 'enferidar' |
| (291) [ēxaj'vax] | 'enraivecer' | (292) [bo'tadu] | 'calçado com bota' |
| (293) [prometimento] | 'promessa' | (294) [cumpridura] | 'comprimento(medida)' |

A palavra 'enferidar' não foi encontrada em nenhum dicionário que pesquisamos. Fizemos uma busca no Google e a encontramos em uma dissertação de mestrado (História), no relato de um dos informantes da pesquisadora, um senhor de 53 anos, morador de Araranguá, SC. Transcrevo abaixo o relato de PRESA (2011, p. 119) "A gente ficou meio curioso. Na época teve bastante gente que duvidava, que dizia "vocês são tudo louco, trabalhar dentro d'água, vão morrer tudo pestiado dentro d'água", outros diziam que íamos **enferidar** tudo as canelas dentro d'água, que ia acabar com os tratores". (Grifo nosso).

Também foi possível ouvir formas como

- | | | | |
|---|-------------------------|------------------------------------|--------------|
| (295) [tʃi 'xajva] | 'te causa raiva' | (296) [brĩ'ka 'bɔla] ⁸⁰ | 'jogar bola' |
| (297) Ele tava dando de comer porco dele. | (298) O galo bateu ele. | | |

Sentenças do tipo "Ele tava dando de comer porco dele" fazem parte da fala corriqueira das pessoas de Jurussaca. O argumento dativo que em outras variedades do PB é falado com a preposição, no Pafro-indJ é falado sem a preposição. Em sua pesquisa de mestrado com as variedades do PB faladas nas comunidades rurais goianas dos Almeidas, de Pombal, de Traíras e de Acaba Vida/Faz Tudo, André Marques do Nascimento (2007) encontrou casos parecidos com esses, em que os complementos indiretos de verbos bitransitivos podem ser falados ora com a preposição ora sem esta. No Pafro-indJ não parece ser uma regra variável, pois o falante que fala sem a preposição não alterna com sentenças usando a preposição e no Pafro-indJ não é somente a preposição que é apagada, mas também o artigo. O contrário não teve oportunidade de ouvir, ou seja, falantes mais jovens e escolarizados que usam a preposição e que alternam com a forma sem esta. Quanto a sentenças do tipo "O galo bateu ele" e "Brincar bola" em que o objeto indireto não é introduzido pela preposição, essa parece ser a forma mais recorrente de fala na comunidade.

No nível semântico/pragmático há também campo de pesquisa em Jurussaca. Durante a pesquisa, tivemos bastante contato com mulheres entre 25 e 40 anos. Em conversas, falei palavras que essas mulheres não conheciam. Um exemplo, a palavra "masturbação" que foi dita na novela; uma mulher de 39 anos me disse não saber o que isso significava. Expliquei, então,

⁸⁰ Brincar bola é falado também pelas crianças e adolescentes.

e ela me deu uma palavra considerada tabu e chula no PB. Após esse episódio comecei a observar que os falantes do Pafro-indJ usam muitas palavras que consideramos chulas, mas que para eles são totalmente aceitáveis e todos podem falar. Creio que possa haver uma relação com a questão dos escravizados ladinos, boçais e do língua, descrita por ALMEIDA (2012) em sua dissertação de mestrado (História)

Assim, o que o presente estudo evidencia é que variantes da língua portuguesa circulavam no Atlântico Sul e na África Centro-Ocidental. Neste sentido, as repetidas suspeitas de que traficantes estariam ensinando a língua portuguesa para os africanos na África são mais bem compreendidas quando colocamos em evidência a própria presença do idioma na África Centro-Ocidental. Sem dúvida, ao posicionar seus barracões no litoral da região, os traficantes encontravam condições favoráveis para que pelo menos alguns de seus africanos escravizados aprendessem a língua de branco, o que poderia ajudar tanto a burlar a fiscalização das autoridades no Brasil, quanto a valorizar o preço do escravo. (ALMEIDA, 2012, p. 78)

Ainda no nível semântico/pragmático, em Jurussaca há itens lexicais que destoam de outras variedades do PB. Por exemplo, quando se referem a tipo, espécie, raça, usam a palavra 'marca'. Podem dizer 'a marca do carro', mas também 'tinha índios por aqui, mas não sabemos a marca'. Também no nível do vocabulário, falávamos sobre legumes e eu tentando explicar a diferença entre inhame e cará, que as mulheres que estavam na conversa não conheciam, conheciam apenas inhame. Expliquei que um desses, talvez o cará tivesse uma baba. As mulheres ficaram se perguntando e me perguntando o que era 'baba', pensaram que seria o mesmo que 'fiapo'.

O Pafro-indJ tem também palavras que não conhecíamos. São elas:

- | | | | |
|---------------|---|------------------------------|-----------------------|
| (299) catraio | 'galinha d'Angola' | (300) osga | 'tipo de lagartixa' |
| (301) tiju | 'calango da capoeira (Veget)' | (302) tijucina ⁸¹ | 'calango do igapó' |
| (303) buá | 'tipo de minhoca que fica em lugares úmidos, piolho de cobra' | | |
| (304) Ximila | 'apelido de um jovem' | (305) Xaná ⁸² | 'apelido de um jovem' |
| (306) d3anga! | 'um tipo de exclamação' | | |

As palavras 'tiju' e 'tijucina' são, provavelmente, originadas a partir de teiú (teju), réptil do gênero Tupinambis, da família Teiidae. Buá seria também denominado 'embuá', um inseto

⁸¹ Preferi grafar tijucina com 'c' do que com dois 'ss'

⁸² Ximila e Xaná são palavras que não encontrei em dicionários, logo, grafá-las com 'x' e não com 'ch' foi opção minha, por associação com palavras de origem africana, como Xangô, Oxum etc.

miriápode do filo artrópode, popularmente conhecido como 'piolho de cobra'. Quanto a catraio, é uma palavra do PE, que significa criança, garoto, jovem. Osga, cuja origem é controversa, pode ter se originado do árabe e é uma palavra falada no Pará, na Bahia e no Maranhão. Quanto a Ximila, Xaná e [dʒanga] não sabemos precisar de onde provêm, mas podem ser palavras de origem africana que ainda sobrevivem na variedade.

(iii) Que outros estudos fonológicos a pesquisa e a tese apontam?

A pesquisa e a tese apontam para a necessidade de estudos complementares ao que foi exposto aqui. Ainda há pesquisa a se fazer quanto à qualidade acústica das vogais, por exemplo. Foi possível perceber auditivamente que nessa variedade elas mantêm algumas diferenças possíveis em relação a outras descrições conhecidas do Português do Brasil. Há traços que devem ser melhor investigados, como a duração de vogais quando ocorre o processo de elisão, acarretando o alongamento compensatório. Esse alongamento pode ser lexical em alguns grupos de falantes, principalmente entre os mais velhos. Ainda na fonologia, uma das lacunas que o trabalho deixa para investigações posteriores é a descrição e análise suprasegmental. É necessária uma investigação mais detalhada desse nível para determinar se ele pode influenciar a morfossintaxe.

Como o foco da tese foi a fonologia, creio que o que me propus a fazer, fiz.

As teorias que utilizamos para a análise dos dados foram suficientes para termos a compreensão dos principais fenômenos que o Pafro-indJ apresenta na fonologia. Começar com a Fonêmica, passar pela Teoria Autossegmental e pela Fonologia Lexical e, finalmente, completar com o aporte da Otimidade, foi uma empreitada difícil, complexa, mas satisfatória. Foi muito importante notar que a TA consegue explicar os fenômenos e, além disso, preparar o caminho para a análise na visão otimalista. A TO, uma teoria com a qual ainda não tenho grande familiaridade, possui uma complexidade que leva o pesquisador a ter que definir, por meio do que ocorre na fonologia, quais são as restrições que realmente importam na língua/variedade. Essa teoria também tem um considerável nível de simplicidade ao proporcionar que um número reduzido de restrições, no Pafro-indJ foram menos que quarenta para todos os fenômenos abordados, seja capaz de dar conta de todos os *outputs* falados pelo povo de uma determinada comunidade linguística.

Reconheço que algumas lacunas ainda não foram preenchidas, não porque não as quisesse preencher, mas pelas limitações inerentes a um trabalho desse porte. O trabalho termina e cumpre o objetivo de analisar a fonologia do Pafro-indJ dentro das possibilidades e limitações impostas pelo tempo e pelo escopo do próprio tipo de trabalho, apenas uma tese.

Apêndice

Nesta seção apresento alguns exemplos da transcrição dos dados e também alguns quadros que usei para a análise. Apresento também dados dos testes de leitura que fiz com dois participantes mais escolarizados. Foram feitos outros quadros e também outros testes, mas não os apresento aqui.

Apêndice 1

TRANSCRIÇÃO FONÉTICA DOS DADOS DO PAFRO-INDJ – 4 AMOSTRAS

1. Participante P.I, M, 45

D1. 4,28	[ã'ĩda]	'ainda'
D2. 1,24	[dʒi'fisʊ]	'difícil'
D6. 3,05	[a ,ʒɛtʃi fi'ko kō,mũma tʃia'nɔsa]	'a gente ficou com uma tia nossa'
D7. 3,22	[ẽ'zistʃi]	'existe'
D8. 4,19	['ota]	'outra'
D12. 2,38	[,nɔs le'varu]	'nos levaram'

2. Participante S.D, F, 70

D1. 0,42	[eska'da]	'escaldar'
D2. 2,03	[,eʃia'ki]	'esse aqui'
D4. 4,50	[turu'vãũ]	'trovão'
D5. 2,00	[esper'tou]	'despertou'

3. Participante I.S, F, 71

D1. 1,36	[dʒi'seru]	'disseram'
D2. 8,34	['foru]	'foram'
D3. 10,45	[,ĩdã'nãũ ka'iu]	'ainda não caiu'
D4. 15,26	[kũ'mpoku]	'daqui a pouco, com um pouco (?)'
D5. 12,44	[si'bola]	'cebola'

4. Participante L.P, M, 47

D1. 5,58	[akũ,pãɲa'mētu]	'acompanhamento'
D2. 11,11	[iə'i]	'e aí'
D3. 3,39	[amõ'ta:]	'montar (um processo)'
D4. 6,25	[koro'ki]	'croqui'
D5. 5,45	['tõmu]	'estamos'

Apêndice 2

Quadro da Análise da Assimilação e Dissimilação

Assimilação			
(pêsa)mes	es(tudo)	(cemi)(tério)	(preju)(dicar)
	pe(rigo)	ar(tesa)(nato)	pre(guntou)
	fei(tiço)	(sepul)(tado)	(entro)(picar)
Dissimilação			
(épo)ca	de(pressa)	(ambu)(lância)	
		(povo) (ado)	
	po(trinho)		(Nei) (mar)
	ber(muda)		(Nei) (denir)
	(Lula)		(celu) (lar)
	(vivi)		(beibi) (doll)

Apêndice 3

ALGUNS TIPOS DE SÍLABAS NO PAFRO-INDJ - quadro de análise

CCV	CVC	CCVC	VC	CCVCC	CCVCC
prato	parcela	plástico	ar	transporte	quais
['pratu]	[pax 'sela] [pa: 'sela]	['prastʃiku]	['ax]~['ah] ~['a:]	[trãø's pɔ:tʃi]	['kwajs]

Apêndice 4

LISTA DE VERIFICAÇÃO - TESTE DE LEITURA

Ditongo/Hiato (?)

1. Cair	a fruta vai cair da árvore.
2. Caído	a fruta tinha caído da árvore.
3. Aí	o pacote está bem aí.
4. Ainda	ele ainda não chegou.
5. Caindo	o pacote está caindo da garupa.
6. Caía	se deixasse, ele caía da garupa.
7. Saindo	ele estava saindo quando eu cheguei.
8. Açai	eu ainda não tomei açai esse ano.
9. Sair	hoje à tarde eu vou sair de casa.
10. Nair	dona Nair ainda não chegou da maré.
11. saído	eu fui lá, mas ela tinha saído.
12. Moído	o homem tinha moído o milho.
13. Moer	ele vai moer o milho para as galinhas.
14. Moela	eu não como moela de galinha.

15. Goela	a mulher está com dor na goela.
16. Moendo	ele está moendo o milho.
17. Esgoelando	ela está esgoelando de chorar.
18. Esgoelar	para de se esgoelar.
19. Alair	seu Alair chegou.
20. Elias	o Elias gosta de conversar comigo.
21. Lia	enquanto eu lia o livro, ele dormia.
22. Liam	as crianças liam a estória.
23. Laís	dona Laís gosta de cozinhar peixe.
24. Leia	a professora disse: - leia o livro.
25. Léia	a minha amiga se chama Léia.
26. Leandro	o nome dele é Leandro.
27. Leonardo	o amigo do Leonardo mora em Belém.
28. Leopoldo	Leopoldo nasceu em Bragança.
29. Leopoldina	dona Leopoldina está muito triste hoje.
30. Deodoro	o senhor Deodoro disse que não quer andar de avião.
31. Reaver	quero reaver o dinheiro que perdi.
32. Reescrever	ele vai reescrever a história.
33. re-estruturar	queremos reestruturar a sociedade.
34. re-interpretar	precisamos reinterpretar mensagem antes de enviar.
35. Remarcar	eles vão remarcar os preços.
36. Redecorar	ela disse que vai redecorar a casa.
37. Saúde	a saúde é prioridade.
38. Saúva	a formiga saúva é muito perigosa.
39. Saudade	estou com muita saudade de todos.
40. Saudar	eles foram saudar os mais velhos.
41. Artesiano	cavaram um poço artesiano ali.
42. Goiaba	gosto muito de goiaba.
43. Samaúma	a árvore da samaúma é abrigo do curupira.
44. Anestesia	ele tomou a anestesia e logo dormiu.

45. Caatinga	a caatinga é um tipo de vegetação.
46. Cooperação	a cooperação entre os povos é necessária.
47. Coexistência	a coexistência pacífica entre as pessoas deve ser estimulada.
48. Coexistir	vamos coexistir em paz!
49. Coalizão	o governo de coalizão parece ser necessário.
50. Coagir	ele quis coagir o outro a entrar no carro.
51. carioca	quem nasce no Rio de Janeiro é carioca.
52. Cárie	não tenho cárie nos meus dentes.

Apêndice 5

Lista de verificação – teste para metátese e elisão

DADOS	PARTICIPANTE
	Nome:
1. Porque	
2. Torcer	
3. Tarde	
4. Porta	
5. Portão	
6. Perto	
7. Carta	
8. Certo	
9. Curto	
10. Forno	
11. Furtar	
12. Forma	
13. Força	
14. Perna	
15. Sarna	
16. Carne	
17. Carlos	
18. Gordo	
19. Suporte	
20. Esporte	
21. Esperto	
22. Torto	
23. Porto	
24. Amargo	
25. Camargo	
26. Energia	
27. Anarquia	
28. Português	
29. Portugal	
30. Tartaruga	
31. Terçado	
32. Terceiro	
33. Terço	

34. Parceiro	
35. Particular	
36. Parcela	
37. Participar	
38. Permanecer	
39. Perseguir	
40. Perseguição	
41. Perseguidor	
42. Perturbar	
43. Perturbador	
44. Perturbado	
45. Furtado	
46. Furtador	
47. Perspicaz	
48. Perspectiva	
49. Persecutório	
50. Solstício	
51. Cortiço	
52. Curtir	
53. Pergunta	
54. Cadastro	
55. Pedestre	
56. Padrasto	
57. Madrasta	
58. Cadarço	
59. Codorna	
60. Caderno	
61. Moderno	
62. Baderna	
63. Noturno	
64. Coturno	
65. Lanterna	
66. Materna	
67. Paterno	
68. Arco	
69. Arte	
70. Erva	
71. Árvore	
72. Alma	
73. Perneta	
74. Pólvora	
75. Polvilho	
76. Forquilha	
77. Fresco	
78. Frescura	
79. Prostituta	
80. Prostituição	
81. Prostíbulo	
82. Proscrito	
83. Prescrito	
84. Prescrição	
85. Proscrição	
86. Torno	
87. Madrugada	
88. Poder	
89. Madrinha	
90. Padrinho	
91. Compadre	

92. Comadre	
93. Podre	
94. Podridão	
95. Poderio	
96. Fertilizante	
97. Fértil	
98. Farto	
99. Furto	
100. Furtado	

Bibliografia e Referências

- ABAURRE, M.B e PAGOTTO, E. Nasalização fonética e variação. In: ABAURRE, M.B.(Org). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 141-164.
- ALDERETE, J. and FRISCH, S.A. Dissimilation in grammar and the lexicon. In: Paul de Lacy (ed) *The Cambridge Handbook of Phonology*. New Jersey: Cambridge University Press, 2007, p. 379-398.
- ALMEIDA, M.A.L. Ladinos e boçais: o regime de línguas do contrabando de africanos (1831-c. 1850). Campinas: Unicamp, 2012. Dissertação de mestrado.
- ALVES, M.M. Harmonia vocálica e redução vocálica à luz da teoria da otimidade. Anais do SILEL. Vol. 2, Número 2. Uberlândia: EDUFU. 2011.
- ALVES, U. K. e KELLER, T. Sílabas. In: BISOL, L; SCHWINDT, L.C.(Orgs.) *Teoria da Otimidade: fonologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010. Pp 57 – 92.
- BATTISTI, E e FERNANDES, D.F. harmonia vocálica de altura no português brasileiro em formas nominais não derivadas: análise de um processo varável pela Teoria da Otimidade. ReVEL, vol 15, n 28, 2017 [www.revel.inf.br]
- BATTISTI, E. e VIEIRA, M.J.B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2a. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- BICKERTON, D. Roots of language. Berlin: Language Science Press, 2016.
- BISOL, L. Fonologia da nasalização. In: ABAURRE, M.B. (Org). *A construção fonológica da palavra*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 113-140.
- _____. Fonologia lexical. In: HORA, D e MATZENAUER, C.L. *Fonologia, fonologias: uma introdução*. São Paulo: Contexto, 2017, pp 81-92.
- BLEVINS, J. The syllable in phonological theory. In: GOLDSMITH, J.(Ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge, USA/Oxford, UK: Blackwell Publishers Ltd., 1995, p. 206-244.
- BLOOMFIELD, L. Language. London: George Allen & Unwin Ltd., 1933.
- BORTONI-RICARDO, S. M. Educação em língua materna: sociolinguística na sala de aula. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. A análise do português brasileiro em três continua: o continuum rural-urbano, o continuum de oralidadeletramento e o continuum de monitoração estilística. In: GROBE & ZIMMERMANN (Orgs.) *Substandard e mudança no português brasileiro*. Frankfurt am Main: TFM, 1998.

- BUCKLEY, E. Metathesis. In: OOSTENDORP, M; EWEN, C.J.; HUME, E and RICE, K. (Eds.). *The Blackwell Companion to Phonology*. 2011.
- BURQUEST, D.A. *Análise fonológica: uma abordagem funcional*. 3ª. Ed. Brasília: Sociedade Internacional de Linguística, 2006.
- CAGLIARI, L.C. *Análise fonológica: introdução à teoria e à prática com especial destaque para o modelo fonêmico*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2002.
- CALLOU, D; MORAES, J.A de.; LEITE, Y. As vogais orais: um estudo acústico-variacionista. In: ABAURRE, M.B. M. (Org.) *A construção fonológica da palavra*. Vol. VII. São Paulo: Contexto, 2013.
- CAMARA JR. J.M. *Estrutura da língua portuguesa*. 21ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1992.
- _____ *Problemas de linguística descritiva*. 12ª. Ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- CAMPOS, E. A. *A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca: uma contribuição da pronominalização do português falado no Brasil*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, 2014.
- CAMPOS, E. A. e SANTOS, E. F dos. A Categoria Tópico: aproximações entre o Português do Brasil e o Português de Angola. In: PAPIA: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico. v. 22, n. 1 (2012).
- CHOMSKY, N. and HALLE, M. *The sound pattern of English*. Cambridge, MA/London, UK: The MIT Press, 1968.
- CLEMENTS, G.N and HUME, E. Internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J.A (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, USA; Oxford, UK: Blackwell Publishers Ltd., 1995.
- CLEMENTS, G.N & KEYSER, J.S. *CV phonology: a generative theory of the syllable*. Cambridge, MA/London, En: The MIT Press, 1983.
- CLEMENTS, G.N & OSU, S. Ikwere nasal harmony in typological perspective. In: Patrick Sauzet & Anne Zribi-Hertz (eds.) *Typologie des langues d'Afrique et universaux de la grammaire*. Vol. II. Paris: L'Harmattan, 2003, p. 70 –95.
- COLLISCHONN, G. Proeminência accentual e estrutura silábica: seus efeitos em fenômenos do português brasileiro. In: Gabriel Antunes de Araújo (Org). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, pp 195-223.
- COLLISCHONN, G. O acento em português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2a. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.
- COSTA, C.P.G e MALTA, C. Nasalização em português brasileiro: uma (re)visão autosssegmental. In: Signum: *Estud. Ling.* Londrina, n.18/1, junho 2015, p. 132 – 156.

- CRYSTAL, D. A first dictionary of linguistics and phonetics. London: André Deutsch Limited, 1980.
- D'ANGELIS, W.R. Sistema fonológico do português: discutindo o consenso. D.E.L.T.A., 18:1, 2002 (1-24).
- DOWNING, L. J. Optimality theory and African language phonology. In: Selected Proceedings of the 38th Annual Conference on African Linguistics, ed Masangu Matondo, Fiona Mc Laughlin, and Eric Potsdam, 1-16. Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009.
- DRACHMAN, G. Cross-Dialectal/Language Parametrization and the Phonological Reality of a 'Non-Existent' Process, p. 65-75. Disponível em: [file:///C:/Users/LG/Downloads/2588-4448-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/LG/Downloads/2588-4448-1-PB%20(1).pdf) (acesso em 20 de abril de 2019)
- FÉRY, C. & VAN DE VIJVER. The syllable in optimality theory. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 2003.
- FERREIRA NETTO, W. O acento na língua portuguesa. In: ARAÚJO, G.A de (Org.) *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 21-36.
- _____ Introdução à fonologia da língua portuguesa. São Paulo: Hedra, 2001.
- FLEMMING, E. Asymmetries between assimilation and epenthesis. MIT, 2008. Disponível em: <http://web.mit.edu/flemming/www/paper/epenthesis.pdf> (acesso em 15/12/2018; 22/04/2019)
- GARCIA, J.J. Os padrões silábicos das variedades de português da região de Campos Belos, Goiás. Brasília: UnB, 2013. (Dissertação de mestrado)
- GILBERS, D e HOOP, H. de. Conflicting constraints: an introduction to optimality theory. *Lingua* 104 (1998), p. 1-12.
- GOLDSMITH, J. A. Phonological theory. In: GOLDSMITH, J.A (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, USA; Oxford, UK: Blackwell Publishers Ltd., 1995.
- _____ Autosegmental & metrical phonology. Oxford, UK/Cambridge, MA: Blackwell, 1990.
- _____ Autosegmental Phonology. Massachusetts: MIT, 1976. Ph.D. dissertation.
- GRANNIER-RODRIGUES, D.M. Fonologia do guarani antigo. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.
- HALL, N. Vowel Epenthesis. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f3eb/a593133b2a78e6218e9fdee6c36d42e1f526.pdf> (acessado em 22 de abril de 2019)
- HERNANDORENA, C.L.M. Introdução à teoria fonológica. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2a. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 11-89.
- HOLM, John. Languages in Contact – the partial restructuring of vernaculars. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

HORA, D; TELLES, S. e MONARETTO, V.N.O. Português brasileiro: uma língua de metátese? Porto Alegre: Letras de Hoje, v. 42, n.2, set. 2007, p. 178-196.

HUME, E. Metathesis: formal and functional considerations. In: Hume, Elizabeth, Norval Smith & Jeroen van de Weijer. *Surface Syllable Structure and Segment Sequencing*. Hil Occasional Papers. Leiden, NL: Hil, 2001, p.1-25.

JAKOBSON, R. Princípios de fonologia histórica. Trad. Wilmar da Rocha D'Angelis. Campinas: Ed. Curt Nimuendajú, 2008.

_____. Fonema e fonologia. Trad. de Joaquim Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

JAKOBSON, Roman e HALLE, Morris. A fonologia em relação com a fonética. Trad. De J. Mattoso Câmara Jr. In: JAKOBSON, Roman. *Fonema e Fonologia*. Trad. De J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

JAKOBSON, Roman, FANT, C. Gunnar M. e HALLE, Morris. Preliminaries to speech analysis: the distinctive features and their correlates. 3rd printing. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1963.

KAGER, R. Optimality Theory. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1999.

_____. The metrical theory of word stress. In: GOLDSMITH, J.A (ed.). *The handbook of phonological theory*. Cambridge, USA; Oxford, UK: Blackwell Publishers Ltd., 1995.

KAWAHARA, S. Truncation in Message-Oriented Phonology: A case study using Korean vocative truncation. http://roa.rutgers.edu/content/article/files/1680_kawahara_shigeto_1.pdf

(Acesso em 04/05/2019).

KENSTOWICZ, M. Phonology in generative grammar. Cambridge, MA/Oxford, UK: Blackwell, 1994.

KIPARSKY, Paul. The phonological basis of sound change. In: Goldsmith, John A. (ed.) *The handbook of phonological theory*. Cambridge (USA); Oxford (UK): Blackwell, 1995.

_____. New perspectives in historical linguistics. S/D. Disponível em:

<http://web.stanford.edu/~kiparsky/Papers/handbook.pdf> (acessado em 09/12/2015).

KRÄMER, M. A correspondence approach to vowel harmony and disharmony. SFB 282 Working Paper Nr. 107. Heinrich-Heine-Universität Düsseldorf, 1998.

LEE, S.H. O acento primário no português: uma análise unificada na teoria da Otimidade. In: ARAÚJO, G.A de. (Org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, p. 121-143.

LOPES, A.B & PARKER, S. Aspects of yuhup phonology. IJAL 65/3, 1999.

LOPES, N. Bantos, malês e identidade negra. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.

- LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; Ribeiro, I. (Orgs.). *O português afro-brasileiro*. Salvador: Editora da UFBA, 2009
- MACHADO FILHO, A.V. L. Pequeno vocabulário do português arcaico. Brasília: Ed.UnB; Salvador: EDUFBA, 2014.
- MATEUS, M.H.M. Fonologia e prosódia. In: MATEUS, M.H.M. *A face exposta da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://docplayer.com.br/5148513-A-face-exposta-da-lingua-portuguesa.html> (acessado em 08/04/2019).
- MATZENAUER, C.L.B. e MIRANDA, A.R.M. Traços distintivos. In: BISOL, L e SCHWINDT, L.C. (Orgs). *Teoria da Otimidade: fonologia*. São Paulo: Pontes Editores, 2010. Pp 11-55.
- McCARTHY, J. J. "What is Optimality Theory?" (2007a). *Language and Linguistics Compass*. Retrieved from https://scholarworks.umass.edu/linguist_faculty_pubs/93 (Acessado em 03/04/2019).
- McCARTHY, J. J. Doing optimality theory. Amherst: University of Massachusetts, 2007b. N/P
- McCARTHY, J. J & PRINCE, A. S. Faithfulness and Identity in Prosodic Morphology. 2004. <http://roa.rutgers.edu/files/216-0997/roa-216-mccarthy-1.pdf>
- McCARTHY, John J., "Process-specific constraints in Optimality Theory" (1997). *Linguistic Inquiry*.61. Retrieved from https://scholarworks.umass.edu/linguist_faculty_pubs/61 (acessado em 05/04/2019)
- MESQUITA, R. Code-switching em Akwẽ-Xerente/Português. Goiânia: UFG, 2015. Tese de doutorado.
- MOHANAN, K.P. The Theory of Lexical Phonology. Dordrecht/Boston/Lancaster/Tokyo: D. Reidel Publishing Company, (1986).
- MONARETTO, V.N.O; QUEDNAU, L.R.; HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 2a. ed. revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999, p. 195-240.
- MORAES, J.A e WETZELS, W.L. Sobre a duração dos segmentos vocálicos nasais e nasalizados em português. Um exercício de fonologia experimental. *Cadernos de Estudo Linguísticos: Campinas*, (23): 153-166, Jul/Dez, 1992.
- NASCIMENTO, A.N. Variação e mudança na expressão do dativo em comunidades rurais goianas e suas relações com as origens do português brasileiro. *DOMÍNIOS DE LINGU@GEM* Revista Eletrônica de Linguística (www.dominiosdelingagem.org.br) Ano 3, - nº 2 – 2º Semestre 2009 - ISSN 1980-5799.
- NESSET, Tore. Dissimilation, Assimilation and Vowel Reduction: Constraint Interaction in East Slavic Dialects with so-called Dissimilative Akan'e and Jakan'e. *Poljarnyj Vestnik*. 5. 10.7557/6.1402. (2011), p. 76-101. <https://www.researchgate.net/publication/49618642>
(Acessado em 04/05/2019.)

NORDQUIST, R. What Is Koineization (or Dialect Mixing)? - Glossary of Grammatical and Rhetorical Terms. Disponível em: <https://www.thoughtco.com/koineization-dialect-mixing-1691093> (acesso em 22 de junho/2019)

ODDEN, D. The Status of Onsetless Syllables in Kikerewe. *OSU Working Papers in Linguistics* 47, 89-110. (1995).

OHALA, J. The listener as a source of sound change. In: MASSEK, Carrie S.; HENDRICK, Roberta A.; MILLER, Mary F. (eds). *Papers from the Parasession on Language and Behavior*. Chicago Linguistic Society. Chicago: The University of Chicago, 1981.

OLIVEIRA, K. A escrita que mascara e desmascara: alteamento de vogais em textos brasileiros oitocentistas. In: *Oliveira, K; CUNHA e SOUZA, H.F.; SOLEDADE, J. (orgs.). Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias [online]*. Salvador: EDUFBA, 2009, p. 216 – 226. <http://books.scielo.org> (acessado em 24/04/2019).

OLIVEIRA, M. S.D; CAMPOS, E. A. CECIM, J.F.; LOPES, F.J; SILVA, R.A. O português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: Ornelas de Avelar, Juanito; Lópes, Laura Álvares (Orgs.). *Dinâmicas afro-latinas: língua(s) e história(s)*. 1ed. Berlin: Peter Lang, vol. 1, 2015, p 149-178.

OLIVEIRA, M.S.D; HOLM, J. Estruturas-QU Fronteadas e o ‘Foco Gramaticalmente Controlado’ – a participação de línguas africanas em línguas parcialmente e completamente reestruturadas. *PAPIA* 21(1), p. 23-38, 2011.

PETTER, Margarida. M. Taddoni; Oliveira, Márcia S. Duarte de. 2011. Projeto-Piloto Comunidades Quilombolas IPHAN/USP. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/indl>>. Acesso em 16 de mar. de 2011.

PIKE, K.L. Phonemics: a technique for reducing language to writing. 13th printing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1976.

_____ *Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior*(2nd. ed.). The Hague: Mouton, 1967.

PRINCE, A. & SMOLENSKY. Optimality Theory: constraint interaction in generative grammar. ROA version: August, 2002. (1993)

PRESA, J.B. “O arroz no espigão e o milho no banhado”: programa Provárzeas – o desenvolvimento de uma política pública e o cultivo do arroz em municípios da Bacia do Rio Araranguá. Florianópolis: UFSC, 2011. Dissertação de mestrado.

RAMÍREZ, T.T e GONÇALVES, C. A. Tu dorima está calato, ¡Pues!: uma abordagem otimalista da metátese no argot peruano. *Estudos linguísticos e literários*, no. 47, jan.-jun 2013, Salvador: pp 148-168.

ROCA, I and JOHNSON, W. A course in phonology. Oxford, UK/Malden, USA: Blackwell, 1999.

- RODRIGUES, A.N. O dialeto caipira na região de Piracicaba. São Paulo: Ática, 1974.
- ROSE, Y & DEMUTH, K. Vowel epenthesis in loanword adaptation: Representational and phonetic considerations. *Lingua* 116 (2006) 1112–1139. Disponível em www.elsevier.com/locate/lingua
- SAMARIN, William, J. *Field Linguistics: a guide to linguistic field work*. New York: Hold, Rinehart and Wisnton, INC, 1967.
- _____ Salient and substantive pidginization. In: DELL HYMES (Ed.) *Pidginization and creolization of languages*. Cambridge University Press. 1971. Disponível em: <https://tspace.library.utoronto.ca/handle/1807/67162> (acesso em 22 de junho/2019)
- SANDALO, F e ABAURRE, M.B. Assimetrias na harmonia vocálica no português do Brasil. *Cadernos de Estudos Linguísticos* (56.1), Campinas, Jan/Jun 2014, pp 181-191.
- SAUSSURE, F. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SELKIRK, E.O. The syllable. In: HULST, Harry van der and SMITH, Norval (Eds). *The structure of phonological representations* (Part II). Dordrecht: Foris Publications, 1982, p. 337-384.
- SILVA, T.C. *Fonética e fonologia do português*. São Paulo: Ed. Contexto, 1999.
- SILVA, J.F.C. O português afro-indígena de Jurussaca, PA: revisitando a descrição do sistema pronominal pessoal da comunidade a partir da textualidade. São Paulo: USP, 2014. Tese de doutorado.
- SUZUKI, K. A typological investigation of dissimilation. Universidade do Arizona, 1998. Tese de doutorado.
<https://pdfs.semanticscholar.org/b0de/ab1b3953f7a78f58eb2e9ea5e19422bff17f.pdf> (acesso em 15 de dezembro de 2018)
- THOMASON, Sarah G. Contact as a source of language change. In: JOSEPH, Brian D. and JANDA, Richard D.(Editors) *The handbook of historical linguistics*. Oxford, UK: 2003.
- THOMASON, S. G. *Language contact*. Edinburg: Edinburg University Press, 2001.
- TRASK, Larry. MILLAR, Robert. M. *Trask's historical linguistics*. 3rd ed. Edited by Robert McColl Millar. London and New York: Routledge, 2015.
- TRUBETZKOY, N.S. *Principles of Phonology*. Translated by Christiane A. M. Baltaxe. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1971.
- VAN GOCH, W. *The obligatory contour principle*. Utrecht University, Ma thesis, 2010.
- VASCONCELOS, C.M. (S.d.[1912] *Latim vulgar. O acento. Alma da palavra*. In: *Lições de filologia portuguesa segundo as preleções feitas aos cursos de 1911/12/13*. Lisboa: Livraria martins Fontes, p. 252-259.

VAUX, B. Consonant epenthesis and hypercorrection. Disponível em:

https://www.academia.edu/300593/Consonant_Epenthesis_and_Hypercorrection (acesso em dez/2019)

WEINREICH, U. Languages in contact: findings and problems. 3rd printing. London, Paris: Mouton&CO., 1964.

WEINREICH, U; LABOV, W. e HERZOG, M.I. Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística. Trad. De Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos A. Faraco. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

Anexo